

Claudio Lavazza
Autobiografia de um irreductível

Capa: Xilogravura da Pistola Whalter P. 38 em referência
ao grito: “... chegou a companheira Whalter P-38”
que era bradado nas manifestações dos anos de chumbo na Itália.

Editado por individualidades ativas e solidárias

**AUTO DO TRIBUNAL DE INSTRUÇÃO Nº4 DE CÓRDOBA.
21 DE DEZEMBRO DE 1996**

Claudio Lavazza, nascido em Cerro Maggiori (Milão), Itália, no dia 4 de outubro de 1954, filho de Franco Lavazza e Lucia Tressoldi. Detido na Itália, com data de 26 de junho de 1979 por pertencer a uma quadrilha de malfeitores, condenado na Itália, em 5 de dezembro de 1981 por evasão de pessoas, porte de armas e lesões, condenado pelo tribunal de Milão, em 8 de junho de 1983 por participação em grupo armado, associação subversiva e por co-participação nos homicídios de um joalheiro e um policial, condenado em 10 de dezembro de 1984 a 7 anos, por associação para delinquir, assalto, porte ilegal de armas e fabricação de utensílios incendiários pelo tribunal de Veneza, condenado em 26 de junho de 1985, pelo tribunal de Milão, a prisão perpétua, pena confirmada no ano de 1986, com ordem internacional de captura de 10 de dezembro de 1980 1013/80, emitida pelo juiz instrutor de Milão por participação em grupo armado e associação subversiva com ordem de captura de 17 de outubro de 1981 3021/81, pelo Juizado de Frosinone (Itália) por facilitar a evasão de pessoas, detenção e porte ilegal de armas, violência oficial pública, lesões, roubo de automóvel e roubo, com ordem de captura de 4 de fevereiro de 1982 20/82, emitida pela Promotoria de Udine (Itália), pelo homicídio do comandante dos agentes de custódia do cárcere de Udine, Antonio Santoro, com ordem de captura de 30 de abril de 1982 84/82, emitida pelo juiz instrutor de Bolonha (Itália) por associação para delinquir, com ordem de captura de 27 de abril de 1982 317/82 emitida pela promotoria de Verona (Itália) por roubo, detenção, porte de armas e outros, com duas ordens de captura, de 3 de junho de 1982 e de 13 de outubro de 1983 227/81, emitida pelo juiz instrutor de Milão (Itália), por formação de quadrilha, porte ilegal de armas e lesões pessoais, com ordens de captura com fins de extradição a Itália, datada em 3 de maio de 1996, nº 703/91, pela promotoria geral da Corte de Apelação de Milão, para cumprir pena de 27 anos, 5 meses e 16 dias de reclusão por homicídio, porte ilegal de armas, assaltos e associação subversiva, que além tem pendente 30 anos de reclusão a mais pela Corte de Paris, por sequestro de pessoas com reféns e roubo com armas, ocorrido em Sain Nazairé no dia 4 de julho de 1986, e esteve foragido desde o ano de 1980 até o momento, e isso por sua provável associação à grupo armado organizado e pela presumível participação em fatos delitivos de grande transcendência e periculosidade, ocorridos no passado 18 de dezembro de 1996 na cidade de Córdoba (Espanha), assalto, assassinato de duas policiais locais e tiroteio contra a polícia nacional.

PRÓLOGO

Após mais de três anos de iniciado o projeto de traduzir este livro com alegria e satisfação o vemos concluído. Há mais ou menos 7 anos atrás tivemos contato pela primeira vez com a história de Claudio Lavazza, num momento onde nos inspiravam e emocionavam os feitos de nossxs companheirxs habitantes do território controlado pelo estado italiano, onde a presença anarquista tem sido já há mais de 100 anos uma incômoda pedra no sapato dos poderosos. Creio que o que nos chamou a atenção neste momento na história de Cláudio era o fato de descobrirmos a atualidade de práticas muitas vezes distantes em nossa realidade, a potência e as possibilidades de ações revolucionárias mais contundentes e também que tais feitos insurrecionais estão mais próximos em tempo e espaço do que imaginamos ou do que impõe os que se creem como o “anarquismo oficial”.

Claudio mostra em suas palavras e em seus feitos, ser uma pessoa sempre disposta e ativa, buscando tirar proveito das piores mazelas que a vida lhe ofereceu ou que virá a oferecê-lo. Um guerreiro de admirável determinação, um irredutível.

O relato feito por ele nos põe em contato com a dimensão que a luta tomou nos anos 70 na Itália, os chamados “anos de chumbo”, onde a efervescente atividade revolucionária encurralou os poderosos em um nível que desconhecemos na atualidade em nossa região. Mais além da prática dos partidos combatentes, essa foi uma luta levada a cabo também por um grande número de grupos autônomos e individualidades que não respondiam a organizações centralizadas e hierárquicas. Seus feitos nos demonstram que meios e estratégias históricas dxs anarquistas, como a expropriação para obtenção de fundos não ficaram isolados no passado, mas são realidade presente, não precisando irmos muito longe para isso, como o caso de nossxs companheirxs Diego Petrisans e Leandro Morel, aprisionadxs na Argentina, desde o ano de 2006, pelo assalto a produtora Ideas del Sur, propriedade do magnata das telecomunicações Marcelo Tinelli.

Palavras que falam de feitos, escritos com o sangue, o suor e a força de vontade de pessoas que se lançaram com toda energia à batalha. Entendemos que ler, discutir e refletir as experiências de outrxs companheirxs enriquece nossa gama de ação, buscando aplicar em nossos contextos aquilo que consideremos positivo e ter a possibilidade de não cair nos mesmos erros, em fim fazer com que a publicação de

um escrito como esse não seja apenas mais um amontoado de papel e palavras, mas uma forte ferramenta de debate, reflexão e aprendizado para a ação.

Demasiadas são as inquietudes que gostaríamos de expressar diante do que hoje entendemos como a movimentação anárquica no que é o território controlado pelo estado brasileiro. O tempo e nossas experiências nos tem ensinado que há que saber lidar com a pluralidade dxs que lutamos pela anarquia, construir laços que nos unam quando tomemos com seriedade que estamos dispostxs a estar em constante conflito com o existente, o estado e seus servos são inimigos demasiado reais e é hora de sabermos identificar xs que estamos do mesmo lado da barricada, as bruxas que preparam com dedicação suas infusões de rebelião, e rechaçar xs que transformam sua “luta” em uma guerra de egos pelo mundo virtual. As vezes, quando olhamos atentxs as experiências vividas por nossxs cúmplices de ideias em lugares como Chile, Grécia, México ou Itália ao mesmo tempo que inspiram nos fazem questionar, como propagar e agitar nossos mares para que aqui a anarquia se torne tão ameaçadora ao poder quanto tem sido nesses lugares?

Um equilíbrio tem que ser buscado para efetivar muitas construções em nosso entorno, muitas vezes vemos compas, que andam pelos solos férteis para germinação de práticas radicalizadas, caírem em um espontaneísmo absoluto, se tornarem avessos a um aprofundamento teórico e desligados do entorno social que xs rodeia, terminando por isolarem-se em uma bolha. A informalidade e a espontaneidade são belas ferramentas quando usadas com responsabilidade e compromisso com todxs xs demais que nos rodeiam e pequenas “formalidades” as vezes se fazem necessárias para gerarem um pouco mais de organização, sobretudo quando se trata de coordenarmos coisas entre pessoas de diferentes ritmos . A teoria nutre, alimenta as ideias e a prática, proporciona refletir sobre os caminhos que estamos tomando. A anarquia é ação, e temos bem claro que nossas reflexões passam bem longe das masturbações intelectuais dxs que passam mais tempo sentadxs, pensando como organizar o mundo que dizem que virá, que efetivamente buscando destruir agora a sociedade existente e construindo já um mundo novo. A organização não é pra nós um fim cristalizado, mas um meio que pode tomar diferentes formas de acordo com as necessidades e os inúmeros contextos. A luta tem inúmeras facetas sem hierarquias de importâncias que podem ir de colar um cartaz ou organizar um debate, a eliminar fisicamente um representante do poder.

Não nos interessa a discussão sobre o uso ou não de práticas “violentas” e “ilegais” dentro da ação anarquista, é algo que nos parece irrisório e absurdo, medir nossa maneira de atuar segundo as leis e a moral dessa sociedade, ainda mais partindo de quem diz se posicionar como inimigo do estado e capital. Pensamos que a luta se dá no aqui e no agora e com as condições e conjunturas que nos sejam possíveis, se hoje existem uma série de localidades onde a presença anarquista é uma ameaça extremamente real ao estado é justamente por que houveram companheirxs que ousaram e não esperaram nem um segundo mais para começar a atacar, e posições de ofensiva contra este mundo de misérias inevitavelmente passam pela destruição da propriedade privada e pelo ataque direto a qualquer um/a que se beneficie dessa estrutura social. Acreditamos que a prática e associação de indivíduos determinadxs em seus objetivos é infinitamente mais ameaçadora que uma massa uniforme que luta por reformar o navio que já está afundando. Obstinação e compromisso são pontos que se fazem ressaltados na história de pessoas como Cláudio, fatores positivos que nos geram uma iminente auto-crítica, até onde vamos com a luta que dizemos levar?

Em junho deste ano de 2013 o território controlado pelo território brasileiro se viu imerso em um tsunami de revolta, barricadas, saques, destruição da propriedade privada, enfrentamentos com as forças de segurança tomaram as ruas de um grande número de cidades. Desencadeada por uma reivindicação relativa ao preço da passagem, a presença nas ruas desbordou qualquer limite organizativo, a genuína revolta rompeu com uma cultura de apatia que há tempos vinha sendo fomentada e alimentada pelo poder, a força proporcionada por esses dias fez realidade o que parecia supostamente impossível, como o ataque ferrenho as forças policiais, mesmo em considerável desigualdade de armas. A prática de batalhas e destroços antes bastante esporádica por aqui, a partir das possibilidades demonstradas nesses dias gerou e alimentou a auto-confiança e o sentir-se capaz para cada vez mais e mais. A calma não veio depois da tormenta, mas sim a continuidade da ventania de insubmissão, bandos de encapuzadxs passaram a reivindicar o bloco negro e a anarquia, seguindo com os distúrbios nos meses seguintes em diferentes cidades. Mesmo com inúmeras possibilidades de questionamento com relação a ideias, é o que tem trazido pras ruas e amadurecido uma gurizada, no enfrentamento direto ao poder, e pouco a pouco está subvertendo a história e criando uma cultura de luta, como demonstrado no 7 de setembro,

onde mesmo diante da avassaladora presença militar/policial mais uma vez as ruas de várias capitais foram tomadas por distúrbios.

O ataque cada vez mais preciso e elaborado levado por anarquistas contra as estruturas da dominação tem sido uma realidade latente mundo a fora, a luta armada é uma ferramenta viável e possível dentro das inúmeras ferramentas usadas pelxs anti-autoritárixs e não uma recordação empoeirada, trazer à tona a história de guerreirxs que empunharam armas é tornar viva a memória, não permitir que caiam na anulação proporcionada por posicionamentos mornos que supostamente lutam contra o estado mas que parecem que passarão a eternidade sentadxs, esperando o dia em que haverão catequizado as massas para enfim chegarem então a uma conjuntura favorável e finalmente poderem começar a atacar xs poderosxs. Falar do que passou é também dar visibilidade ao que está acontecendo agora, quando em diversas partes surgem organizações anarquistas que reivindicam a guerrilha urbana como a Conspiração das Células de Fogo na Grécia, que trouxe a tona a internacionalização da Federação Anarquista Informal/Frente Revolucionário Internacional, uma rede plural de ataque, baseada na formação de grupos de afinidade e na coordenação através da ação, surgida no começo deste século na Itália. O surgimento desta rede expressa como na atualidade uma vez mais tem tomado corpo o ataque contundente contra a propriedade e seus/suas defensorxs com inúmeros atentados, que vão de ações de propaganda com faixas e cartazes, pequenas sabotagens com pedras e super bonder, gigantescos incêndios e explosões até ataques armados como os disparos realizados na Itália pelo Núcleo Olga- FAI/FRI contra Roberto Adinolfi, representante da indústria nuclear, ou o fuzilamento de uma viatura policial e consequente morte dos 3 seres desprezíveis que a ocupavam, realizado em setembro de 2012, pela Célula Insurrecional Mariano Sanchez Añon- FAI/FRI, na cidade de Chalco, Estado do México, México. Fatos como esses são vivas demonstrações de que a existência do poder é arruinada com a proliferação desse tipo de práticas sobretudo quando estas partem daquellxs que buscam a cada mínimo instante abolir a autoridade de suas vidas e partem de ideias e sentimentos que levam inerentemente a prática.

Toda ação tem uma reação e consequentemente o poder reage, intensificando o contexto repressivo às movimentações anarquistas e subversivas em geral, aumentando a cada dia pelo mundo, a cifra de guerreirxs encarceradxs, vigiando, filmando, infiltrando, criando leis anti-terroristas e buscando anular com o medo e a paranoia as prá-

ticas que a nossxs inimigxs, são ameaçadoras. No Brasil a repressão também se intensifica, a aguda criminalização da pobreza baseada em reformas urbanas, em projetos multi-milionários, no explícito aburguesamento de áreas das grandes cidades antes ocupadas pelxs pobres são fatores que dão margem para que se intensifiquem as “políticas de segurança pública”: mais armas, maior efetivo policial, presença militar permanente em favelas são as conquistas do estado em sua guerra permanente contra a pobreza. Também a partir de junho os olhos do controle se voltaram para xs anarquistas, assutadx com o saldo de destruição o Estado busca encontrar responsáveis, bodes expiatórios para sua vingança. Com a aproximação da copa do mundo, também se avista uma dura repressão, que pouco a pouco já tem se esboçado em pequenos ensaios, inúmeras detenções, batidas, apreensões, tem sido o cenário de investigações que estão sendo levadas contra xs mascara-dxs anárkikos. Está clara a estratégia de mapeamento que se está aplicando agora, está claro que nossxs inimigxs cada vez mais se equipam e se preparam para atacar nesta guerra, como inimigxs declaradx deste mundo de misérias cabe a nós mantermos a guarda alta e nossos corações tranquilos, preparar-nos para as situações adversas e para assumir as consequências dos caminhos que escolhemos. Concluir a publicação deste livro é algo que fazemos com prazer pois a ti Claudio, só podemos dizer que tuas palavras são gasolina para alimentar o fogo da anarquia, e para todxs que desejam ver este mundo, esta lógica, transformada em cinzas.

Algumas Individualidades Anárquicas, sul do território controlado pelo estado brasileiro, primavera de 2013

PRÓLOGO DA EDIÇÃO ESPANHOLA

I

Em 1968 se abre na Itália um ciclo de lutas operárias e estudantis que, 10 anos depois, colocariam o país a beira da guerra civil. O aumento do conflito operário e estudantil em uma época de crise marcada pela transição do modelo produtivo do pós-guerra ao atual, foi paralela à denominada estratégia de tensão posta em prática por grupos de ideologia neo-fascista em estreito contato com certos setores do exército e dos serviços secretos italianos, que protagonizaram graves atentados indiscriminados que provocaram dezenas de mortos; assassinatos policiais em manifestações e assassinatos de militantes autônomos por comandos fascistas... fatos que empurraram muitos jovens ativistas proletários ao ilegalismo de massas primeiro, e a criar grupos armados depois. Em 1977, o movimento chegou ao ponto alto e surgiram dezenas de grupos, generalizando-se o fenômeno do arrependimento: militantes que ao serem detidos declaravam diante da polícia denunciando dezenas de companheiros, em troca de benefícios e reduções de pena. No começo dos anos 80 o movimento estava praticamente destruído, com milhares de militantes presos, outros fugitivos da Itália (especialmente para França), outros viciados em heroína, outros mortos...

II

“Em semelhante processo de ofensiva pré-revolucionária, tudo o que se separa do movimento social para praticar em segredo hierárquico a violência armada precipita a chegada do momento em que cessa a formação dos partidos antagonistas e já não se trata para cada um deles mais que a destruição do outro. Por sua parte, o Estado tem interesse em provocar quanto antes melhor a luta violenta, porque dispõe de todas suas forças enquanto as de seu adversário hão de crescer. O obstáculo leninista, que não havia sido suficientemente denunciado e combatido, favoreceu a emergência de um terrorismo facilmente infiltrável e manipulável, e permitiu providencialmente ao Estado dosificar a tensão para sondar a capacidade de resposta do seu inimigo e preparar a contraofensiva”

História de dez anos, Editorial Klinamen, 2005, pag.52

A questão da luta armada e seu desenvolvimento nesse período foi objeto de múltiplas interpretações. Abundam, majoritariamente, linhas de interpretação como as de cima, e graves acusações de infiltração policial massiva nas organizações armadas da época (“Sobre o terrorismo e o

Estado” de Gianfranco Sanguinetti é o livro mais conhecido). Outras interpretações, ao contrário, situam o nascimento dos grupos armados no interior das fábricas, como consequência da radicalização da luta de classes “... As Brigadas Vermelhas em seu começo eram muito menos “obscuras” do que se possa imaginar. Se poderia dizer que em seu nascimento eram um exemplo perfeitamente realizado da teoria movimentista de “ser claros para o movimento e obscuros para o poder” (“La horda de oro”, Ed.TdS, pag 397). Esta autobiografia se situa entre essas últimas interpretações, as que longe de atribuir aos manejos dos serviços secretos as atividades dos grupos armados, os situam em um contexto de radicalização do enfrentamento com o Estado e o Capital, radicalização de massas e não de pequenos grupinhos separados das fábricas e lugares de luta. Como exemplo do nível de enfrentamento alcançado, um testemunho recolhido no livro “La horda de oro” que alude aos fatos ocorridos em Roma em 12 de março de 1977 “... Na praça argentina se levantaram as barricadas e desde este momento os tiroteios e os enfrentamentos acontecem em todo o centro por horas e horas. O grosso principal da manifestação passa por diante do Ministério de Graça e Justiça. Voam mais molotovs e trocas de tiros com os policiais que estavam em seu interior”. A luta armada se generaliza e surgem dezenas de grupos. “Setores relevantes do movimento expressam sua simpatia pelas ações armadas. Ao lado das organizações mais consolidadas se constrói uma galáxia móvel e informal de micro organizações (...) que privilegiam os ataques não tanto “ao coração do Estado” quanto às figuras que constituem ‘a articulação do poder capitalista no território’” (“La horda de oro”, pg 559). Evidentemente nem todas as facções do ‘movimento’ estavam de acordo com o ‘salto’ efetuado até a luta armada, como ficou evidente no congresso que congregou mais de dez mil pessoas em Bolonha, no mês de setembro de 1977, onde os enfrentamentos entre as distintas linhas estratégicas chegaram a um ponto de não retorno, com posturas muito radicalizadas e enfrentadas que chegaram – inclusive – aos punhos. Mas não se pode considerar, à luz dos depoimentos e documentos existentes, como separada e minoritária a tendência do movimento que escolheu o caminho da luta violenta. Ainda assim, o gasto argumento da “infiltração policial” e o “terrorismo separado” como únicos responsáveis pela derrota proletária na Itália fez escola, extendendo uma visão derrotista e dissociada dos ‘anos de chumbo’ que, voluntariamente, quer ignorar que na radicalização da luta de classes na Itália no período de 1968-1978, a luta armada teve um papel fundamental (que não é central ao nosso entender), e que a maioria dos combatentes deste período foram gente de dentro do movimento. Além disso, dentro dessa mesma luta armada, nem

todos os militantes se inclinaram pela construção do ‘partido combatente’ hierárquico e secreto, houveram dezenas de grupos autônomos e organizações armadas menores, formadas por militantes ‘legais’ e clandestinos, que contribuíram igualmente de maneira decisiva a tentativa de ‘tomar o céu de assalto’ daqueles anos.

III

É difícil encontrar testemunhas ou escritos de gente que, ainda reconhecendo os erros estratégicos cometidos, afirmem a validade de uma estratégia de luta enérgica, seus aspectos positivos, sua possível necessidade em um contexto determinado. Se fez pouco caso com esse passado, condenando-o inevitavelmente e o jogando ao baú de trastes velhos, de onde sai esporadicamente em forma de batalhinhas melhor ou pior contadas, para que a juventude recrie um passado “glorioso” e “heróico” que nunca mais voltará. Assim, o testemunho de Claudio é uma ilha em meio ao oceano da derrota; ele continuou lutando (e muitos outros como ele, conhecidos ou desconhecidos) e demonstrando as possibilidades existentes de rebelião contra o domínio, desde uma posição afastada de partidos combatentes do passado e seus discursos de vanguarda. Sem grandes discursos (tão em moda hoje) e com muita simplicidade nos propõe a necessidade de estar preparados contra um inimigo que não tem escrúpulos na hora de enviar a rua bestas armadas até os dentes, perfeitamente treinadas, dotadas dos mais modernos avanços tecnológicos em armas, comunicações, vigilância... para reprimir qualquer protesto, seja pacífico ou violento.

IV

Em 1982, Cláudio fuge para França, onde sua pista se perde até sua detenção em Córdoba em 1996. Desde sua captura, os meios de comunicação de massas não pararam de intoxicar, sendo diretamente responsáveis pelo clima de linchamento que se gerou nesses anos. O linchamento significou isolamento e repressão, que se acentuou com as montagens policiais nas quais Cláudio ocupava sempre um lugar de destaque. Oito anos em regime FIES¹ (Fichero de Internos de Especial Seguimiento)

1 O Regime F.I.E.S (Fichero de Internos de Especial Seguimiento) são um conjunto de medidas utilizadas pelas Instituições Penitenciárias Espanholas. Essas medidas consistem em um maior controle e vigilância para obter maiores informações sobre os internos incluídos nele, segundo o tipo de delito que cometeu, sua trajetória penitenciária ou sua integração em “organizações criminosas”.

por denunciar em voz alta as múltiplas injustiças que rodeiam o sistema penitenciário. A vingança de um Estado que teoricamente se pretende “garantidor” e que na prática torna vulnerável sua legalidade quando se trata de acabar com o “inimigo interno”. Contando, além, com a convivência de certas facções do movimento anarquista, mais preocupadas em manter uma fachada “respeitável” que em ser solidárias com companheiros com sentenças perpétuas encobertas.

Por último, acrescentar que não se pretende, com esta edição, realizar uma apologia dos partidos combatentes, nem da luta armada. O que não quer dizer que sejamos democratas ou que vamos, agora, condenar a violência, como exige o protocolo político destes tempos. Há que se entender os contextos, particulares e gerais, onde se desenvolvem dinâmicas de luta violenta, ou seja, que as generalizações e as condenações abstratas a determinadas práticas só conseguem isolar ainda mais os combatentes e entregá-los cativos e desarmados, a repressão. De todas as formas, e para evitar equívocos ou interpretações tendenciosas, deixar claro que, para nós, a violência contra o sistema, contra suas estruturas e pessoas, não é um tema insignificante, nem algo a tratar com gastos slogans, comunicados ininteligíveis e fogos fátuos. Os imitadores, os falsificadores, os mitificadores são absolutamente nocivos, como o são igualmente os que negam até a simples menção de uma estratégia de luta mais enérgica do que as assembléias, as manifestações pacíficas, as rodas de imprensa e os pactos com as instituições.

Calixto.

Barcelona, Fevereiro 2010.

Supostamente criado para evitar motins, tentativas de rebelião e tentativas de suicídios nas prisões, na prática, constitui um sistema penitenciário que isola a pessoa presa, limita visitas, roupas ou livros que podem receber os prisioneiros, ou suas comunicações, que também sofrem intervenção.

Se formou a partir de 1986 como parte de novos planos de intervenção para presos pertencentes a “grupos terroristas”, mas logo foi ampliada a outros internos na sua criação definitiva em 1991. Em 2009, uma sentença do Tribunal Supremo declarou ilegal o F.I.E.S por vulnerabilizar o direito dos presos, mas apesar disso continua a funcionar por meio de várias alterações introduzidas pelo Ministério da Justiça.

Xosé Tarrío Gonzáles (prisioneiro no FIES por anos), em seu livro “Huye, hombre, huye” descreve este regime como “uma prisão dentro da própria prisão”.

As três da madrugada de um frio dia de outubro... não tenho sono por culpa de uma idéia fixa que não consigo afastar por mais tempo, assim que começo este livro, por fim me decidi, já não há volta atrás. Desde que entrei no presídio de Jaén II há dez anos tive o desejo de deixar uma impressão de minha vida, convencido da importância dos livros como memória histórica para não esquecer... mas de nada servirá este trabalho que faço, se nos limitamos a simples e agradável leitura para vencer o tédio, de pouco serviria ao crescimento individual e coletivo, se desses escritos não tiramos um construtivo ensinamento para não voltar a repetir erros... mas não só de erros está cheia minha experiência de luta, há e houve momentos exaltantes, e é aqui onde quero que o/a leitor/a ponha seu interesse.

**PRESÍDIO DE ALBOLOTE(Granada),
OUTUBRO DE 2006.**

Quando nasci em 1954, em meu país, Itália, a Segunda Guerra Mundial fazia 9 anos que havia terminado, nos muros da praça monumental de meu povoado (Cerro Maggiore) permaneciam os impactos das balas que haviam deixado os combatentes dos dois bandos: fascistas respaldados por seus aliados alemães e os partisanos² respaldados pelas forças de libertação.

Em meu povoado não se viam as ruínas dos bombardeios e tudo estava em plena reconstrução... a Itália democrática do pós guerra já havia começado e a grande maioria das pessoas tinham seu posto de trabalho garantido. Nasci em uma família humilde. Meu pai trabalhava em uma fábrica têxtil como operário mecânico das máquinas, se levantava muito cedo pela manhã para ir trabalhar e depois, pela tarde, tinha outro emprego consertando sapatos, como sapateiro, era um autêntico artista artesão. Minha mãe sempre trabalhou, desde menina, nas fábricas têxteis. Tanto minha mãe quanto meu pai eram verdadeiras máquinas de trabalho, nunca paravam, chegando a trabalhar entre 14 e 15 horas diárias. Recordo que me dava tristeza vê-los assim, quantas vezes os vi irem trabalhar doentes para não perder uma só hora da lida, quando voltavam cansados lhes havia ido embora todo o carinho que davam à mim e à minha irmã nos dias de descanso, os domingos... Desde pequeno notava esta diferença, percebia no ar, não havia beijos, nem abraços, nem jogos... Compreendia que o trabalho tinha que ser algo mau para a convivência e a tranquilidade do núcleo familiar. Compreendi logo porque, apesar de uma infância feliz, entrei na fábrica aos 13 anos, foi uma decisão minha. Não queria seguir com os estudos, mesmo que meus pais estivessem dispostos que eu continuasse estudando minha decisão foi firme, queria ajudar aos meus com um salário mais, na inútil tentativa de ver meus pais trabalharem menos e gozarem de mais liberdade. De dia trabalhava e de noite estudava para conseguir um diploma de operário especializado, coisa que consegui com uma pontuação bastante alta. Passei três anos entre fábrica, escola e pouco dormir. Aos 17 anos não podia mais, não podia crer que o destino, igual que meus pais, me havia marcado à fogo com o trabalho assalariado e me convertido em um escravo de um miserável salário para toda a minha vida... Algo não funcionou na minha genética, não herdei a submissão de meus pais e logo me

2 O Partisano é um/a guerrilheiro/a que se opõe a um exército de ocupação. Esse termo faz referencia principalmente a organizações clandestinas de resistência durante a Segunda Guerra Mundial.

acarretou mais de um problema. Apesar dos meus tristes pensamentos naquela época, não podia fazer nada mais que aguentar a situação e seguir abaixando a cabeça, suportando todo o peso da realidade que tinha pela frente. Não recordo bem quando foi que alguém me pôs entre as mãos ‘O capital’ de Marx. Até ali meu rechaço ao trabalho assalariado era algo que tinha dentro sem saber o porque, digamos que o tipo de trabalho como artesão em uma fábrica de máquinas para trabalhar a madeira que me sobrou não era do meu agrado... A minha eram os motores e a mecânica de reparação... Mas nestes setores não tinha lugar para mim. Assim que a frustração por não estar no lugar indicado, junto á Marx e Lenin, foram os causadores da minha mudança política.

Comecei a me aproximar dos movimentos operários que reivindicavam reformas e melhoras trabalhistas... bem, a verdade é que não entendia um caralho do que diziam os intelectuais da contestação social, só entendia que se o patrão me dava um salário de duzentas mil liras, ele ganhava com meu esforço mais que o triplo... E isso para mim significava um grave insulto que não podia suportar. Minha rebeldia por esse sistema de coisas provocava não poucas brigas com meus pais, que se perguntavam de onde e quem me havia metido tais idéias na cabeça, colocavam a culpa nos sindicatos responsáveis por provocar greves que punham em perigo os postos de trabalho tão indispensáveis para poder viver sem passar fome... eu, no entanto, responsabilizava o sistema capitalista por todos os males da classe operária. Quando um dia souberam que eu participei de uma manifestação contra os fachos(fascistas), foi uma confusão tremenda, em que participaram uns tios, irmãos de minha mãe, um deles “policial de tráfico”, de idéias bem democráticas de direita, tentou me convencer de que o comunismo era algo impensável... Lhe respondi que talvez tivesse razão mas que de todas as formas seria um tipo de sociedade mais justa para todos... E fui embora batendo a porta, orgulhoso por ter enfrentado a conspiração familiar, a primeira da minha vida... tinha 15 anos. O clima ao meu redor a cada dia subia de tom, com as contestações e greves que pareciam não afetar ao meu povoado, todos os grandes acontecimentos ocorriam nas grandes cidades e Milão, distante 30 km de meu povoado, era ainda demasiado longe para mim. Assim vivia todos os acontecimentos políticos menores em Legnano, uma cidade rica e industrial muito próxima do meu povoado, na qual chegava de bicicleta, meu único meio de transporte.

Na Itália, depois da 2ª Guerra Mundial e da libertação dos aliados em 25 de abril de 1945, não houve uma limpeza a fundo de todos os homens e mulheres que colaboraram com o governo fascista de Benito Mussolini, muito grupos fascistas perpetuaram uma continuidade de ações com o aval dos códigos legislativos fascistas que haviam ficado. Esta situação, de fato, impediu seriamente uma transformação social, impulsionada principalmente pelas forças que haviam animado a resistência contra as frotas Nazi-fascistas. Para se dar conta da gravidade do fenômeno, tem que ser olhadas as estatísticas dos anistiados políticos de 31 de Julho de 1946, referente aos que foram condenados a penas não superiores que cinco anos de cárcere. Os fascistas que se beneficiaram foram 4.127, diante dos 153 partisanos da Resistência. Naquela época a magistratura tinha uma função anti operária e visceralmente anti esquerdista. Desta maneira os fascistas puderam se reorganizar e seguir sua luta contra o movimento operário e sindical. Toda essa reorganização se efetuou antes da criação do partido de direita Movimento Social Italiano, em 26 de dezembro de 1946.

Uma das ações mais graves que efetuou um grupo de fascistas armados de revólveres, bombas e galões de gasolina, foi na cidade sulista de Nápoles. O ataque provocou a morte de sete pessoas e cinquenta feridos. Outra ação sucedeu-se num povoado da província de Milão, Lambrate... mas aqui, pros fachos, o tiro saiu pela culatra, porque com a ajuda de um informante, infiltrado nas colunas fascistas, se soube que tinham planejado uma verdadeira matança. Assim que os companheiros lhes prepararam uma armadilha os esperando no dia marcado e os recebendo a rajadas de sub-fuzil.

Depois da liberação, os Estados Unidos decidiram financiar a Itália com o plano Marshall, este plano previa entre, outras coisas, a ajuda econômica a um país em ruínas e também o afastamento dos aparatos produtivos de todos/as os/as operários/as comunistas que haviam tido experiência nas lutas armadas e clandestinas contra as tropas Nazi-fascistas. Essas individualidades constituíam a estrutura do movimento operário do principal triângulo industrial do país (Turín, Milão, Gênova).

Estes operários/as, que haviam lutado nos grupos partisanos, tinham guardadas ainda as armas que utilizaram na guerra apesar do PCI (Partido Comunista Italiano) ter ordenado sua entrega ao finalizar o enfrentamento bélico. Os/as operários/as estavam convencidos/as de que a eliminação da praga Nazi-fascista foi uma etapa intermediária da grande liberação social do proletariado por via da insur-

reição (essa convicção esteve presente até o atentado contra Palmiro Togliatti, ilustre representante do PCI e ministro da justiça a partir de 1945, ano da libertação aliada, até 1946, quando o PCI foi excluído do governo). Esses grupos de lutadores/as operários/as revolucionários/as representavam uma verdadeira pedra no sapato diante dos projetos de criação do grande capital italiano do pós-guerra. Devido á isso os capitalistas necessitavam expulsá-los/las do mundo do trabalho, sem elas e eles, podiam ter as mão livres para despedir e impor uma ferrenha disciplina dentro das fábricas, garantindo assim uma alta produtividade com baixos salários.

O meio utilizado pelos capitalistas para conseguir seus fins foi a repressão nas populosas manifestações, reprimidas com disparos e a utilização de grupos fascistas com a ajuda de pistoleiros financiados por empresários. As mortes provocadas por estas duras repressões foram numerosas, mais de 120 entre os anos 1946 e 1950, “tinha que se castigar duramente e com exemplaridade aos que não haviam se ajoelhado diante do novo programa produtivo do pós- guerra”. Houveram muitas detenções, os tribunais mais rigorosos em condenar as/os operárias/os partisanas/os foram os de Lombardia (minha região), onde dez por cento dos dirigentes dos grupos partisanos, sobretudo os de esquerda, foram colocados sob investigação policial e em muitos casos condenadas/os. A gerra suja contra os/as vermelhos/as havia começado. O conjunto das forças reacionárias iam se preparando para futuros projetos golpistas, financiados pelo imperialismo USA.

Foi a fábrica de automóveis FIAT de VALLETA, em Turín, onde se criou uma eficiente central de provocação patronal com a ajuda de personagens anticomunistas, como Edgardo Sogno, um diplomata italiano do Partido Monárquico que trabalhou para a estrutura da OTAN em Londres, e em Paris fez uns cursos na Nato Defense College, tendo além do mais boas relações com A. Dulles, chefe da OSS (Oficina de Serviços Estratégicos, da qual nasceu a CIA). Edgardo Sogno teve a sua disposição grandes quantidades de dinheiro por parte da fábrica FIAT (uns 20 milhões de liras por mês), por parte de A. Dulles (uns 10 milhões por mês), além do dinheiro dos empresários de Lodi, Codogno, Monza e Legnano (minha cidade), por personagens das altas finanças de Turin e da OTAN, contando também com apoios políticos do setor neofascista Missino (Movimento Social Italiano), com importantes relações nos serviços secretos americanos (a embaixadora Clare Luce em Roma), os serviços secretos ingleses e por fim com o ex – presidente e Ministro do Interior Mario Scelba (um feroz

repressor das manifestações operárias).

Outro personagem da provocação patronal foi Luigi Caballo, que voltou dos Estados Unidos em 1954 e se uniu a Edgardo Sogno, o qual em 1953 abriu uma central italiana da organização anticomunista Paix et Liberté em Paris, iniciativa de um funcionário da OTAN, Jean Paul David. Caballo através de publicações, panfletos, manifestos, revistas e cartas pessoais aos operários lançou uma terrível campanha contra o Partido Comunista e os sindicatos.

Para a FIAT trabalhou também Marcello Guida, chefe superior de polícia, implicado na morte do anarquista Pinelli e principal acusador dos anarquistas no atentado fascista da Piazza Fontana em Milão. O trabalho desses provocadores produziu uma onda de demissões entre os operários mais combativos da FIAT.

Todos estes dados e artigos foram recolhidos de uma revista italiana bem documentada.

Da falta de limpeza dos colaboradores do regime fascista, meu povoado não foi alheio aos demais povoados e cidades italianas. Quando chegaram os/as partisanos/as surpreenderam uns quantos fachos; fuzilaram alguns e outros deixaram com vida, como o professor da escola primária Olivieri. Dizem que, devido ao medo do paredão, pegou uma tremedeira nas mãos que não conseguiu curar em sua vida... Outro que escapou foi o médico Pio Benetti, colaborador dos camisas negras e médico de minha família. Dele tenho boas e más recordações. Salvou meu pai de uma grave pneumonia e evitou meu ingresso no hospital, tirando uma pequena espiga que uns imbecis por brincadeira me haviam introduzido numa orelha, mas uma vez me fez sangrar abundantemente tentando me tirar um pequeno osso do nariz, fruto de uma queda de mau jeito pelas escadas de minha casa, onde quebrei pela primeira vez o septo nasal.

Lembro que uma vez reprovei duramente meu pai por ele não ter se vingado dos que o obrigaram a ir para a guerra, uma atitude generalizada esta dos que voltaram do inferno dos campos de batalha e que provocou o regresso dos fachos ocupando os lugares mais importantes da justiça e economia do país... “tu e teus colegas que voltaram da guerra em trapos e com seqüelas irreparáveis, não tiveram coragem para tirar do meio os responsáveis de vossas desgraças, e agora que uma nova geração de jovens lutadores tenta fazer vosso trabalho, tu e os demais lhes chamais terroristas”. Foi um enfrentamento verbal, onde meu pai tentou mediar dizendo que “todos estávamos fartos de

tantas mortes e escolhemos perdoar em vez de castigar.” Mas o resultado desse perdão generalizado foi que nós, os/as filhos/as do pós-guerra, encontramos em nosso caminho os professores, os empresários, os médicos, os padres, os carabineiros e policiais, os comandos militares, os carcereiros, os juízes e políticos... nostálgicos do antigo regime fascista, gente essa que odiava tudo que representava uma possível mudança no sistema de domínio italiano. A desculpa de meu pai do porque não havia feito nada e não haver evitado ir pra guerra, foi que as autoridades poderiam ter detido a ele e a toda a família, coisa esta que era certa, mas que teria sido um mal menor, visto que meu pai arriscou a vida centenas de vezes no front. Disse-lhe “olha papai o tanto que teria sido fácil ir ao serviço militar, aprender o manejo de armas e escapar com todo o armamento para juntar-se depois aos grupos partisanos da zona”

Os aliados capturaram meu pai em Tobruk, Líbia, uma companhia de neozelandeses, depois junto a milhões de soldados italianos presos os obrigaram a marchar em pleno deserto sem água durante cinco dias; a falta de água e o calor do deserto lhe provocaram uma gastroenterite grave que quase acaba com ele, o salvaram seus próprios companheiros que em turnos o carregaram no lombo, foi uma sorte para ele porque os blindados ingleses que vinham atrás não faziam prisioneiros, nem gastavam balas... esmagavam os moribundos sem consideração.

Passou uns anos em um campo de concentração inglês na África do Sul próximo de Johannesburgo e depois de um total de sete anos de guerra voltou ao povoado mais pobre que antes, com a obrigação de trabalhar por um salário miserável para os mesmos que haviam apoiado o ditador Mussolini. Meu pai sabia que eu tinha razão e um dia me disse “de acordo, apesar de você ter toda razão, tive minha vingança no front africano, quando derrubamos o avião pilotado pelo braço direito de Mussolini”. Aconteceu que este hierárquico gostava de voar sobre as linhas italianas do front, despertando os alarmes às primeiras horas da manhã com seus contínuos sobrevôos. Meu pai formava parte de um grupo antiaéreo com suas metralhadoras de 20 milímetros, era atirador, não se sabe a ciência certa o que passou e quem foram os responsáveis porque todos dispararam ao mesmo tempo, quando receberam as ordens dos oficiais de turno, que ordenaram fogo contra o avião inimigo, quando sabiam de sobra que o avião em questão era italiano e ainda por cima de Italo Balbo. O certo é que (os soldados fartos de tanta guerra), mais que uma ação de vingança tiveram um

gesto desesperado para pôr fim àquele horror. Gestos assim, ainda haveriam sido igualmente eficazes antes e depois da guerra, eliminando sistematicamente quem pregava o enfrentamento armado ao lado de Adolf Hitler. Quantas vidas e sofrimentos teriam sido poupados!!

Da África meu pai me trouxe dramáticas histórias de guerra que contrastavam com a beleza e o encanto natural daquele país. Me apaixonei pela África através das lembranças do meu pai. Ali, me dizia “tudo é maior, desde a imensa Savana até os frutos e verduras mais gostosas e saborosas”. Teve a sorte de trabalhar numa granja, propriedade de um holandês, onde junto aos demais prisioneiros italianos e aos nativos africanos trabalhou no campo sob o terrível sol durante dezoito horas diárias, armado de uma picareta e uma pá de cabo curto que o obrigavam a ficar agachado todo o tempo. Esteve trabalhando assim uma boa temporada, até que um dia a esposa do proprietário (uma gorda de 120 quilos de peso) necessitou de um ajudante para as cozinhas. Meu pai, bom cozinheiro, se ofereceu de imediato e triunfou como a Coca-cola. Em pouco tempo ganhou a simpatia da senhora, convertendo-se em intocável diante do marido que não via com bons olhos sua presença na cozinha com sua mulher e, sobretudo, longe das duras lidas dos campos. Não sei se houve algo mais entre meu pai e a esposa do proprietário, nunca confessou nada a respeito, só que de vez em quando minha mãe quando estava aborrecida lhe recordava suas suspeitas, sobre a embaraçosa relação, coisa que provocava risos em nós, as crianças, que ainda pequenos não podíamos imaginar um casal assim, meu pai pesava a metade do peso dela, mas muito bonito e um romântico que sempre tinha (segundo o que nos contou) umas palavras doces para a gorda e esta se desfazia como manteiga ao lado do meu pai. Apesar da proteção da senhora, de vez em quando lhe tocavam trabalhos duros no campo e um dia enquanto recolhia pedras se esqueceu de dar um chute em uma delas antes de recolhê-la, como havia explicado o patrão, ao meter a mão por debaixo da pedra, algo lhe picou provocando uma intensa dor. Os nativos africanos que estavam ao redor dele se deram conta imediatamente da gravidade da picada... se tratava de um escorpião (spenakop) mortal! O patrão com a ajuda dos demais o subiu em seu jipe e o levou rapidamente ao hospital, á muitos quilômetros dali, previamente lhe aplicou um torniquete no braço, mas o veneno tinha começado seus efeitos, deixando meu pai semi consciente. No hospital os médicos, uma vez informados do tipo de bicho que tinha provocado a picada, aconselharam a imediata amputação do braço... para fazê-lo necessitavam a autorização de meu

pai por escrito, assim que o reanimaram, dando-lhe uns poucos minutos para tomar a decisão. Meu pai rechaçou “não quero voltar à Itália com um braço só, sou sapateiro e sem o braço direito não poderei encontrar trabalho, do front não recebi nenhuma ferida e agora por culpa de um escorpião me querem amputar, de maneira nenhuma! Prefiro morrer!” Não houve o que fazer, não assinou nenhuma autorização e os médicos não puderam fazer nada, visto que o preso estava sob a proteção da convenção de Genebra e os responsáveis do hospital não queriam problemas com as autoridades. Não havia antídotos eficazes, assim que o diagnóstico não deixava dúvidas. Um Cafer (nativo africano, chamado assim depreciativamente pelos brancos) que acompanhava a comitiva pediu ao patrão, como última solução, levar meu pai á uma tribo famosa que curavam muitas enfermidades e picadas de toda classe... os médicos riram, dando poucas horas de vida á meu pai se não lhe cortassem já o braço. A viagem era longa, ninguém acreditava no êxito da expedição. Mas o patrão estava acovardado se sua mulher soubesse que não fez todo o possível para salvar sua vida. Encontraram o feiticeiro da tribo, que rapidamente preparou uma poção de ervas e raízes, obrigando meu pai a tomar vários litros. Em poucas horas a infecção tinha engordado tanto o braço que quase não se via os dedos das mãos... mas parou e ao final de uma semana, com a ajuda de compressas da poção mágica aplicada por todo o braço infectado, sarou. Dos poros da pele, meu pai me contou que, ao exercer uma ligeira pressão, saia um pus malcheiroso e de cor verde. O escorpião era tão venenoso, que um dia mataram um exemplar similar que se meteu em uma barraca de campanha, o esmagaram com umas botas; a mancha que deixou no chão de cimento não conseguiram tirar nem com gasolina, tiveram que usar cinzel e martelo.

Outra história que me ficou gravada na memória foi quando meu pai saiu um dia pra caçar com o patrão e um grupo de caçadores negros usando esses veículos de trilha, jipe 4x4; entraram na Savana, caçaram uns quantos antílopes e perus, ao entardecer pararam pra descansar sob um majestoso baobá. Na árvore viviam uns pequenos macacos muito malvados, que começaram a incomodar os caçadores, jogando de cima frutos secos e cascas. Meu pai se irritou quando foi acertado na cabeça e injuriado, lhes jogou uma pedra acertando um dos macacos. Desgraça e tragédia!! Um erro imperdoável!! O patrão o repreendeu. Os macaquinhos contra-atacaram... centenas deles jogando pedras ao mesmo tempo. Sem a ajuda dos jipes, teriam pagado um alto preço pela estupidez de meu pai.

Outra vez entraram caçando, por engano, em território canibal; foram rodeados por uma centena de guerreiros que exigiam justamente os animais abatidos pelos brancos e seus acompanhantes, mas... seu verdadeiro interesse, segundo o relato do meu pai, era outro tipo de carne a que interessava a eles. Quando a coisa parecia se precipitar, meu pai teve a brilhante idéia de convidar um deles pra fumar um cigarro, ao acender o fósforo se produziu o milagre: muito surpresos, os guerreiros se lançaram pra traz, era a primeira vez que aqueles homens viam um palitinho de madeira soltar fogo... todo mundo presenteou de boa vontade todos os fósforos e isqueiros que tinham em troca de ir em paz e prometer não voltar nunca mais.

África também era o apartheid, onde a vida de um negro não valia nada. Meu pai foi testemunha em várias ocasiões de espancamentos terríveis aos que haviam se atrevido a roubar. As torturas eram infligidas usando varas de bambu de uns metros de comprimento, a cada golpe nas nádegas ou costas provocava um desmaio. Se tratando de um negro que havia roubado, os golpes podiam chegar á uns trinta, havia aqueles que não agüentavam e sucumbiam. O absurdo era que a maioria dos roubos eram de frutas e verduras para alimentar-se. Havia tantos cultivos de propriedades dos brancos que se estendiam até a visão não alcançar, e por umas poucas maçãs roubadas eram capazes de matar o incauto. Meu pai salvou muitos negros da tortura, alertando-os a tempo quando chegavam os guardas de segurança. Roubou muitíssima comida da despensa do patrão para entregá-la aos que morriam de fome, era muito querido pelos dali. Um dia, um Cafer lhe disse: “Nós somos mais de 22 milhões de negros dominados por uns 4 milhões de brancos, o dia que tivermos as armas necessárias nada nos parará, e os brancos terão que ceder-nos o poder”

Os fatos trágicos se repetiam um após o outro. Em meu povoado se vivia a realidade que nos rodeava como se fossem fatos isolados que não podia fazer-nos danos, como se Cerro Maggiori fosse um povoado fora do território da Nação. Minha frustração, junto ao meu trabalho, seguiam seu curso sem mudanças. Meu pai me despertava as sete da manhã e ás sete e meia já estava na fábrica. Antes passava pelo quiosque pra comprar os jornais... nove de abril de 1969- “Em Battipaglia (região de Campanha), na greve geral, a polícia mata dois trabalhadores: Carmine Citro, tipógrafo; e Teresa Ricciardi, professora... 19 de novembro de 1969, Milão, na greve nacional pela moradia, morre um policial nos enfrentamentos”. Hoje será para mim um dia menos

triste, de certa maneira se vingou a morte dos dois trabalhadores na greve geral... mas, um mês depois, o Poder se vingava de sobra com o atentado de Milão, na praça Fontana.

Esse terrível atentado, cometido por um fascista, provocou em mim uma mudança definitiva sobre a necessidade da luta armada na Itália. Em 12 de dezembro de 1969, explodiu uma bomba no Banco Nacional da Agricultura, na praça Fontana em Milão; houve 16 vítimas mortais e 87 feridos. Ao mesmo tempo estouravam três bombas na capital, Roma, que provocaram alguns feridos. Imediatamente as investigações se direcionaram para a extrema esquerda, detiveram um conhecido expoente do anarquismo milanês, Giuseppe Pinelli, que morreria em uma delegacia de polícia ao cair do 4º andar, quando era interrogado pelo delegado Luigi Calabresi. As autoridades falaram de suicídio, mas para nós estava claro desde o princípio que foi um assassinato. O atentado desencadeou a típica atmosfera de caça às bruxas. Nas redes caiu também outro anarquista, de profissão bailarino, Pietro Valpreda, acusado por um taxista que afirmou tê-lo levado até as proximidades da Banca Nazionale no dia do atentado. Devido a um grande trabalho de contra-informação publicado em um volume que tive a sorte de ler, “La Strage di Stato” (Terrorismo de Estado) de Gianfranco Sanguinetti, os/as companheiros/as trouxeram à luz a estratégia de infiltração na esquerda dos grupos extra-parlamentários de direita, vinculados à polícia secreta grega... nomes como o do editor nazi de Padova ligado ao grupo Ordine Nuovo, Franco Freda, e o de Giovanni Ventura, um neofascista ligado a Freda, junto ao agente da polícia secreta ligado à extrema-direita e perito em táticas de contra-guerrilha, Guido Giannettine, começaram a sair deixando bem desenhada uma estratégia dos fatos: a da tensão, que havia provocado mais de 300 atentados com explosivos ao final de 1969. Apesar da evidência das provas que as/os companheiras/os recolheram em seu trabalho de contra-informação, da preparação de um golpe de Estado utilizando a estratégia de tensão, não houve maneira de condenar os responsáveis, o Tribunal Supremo ratificou a absolvição para todos. As indagações seguem seu curso ainda hoje em dia, o clima de impunidade, sempre a favor dos fachos, me provocava autênticas crises de raiva contra todos e todas que, de uma maneira ou de outra, defendiam o sistema político italiano governado pela Democracia Italiana, cúmplice do clima impune que dominava. Minha raiva e impotência as manifestava, principalmente, em casa, contra meus pais, que não queriam acreditar na versão dos fatos que acabava de ler no livro *La strage di stato*.

Lembro que a publicação chegou em meu povoado quase seis meses depois do atentado. Os/as companheiros/as que a distribuíam haviam se organizado na saída de um cinema, quando passavam o filme “Sacco y Vanzetti”, era um grupo de anarquistas de outra cidade que haviam aproveitado a circunstância para essa ocasião, entre eles tinha um amigo de minha infância que eu havia perdido de vista faziam uns anos, vivia no mesmo imóvel onde eu nasci. Não me surpreendi ao vê-lo com aquele grupo de anarquistas, porque com seus quatorze anos já tinha as idéias muito mais claras que eu, que neste então tinha um ano mais que ele... quando seu pai soube de que estava ali, distribuindo livros na saída do cinema, armou uma bronca dos infernos... pai e filho (este respaldado por seus companheiros), se meteram em um enfrentamento á base de insultos. Nunca soube se ao regressar á sua casa aquele dia o compa teve que ver-se com o resto da família... suspeito que sim... Ali compreendi que o primeiro front a se ganhar na guerra por um mundo novo... é sua própria família.

O clima político entrava num espiral sem retorno, o medo de um golpe de Estado aumentava. Sentia a necessidade de estar preparado em tal eventualidade. Apesar de minha insistência pra compartilhar tal realidade entre os poucos que compartilhavam minhas idéias, em meu povoado não havia ninguém disposto a pegar em armas, só se falava de enfrentamento nas manifestações e, pra mim, isso me parecia pouca coisa. Necessitava-se construir uma defesa armada, algo que pudesse transformar-se, em pouco tempo, em um contra-poder proletário; para enfrentar de maneira mais efetiva ás pretensões golpistas. Estava convencido de que se em cada povoado e cidade do país se conseguisse organizar um grupo armado, os planos dos fachos teriam sérios problemas em serem realizados. Decidi só, começar a buscar armas e, claro, entre o fato e o desejo existe um trecho tortuoso que se chama realidade presente.

Me lembrei de um amigo, que não tinha ideais políticos revolucionários, que sempre falava de seu avô que pertenceu ás Brigadas Partisanas; ele me dizia que, depois da guerra, seu avô escondeu uma arma em algum lugar da casa de campo. O velho seguia vivendo ali, mas de maneira nenhuma a teria entregado a um menino de quinze anos. Assim, decidi buscá-la por minha própria conta, com a ajuda de seu querido neto. Não foi fácil e tivemos que esperar uma longa temporada. Descobrimos que no sótão existia um baú fechado com um grosso cadeado, não haveria jeito de abrir sem estragá-lo, e a única maneira que restava era descobrir onde o avô escondia a chave... isto era um

problema porque a chave a levava sempre em cima, e não tinha o que o fizesse soltá-la.

Esse velho, simpático e bonachão como todos os velhos, gostava de um bom vinho... aí estava seu ponto fraco... assim que um dia comprei três garrafas de Barbera, um vinho forte que, quando tem esvaziadas duas garrafas, se dá conta de que as pernas não te aguentam. A intenção era embriagá-lo, mas o maldito velho aguentou e os que caímos bêbados fomos nós... o plano se foi água abaixo! Havia gastado minhas poucas economias e, ainda por cima, o avô cada vez que me via, não fazia outra coisa que me lembrar aquele dia da bebida, insistindo em voltar a repetir a eufórica experiência... Tinha que mudar o plano por outro, porque aquele homem me dava a impressão de que era capaz de beber, em uma tarde, as economias de todo um ano. Quantas vezes me dava voltas o pensamento sem encontrar uma solução! Passaram os meses e, desesperado, abandonei a idéia de abrir aquele baú. Seu neto, quando lhe comentei, se viu aliviado.

Inesperadamente, quando já tinha perdido toda a esperança, um dia me chamou dizendo que seu avô tinha ingressado no hospital e que todos os seus pertences estavam ali, incluídas as chaves... era a ocasião esperada, efetivamente abrimos o baú e ali estava uma Sten, uma metralhadora inglesa, com dois carregadores e uma centena de munições de nove milímetros Parabellum. Ao segurá-la em minhas mãos, me deu um calafrio - quantos homens havia matado aquela arma? Demoramos uma hora prá carregar de balas o carregador, não tinha nem idéia de como funcionava, só havia visto alguns filmes de guerra onde reconheci aquele instrumento de morte... armei o obturador, apontei para uma pilha de tábuas de madeira e apertei o gatilho; a rajada saiu com um ruído estrondoso, o medo de que escapasse de minhas mãos me contraiu os dedos, quase esvaziei o carregador entre os gritos do amigo, preocupado que o avô se desse conta da munição gasta. Com aquela arma nas mãos notei uma sensação de poder que não esquecerei nunca. Dizia à mim mesmo... “vamos ver que policial se atreve a me enfrentar”. Não houve maneira de convencer o atemorizado amigo a me vender a metralhadora, ficamos de fazer uma cópia da chave do cadeado e treinarmos seu uso de vez em quando, aproveitando as ausências pela enfermidade do avô.

O primeiro passo estava feito, já podia manejar uma Sten e não era pouca coisa para um garoto da minha idade.. Mas o projeto que tinha pensado seguia sem a matéria prima: as armas. Decidi então fabricá-las eu mesmo, utilizando o maquinário da fábrica onde trabalhava.

Pensei que com a ajuda de manuais técnicos e livros de engenharia balística poderia fabricar uma. Investi um pouco do meu dinheiro em comprar o material didático e comecei a desenhar o que depois seria minha primeira arma de fogo... uma pistola, bem, algo parecido, porque os resultados foram bastante decepcionantes.

Em grande segredo e aproveitando a ausência do patrão, consegui fabricar uma que, á primeira vista, era mais bem parecida com um pedaço de metal que, se dava medo, era porque o ameaçado se preocupava com sua utilização como martelo... enfim, uma autêntica gambiarra que passando de três metros seria impossível acertar até mesmo o caminhão do lixo. Mas bem, fazia ruído, tinha oito balas mas se demorava tanto em armá-la que, se ao primeiro disparo falhasse, o outro podia correr cem metros antes que eu conseguisse armá-la uma segunda vez.

Em algumas ocasiões a levei em manifestações contra os fascistas, com a única preocupação de não ter que usá-la nunca, para não fazer um papel ridículo frente os companheiros que, certamente, não sabiam nada da existência do artefato. Era uma situação que dava pena, na nossa frente tínhamos os filhos de papai, os ricos burgueses que circulavam com motos de grande cilindrada, muitos deles tinham o pai policial ou militar, e costumavam comparecer nas manifestações contra nós pegando emprestada a arma do papaizinho, e essas sim é que eram autênticas!

Uma vez os fachos nos encurralaram, sacamos todo o nosso arsenal proletário: paus, soco-ingleses, coquetéis molotovs... estávamos em clara maioria numérica, os fachos eram poucos, mas tinham pistolas semi-automáticas, Beretta de calibre 9 milímetros, tivemos que escapar com um grande susto. Que vergonha! Mas o que podíamos fazer?

No dia 5 de Outubro de 1970 aconteceu algo importante, algo que dava sustentação á validade de empreender a luta armada que eu tanto desejava... O grupo revolucionário XXII de Outubro, de formação Marxista-Leninista, seqüestrou o filho de um conhecido industrial genovês, Sergio Cadolla, pedindo um forte resgate. Não era a primeira vez que dito grupo manifestava sua preferência de forma contundente; anteriormente havia atacado com explosivos o Consulado Geral dos EUA na praça do Portello, em Gênova; provocou interferências de rádio no noticiário da principal rede de televisão em quatro ocasiões, lançando uma mensagem, assinada por Radio GAP, chamando - com êxito - a população para uma mobilização contra uma manifestação

fascista. Em 14 de Dezembro de 1970, cometem um atentado com explosivos contra um veículo de dentro do núcleo radiomóvel dos militares. Meses depois, a um depósito de produtos eletrônicos e a um depósito da refinaria Garrone. Em uma tentativa de assalto, em março de 1971, mataram o segurança que levava o dinheiro em uma maleta. Em suas reivindicações, o grupo XXII de Outubro responsabilizava os industriais atacados de serem os promotores dos fascistas, também das tramas golpistas.

O grupo XXII de Outubro não foi o primeiro a aparecer no panorama revolucionário italiano, antes estiveram os GAP (Grupo de Ação Partisana), que foi a primeira organização armada clandestina, foi fundada em consequência das lutas operárias do biênio 68-69. Compareceram no cenário italiano entre Abril e Maio de 1970; desde seu nascimento, os GAP trabalharam para propagar na Itália e na Europa os fundamentos estratégicos das guerrilhas urbanas. Um de seus fundadores, Giangiacomo Feltrinelli, chamado Osvaldo, perecerá nos preparativos de um atentado com explosivos em uma torre de alta tensão, a carga explodiu acidentalmente em 15 de Março de 1972.

Era mais ou menos quando eu tinha 15 anos quando se começava a falar de luta armada, nem eu nem ninguém naquela época podíamos suspeitar que por trás dessa idéia pudessem nascer, na Itália, 102 organizações armadas, entre pequenas e grandes.

Entretanto, eu seguia o ritmo de minha vida de operário, tudo fábrica, escola e casa, com alguma escapada de vez em quando em grande segredo (para que meus pais não soubessem) pras manifestações na pequena cidade de Legnano.

Não frequentava nenhum circoli (coletivo, grupo) em particular, vivia minha luta desde uma postura individualista. Minha escassa preparação política para os grandes debates assembleários, junto á uma grande timidez, tornavam impossível para mim tomar a palavra frente à multidão. Era um garoto um pouco estranho e introvertido, muito diferente dos demais que na minha idade já iam ás discotecas... o baile para mim era algo ridículo e jamais os demais garotos conseguiram me convencer para que fosse, aos domingos á tarde, na discoteca. Me justificava á mim mesmo, pensava que tinha que ser assim para manter uma postura de seriedade, o tempo livre empregado em divertimento considerava tempo perdido.

Passava os domingos, os únicos dias de festa que tinha, em minha casa. Decidi que minha timidez, minha auto-exclusão do mundo dos jovens de minha idade, as usaria para a leitura dos textos sagrados

do Marxismo-Leninismo e Stalinismo, para estar preparado frente a quem me contrariasse com suas teorias democratas. Fechado em meu quarto, li tudo o que me passava pelas mãos, desde os escritos de Che Guevara, até livros de psicologia, astronomia, história, engenharia balística, técnicas rádio elétricas, explosivos de uso civis e militares... tudo o que um dia, tarde ou cedo, teria que utilizar para meus fins.

Lembro que meus parâmetros para considerar alguém um/a amigo/a eram exclusivamente políticos, se ele ou ela professavam idéias de direita eram meus inimigos/as e, a partir daí, não havia mais. Estava tão submerso em meu mundo que até as meninas não tinham importância, bem, a verdade é que sim, tinham... mas minha transbordante timidez me impedia aproximar-me delas. Creio que minha atitude com a leitura era mais um disfarce para justificar minha falta de êxitos no mundo feminino daquela época. Me sentia complexo e descarregava toda minha raiva contra quem não pensava como eu ou não fazia o que eu dizia.

Meu tempo livre fora de casa era no polígono de tiro, todo fim de semana, em vez de gastar as economias em festas, maconha e bebida, a empregava em cartuchos de pistola, entre 150 e 200 balas por vez. Me fiz sócio ao clube de tiro olímpico, especialidade standart calibre 22 LR. Alugava uma semi-automática e tinha um desconto na compra da munição e nas linhas de tiro de vinte e cinco metros de distância. Então, junto aos demais sócios do clube, organizávamos competições entre amigos e mais de uma vez ganhei nessa especialidade. Onde nunca pude ganhar era nos revólveres de calibre 38 Special, uma arma muito potente, que necessitava muito treinamento e eu não podia me permitir gastar muito dinheiro para comprar a caríssima munição do 38 Special. Mais tarde comprei uma pistola Beretta 22 LR standart, uma arma magnífica de uma precisão impressionante, a 50 metros podia dar numa garrafa de 5 litros sem falhar um só tiro das 11 balas disponíveis no carregador. Também comprei uma escopeta de calibre 12 para caça; com esse armamento meu “refúgio” tinha se transformado em um bunker... e seguia sonhando...

Enquanto isso, o poder político não solucionava a situação trabalhista de milhões de trabalhadores, as greves eram respondidas com demissões e o aumento do ritmo de trabalho nas linhas de montagem. Durante o período de lutas operárias e estudantis de 1968-69, nascem na área de Milão muitos comitês unitários e coletivos autônomos. Se tratavam de grupos externos aos domínios parlamentares e as organizações sindicais, a coordenação de uns quantos destes grupos em 1969

toma o nome de Coletivo Político Metropolitano. Um ano mais tarde, a busca de uma maior definição política leva à uma parte dos coletivos a formar o grupo de Esquerda Proletária.

Depois do massacre da Piazza Fontana, interpretada pela maioria dos movimentos da época como um “massacre de Estado” feito para amedrontar com métodos terroristas o progresso das lutas operárias e estudantis, o debate já avançado sobre a utilização da violência no processo revolucionário, encontra em muitas formações extra-parlamentares um impulso novo.

Na Esquerda Proletária tal postura se traduz em duas escolhas operativas: dar vida à um jornal, Nova Resistência, que compila os pensamentos desenvolvidos e as experiências de luta que darão força para romper com o pacto social, considerando que o grupo já está preparado pra enfrentar as necessidades das lutas sociais no novo contexto político. Sob essas premissas e nesse contexto político – cultural se formam na Pirelli (Fábrica de pneus) de Milão, em novembro de 1970 a primeira Brigada Vermelha (B.V.). Em 25 de Janeiro de 1971 em Lainate (Milão), as B.V. incendeiam três caminhões da PIRELLI; a resposta dos fascistas chega 10 dias depois em Catanzaro (Calábria), o companheiro Giuseppe Molarica é assassinado em um atentado fascista. Em 24 de Fevereiro de 71, a polícia dispara contra uma manifestação de camponeses em Foggia, matando Domenico Ventola. Em Milão, em 24 de novembro do mesmo ano em uma manifestação há duríssimos enfrentamentos entre polícia e estudantes. Diante da violência policial e a tentativa de Golpe de Estado de 8 de Dezembro de 1970, do General fascista Valerio Borghese, aumenta em mim a convicção da necessidade urgente de se organizar para a luta armada, crece a simpatia estratégica que compartilho com as B.V.; sem entender para onde vão e o que querem, suspeito vagamente que seus fins são o poder proletário a conseguir através das lutas de guerrilha de Ernesto Che Guevara, de pouco servem para esclarecer as idéias com seus comunicados, para mim impossíveis de entender com sua linguagem demasiado intelectual. Mais adiante, sob a pressão das forças de segurança do Estado, as B.V. decidirão dividir-se para multiplicar-se, como a estratégia utilizada no Uruguai pela organização de guerrilha urbana dos Tupamaros, criando duas colunas em Milão e Turim, cada qual composta por distintas Brigadas, ativas dentro das fábricas e bairros das cidades; com distinção entre forças regulares (militantes de maior experiência política, totalmente clandestinos) e forças irregulares (militantes de todo tipo que fazem parte de todos os efeitos da organização, sem serem totalmente clandestinos).

DE UM INCIDENTE NO CAMINHO A UMA PERSPECTIVA DE VIDA

A clandestinidade como base essencial para a luta de guerrilhas nasceu em mim mais adiante, em 1980, e não foi, apesar de estar convencido de sua indispensabilidade, uma escolha pessoal e sim uma necessidade. Corriam tempos difíceis, onde os caguetes nasciam como fungo no outono. Em meu caso, foi por culpa de um desses sujeitos que tive que abandonar (e não foram poucos os problemas) a casa de meus pais. Não sabia pra onde fugir, não era aquele o melhor momento, havia no ar um grande medo e desconfiança entre os/as companheiros/as e os/as amigos/as. Muitos já haviam recebido a visita da polícia, muitos haviam sido presos e enviados ao cárcere por delação e os que ainda seguiam limpos simplesmente temiam por sua segurança...e tinham razão. Por ter em sua própria casa um clandestino em busca e captura, podiam te acusar de grupo armado com um montão de anos de cárcere. Lembro ter pedido asilo á muitos/as companheiros/as, lembro seu olhar cheio de medo, seu desesperado “não podemos te ajudar”. O pior de toda essa situação, é quando não tem um teto para se abrigar da noite. Não pode fugir pra um hotel como um cidadão qualquer. No princípio, passava os dias e as noites viajando de trem: tomava um, o Milão-Reggio Calábria, com as saídas as 17h30min da tarde, da estação Estação Central de Milão, e chegava á Reggio Calabria 22 horas depois, saia do trem e tomava outro que voltava á Milão, e assim em seguida durante dias e dias... era duro mas em troca tinha á minha disposição uma cama e um teto sempre em movimento. Aquela, contudo, não era a solução ideal, simplesmente era uma alternativa (ainda que muito perigosa pelos contínuos controles de documentação nas estações de trem) a espera de encontrar algo melhor. Aquela circunstância particular tinha que esperá-la porque, afinal de contas, eu não havia preparado a clandestinidade com consciência. Acabava de sair do cárcere de San Vittore em Milão, onde permaneci somente seis meses. Quando me soltaram em liberdade condicional encontrei um pequeno trabalho como representante de ferramentas de mecânica. Não ganhava muito, o pagamento do mês entregava em sua totalidade á meus pais, não me restava dinheiro suficiente para organizar uma confortável clandestinidade sozinho, que era sem dúvidas a melhor opção naqueles

tempos. Encontrar alguém que te alugasse em seu nome um pequeno apartamento e ter dinheiro suficiente para os gastos que te obriga a vida na cidade. A dificuldade principal não consistia em encontrar a pessoa ideal para a dita tarefa de alugar um apartamento, o realmente difícil, ontem como hoje, era a capacidade econômica de se manter em uma situação de busca e captura. O trabalho assalariado não te permite economizar o suficiente para estar preparado para qualquer eventualidade. A solução consistia em assaltar bancos, mas quando me fui de casa estava só, sem armas, sem documentos, sem casa e com muito pouco dinheiro nos bolsos. Nestas condições não se pode durar muito tempo em liberdade. Podia contar com algumas organizações armadas. Conhecia uns companheiros que teriam me ajudado mas, como sempre, tinham umas condições que minimizariam meu espírito de homem livre... Tinha que formar parte da organização como militante á seus serviços e isto era algo que não podia aceitar. Não queria entrar em organizações. Intuí que uma experiência parecida não haveria durado muito. Essa situação de instabilidade durou mais ou menos seis meses. Às vezes encontrava hospitalidade entre as/os companheiras/os que conhecia, mas esta durava dois ou três dias no máximo... Como dizia um querido companheiro “o hóspede depois de três dias cheira mal”, assim que outra vez, mais desesperado que nunca, em busca de uma toca onde me refugiar. Quando menos esperava, tive sorte de encontrar um lugar onde não dependia de ninguém... e este é o ponto fundamental da questão: não depender absolutamente de ninguém que não seja tua própria vontade. A clandestinidade há que prepará-la antes de declarar guerra ao sistema... e creio que aqui não estou exagerando em nada. Se desde o princípio vivia a clandestinidade com angústia, frente a incerteza desse tipo de vida, com o passar do tempo encontrei o exato equilíbrio, a segurança e a capacidade operativa de uma pessoa sozinha ou de um pequeno núcleo de compas, que podiam se permitir grandes operações e duríssimos ataques ao sistema político-econômico, chegando a níveis de perfeição que às vezes se aproximavam muito aos níveis das grandes organizações. Em uma sociedade como em 1980 e na de hoje em dia, a máxima eficácia se conseguia com um pequeno grupo de três ou quatro companheiros/as bem preparados/as a nível militar e com boa informação, sem isso seria impensável qualquer projeto de ataque ao sistema.

Quando, por escolha própria ou por necessidade, se toma em consideração a opção da clandestinidade, é como declarar guerra ao Estado. O simples fato de passear pela rua com uma documentação em más condições pode provocar, em um controle policial, uma instantânea decisão: escapar, se render ou reagir. Das duas primeiras já sabemos por experiências vividas (nossa e dos demais) as consequências, da terceira só tua capacidade e experiência poderão te salvar.

Não é verdade que em busca e captura a/o companheira/o esteja só, dependendo de como o vive às vezes é que se sente só... Mas esta é uma impressão momentânea que desaparece logo quando leva em seus bolsos uma documentação que te faça sentir seguro de si mesmo e das relações pessoais que encontra. O mundo nos pertence sob determinadas circunstâncias... a vantagem nesses tempos modernos, com um bom passaporte nas mãos, é que podemos dar a volta ao mundo evitando, isso sim, os países particularmente perigosos para nossa segurança; o andar e vir de um ponto ao outro do globo nos brinda a possibilidade de conhecimento e informação, há lugares onde o que aqui está proibido, lá se pode comprar em uma loja qualquer... Me refiro, por exemplo, a um certo tipo de armas muito práticas para a luta clandestina. As relações afetivas, no entanto, são um problema de não pouco calibre. Se antes da clandestinidade tinha uma companheira (que não era meu caso), não há outra escolha: ou ela vem viver contigo ou tem que separar-se definitivamente. Não pode ser o ver-se de vez em quando escondidos. Quase todos os êxitos policiais são devido aos caguetes e aos erros que nós mesmos/as cometemos. O trabalho policial que começa com o seguimento do compa sistematicamente, nasce a partir das estreitas relações sentimentais, familiares e de amigos/as que temos. Brincar de gato e rato com eles neste campo é acabar, com toda certeza em pouco tempo, no cárcere.

Originalmente publicado em italiano no livro *“In incognito. Esperienze che sfidano l’identificazione”* (*“De incógnito. Experiências que desafiam a identificação”*) editado em 2003

COMEÇA A GRANDE OFENSIVA

1972, 9 de fevereiro em Milão, pela noite, os fascistas cometem dois atentados com explosivos contra o monumento aos caídos e contra o monumento em recordação dos companheiros enforcados na praça Loreto.

7 de Maio em Pisa, Franco Serantini morre no cárcere em consequência de um espancamento pela polícia em uma manifestação antifascista dois dias antes.

25 de Agosto em Parma o companheiro Mariano Lupo Mario é assassinado por um grupo de fascistas.

26 de Novembro em Confluente (Catanzaro), o camponês Fiore Mete é assassinado pelos fascistas.

Todas estas notícias chegam aos meus ouvidos e me sinto impotente, tenho vontade de me vingar, sei que é inútil pedir justiça á magistratura, aos juizes, a maioria política é “partidária” dos fascistas, que gozam de uma impunidade descarada mesmo quando há evidências e provas certas de sua culpabilidade, nem sequer são incomodados pela aparelhagem e forças de segurança do Estado. E mais, minha raiva é ainda maior quando o Movimento em geral só propõe grandes manifestações contra os assassinatos dos companheiros; muitos ruídos, muitas vozes... mas nenhum facho ou policial cai em vingança e solidariedade aos nossos. Como é possível tudo isso? Durante quanto tempo teremos que assistir á essas matanças?

As idas e vindas entre fábrica e casa marcam a passagem do tempo, junto a uma tristeza que levo dentro. Não conhecia pessoalmente os compas assassinados, suas vidas rompidas; a palidez de seus rostos nas fotos dos funerais me persegue... pedalo forte para afastar-me deles, faz frio, a névoa envolve o povoado, tudo parece morto. Como aplacar minha ira? Descarrego meu mal-estar contra as máquinas que manejo, elas também responsáveis pela opressão contra os operários, são propriedade do patrão, seu funcionamento significa dinheiro para ele, miséria e frustração para nós, para mim... Golpeio com fúria, pedaços de metal saltam por toda parte, o cabo do martelo se parte em dois, o ruído atrai a atenção do patrão que corre até mim, gritando... “o que está fazendo maluco? o que tá acontecendo?”... Não sei o que me acontece... talvez esteja farto de seguir trabalhando em um lugar onde a indiferença dos próprios trabalhadores me tira do sério. Naquela fábrica de artesãos o companheirismo brilhava por sua total au-

sência, só havia um garoto que pertencia ao P.C.I.... os demais... Bons garotos mas, quanto às convicções políticas, suas idéias eram mais confusas que as minhas.

A tarde de 3 de março, o patrão ao ver-me com um grande sorriso desenhado em meu rosto se alegrou... Por fim pensou que haviam acabado os maus modos... não podia suspeitar que meu bem-estar provinha da notícia que havia escutado horas antes na rádio, as Brigadas Vermelhas haviam sequestrado ao engenheiro dirigente da Sit-Siemens à saída da fábrica de Milão, o haviam fotografado e interrogado sobre as demissões que tinham programado e logo posto em liberdade algumas horas depois. Tudo um êxito. Um mês depois, no 2 de abril em Hamburgo (Alemanha) Mônica Hert mata ao cônsul da Bolívia, Roberto Quintanilla, que é chefe de polícia em seu país, na reivindicação, Quintanilla é definido como o responsável da captura e da morte de Ernesto Che Guevara. Quintanilla tinha tido na Bolívia a responsabilidade da detenção de Giangiacomo Feltrinelli, quando em 1967 entrou no país para pedir a libertação de Regis Debray. Esta sim que era uma boa notícia.

1973, o novo ano começa com outra triste notícia, em 23 de janeiro em, Milão, há duros enfrentamentos entre estudantes e policiais; morre o estudante Roberto Franceschi. Mas aqui o movimento responde com contundência no 21 de abril, em Roma, onde há enfrentamentos com policiais em uma manifestação, um policial perde a vida. Este ano será um dos mais tristes para todo o movimento mundial porque, milhares de companheiros/as morrerão sob o golpe de Estado do carrasco Pinochet, no Chile.

Por sua vez, as B.V. capturam em 10 de Dezembro a Ettore Amerio, o chefe de departamento pessoal da FIAT.

Pouco a pouco ia se instalando na minha mente o desejo de fazer parte das Brigada Vermelhas, só que me dava conta de que para um garoto de 19 anos, que vive em um povoado meio morto e sem sólidos contatos, via como algo impossível; quem, no movimento revolucionário que estava se formando, iria olhar para alguém como eu, que não tinha tido oportunidades de trabalhar ali onde se idealizava a luta guerrilheira nas fábricas da FIAT, SIT - Siemens, Pirelli, Alfa Romeo. Além disso, em que eu podia contribuir, com minha escassa preparação política? Alguém que nem sequer tinha meios próprios para se deslocar à cidade de Milão e regressar a tempo para trabalhar na fábrica às 7hs da manhã. Enfim, que se podia fazer? Que não tinha meios

próprios de deslocamento não era de todo certo, tinha um ciclomotor desses mais utilizados pelas mulheres, meus pais não quiseram me comprar uma do tipo esportivo como eu gostava, tive que contentar-me com essa “batata” de ciclomotor de três marchas manuais, que não ia a mais de 50 km por hora; calculando a distância entre meu povoado e Milão (30km), as paradas por super aquecimento, pôr gasolina, o tráfego na rodovia nacional, etc... tardaria mais de 1 hora e meia pra chegar e ainda acabado pelo cansaço, ou seja, três horas para ir e voltar. Calculando que saísse do trabalho às 19hs da noite, teria podido chegar em Milão às 20:30, assistir as intermináveis assembléias dos distintos coletivos milaneses e á meia - noite, sem mais tardar (como a cinderela) despedir dos compas e ir para casa, senão, no dia seguinte, quem ia se levantar á 7 da manhã? Levando em conta que, em Milão as assembléias começavam ás dez da noite e terminavam a altas horas... claro, para eles/as que viviam na cidade não era nenhum problema, mas para mim eram quase duas horas de viagem para voltar, isso era totalmente impensável... não havia tempo... eu não tinha tempo.

Decidi trocar o motor da “batata” por um mais potente, gostava de mecânica e da preparação de motores... um amigo me presenteou um da marca Malaguti, um motor esportivo, lhe colocamos um carburador de 20 (central) e o preparamos como se fosse de competição. Tinham que ver “essa batata” com aquele propulsor: voava! Medi com uma moto ao lado e o velocímetro marcou 110 por hora, mais do dobro de quando tinha o motor anterior; lembro que os freios não davam conta de pará-la, eram muito pequenos, mas a engenhei para frear utilizando os dois (o da frente e o de trás) de supetão ao mesmo tempo, não era o ideal mas evitava que eu me quebrasse a cara toda vez que um carro freava seco diante de mim. Mesmo tendo algo que ia mais rápido, não quis ir a Milão com a “ex batata”.

Pouco tempo depois comprei um carro velho (tirei em um piscar de olhos a permissão prara dirigir), um Fiat 850 (outra batata). Quando o mostrei á minha mãe, seu olhar para mim era de uma tristeza que dizia tudo... lhe disse “mamãe, este serve para aprender a dirigir, mais tarde compraremos um novo, já verá...”. E assim foi, ao cabo de seis meses comprei um reluzente Fiat 128 Special, esse sim era um carro, potente e rápido como eu gostava. E bem, já sabem o que acontece em um povoado meio morto quando se muda de carro, as garotas enchem os olhos, há abundância e pode escolher a que te agrada mais. Me apaixonei loucamente por uma morena tremendamente bonita, não

consegui ir além dos beijos e primeiros toques apesar de que ela, mais jovem que eu, queria fazer já com preservativo... Minha timidez, meus medos me proibiram... Se foi com outro em pouco tempo e nunca mais voltamos a nos ver. Assim é a vida! E se digo que isso não me afetou, minto... passei mal naquela época... a solução era me apaixonar por outra. Minha má sorte coincidiu com uma garota linda que conheci de férias durante um verão no Mar Ligure, tinha 16 anos e era de uma beleza angustiante, a relação durou menos de um mês sem que houvesse mais além dos pequenos carinhos, lembro que antes dela não sabia muito bem o que era amar, o soube logo quando descobri que o amor é emoção cada vez que se pensa nela, para mim, ainda hoje, sem essa sensação não é amor. Uma vez mais a distância frustrou meus desejos, ela vivia a uns 800 quilômetros do meu povoado, e uma distância assim mata qualquer relação. Além do mais, ao voltar à sua cidade ela me comentou que havia um cara que a queria, quando lhe disse que eu também a queria, me respondeu “agora mesmo não saberia o que escolher, o tempo o dirá”... e o tempo jogava a favor do outro, porque a tinha perto... eu no entanto... Trocamos carta uma temporada, depois a relação desapareceu lentamente como se vai a névoa ao sol.

Diante da má sorte, tinha meu ideal que me dava força em seguir vivendo como se toda esta parte, não tivesse importância, eram tempos de guerra e não cabiam os sentimentos, a necessidade de uma mudança e as recordações me levavam ao passado quando, ainda criança, sonhava com assaltar bancos, meus heróis eram um bando chamado Cavalleri que protagonizaram muitos assaltos a entidades bancárias, conseguindo substanciosos botins. Quando ouvia falar da quantidade de dinheiro que levavam (100 milhões de liras), me aceleravam as batidas do coração... naquela época um bom salário de operário não ultrapassava as 500 mil liras mensais. Aqueles assaltos, às vezes com forte tiroteio com a polícia e carabinieri, deixavam a cidade de Milão acovardada. Vivia com olhos de criança aqueles instantes, amplamente relatados pelos escassos meios de informação que tinham meus pais... Um rádio... depois veio a captura dos componentes da quadrilha e o indefectível filme de suas façanhas. Me assustei muito com as cruas imagens da grande tela, quebrando-se de repente o encanto... Os heróis haviam caído, levando com eles o sonho de poder mudar meu destino e o de uma paz econômica sem necessidade de trabalhar na fábrica. Ninguém podia imaginar que 30 anos depois me transformaria em um assaltante profissional.

Os anos 74-75 irromperam com força na realidade social italiana.

1974, 18 de Abril, as B.V. capturam Mario Sossi, Magistrado Juiz, muito ativo na luta contra o movimento comunista revolucionário.

28 de maio em Brescia, outro massacre de Estado cometido pelos fascistas na Praça da Loggia, 8 trabalhadores encontram a morte pela explosão de uma bomba.

17 de Junho em Padova, em um assalto á sede do Movimento Social Italiano (de direita), são abatidos a tiro dois fascistas que se encontravam ali; pelas B.V.

4 de agosto, outra bomba fascista no trem Italicus: 12 mortos entre os passageiros.

2 de outubro em Cerdeña, no cárcere especial de Asinara se inicia um motim.

9 de outubro, Greve geral contra a suspensão de pagamentos por 65 mil operários da FIAT.

15 de outubro em Robbiano di Mediglia (Milão). Tiroteio entre companheiros das B.V. e carabinieri, morre um guarda municipal.

29 de outubro em Florencia, Luca Mantini e Giuseppe Romeo (dois militantes dos N.A.P. -Núcleo Armado Proletário) morrem nas mãos dos carabinieri em um assalto.

5 de dezembro em Argelato (Bolonha), um carabiniere é neutralizado em um assalto por alguns companheiros da área da autonomia operária.

1975, 11 de março em Nápoles, enquanto está preparando um artefato explosivo, morre destroçado pela explosão o militante dos N.A.P. Giuseppe Vitalino Principe.

16 de abril em Milão, o companheiro Claudio Varalli é assassinado por um grupo fascista. No dia seguinte os carabinieri matam o companheiro Giannino Zibecchi.

18 de abril em Turín, um vigia fascista mata a tiros o companheiro Tonino Micciche.

21 de abril em Florencia, o companheiro Rodolfo Boschi é assassinado pela polícia em uma manifestação.

6 de maio em Roma, os N.A.P. sequestram o juiz Giuseppe Di Genaro, diretor da oficina X da Direzione Generali degli Istituti di Prevenzione e Pena del Ministerio di Grazia e Giustizia (Direção Geral de Instituições Penitenciárias). Cinco dias depois o juiz será libertado por seus raptos.

15 de maio em Milão, primeiro ferido intencional com disparos nas pernas, o conselheiro D.C. De Carolis, efetuado pelas B.V.

21 de maio em Roma, aprovam a Lei Reale, uma licença para matar concedida á polícia.

25 de maio em Milão, o companheiro Alberto Brasili é assassinado pelos fascistas.

30 de maio em Aversa (CE), Caserta Giovanni Taras, militante dos N.A.P., morre na tentativa de colocar um artefato explosivo no teto do manicômio judicial.

4 de junho em Canelli (A.T.), Asti, as B.V. sequestram o empresário Valleriano Gancia. No dia seguinte, 5 de junho, em uma troca de tiros entre B.V. e carabinieri, morre a companheira de Renato Curcio (Fundador das B.V.) Mara Cagol. Morre, também, um carabiniere. A operação realizada pelos carabinieri era para conseguir a libertação do empresário sequestrado, Gancia.

Começam a circular cada vez com mais insistência revistas e livros onde são expostas abertamente as teses dos grupos que mais golpeavam o Sistema: B.V e N.A.P. Por uma série de estranhas circunstâncias caem em minhas mãos umas quantas publicações dos N.A.P. Nuclei Armati Proletari publicados pelo Coletivo Editorial Libri Rossi (Livros Vermelhos), em seguida nasce em mim uma grande simpatia por estes companheiros/as, porque se formaram no interior dos cárceres italianos entre os/as próprios/as presos/as sociais. Também estão alguns grupos da esquerda extraparlamentária, entre eles Luta Contínua, onde conhecia alguns simpatizantes e que formou em 1970 uma comissão cárceres e desde o princípio dedicou grande parte de seu periódico ao problema das prisões, com sua assinatura “Il dannati della Terra” (Os condenados da Terra).

Havia algo naqueles escritos que me tocavam profundamente, não sei por que, talvez por uma clara sensibilidade por todo ser que é torturado e encarcerado...ou melhor, devido ás histórias de meus pais e avós sobre os cárceres e torturas das S.S. alemãs na ocupação... o que estava claro em mim era que quando lia algo sobre presos/as me dava calafrios e para vencer meus medos a única coisa que me ocorria era destruir aqueles lugares de morte... Decidi fabricar minha primeira bomba, utilizando pólvora de cartucho de escopeta em um tubo de ferro. Demorei mais de uma semana para prepará-la com meio quilo de pólvora, tinha um aspecto aterrorizador, fabriquei um detonador caseiro e com uma mecha de combustão lenta a tinha pronta para qualquer eventualidade que a crônica revolucionária pedisse. Tinha um problema, não sabia se funcionava... Assim que decidi buscar um

lugar idôneo para prová-la...Tinha que ser algo ao alcance da minha escassa experiência como guerrilheiro, estava só e ao redor de meu povoado não consegui localizar algum objetivo a altura do meu artefato, como os muros de um cárcere; para isso tinha que deslocar-me a Mi-lão e não valia a pena assumir um risco tão grande estando sozinho, assim que escolhi uma velha fábrica abandonada, em um povoado muito afastado do meu mas que se podia chegar percorrendo pequenas comarcas onde não existia controle. Cavei um pequeno buraco sob os muros daquela fábrica, era de noite, me aproximei em “plano comando”, vivia aquele momento como se se tratasse de um verdadeiro ataque aos muros de uma prisão, com aquela bomba artesanal me via como o libertador de todas as injustiças do mundo, sua carga de pólvora era minha carga de ódio que carregava dentro fazia anos... acendi a mecha e dois minutos depois me coloquei a uma distância considerável, estranhei ver primeiro um relâmpago de cor vermelha, e logo, uns décimos de segundo depois, um estrondoso barulho em dois tons... TA... BOOM!!! Que raro soou a explosão... nada comparado com as explosões dos filmes de guerra que via, me aproximei para averiguar os efeitos e... que desastre!! Parte do muro veio abaixo, deixando um espaço entre uma parede e outra em que se podia passar um caminhão; minha primeira bomba havia funcionado, me sentia genial. Ninguém até ali havia me explicado como se fabricava, foi tudo da minha criatividade... e me sentia orgulhoso do êxito. Anos mais tarde um grupo de companheiros que se chamava C.O.L.P. (Comunistas Organizados Pela Libertação Proletária) faria realidade o sonho libertador, fazendo explodir os muros do cárcere de Rovigo e libertando quatro companheiras ali presas.

Em uma revista militar descobri que a mistura de pólvora que havia utilizado era muito similar aos efeitos produzidos pela pólvora negra que se usava antigamente nos canhões e arcabuzes, nada especial: esta pólvora tinha uma capacidade de propagação da onda de choque de uns 5000 metros por segundo, outros explosivos, por exemplo a nitroglicerina, tinham mais de 8000 e logicamente os efeitos eram mais devastadores. Decidi com a ajuda de um amigo químico fabricar nitroglicerina. O amigo ao escutar meus propósitos se assustou e creio que a partir daquele dia cortou a amizade comigo, ele era um estudante, nada revolucionário, o que eu tinha pensado não encaixava com seus ideais, assim que tive que abandonar o projeto porque a química, ao contrário da mecânica, era uma arte que eu não sabia manejar e um erro nessa nobre arte poderia resultar fatal. Me dei conta do perigo

que era manipular explosivos dessa classe quando um dia, junto com alguns companheiros, fomos a um lugar onde estava escondida uma grande quantidade de dinamite: 50 kg. Estava metida em sacolas de lixo e sob uma rocha onde era muito difícil o acesso, quando consegui agarrar o fardo dos cartuchos de explosivos, algo líquido muito frio empapou minhas mãos; a experiência no estudo de explosivos me salvou a vida, aquele líquido frio era nitroglicerina e era suficiente que uma só gota caísse no solo para que aquele lugar se convertesse em uma cratera lunar. Ocorreu que os ratos haviam roído os fardos e mordiscado os cartuchos de dinamite, suspeitaram pelo sabor ou talvez porque não são tontas, e decidiram não seguir na pouca apropriada comida, abandonando igual a nós aquele perigoso lugar. Outras tentativas de fabricar com êxito artefatos explosivos e incendiários obtive misturando gasolina mesclada com diesel e um cartucho de pólvora negra atado ao redor, ocorria que se se lançava o molotov com um ângulo de tiro muito elevado o cartucho, com uma mecha muito curta, explodia no ar. Antes de tocar o solo, provocando o instantâneo incêndio da mistura líquida, transformando tudo em uma grande bola de fogo de vários metros de diâmetro. Imaginem o efeito justamente sobre a cabeça de um cordão policial... O problema era que quase sempre o lançamento era muito curto e explodia quando já tinha tocado o solo, desta forma o efeito era menor mas o incêndio seguro pois o cartucho garantia a combustão.

1975, 8 de julho. Roma. A companheira Anna Maria Martini, militante dos N.A.P. é assassinada pela polícia próximo á entrada de sua casa.

25 de novembro. Roma. A polícia mata o companheiro Pietro Bruno em uma manifestação a favor do povo angolano.

O SERVIÇO MILITAR EM 1975

Tinha 21 anos quando entrei no serviço militar. Meu pai fez de tudo para que não acontecesse, recordo que falou com um montão de amigos seus (uns fantasmas), os quais um após o outro lhe prometeram que o ajudariam, mas nada fizeram; apesar de meu pai, tive que ir ao serviço militar. A mim pessoalmente não me incomodava, e mais, sentia curiosidade e além disso podia aprender a manejar armas de guerra, o qual logo me ajudaria no caminho até a luta armada. A rígida disciplina militar a qual não estava acostumado me provocou mais ódio pelo sistema, me fez ver com meus próprios olhos como seria um país dominado por eles, ao mesmo tempo reforçou minhas convicções de evitá-lo com todos os meios, entre os quais a utilização de materiais e estratégias de guerra empregados pelos militares. Me destinaram a Trapani, ponta extrema da ilha de Sicília, a mais de 1500 km de minha casa, na unidade de transmissores, justo a que necessitava; percebia que a chave do bom êxito nas operações de guerrilha dependiam exclusivamente do conhecimento das comunicações por rádio da polícia e dos carabinieri. Ninguém pode ganhar um inimigo se não há meios tecnológicos para as escutas das frequências de rádio que usam em suas operações de intervenção e busca. O inimigo há que escutá-lo para conhecê-lo, há que saber interpretar os planos de ação, se adiantar e surpreendê-los... Mais conhece teus inimigos, mais fácil será lutar contra eles. O serviço militar me proporcionou os conhecimentos básicos que mais adiante aplicaria na prática da luta armada. Tudo o que se transmite por frequência de rádio viaja pelo espaço, só tem que saber como captar os sinais e, se o consegue, terá em suas mãos ao mesmo tempo a mesma informação que as viaturas recebem da central e, por sua vez, as informações que as equipes policiais enviam ao Centro Operativo de Serviço. Naquela época, em meu país não dispunhamos de nada para captar os transmissores rádio-policiais, os equipamentos de que disponibilizava o exército não eram os que utilizavam as forças de segurança do Estado, trabalhavam em diferentes longitudes de onda, isto foi o que primeiro descobri. Havia um oficial responsável pela unidade de transmissores que gostava muito de responder todas as curiosidades e desconhecimentos que eu tinha, viram em mim um aluno aplicado com uma autêntica paixão e se vangloriavam de ensinar-me tudo o que eu desconhecia. Assim que, em pouco tempo, tinha uma preparação teórica para buscar as frequências que

me interessavam com a ajuda dos scanners multibanda³ o problema era que tais aparelhos não estavam à venda ainda, só se podia conseguí-los no mercado norte americano e com muito dinheiro, do qual, obviamente, eu não dispunha...mas, dava na mesma, cedo ou tarde o conseguiria porque sabia o que necessitava.

No serviço militar aprendi os usos e manejos das armas de guerra de grosso calibre, fuzis de assalto FAL e rifles GARAND calibre 762 NATO. Essas sim eram armas de verdade, apesar do tanto que havia lido sobre armas nunca pude imaginar o poder destrutivo que tinham, balas que podiam atravessar sem dificuldade chapas de aço de vários centímetros de grossura á uma distância de mais de meio quilômetro; no primeiro dia que disparei com uma GARAND o coice quase me deslocou o ombro, não o havia agarrado com a força e decisão necessárias... o que me levou a uma boa bronca do capitão... mas acertei no ponto central do alvo de tiro á mais de 150 metros e isto para um recruta que havia acabado de chegar era um êxito. Um dia nos mandaram para treinamento junto á companhia de Carros anfíbios M113 que dispunham de metralhadora BROWING de 12 mm., apesar das 40 toneladas de peso do carro de combate, tal metralhadora a cada disparo sacudia o veículo como faz o vento com uma folha seca, era impressionante ver aquelas balas que podiam atingir mais de 8 mil metros de altura mantendo o poder de impacto suficiente para atravessar a fuselagem de um avião, se este fosse alcançado... vendo aquilo pensei..."Pobres companheiros, se um dia tivermos que enfrentar uns monstros como este".

Depois os canhões, com e sem retrocesso, de 120 mm., capazes de alcançar objetivos a mais de 20Km de distância... aquilo era demais... o que se podia fazer com nossos molotovs e pistolas de pequeno calibre? Havia que se propor outra estratégia, primeiro saber usar as armas do inimigo, e depois roubá-las, evidentemente as que se podiam, ou seja, as mais ligeiras e transportáveis. Nos arsenais de cada batalhão (havia dois), quando me transferiram para Padova, era impressionante ver o material bélico ali depositado: rifles para cada um de nós, mais de 1500, metralhadoras ligeiras, bazookas, morteiros sem retrocesso, granadas de mão, munição... À primeira vista não era difícil roubá-las, preparei um plano de ataque de fora, para se um dia necessitássemos. Aproveitei as circunstancias da vigilância noturna obrigatória para me ausentar da minha posição bisbilhotando ao redor dos depósitos de

3 Aparelho para rastrear frequências de rádio.

armas e munições, comprovei que ao estar de guarda teria sido um jogo de crianças sequestrar o oficial responsável, recuperar as chaves e esvaziar um depósito... tudo isso em uma noite de trabalho e sem fazer barulho... isto também anotei com todo detalhe, se por acaso.

Ao final de um mês me mudaram de destino, me enviaram para trabalhar na administração, aquilo não entendia, como podiam mandar um cara como eu a um lugar onde se manejam informações comprometedoras, um lugar onde os serviços de informação e espionagem SISDE, SID andam por ali: o escritório onde trabalhava estava a poucos metros da do capitão e mais além estava a do coronel, comando máximo do Batalhão 42 de transmissões. A ida e vinda dos altos comandos era habitual naquele lugar, acostumado a ver ali capitães a cada vez que cruzava com eles; na administração depois de um tempo nem sequer saudava aos generais, coisa impensável e severamente punida em qualquer outro lugar do batalhão. Comprovei que, se me enviaram para lá, era porque não estavam ainda bem interados dos meus propósitos, evidentemente os serviços de informação não tinham ainda detectado minha tendência política esquerdista.

Ninguém com pensamentos extremistas (nem de direita nem de esquerda) podia ter um posto de trabalho nas instalações da administração. Me pareceu muito estranho que não soubessem que já havia participado de algumas manifestações contra o regime democrata e que na fábrica, com os amigos, professava claramente minhas intenções guerrilheiras... enfim, aprendi que também os serviços secretos podiam saber tudo como contam os filmes de espionagem. Trabalhando na administração consegui logo que, indiretamente, me dessem o cargo de responsável, ali estávamos uns três soldados e um cabo, a graduação ali dentro não valia nada, o que contava era a experiência. Vi como funcionava o sistema de dentro e o absurdo dos seus mecanismos de comando em escala piramidal (responsabilidades repartidas desde os mais altos até os menores). Comprovei com meus próprios olhos como um simples soldado empregado na administração podia rechaçar uma ordem ou petição de um capitão se esta influía no atraso de seu trabalho cotidiano, ou seja, que ali, alguém que não fosse capitão ou coronel da administração que o ordenavam, nenhum outro oficial ou alto oficial podiam me ordenar algo diferente de minhas obrigações... Incrível! Eu não podia acreditar!

Um dia veio o capitão da cozinha para um informe sobre a quantidade numérica dos soldados presentes no batalhão em uma hora que não me apetecia trabalhar, assim que quis comprovar meu poder e lhe

disse não!, que não estava pronto e que tinha que esperar que terminasse de tomar café e que talvez logo, se me apetecesse, o prepararia... e bem, teve que me suplicar por favor...ele, um capitão! Seguramente tinha muita pressa por uma inspeção anunciada em seus departamentos e queria ter tudo pronto para evitar eventuais sanções. O preparei em troca de uma permissão de saída que, ainda que não dependesse dele, podia lançar uma boa palavra a meu favor.

Estando ali, soube como funcionavam os serviços de informação. Há um escritório, comandado por um marechal, onde guardam em uma caixa-forte os arquivos dos soldados sub-oficiais, oficiais, que prestam serviço no batalhão; estas informações são um tanto insólitas porque são uma compilação das opiniões sobre a pessoa escritas pelas autoridade do povoado, começando pelo professor do primário, do secundário, o padre, o prefeito, o comandante dos carabinieri, o patrão da fábrica onde trabalha, e até de seus próprios vizinhos... não todos... só alguns que são encarregados de passar informações de ti e de qualquer coisa que se mova ao teu redor, esta rede oculta funciona quando um responsável o contata diretamente ou por carta e lhe pede que dê uma olhada naquele ou naquela vizinho/a que vive ao lado ou na mesma rua... por exemplo se tem amigos estranhos que vivem em outras cidades, que carros têm (anotam as placas), se fazem uma vida regular dormindo em horas normais, se tem relações com aquela ou aquela pessoa... enfim, quanto mais dados recolhem muito melhor... com estes elementos que os informantes coletam sem nem sequer receber um salário em troca (que se saiba), fazem um trato para pedir um posto de trabalho em um local determinado. O sistema desta maneira lhe devolve o serviço prestado à pátria... segui as estatísticas usadas na administração, para cada 250 habitantes há um informante, assim sendo, em um povoado como o meu que naquela época tinha 12000 habitantes possuía uma média de 50 caguetes... puta merda! Imaginem a quantidade de caguetes que as grandes cidades abrigam. A ampla rede é como uma teia de aranha onde os comerciantes, especialmente os proprietários de bares, clubes, médicos, taxistas, etc... são os representantes principais... se não fosse por esta rede de informantes a polícia não comeria nada, a eficácia de intervenção e investigação seria nula sem a colaboração das informações desses “respeitáveis cidadãos”. Assim que fique de olho com quem fala e de que fala, porque poderia ser um destes informantes a serviço do Estado o que os denuncie.

Também soube que na parte norte da Itália, onde abundavam as

represas de enormes proporções, os comandos da OTAN tinham previsto um plano de intervenção se o Pacto de Varsóvia, ou seja, se os russos atacavam a Itália com suas divisões blindadas que naquela época superavam em grande número as divisões da OTAN; o plano consistia em fazer explodir as represas com cargas nucleares, inundando a planície Padana e fechando assim, a passagem das tropas e tanques inimigos... nada chocante visto que de guerra se tratava... mas o plano contava com uma média de mortos civis que beirava o milhão e isto era o que a gente que vivia ali não sabia. Me empenhei de que circulasse a informação que, como de costume em coisas assim, ninguém presta atenção, me refiro ao cidadão comum que costuma tachar tal informação de propaganda desestabilizadora esquerdista... mas a mim, me deixava um gosto bom na boca porque se um dia acontecesse, sempre podia dizer que eles sabiam e que por serem tão burros tinham que pagar o preço.

No decorrer dos anos 1975-1976, quando ainda estava no serviço militar, as Brigadas Vermelhas acentuavam suas ofensivas. No confronto político com os N.A.P. iniciam uma campanha de ataque em distintas cidades italianas contra os carabinieri e, em um ataque em Milão, na sede das instituições penitenciárias... na reivindicação as duas organizações põem em conhecimento que as Brigadas Vermelhas e os N.A.P. a respeito de sua própria autonomia política e organizativa, podiam praticar comuns prazos de luta e ação em uma única frente de combate.

Entre 1974 e 76, em tiroteios entre militantes das B.V. e forças da ordem perderam a vida dois carabinieri, um policial e um chefe superior de Polícia. Em 8 de junho, em Gênova, as B.V. golpeiam mortalmente o Procurador Geral da República, Francesco Coco, e dois carabinieri de sua escolta. É a primeira ação de desarticulação política e militar das estruturas do Estado. Nas palavras de Mario Moretti, um dos líderes da coluna romana “...é nosso primeiro assassinato, nossa primeira ação deliberadamente sangrenta. É, também, a primeira cujos sujeitos são unicamente as BV e o Estado. Francesco Coco é o símbolo da função assumida pela magistratura. E encarna a promessa não cumprida quando colocamos em liberdade o juiz Mario Sossi. Coco havia se comprometido ante as câmeras de televisão a revisar a situação dos prisioneiros do grupo XXII de Outubro imediatamente após a libertação de Sossi. Apenas o deixamos livre, no entanto, fez saber que nem remotamente pensava em fazê-lo. Nós havíamos aceitado a mediação e ele nos respondeu com um engano. Quando se chega à morte é o fim de toda mediação. Respondemos à decisão do Estado de aniquilar-

-nos. É sua opção, já não é possível evitá-la. E não a queremos evitar, iremos contra ele a toda velocidade. O primeiro é Coco, (e os homens de sua escolta). Não é possível evitar a morte de um agente armado durante uma ação, não é uma questão de crueldade com alguém que aqui não tem nada a ver com isso. Em geral não é possível realmente evitar. A única coisa que posso dizer é que pensamos mil vezes antes de considerar necessária uma ação sangrenta, mil e uma vezes antes de concluir que não havia alternativa. Desta vez, tomada a decisão, a fase operativa foi longa e preparada nos mínimos detalhes: se escolheu o lugar onde abordar Coco, a técnica para por sob controle a zona que se encontra no centro de Gênova, o momento em que a escolta se reduz a dois agentes deixando as patrulhas de carabinieri que habitualmente o acompanham. Creia ou não, nunca decidimos sem escrúpulos quando se tratava da vida e da morte. Não tínhamos motivo para atacar as patrulhas e tampouco a escolta. Se for possível, tentaremos diminuir o derramamento de sangue.”

Mario Moretti, Brigadas Vermelhas. Edições Akal.2002

No serviço militar, gozava de uma certa liberdade de saída do quartel, podia me ausentar quando queria, sempre que encontrasse um substituto para me cobrir; se perguntavam por mim, este lhe dizia ao capitão que eu havia ido “por papéis” a outro Batalhão (o 32), que estava localizado nas mesmas instalações, justamente em frente ao meu, ou às cozinhas ou a qualquer outro lugar. No entanto, saía pela cidade de Padova em busca do desconhecido. Uma vez me meti por curiosidade na universidade, sem conhecer o lugar me meti em uma sala de aula enorme repleta de garotas reunidas em assembléia. Apenas cruzei a porta de entrada, me choveram um milhão de insultos, era uma reunião de feministas, destas duras, que odeiam os homens, a verdade é que fiquei petrificado, imagine 200 mulheres que gritam juntas: fora daqui! Pois saí dali mais rápido que um relâmpago, porra, que havia feito de mal? Se nem sequer visto o uniforme militar, ia a paisana, como todas as vezes que abandonava o Batalhão. Mais tarde alguns companheiros que conheci riram às gargalhadas imagina se tivessem te batido?. Aquelas feministas eram de arrepiar, naquela época, acabavam de criar seu novo movimento separatista á margem de todas as outras agrupações. Em quase todas as universidades do país, devido á aproximação da D.C.(Democracia Cristã de Direita) e do P.C.I. (Partido Comunista Italiano), o movimento autônomo provocou ocupações, chegando a fases duríssimas quando o secretário geral do sindicato C.G.I.L., Luciano Lama, foi expulso da universidade de Roma que havia sido ocupada, e quando na cidade de Bolonia, feudo

do P.C.I., estourou uma grande revolta, causada pelo assassinato de um estudante (Francesco Lorusso). Nos dias que se seguiram a cidade foi posta a sangue e fogo pelos grupos da Autonomia Operária, obrigando o ministro do interior a ordenar a intervenção dos carros blindados. No dia seguinte em Roma, em uma manifestação nacional do Movimento, que depois de haver assaltado uma loja de armas abriram fogo contra a polícia; acontecerá o mesmo em Milão onde morrerá um policial, as vítimas, de todas as formas, serão para ambos os lados.

Era por ali, na universidade, onde me interava das manifestações programadas e como quase sempre aconteciam no sábado, lá estava eu com o movimento da Autonomia Operária. As vezes acontecia que o serviço de ordem, não me conhecendo e pensando que eu fosse infiltrado, me perguntava quem eu era e que tinham a obrigação de fazê-lo devido a presença policial entre suas filas, assim que me metiam em um grupo, chamemos -o “de vigilância”, para que melhor pudessem observar meu comportamento; logo se deram conta de que eu era dos seus, sobretudo quando se tratava de brigas entre nós e os fachos. Quando ocorria, a tensão se apalpava claramente no ambiente; tanto os fachos quanto os policiais tinham o costume de romper a manifestação atacando pelos lados, entrando com tudo e tentando levar algum/a companheiro/a a base de golpes, a resposta costumava ser rápida e brutal, o primeiro que se fazia era sacar a touca ninja, soco-inglês, molotovs e todo o arsenal de que dispunhamos... e ao ataque “mano a mano”. No grupo fascista havia gente que sabia brigar, quase todos eram praticantes de artes marciais, em sua maioria karatecas muito perigosos. Mais de uma vez, ao encontrar-se em dificuldades, costumavam tirar facas de mola e pistolas; com esse armamento não tínhamos outra saída a não ser a retirada. Uma vez, em outra cidade, um companheiro se viu no meio de uma briga colossal, dessas que se está tão apertado que o perigo pode ser teu próprio companheiro que na confusão te acerte um golpe, sem querer... de repente, diante dele, apareceu um gigante que avançava até ele com movimentos típicos de karateca, lançando diretos em sucessivas alternância esquerda-direita. Viu claramente que suas mãos estavam armadas com soco-inglês, não havia dúvida de que com um só golpe o teria derrubado, pegasse onde pegasse, cara, peito ou abdôme; esquivou dois diretos mas não pode evitar um mae-geri (chute frontal) que o acertou em cheio no peito, caiu de costas e antes que pudesse se recuperar o tinha em cima, recebeu outro chute que defendeu com a ajuda dos dois braços, a dor era intensa mas não parou para pensar nela, tinha diante de si a morte

e e isto é adrenalina suficiente para te fazer reagir. Rodou pelo chão e sacou de sua cintura um martelo de pedreiro, um com cabo comprido, de um lado feito para pôr pregos e do outro para tirá-los; desferiu um forte golpe no braço do facho que ao impactar fez um barulho de ruptura de osso, a expressão de dor em sua cara confirmou, tinha acertado, quebrou... seguiu avançando até ele cego de raiva, dando golpes em todas as direções, mas o canalha estava bem treinado e conseguiu, apesar da grave ferida que tinha, esquivar de todos, mas ele não parava e o facho ficou com medo e fugiu com um osso ferido... havia ganhado. Não teve tempo de saborear a vitória pois alguém atrás dele, um colega do ferido, lhe derrubou com um tremendo soco, sorte a sua que não usava soqueira, senão tinha lhe quebrado a cabeça. Assim eram os confrontos. Até que chegaram os tempos das armas de fogo. Sim, porque houveram, como na História, tempos de guerreiros onde a experiência na luta te permitia ganhar, mas quando chegou a evolução tecnológica, as armas de fogo substituíram os nobres combates corpo-a-corpo.

Estando no serviço militar, conheci um grupo de rapazes que praticavam artes marciais, decidi entrar de cabeça treinando com eles todas as vezes que podia; até ali minha experiência neste campo era insuficiente para uma luta de verdade, onde não há regras fixas... comecei com o Full-contact (Contato total), comprei luvas e proteções e comecei a treinar nos ginásios. Ao mesmo tempo, pratiquei com pesos para aumentar a força dos golpes. Um corpo bem treinado é o que necessita quando se trata de brigas de rua e conhecimento dos truques á praticar para sair dos agarramentos perigosos. Os rapazes, a parte das Artes Marciais, eram especialistas no combate com facas, sua experiência nesse tipo de lutas me ajudaria em muitas ocasiões a esquivar de golpes que teriam sido mortais para qualquer um que não soubesse. Visto o panorama dos confrontos, para maior segurança comprei um punhal de molas impressionante que sempre levava dentro ou fora do quartel. E mais adiante consegui comprar uma arma de fogo, uma pistola de calibre 7,65 muito velha mas que funcionava.

1976, fevereiro em Roma, os N.A.P. Núcleo 29 Outubro fere o vice brigadista da equipe antiterrorista, Antonio Tuzzolino, que havia sido o responsável pela morte a tiros da companheira Anna Maria Mantini, dos N.A.P.

Em 7 de abril em Roma, o companheiro Mario Salvi é assassinado por um policial depois de uma ação contra uma sede do Ministério da

Justiça. Em 22 do mesmo mês, em Milão, o compa Gaetano Amoroso é assassinado pelos fachos.

Em 9 de março na Alemanha, no Lager de Stammheim, é assassinado Ulrik Meinhof, militante das RAF.

Em 29 de abril em Milão, o grupo Prima Linea, que ainda não havia aparecido oficialmente, cumpre um atentado mortal contra Enrico Pedenovi, conselheiro provincial do Movimento Social Italiano (partido político de direita). A ação de represália foi uma vingança pelo esfaqueamento mortal do estudante de esquerda Gaetano Amoroso.

A organização Primeira Linha nasceu no outono de 1976 em duas reuniões que aconteceram em duas cidades do norte da Itália, Saló e Stresa. Os/as companheiros/as que darão vida à Primeira Linha ao separar-se da agrupação Luta Continua na primavera de 1974, provinham de duas agrupações principais que na Luta Continua haviam impulsionado a batalha política pelo “Armamento das massas”, tais agrupações estavam formadas por membros do serviço de ordem e de muitos operários de Milão, Bergamo, Turín, Nápoles e Varese. Sua primeira ação reivindicada é o assalto à sede do grupo de dirigentes da FIAT em Turín, no dia 30 de novembro de 1976. Em sua reivindicação diziam que “Primeira Linha não é um novo grupo combatente comunista, mas sim diferentes grupos guerrilheiros agregados que até agora tinham operado com siglas distintas”. Um dos princípios fundamentais do Primeira Linha era a não divisão entre as funções e as práticas político-militares; ter a presença simultânea dos dois níveis, o interior da organização, centralizado e operante a nível local e nacional e a outra a nível generalizado, entre os movimentos de massa. Militarmente Primeira Linha se moveu desde o princípio sob uma ótica justicialista e em defesa das lutas nas fábricas, atacando chefes e diretores em muitas de suas ações.

Em 28 de maio, em Sezze Romano (Latina), Luigi de Rosa, um militante do Partido Comunista, morre nas mãos de um grupo fascista.

Em 10 de outubro em Turín, Prima Linea ataca a sede da Democrazia Cristã (partido de direita).

Em 14 de dezembro em Roma, Martino Zicchitella dos N.A.P. morre enquanto ataca o dirigente regional de antiterrorismo, Alfonso Noce, que fica ferido enquanto um agente da escolta morre.

Em 15 de dezembro em Sesto San Giovanni (Milão), Walter Alasia, militante das B.V., morre em uma troca de tiros com a polícia enquanto estavam efetuando uma revista em seu domicílio; antes de cair aba-

tido o companheiro consegue matar dois sub oficiais de polícia, Sergio Bazzega e Vittorio Padovani.

1977, em 12 de fevereiro a coluna romana das B.V. fere Valerio Traversi, dirigente do Ministério de Graça e Justiça.

Em 11 de março em Milão, o companheiro Francesco Lorusso é assassinado pelos carabinieri nos enfrentamentos na universidade. No dia seguinte em Turín, o brigadista de polícia Giuseppe Ciotta, em serviço com a equipe política da Delegacia, é abatido em vingança pela morte no dia anterior, do companheiro, Lorusso. São as Brigadas Comunistas Combatentes que reivindicam a morte.

Em 28 de abril em Turín, as B.V. matam Fulvio Croce, presidente do Conselho da Ordem dos Advogados. Em consequência de tal ação o Juizado de Instrução suspende a vistoria prevista em julgamento contra o primeiro grupo de detidos das B.V.

Em 4 de maio, em Roma, é aprovado o decreto pela criação das prisões especiais.

Em 12 de maio, em Roma, a polícia mata a companheira Georgiana Masi em uma manifestação pelo referendo.

Em 14 de maio, em Milão, os manifestantes atacam a PAM, eliminando um sub-brigadeiro.

Em 1º de junho começa a campanha das B.V. contra os jornalistas do regime, particularmente críticos contra os grupos revolucionários. São feridos nas pernas com vários disparos Valerio Bruno, Indro Montanelli, Emilio Rossi. Enquanto que Carlo Casalegno é baleado mortalmente em 16 de novembro.

Em julho de 1977 começa a ofensiva contra o tratamento carcerário dos companheiros trancados nos Presídios Especiais, sob o controle do General dos Carabinieri Carlo Alberto Della Chiesa. As B.V. matam a tiros Ricardo Palma, magistrado da Direção Geral de Instituições Penitenciárias em Pena (Roma), o funcionário Lorenzo Cotugno em serviço no Presídio Le Nuove em Turín, Francesco di Cataldo (20-4-78), comandante dos funcionários do cárcere de San Vittore em Milão e Rosario Berardi, comandante do agrupamento da polícia antiterrorista em Turín.

Em 1 de julho em Roma, uma patrulha de carabinieri intercepta três militantes dos N.A.P. sentados nas escadas da igreja de San Pietro, em Vincoli. Duas companheiras são detidas e um terceiro, Antonio Lo Muscio, é abatido enquanto tentava escapar. Este episódio marca, de fato, o fim da história dos N.A.P. fora dos cárceres.

Em 19 de de julho em Tradate (Varese), o proprietário de uma loja

de armas que acabava de ser assaltada, mata a tiros o companheiro Romano Tagnini “Valerio”.

Quatro dias depois, Primeira Linha realiza um atentado contra a loja de armas, reivindicando para sua organização o militante falecido.

Em 30 de setembro em Roma, os fascistas matam o companheiro Walter Rossi.

Em 18 de outubro, no presídio Bunker de Stammheim (Alemanha), os militantes das RAF Andreas Baader e Carl Raspe são assassinados á tiros, Gudrum Ensli é enforcado com uma manta e Imgard Moeller gravemente ferida na garganta, cortada por uma lâmina de barbear.

Em 30 de novembro em Bari (Puglie) o companheiro Benedetto Pietrone é assassinado pelos fachos.

Minha presença nas manifestações da Autonomia é cada vez mais importante, trato de não perder nem uma, em todas aquelas cidades importantes me sinto bem misturado com tantos/as companheiros/as que pensam como eu, esperando o momento para sacar a touca ninja e atacar todos o símbolos do sistema, sejam estas pessoas ou coisas. Nos sentimos fortes todos/as juntos/as, damos medo, o lemos nos olhos das forças de ordem, dos comerciantes colaboradores, dos fachos... Se acabaram os tempos de receber porrada sem poder devolver, agora também nós temos armas de fogo, com cada vez mais insistência se ouve o grito “poliziotto, fai fagotto, é arrivata la compagna P38” (“Polícia te escapa, chegou a companheira P38”), em referência á pistola semi-automática Walter P38 do Exército Alemão. A tática ofensiva que usamos não é somente fazer ruídos senão aproveitar as circunstâncias para reapropriar-nos de tudo o que necessitamos, chamamos “expropriação proletária”. Normalmente os fatos se desenrolavam assim: se escolhia de antemão uma rua da cidade onde abundavam o comércio dos ricos e, junto a manifestação, se atacava quebrando as vitrines e roubando tudo o que se podia, muito apreciados eram os negócios de armas e os bancos. Se o proprietário se opunha, como era lógico, lhe era dito sem rodeios “Olha, ou você sai da frente e nos deixa levar o que queremos ou ateamos fogo á tudo contigo dentro... último aviso”. E inevitavelmente o desgraçado obedecia e chorando nos deixava passar. Uma vez um nutrido grupo de compas em uma manifestação em pleno inverno, cheios de frio, decidiram aquecer-se com vestimentas caras de pele, destas que valem uns cinco mil reais e que só gente com muito dinheiro pode comprar. Escolheram

uma super loja e levaram o que havia de melhor, ninguém disse nada, tanto os proprietários quanto os empregados ficaram petrificados de medo ao vê-los entrar com paus, barras e as toucas ninjas, calados. Ou seja, quem disse que por sermos pobres temos que passar frio? Por qual motivo não podemos ter um pouco de dinheiro em nossos bolsos quando os bancos os tem de sobra?

Foi uma necessidade digamos “material revolucionária” que nos empurrou (já éramos uns/umas quantos/as a pensar da mesma maneira) a assaltar... Primeiro nas lojas de armas para conseguir as armas necessárias, e depois os caixas dos supermercados, caixas postais e por último os mais difíceis: os bancos. Não foi uma decisão nada fácil para nós oprimidos/as expropriados/as, foi muito mais uma decisão difícil de tomar, porque nos considerávamos, entre outras coisas, os defensores da classe oprimida... Tínhamos paranóia que no decorrer do assalto alguém que andasse por ali ficasse ferido ou morto na potencial troca de tiros que podia acontecer entre nós e a polícia... Nossa atuação aos olhos do movimento teria sido imperdoável e, pior ainda, indefensável. Assim, os medos e angústias pelos assaltos eram muito mais devido ao perigo de fazer mal a um/a dos/as nossos/as, mais que a algum membro das forças de segurança. Com estes últimos não havia escolha possível, vinham para te deter ou matar e nós não estávamos dispostos a aceitar nem um nem outro. Em um dos primeiros assaltos ainda recordo das palavras do encarregado, que me causaram mais dano que a escassa quantia recuperada. “Andem” nos disse, “mas recordem que sempre sereis uns miseráveis”.

Me senti humilhado, tudo havia saído bem, mas o pouco conseguido e aquelas palavras me arrasaram. Apesar disso, sabia que aquele era o bom caminho e viriam tempos melhores. Por sorte cruzamos nosso caminho com gatunos que sabiam assaltar muito melhor que nós. Nos ensinaram a arte do assalto a mão armada e foi graças á eles/as que progredimos em qualidade e quantidade de dinheiro recuperado e... algo muito importante muito importante neste tipo de trabalho, a segurança do momento... que com o passar do tempo se transforma em pura euforia ao ver a surpreendente reação dos clientes que te sorriem e tu, com toda tranquilidade, lhes devolve um cúmplice olhar, protegido pela touca ninja... Sem perder de vista o pescoço do diretor do banco, enquanto o obriga a abrir a caixa forte. Por um dia, este dia, não são eles/as (os/as clientes), não somos nós (os/as assaltantes) os/as humilhados/as. Dito assim parece um jogo de crianças, no entanto, não o é.

Hoje em dia assaltar bancos é um pouco mais difícil que antes. A tecnologia empregada em temas de segurança evoluiu de maneira importante, assim como os meios para combatê-la. Tudo o que serve para este fim pode se encontrar nas lojas especializadas e só se necessita um pouco de profissionalização para que aparatos como os scanners sejam nossos fiéis aliados, assim poderemos saber que soou o alarme ao mesmo tempo que recebem o sinal as viaturas policiais. O interesse e a motivação são, aqui, a chave do êxito. Se, ao contrário, quisermos enfrentar com métodos antiquados a nossos inimigos armados de sofisticados métodos de controle e vigilância, o mais provável é que a experiência se converta em um pesadelo.

A história sempre pode se repetir, e são as circunstâncias que vivemos (o aqui e o agora, como tanto gostamos de dizer) que determinam os rumos a se seguir. Assaltar bancos é o ponto mais alto da conscientização de classe do/a explorado/a, nada dá mais alegria que roubar dinheiro dos ricos, é a forma mais simples para recuperar uma dignidade perdida por culpa do trabalho assalariado.

Os anos 77-78 se anunciam como anos explosivos, anos que ninguém poderá esquecer nunca. Serão anos onde o poder dominante será posto de joelhos pela pressão dos grupos de guerrilha; uns decididos a arrebatar o poder, outros a parar a arrogância, impondo um eficaz contra-poder. Políticos, juízes, magistrados, presidentes de tribunais, policiais, carabineros, funcionários das prisões, empresários pagarão muito caro pelo serviço prestado a um Estado corrupto, mentiroso e cínico. Haverão momentos de glória onde pedirão a testemunhas e tribunais a não aplicação das duras condenações dizendo-lhes claramente, por carta ou telefone “que vocês tem a oportunidade de aplicar as leis baseando-se em três varas de medidas... a mínima condenação, a mediana ou a máxima... Não pedimos a absolvição total, sabemos que seria impossível pela pressão midiática e política, assim que lhe pedimos que aplique a pena mínima á nossos/as companheiros/as no julgamento que terão na próxima semana; se não atender a nossas petições, pagará com a vida.” Dependendo do que respondia o interessado (Presidente do Tribunal, Testemunha ou advogado de Acusação, Juíz, etc..) se intervia nos dias seguintes com uma rajada contra as janelas de sua casa, enquanto tomava o café da manhã junto aos demais componentes de sua família, ou se destroçava seu carro com um tambor de gasolina. Nem todos entravam no jogo, alguns desafia-

vam a sorte, outros, no entanto, obedeciam e se limitavam a mínima condenação. Este era o tipo de contra poder que sempre havia imaginado, abandonando o desejo de administrar um poder político nosso, substituindo o que existia. Pouco a pouco, graças ao aprofundamento na leitura da História, me dei conta de que nenhum tipo de ditadura podia entrar na minha cabeça, não fui feito para servir sistemas de domínio que obrigam os homens e mulheres a obedecer. Comecei a crer nas pessoas mais que nas autoridades impostas, acabava de me encaminhar até o caminho da anarquia, e não o abandonaria.

Da mesma maneira funcionava a proteção dos/as nossos/as companheiros/as no cárcere. Se algum funcionário de prisão maltratava um dos nossos, este era atacado disparando em suas pernas ou, na pior das hipóteses, na cabeça; sem aviso prévio, sem pena. Estávamos muito atentos/as e preparados/as para qualquer eventualidade quando se tratava de apoiar de fora as petições e reivindicações dos/as nossos/as presos/as. Se a administração penitenciária não obedecia, ali estávamos nós. Foi assim que se criaram dentro de algumas prisões do país ilhas de contra-poder desde dentro, respaldados pelos/as de fora.

Em fins de 1977, na esteira do forte movimento autônomo que naquele ano havia tido o país, e frente as novas realidades dos cárceres especiais promovidos, em debate, pela revista *Senza Galere* (Sem Cárceres), nascem os P.A.C. (Proletários Armados pelo Comunismo). No princípio realizaram expropriações de armas e dinheiro, depois com disparos nas pernas, como o 8 de maio de 1978 de Diego Fava, médico do I.N.A.M (Instituto nacional de seguro de enfermidade da Itália), encarregado das visitas fiscais aos/às operários/as que estavam de licença médica em suas casas, e sabotaram os carros da Alfa-Romeo em apoio às lutas dos operários (Milão, 30 de maio de 78). Os P.A.C. orientavam seus ataques exercendo o contra-poder armado contra estruturas e pessoal carcerários; disparando nas pernas do médico do presídio de Novara, Giorgio Rossanigo, responsável de não ter curado a tempo os presos feridos depois de um motim (6 de maio de 1978). Um funcionário de prisões do cárcere de Verona teve igual sorte em 24 de outubro de 78, se chamava Arturo Nigro. Em 6 de junho do mesmo ano executam seu primeiro atentado mortal contra o comandante dos funcionários do cárcere de Udine: Antonio Santoro. No escrito de reivindicação dos P.A.C dizem que “para nos obrigar a exploração do trabalho negro e difuso, o Estado nos ameaça com o cárcere. Para retomar o controle nos cárceres frente a insubordinação dos/as presos/

as proletários/as, isola as pessoas mais combativas em módulos especiais, que significa... aniquilação. Temos que bloquear o projeto reforçando nossa prática comunista, concretizando-a em uma organização estável e expansiva em armamento e contra-poder”.

No dia 16 de março de 1978 em Roma, as B.V. sequestram o presidente da Democracia Cristã, Aldo Moro.

Assim Mario Moretti conta em seu livro: *“Depois do sinal saio no momento exato e me coloco diante (com um carro FIAT 128) dos dois carros de Moro, regulando a marcha: imprimo lentidão suficiente para que os carros que nos precedem se afastem um pouco e, deste modo, não se vejam envolvidos no tiroteio, mas também a velocidade suficiente para que o comboio de Moro não me ultrapasse. Funciona. Ninguém percebe nada. Tudo vai tranquilamente. A adrenalina sobe ao máximo, o coração enlouquece mas não tenho tempo de sentir emoções; o tempo das incertezas, das dúvidas fica antes ou depois de uma ação, nunca durante a mesma. Quando se está dentro, o único problema é como fazer da melhor forma possível o que se decidiu. Eu sempre me senti lúcido, concentrado, nunca me escapou nada, o tempo se dilata, cada segundo é uma eternidade. Creio que geralmente é assim com todo mundo. Sigo, ultrapasso um FIAT 500 que vai demasiado lento e os veículos de Moro me seguem. O ideal é que os três veículos se detenham no sinal, onde estão a postos os quatro companheiros que deverão neutralizar a escolta; em outro caso deveriam subir a Via Fani e a escolta poderia reparar neles. Me detenho então, no sinal, ligeiramente atravessado para ocupar a maior parte da calçada sem que pareça estranho; normalmente, sem que os pneus cantem. Os quatro companheiros abrem fogo. Ao mesmo tempo os dois que devem bloquear o tráfego acima, o bloqueiam. A companheira que está no meio do cruzamento a dois metros do sinal da Via Fani e deteve o tráfego que sobe desde a Via Stresa; saberemos depois que o primeiro veículo que é detido - olha que coincidência - é o FIAT 500 de um policial, que não entende nada e, de fato, não faz nada. Primeiro os quatro companheiros disparam no Alfetta da escolta, depois com uma rajada, no marechal Leonardo, que está com Moro em um FIAT 130. O condutor do Alfetta, ferido, solta a embreagem, o carro dá um salto pra frente, choca com o veículo de Moro que por sua vez se choca com o meu. Tínhamos previsto abandonar o FIAT 128 no lugar e eu devia sair do carro para reforçar a posição da companheira. Mas neste momento acontece o imprevisto: as metralhadoras de dois companheiros engasgam. Um dos policiais do Alfetta consegue sair do carro empunhando uma pistola, um dos companheiros se esquece de sua metralhadora, saca a pistola, dispara e o abate. Creio que nem sequer sabe como fez para disparar com tanta precisão, certamente se não tivesse dado no alvo, nós teríamos deixado alguns*

dos nossos na Via Fani. E eu me vejo obrigado a ficar no carro , pisando no freio, porque o condutor de Moro, que não foi tocado, tenta tirar o carro do engarrafamento formado pelo duplo choque. Nesse instante, o outro companheiro substitui o carregador de sua metralhadora entupida, dispara uma segunda rajada e consegue alcançá-lo. Em poucos segundos o tiroteio está terminado, a escolta está neutralizada. Esta cena não a esqueceremos por toda a vida..”

Mario Moretti, Brigadas Vermelhas.

Cinco militares morrem aquele dia enquanto o presidente da Democracia Cristã, Aldo Moro, é sequestrado sem nenhum arranhão e levado á um lugar seguro. 55 dias depois, as B.V. decidem matá-lo.

Em 1977 alguns militantes libertários que fazem referência ao situacionismo e a elaboração cultural da Rote Armee Fraktion (R.A.F.) na Alemanha, criam a organização armada Azione Rivoluzionaria (A.R.). As teses políticas do grupo são redigidas no “Primeiro documento teórico”, de janeiro de 1978. Nele se diz que a estrutura organizativa das A.R. é a dos “grupos de afinidade” onde as uniões tradicionais são trocadas pelas relações de simpatia, intimidade, conhecimento e confiança recíproca entre os efetivos de seu próprio grupo. Com as mesmas características estruturais se criam os “grupos de afinidade feministas”, com uma produção teórica própria e uma autonomia operativa. Sua primeira intervenção no panorama armado são os disparos que feriram o médico do cárcere de Pisa, Alberto Mammoni, em 30 de março de 1977, a ação, segundo a reivindicação, é uma vingança pela morte do anarquista Franco Serantini (7 de maio de 1972) em consequência dos espancamentos que sofreu na delegacia no momento de sua detenção, feridas que não foram curadas pelos médicos responsáveis do cárcere. Também em 1977, A.R. faz explodir uma carga contra a sede turinesa do periódico La Stampa e dispara, deixando ferido, o jornalista do jornal L’Unitá (do Partido Comunista Italiano, P.C.I.), Nino Ferrero. Tal atentado foi realizado em consequência, entre outras coisas, da campanha insultante posta em marcha por este periódico contra dois militantes da A.R. mortos em Turín em 4 de agosto de 1977, Aldo María Pinones e Emilio di Napoli. As campanhas contra os jornais do regime seguem com mais dois atentados ao Corriere della Sera e a Gaceta del Popolo. Em Livorno, na Toscana, um grupo da A.R. tenta sequestrar o armador Tito Neri, o sequestro falha e os militantes são detidos. Seguiriam mais atentados com explosivos em 1978 contra o Banco de Roma, a concessionária da marca

Ferrari e a sede da Democracia Cristã. A.R. se dissolve oficialmente no ano de 1981. Anteriormente, em um julgamento em Turín, alguns militantes redigem um escrito em memória do companheiro Salvatore Cinieri, assassinado no presídio de Turín por um preso comum em 27 de setembro de 1979. dissolvida a organização, alguns militantes que ficarão em liberdade entram na organização Primeira Linha.

Ao meu regresso do serviço militar, nada havia mudado em meu povoado, tudo continuava igual que antes, aquele povoado onde nasci nem em mil anos de história poderia mudar.

Voltei a trabalhar na mesma fábrica que antes, com a mesma rotina de sempre, as mesmas caras, o mesmo tédio. O único que havia mudado era eu, o serviço militar tinha me aproximado de uma realidade que eu desconhecia. Seguiu sendo o sonhador de sempre, só que agora meu trabalho consistia em trabalhar de dia e de noite ser guerrilheiro, o que se considerava uma semi-clandestinidade. Minha presença política agora estava na grande cidade de Milão. Aproveitava os fins de semana, e as festas, para fugir à cidade com meu rápido carro e mais de uma vez ficava ali todo o fim de semana para voltar no domingo à noite, pronto para entrar na fábrica na segunda-feira de manhã. Milão era meu mundo, o que sempre desejei, tudo ali era distinto, tudo cheirava a revolução. Conheci um montão de companheiros/as de toda parte do país, e também, como não! Lindas companheiras. Experimentei aos vinte e quatro anos minha primeira relação sexual, até ali só tinham sido beijos e toques nas partes íntimas. Bom, para ser sincero, quando estava no serviço militar fiz o amor com uma companheira, mas foi algo estranho que não era muito a minha porque éramos três, ou seja, dois machos e uma fêmea tombados na mesma cama e trepando em turnos até amanhecer... que passada!!

Meus pais, com minha ajuda, tinham construído uma casa fora do povoado, antes que eu fosse ao serviço militar. Minha mãe tinha transformado aquele lugar em uma verdadeira ilha de beleza, cheia de flores e plantas; meu pai em um jardim onde não faltava nada, com cerejeiras, pessegueiros, damascos, ameixeiras. Havia galinhas com seus pintinhos e eu tinha um precioso cachorrinho filhote, que eu tinha ganhado de meu primo. O chamei Bill, porque desde o princípio notei que ele não era como os demais, era um bastardo, um cruzamento bastante estranho parecendo um pastor alemão mas em miniatura, que não pesava mais de 10 Kilos. Aquele eterno filhote era o fim da picada! Um incontável que não gostava em absoluto das

regras de comportamento típicas dos cães, obedientes as ordens de seus donos, ele fazia o que lhe dava na telha e seu caráter me encantava. Era mau, mas de um “mau bom” porque era exatamente como, segundo o meu ponto de vista, desejava em um rebelde e anticonformista, como tinha que ser qualquer ser humano ou animal, livre segundo o espírito ditado por sua própria natureza, sem necessidade de acatar ordens para seguir seu caminho. Uma vez meu pai plantou umas cinquenta cabeças de alho, o trabalho de uma tarde inteira, o pobre suou para plantá-los... Meu Bill, que eu neguei que fosse preso com uma corrente, rondava pelo jardim em plena liberdade, parece que o cheiro de alho sob a terra atraiu sua atenção, cavou cinquenta buracos e os tirou todos, um por um... Meu pai não sabia como conter sua raiva, ameaçou dar uma surra em Bill, mas comigo presente, não permiti. No dia seguinte, a cruz de meus pais (como eles o chamavam) voltou a fazer uma das suas: não contente com o dia anterior, comeu três franguinhos de poucas semanas, só as partes mais macias, o peito e os restos abandonou espalhados por toda parte. Vi minha mãe chorar por aquelas perdas e não pude evitar que Bill levasse uma surra de chinelo... meu pai deu. Chegada a noite, depois de comermos, meu pai se encarregava de levar comida ao cachorro e, ainda que resmungando para si que ele não merecia por ter comido os pintinho... a levou. Para chegar à casinha onde dormia a “cruz” tinha um corredor estreito, entre o muro perimetral da casa e o jardim, ali Bill preparou sua vingança, cavou um buraco de mais de cinquenta centímetros e meu pai caiu dentro, derrubando sobre si a sopa quente, quase quebra as cadeiras; ouvimos os gritos de socorro e, assustados, minha mãe e eu conseguimos tirá-lo da incômoda posição. Meu pai já era velho e com certeza sem ajuda não teria saído dali... O Bill tinha que ver, agachado ao lado da armadilha, balançando o rabo com uma expressão satisfeita na cara... Não lhes conto a confusão, queriam matar ele! Mas nada, nem conseguiram pegá-lo porque o levei para dormir na minha cama. Mas nem me agradeceu, porque ao despertar-me de manhã, me dei conta que tinha mijado no colchão, no chão, na cadeira, em cima de minha mesa e, como se fosse pouco, escondeu (quem sabe onde) a metade dos meus sapatos, deixando um modelo de pé esquerdo e outro de pé direito, tive que ir trabalhar de chinelos. Que desastre! Minha mãe estava desesperada. O curioso é que nunca consegui encontrar uma parte dos meus sapatos, suponho que Bill os tenha escondido sob a terra, como lhe agradava. O nome Bill era muito apropriado com os nomes dos maus das histórias do passado e

do presente: Buffalo Bill, Billy the Kid, Bill Clinton, Bill Gates. Tenho um montão de anedotas assim, porque todos os dias meu cachorro inventava uma... Minha mãe me dizia que “esse cachorro é assim por culpa sua” e em certo sentido tinha razão, eu o havia educado á minha imagem e semelhança.

Minhas idas e vindas a Milão não haviam passado despercebidas para os jovens que costumavam frequentar a praça da prefeitura do meu povoado. Um dia, passando por ali, decidi parar com meu carro porque enre eles/as vi uns quantos amigos de minha infância com que tinha tido a oportunidade de falar anteriormente. Eram jovens companheiros/as de movimento e não abrigavam idéias revolucionárias, estavam filiados á grupos e organizações legalizados e desconheciam o que era a Autonomia Operária naquela época. Pensei que apesar de tudo valia a pena trocar uma idéia com eles/as afinal eram proletários como eu, filhos/as de pais operários e além disso gente do meu povoado que eu conhecia desde sempre. O que os entusiasmou foi que eu representava o único indivíduo do povoado que frequentava o movimento na cidade grande, tinha conhecimentos, um trabalho próprio e uma independência ilimitada com meus pais, isto para garotos/as entre 16 a 20 anos era muito e, não menos importante, eu tinha carro. Em pouco tempo era um deles/as, passávamos longos fins de semana juntos/as e, sobretudo, os levava a um bar esquerdista da cidade mais próxima, Légano. Tanto ali como no grupo do povoado tinha um montão de garotas, mais eu as considerava ainda meninas, tinham entre 16 e 17 anos e, claro, passava delas. Anos mais tarde um amigo comentou que um par delas estava loucamente atraídas por minha pessoa, no entanto, nunca me dei conta de tal interesse por mim. O amigo acrescentou que eu fui um tonto porque poderia ter tido todas as relações que quisesse... mas para mim eram tempos de guerra e não havia lugar para os sentimentos, o ódio me tinha endurecido muito e não podia me relacionar física e sentimentalmente com alguém que não fosse uma companheira guerrilheira. Ainda tenho que confessar que por uma delas tinha um carinho particular, creio que se notava e que ela também percebeu. Tinha um corpo bem desenvolvido, igual á uma mulher de 20 anos e cada vez que se aproximava e me abraçava os batimentos do coração aceleravam, adicionados a impulsos de ereção que tinha que freiar com grande esforço psicológico. Em nenhum momento manifestei meus obscuros desejos por ela, tirava rapidamente tais pensamentos da cabeça pensando que ainda era um bebê. Eu a segurei em meus braços umas quantas vezes e garanto que

funcionava.

Com o passar do tempo ocorreu a alguém do grupo a idéia de formar uma espécie de coletivo chamado Grupo Proposta. A intenção era reunir os/as jovens do povoado para convidá-los para assembléias e debates e buscar juntos um caminho para sair da apatia e das drogas que já começavam a circular com insistência entre os/as mais jovens. No povoado de quase morto não tinha nada para distrair a garotada, nem parques, nem jogos, nem piscinas, nem concertos realizados por eles/as mesmos, nada de nada, um tédio total. Assim que começamos entusiasmados a falar com os/as demais, buscando-os em lugares que costumavam se reunir, despertando neles um interesse que não conheciam. Em pouco tempo conseguimos que a prefeitura nos concedesse um lugar para nos reunir periodicamente. A primeira vez que o organizamos conseguimos atrair uma quantidade de jovens nunca antes vista no meu povoado e, logicamente, tanta gente reunida com objetivos concretos de pedidos a realizar atraiu a atenção dos partidos políticos, sempre, como abutres, na busca dos votos para garantir as eleições anunciadas. Eu presidi, junto a mais dois companheiros/as a mesa de negociações onde através da assembléia se pediam melhoras à junta de políticos que formavam a Prefeitura. Pedimos de tudo, recebendo em troca um montão de promessas que foram levadas pelo vento... como sempre. Minha presença no grupo atraiu a atenção do secretário do Partido Socialista que, parece, comentou a um conhecido que tinha a idéia de propor a um amigo meu de infância (que não fazia parte do grupo Proposta) a candidatura de Prefeito para seu partido (o segundo em números de votos) e a mim a de vice-prefeito, mas eu não quis nem ouvir falar no assunto, não queria entrar em nenhum partido de sem-vergonhas, a minha era o outro lado da barricada. Meu amigo de infância no entanto aceitou e em pouco tempo, efetivamente, foi eleito vice-prefeito do povoado. Muitos anos depois o tal amigo se viu envolvido em uma trama de subornos (pagamento de comissões a seu partido, o Socialista) que o levou ao cárcere por alguns meses, terminando depois tirando a própria vida no ano de 2005.

Estando em ambientes reconhecidos como dialogantes com o sistema, pude me interar do que os/as políticos/as pensavam das drogas que circulavam (principalmente a heroína) pelas ruas de todas as cidades do Estado. As críticas de alguns membros de seu próprio partido (Democracia Cristã, de direita) que pediam mais dureza com os traficantes, mais leis para impedir que as drogas entrassem nas escolas, os chefes do partido respondiam “ que não havia nada que preocupar-se

porque assim os que usavam heroína não teriam vontade de pegar as bandeiras vermelhas para protestar nas manifestações”. Compreendi a estratégia usada e o perigo que a entrada fácil de drogas nos bairros operários representava. Era tão fácil conseguí-las naquela época que a presenteavam na entrada da escola na primeira vez, mas no dia seguinte a compravam pagando muito caro. Alguns grupos armados se dedicaram a proteger seus bairros dos traficantes (muitos destes colaboradores da polícia), ameaçando-os primeiro e depois se seguiam vendendo, atirando ou os matando; como a Gianpiero Cacione que em 19 de junho de 1978 em Roma, morreu com um disparo de pistola na cabeça enquanto estava em seu quarto. Oficialmente este senhor era um representante, no entanto os companheiros que reivindicaram a ação armada o acusaram de ser um traficante de heroína. O atentado mortal foi reivindicado pelo Movimento Proletário de Resistência Ofensiva - Núcleo Anti-heroína.

Em 3 de novembro de 1978 em Roma, Mauricio Tucci, vendedor de sorvetes no Coliseu e ocasionalmente comparsa nos estúdios de cinema de Cinecittá. Morre em um atentado mortal. No escrito de reivindicação, Guerrilha Comunista o acusa de ser um traficante.

No 7 de novembro de 1978 em Milão Giampiero Grande que em 1975 foi preso por posse de uma grande quantidade de droga e por tráfico de heroína, é baleado pelo grupo Squadre Proletari di Combattimento per L'Esercito di Liberazione Comunista (Esquadrão Proletário de Combate pelo Exército de Libertação Comunista), uma formação muito próxima a área do Primeira Linha mas com uma autonomia própria, na reivindicação o grupo enquadrava a origem do atentado na campanha contra os traficantes.

Igual sorte tiveram Saaudi Vaturi, negociante em Roma, em 22 de novembro de 1978 e Enrico Donati, em 14 de dezembro de 78 em Roma, consumidor e talvez traficante de heroína, a quem mataram por erro na discoteca Speak Easy. Guerrilha Comunista assumiu a responsabilidade esclarecendo que seu objetivo eram outras pessoas, presentes na discoteca e acusados de serem traficantes.

Em meu povoado não houve nada disso, entretanto as drogas começavam a matar, foi impossível para-los apesar das trocas de idéia/debates que tivemos para que desistissem. Vi como os/as melhores garotos/as da minha escola morriam por overdose ou enfermidades como a AIDS; foi uma matança imperdoável na qual o poder político tinha sua responsabilidade e isso não fazia mais que aumentar em mim o desejo de vingança.

1978. No dia 4 de janeiro em Cassino o grupo Operários Armados pelo Comunismo mata Carmine Rosa, chefe dos guardas do grupo FIAT e ex-Major dos carabinieri (aposentado). No dia 18 a Formação Comunista Combatente (F.C.C.) ataca uma patrulha de carabinieri fora do Cárcere Especial Novara.

Em 18 de março em Milão, os companheiros Fausto Tinelli e Lorenzo Jannucci são assassinados pelos fascistas.

Em 9 de junho na mesma cidade, um militante dos Comitati Comunista Rivoluzionari, Francesco Giuri, morre em um assalto a um banco enquanto tentava desarmar o segurança.

Em 21 de junho em Gênova, as B.V. matam Antonio Esposito, funcionário do anti-terrorismo.

Em 10 de outubro em Roma, as B.V. atacam mortalmente o Diretor Geral de Instituições Penitenciárias, Girolamo Tartaglione.

Em 15 do mesmo mês em Nápoles as B.V. matam dois agentes de polícia em serviço externo no cárcere de Le Nuove, Turín. Quatro dias antes Prima Linea matava em Nápoles Alfredo Paoletta, criminólogo que trabalhava no presídio de Pozzuoli.

Em 8 de novembro em Patrica (Frosinone), a Formação Comunista Combatente (F.C.C.) mata a tiros o Procurador da República Fedele Calvosa. Na operação também caem mortalmente feridos dois policiais da escolta e um militante da organização armada, Roberto Capone. Também no ano de 1978 esta organização fere intencionalmente um policial, um chefe de fábrica da Alfa Sud e o diretor do Chemical Banc (em Milão), atentam ainda contra a casa de um industrial e uma linha de alta tensão em Cassino.

Entre 78 e 79 as Squadre Armate Proletarie atacam um quartel dos carabinieri, a redação do jornal de direita La Prealpina e ferem com disparos o médico do presídio de Varese (15 de janeiro de 1979).

1979, no dia 19 de janeiro em Turín, Prima Linea mata a tiros o funcionário de prisões Giuseppe Lorusso.

No 29 do mesmo mês, em Milão, Prima Linea reivindica o atentado mortal contra o juiz Emilio Alessandrini.

Em 28 de fevereiro em Turín, dois companheiros da organização Prima Linea, Mateo Cagetti e Barbara Azzaroni, são assassinados a tiros pela polícia política (DIGOS) enquanto estavam sentados no balcão de um bar. Oito dias depois, em represália, P.D. ataca uma patrulha da Polícia Nacional, no tiroteio morre um cidadão, Emmanuele Iurilli, acertado acidentalmente pelos disparos. Em 18 de julho, em

vingança pela morte dos dois companheiros, P.D. mata o proprietário do bar Angelo Carmine Civitate, responsável pela denúncia que permitiu a Polícia Política (DIGOS) matar os dois companheiros.

Em 24 de janeiro em Gênova, as B.V. eliminam Guido Rossa, um sindicalista da Italsider que havia denunciado a polícia o trabalhador Francesco Berardi, que se suicidaria no cárcere.

Nos primeiros meses de 1979, em Roma, as B.V. atacam mortalmente o conselheiro provincial, Italo Schettini da Democracia Cristã, em 29 de março de 1979.

Em 3 de maio é atacada a sede da Democracia Cristã em Piazza Nicosia, ali perdem a vida dois agentes da polícia, componentes da patrulha que interveio.

Entre junho de 1978 e a primavera de 1980 as B.V. lançam uma campanha contra as estruturas do Antiterrorismo, matando doze agentes, entre policiais e carabineiros, de distintas graduações.

Em 11 de março, os/as companheiros/as Angelo del Santo, Alberto Graziani e María Antonieta Berna morrem na explosão de um artefato que estavam preparando, tais companheiros pertenciam ao movimento.

Em Milão, os P.A.C. (Proletari Armati per il Comunismo) aumentam o nível de enfrentamento vingando a morte de uns assaltantes que haviam sido abatidos por comerciantes armados em defesa de suas propriedades. No mesmo dia, dois comerciantes são eliminados a tiros de pistola em duas cidades distintas (Milão e Santa María di Sala - Veneza). Em Milão, em 16 de fevereiro de 1979, cai o joalheiro Luigi Pietro Torregiani. Um núcleo armado dos P.A.C. lhe faz frente, ele reage disparando com sua arma, seu filho de quatorze anos (Alberto) que se encontra na linha de tiro de seu pai, é atingido nas costas por este, ficando gravemente ferido, paralítico. Seu pai, apesar de vestir um colete á prova de balas, é mortalmente baleado. Anteriormente este joalheiro havia disparado em um homem que tentava assaltar aos clientes de um restaurante em Milão, o assaltante morreu no tiroteio. No mesmo dia em Mestre, distante 400 km de Milão, outro comerciante, o açougueiro Lino Sabbadin, que foi responsável pela morte de outro assaltante em seu próprio negócio, é abatido. Na reivindicação que seguiu se justificam os atentados como “resposta á qualquer ato de guerra contra o proletariado com a represália”. Os dois atentados mortais são definidos como “ações de justiça proletária contra os, que em nome da sagrada propriedade, não titubearam em decretar e executar uma sentença de morte contra milhares de proletários responsá-

veis por retomar uma parte da renda que cada dia o capital lhe rouba”.

Por causa destes atentados a Polícia Nacional realiza uma grande blitz no bairro de Milão, La Barona onde muitos dos companheiros/as detidos/as são espancados/as e torturados/as. Houve muitíssimas denúncias destes fatos e exames periciais da Promotoria da República de Milão que, como de costume, terminaram arquivados. Em resposta á operação policial e ás torturas aos/ás detidos/as (liberados/as por falta de provas nas semanas seguintes), os P.A.C. matam, em Milão, Andrea Campagna, agente do grupo político DIGOS, em 19 de abril de 1979.

No mesmo mês, semanas antes (em 7 de abril), a polícia DIGOS efetuava centenas de detenções em todo o país, na área da Autonomia Operária. Esta data ficará famosa na história da Itália como uma onda repressiva a todo o movimento. Os/as detidos/as ou acusados/as, sem provas, de pertencer a esta ou aquela organização armada, ou de associação subversiva.

Muitos/as dos/as detidos/as, depois de anos de cárcere, serão postos em liberdade por falta de provas.

O CÁRCERE

No verão de 1979, em junho, às 5:30 da manhã, ouço um barulho de motores e portas que se abrem e fecham, dou uma olhada pela janela e vejo quatro carros dos carabineiros, mais outro camuflado da DIGOS. Vinham com uma ordem de registro assinada por um juiz de Milão; quando li seu nome no papel compreendi de que se tratava o assunto. Em seguida meus pensamentos ficaram estancados “como puderam chegar até mim”. De todo jeito não tinha o que temer, estava limpo e seguro de mim mesmo. As únicas armas que tinha: uma pistola Beretta de calibre 22 e uma escopeta de caça calibre 12, eram legais, eu tinha licença regular de armas; o que me inquietava era a grande quantidade de cartuchos que eu tinha, cartuchos que usava com minhas armas... A lei dizia que não se podiam superar as duzentas unidades por cada arma e eu, no entanto, tinha mais de mil. Abri a porta aos policiais e carabineiros, antes fui avisar a meus pais que dormiam tranquilamente, ficaram preocupados mas nem um pouco assustados. Me apresentaram mandado de revista perguntando se tinha algum inconveniente, em todo caso poderia chamar algum advogado de confiança, lhe respondi que nenhum desde que efetuassem a revista sob a minha vigilância ou a de meus pais. Assim que procederam a revista da casa. Eu não os perdia de vista, o primeiro que me pediram foram as armas regulamentadas, sabiam que eu as tinha mas não sabiam em que lugar. Quando as tiveram em suas mãos, o oficial chefe da equipe da DIGOS me perguntou se a Beretta era uma boa pistola de tiro, eu respondi que a melhor era a que eles tinham, uma Beretta da mesma marca que a minha, mas de um calibre superior: uma 9 mm Parabellum. A pergunta do oficial era uma indireta, mas captei o sentido num instante. Ele riu, riram todos, só meus pais ficaram sérios, não tinham entendido o porque daquela pergunta. Aproveitei a circunstância e pedi ao oficial “quem era o tipo que tinha me denunciado”, ele me respondeu “que não sabia, que somente executava uma ordem dada por um Juíz e que de toda forma era um erro, como muitas vezes acontecia”. Foi o marechal dos carabineiros do povoado que deu a cara a tapa por mim, estava presente na revista. Com firmeza se dirigiu ao oficial, dizendo “que este garoto e esta família são boa gente, que em nenhum momento haviam dado problemas”, acrescentou que era um erro do Juíz ou algum sacana tinha me denunciado injustamente, apressou os outros para que terminassem logo a revista da casa. Mas os demais agentes do DIGOS tomaram o

assunto com tranquilidade e ao fim de duas horas foram embora sem nada terem encontrado. O Marechal apertou minha mão com cara de gravidade ao despedir-se “lamento, mas já sabe, as ordens tem que ser cumpridas”. Antes de ir definitivamente, um dos agentes da DIGOS me perguntou “sabe quantos cartuchos estão autorizados por cada arma?” “sim, duzentos por cada uma” lhe respondi, “e aqui tem essa quantidade?” “sim, claro, pouco menos de quatrocentas balas, se quiser podemos contá-las” “deixa” me respondeu, “acredito em você”. Estavam cansados, haviam passado toda a noite revistando casas de companheiros/as e tinham vontade de irem dormir. Ao se afastarem, peguei meu carro e me dirigi a Milão, queria saber que merda havia acontecido e sobretudo avisar as/aos demais companheiros/as que a polícia tinha estado em minha casa. A verdade é que fazia um mês que me vigiavam; foi minha mãe que um dia, enquanto íamos juntos no carro, se deu conta ao passarmos diante de um chalé que havia no final da estrada onde tínhamos a casa. Os cães estavam ali sentados em um carro, mas eu não disse nada a minha mãe e segui com o meu sem mais preocupações a não ser a de pisar no acelerador caso algum carro ficasse tempo demais atrás do meu. Ao chegar em Milão me dirigi ao apartamento onde de vez em quando me encontrava com alguns/mas companheiros/as; á poucos metros da entrada um par de policiais a paisana, disfarçados de hippie com barba e cabelos longos, me imobilizaram com uma pistola na cabeça dizendo “quieto ou te mato”. No apartamento para onde me dirigia encontraram muitas armas, uma bastante insólita para os grupos da época... uma AK 47. Detiveram alí muitos/as companheiros/as, e eu, como eles, fui acusado de pertencer à organização dos P.A.C. (Proletari Armati per il Comunismo). Às perguntas da DIGOS sobre o que eu fazia por ali, sendo que já tinham revistado minha casa e ao não ter encontrado nada entenderam que eu não tinha nada a ver e por isso me deixaram livre; eu lhe disse que passeava tranquilamente por ali, sem rumo fixo. Evidentemente não acreditaram em mim e me trancafiaram no presídio de San Vittore, em Milão.

Me meteram junto aos demais no Módulo 2 onde estavam muitos outros companheiros que tinham sido detidos anteriormente e que pertenciam á outros grupos armados. Me agradou o ambiente, era minha primeira experiência no cárcere e assumi a detenção sem dramas, creio que a princípio vi como uma libertação do trabalho assalariado que, apesar de tudo, seguia fazendo na pequena fábrica do povoado. Misturado com os políticos haviam presos sociais, entre nós e eles uns

50 internos. Tinha um clima bom e as diferenças se resolviam com brigas no pátio mesmo, sem que ninguém se permitisse dedurar o que tinha visto. Se alguém não cumprisse as regras era castigado com 30 punhaladas nas nádegas, não eram mortais mas o incauto não podia usar o traseiro por 6 meses. Era o castigo aos caguetes, este costume que atualmente se perdeu, tal perda tem permitido que nos cárceres de hoje em dia a abundância de delatores chegue a limites insustentáveis.

Ao final de uma semana o Juíz me interrogou e me acusou de um montão de delitos, entre eles a morte de um Juíz, de um agente da DIGOS, de um joalheiro, de um Chefe de funcionários de prisões, de ferir outro, de assaltos e atentados, enfim, tudo somado dava uma cadeia perpétua. O assunto estava feio pra caralho, mas já estava ali e a euforia do momento não me permitia ver a amplitude do drama que ia se desenhando diante de mim.

Um dia apareceu em minha cela, enquanto estava me preparando para descer ao pátio, o vice-brigadista do departamento especial onde me encontrava, estava comandando os funcionários dali. Com um sorriso provocador me disse “pelo jeito terá que passar uma longa temporada aqui” lhe respondi que “as vezes as circunstâncias da vida podem mudar de um dia para o outro, o que hoje parece escuro, amanhã pode aparecer mais brilhante que o Sol”. Anos depois eu estava em liberdade, foragido, e ele estava morto, alguém havia disparado nele enquanto se dirigia ao trabalho; Francesco Rucci, assim se chamava. Perdia a vida às sete da manhã, o Sol para ele ainda não havia saído aquele dia. O Núcleo dei Comunisti reivindicou o atentado mortal como um ato de represália pela violência e maus tratos que os presos políticos da seção Especial do presídio de San Vittore tiveram que suportar sob seu comando (18 de setembro de 1981).

A vida na cadeia seguia com seus altos e baixos, compartilhava a cela com outros 5 companheiros. Pela manhã se descia ao pátio para fazer esportes e pela tarde o mesmo. Aproveitavam as muitas horas de pátio para estar todos juntos em intermináveis conversas, sobre a luta em geral e sobre a situação que se vivia estando presos. Tive a oportunidade de ler um montão de livros que me permitiram esclarecer ainda mais minhas convicções. Meus pais vinham me visitar aos sábados, não falharam uma só vez, mesmo eu dizendo que não precisavam vir todas as semanas... Mas faziam que não escutavam, os pais e os/as companheiros/as de luta são os/as que nunca te abandonam. Os seis meses que passei no cárcere de San Vittore se foram rapidamente, esta

foi a impressão que tive, apesar da distância de tantos anos é a recordação que me ficou. O tempo na cadeia pode parecer curto sempre quando não está atento a ele, porque do contrário os minutos podem parecer horas.

Um dia veio o advogado me visitar anunciando com um grande sorriso que o Juíz tinha decidido me colocar em liberdade provisória por falta de provas, no princípio acreditei que era uma brincadeira de mal gosto, no entanto era verdade; tinham se passado seis meses e naqueles anos era o tempo máximo que se podia manter alguém preso sem provas. Não me alegrei da notícia e o advogado ficou pasmo: “nunca em minha carreira de letrado havia conhecido alguém que, anunciando-lhe a liberação, se pusesse triste”. A verdade era que deixava ali meus melhores companheiros, sabia que ao sair da prisão eu não tinha nada, havia perdido tudo e teria que começar sozinho um longo caminho. Os companheiros saltaram de alegria ao tomar conhecimento de minha liberação próxima, no pátio me abraçaram pedindo que uma vez livre pensasse neles, que tinham que cumprir uma longa pena, lhes prometi que sim acrescentando que seria difícil porque sobravam poucos companheiros/as em liberdade.

Na saída da cadeia, haviam duas preciosas companheiras que nos esperavam, éramos dois os presos que saíamos em liberdade aquele dia. As companheiras tinham preparado uma festa, mas declinei do convite, tinha meus pais me esperando, eles que não haviam me faltado uma só vez, não mereciam que eu fosse passar bem em outro lugar que não fosse nossa casa. Me dirigi sozinho para a parada de ônibus que me levaria depois de 25 quilômetros para um povoado próximo ao meu, o resto do caminho faria andando. Me sentia flutuar por cima dos demais mortais que fechados/as em si mesmos/as perambulavam pelas ruas de Milão, me senti começando uma segunda vida e por um instante me senti feliz, livre, como nunca. Creio que a partir daí saboreiei o prazer da liberdade. Os seres humanos são assim, até que não conheçamos o que quer dizer estar clausurados, não podemos apreciar o que quer dizer estarmos livres.

Na chegada ao povoado reconheci um amigo que estava estacionando seu carro, lhe perguntei se podia me deixar próximo de casa, concordou, mas antes teria que tomar um copo com ele para festejar o encontro. Quando entramos no bar, os mais tristemente famoso por ser frequentado pelos/as maus/más garotos/as do povoado, se fez um silêncio sepulcral, dezenas de olhos se cravaram nos meus, ninguém disse nada, ninguém perguntou, todos sabiam que acabava de sair de

uma das piores prisões do país, os jornais, rádio e televisão haviam se encarregado de difundir amplamente a notícia de minha detenção. Depois pouco a pouco se aproximaram, apertando minha mão, sem perguntas, os que eu conhecia em primeiro lugar e depois os que nunca tinha visto na vida. As pessoas são assim, estranhas, na frente ninguém tem coragem de te dizer nada. O cárcere era considerado um lugar duro, que só os/as mais fortes podiam superar, eles, garotos de povoado que apesar das travessuras (principalmente quando estavam bêbados) nunca haviam passado por uma cadeia, no máximo alguns dias na cela do quartel dos carabineiros, viam em mim alguém perigoso que era melhor ter como amigo.

Tinha perdido o emprego e as primeiras semanas passei junto aos meus pais, eram longas as horas onde a tristeza estava presente. Minha mãe a percebia, apesar de eu fazer de tudo para camuflá-la. Creio que minha mãe viu desenhado em mim o futuro que eu tinha pela frente, um futuro de foragido.

Encontrei um trabalho como representante de utensílios para máquinas de ferramentas graças ao diploma de operário especializado em mecânica que consegui estudando de noite por três anos... No começo não ganhava muito com este trabalho mas, ao fim de um mês, utilizando a constância que é parte de minha natureza, consegui um montão de clientes. O trabalho de representante de venda de produtos era dividido em zonas da província de Milão, a mim confiaram uma bastante afastada de meu povoado. Me deram um pacote de clientes que eu visitava regularmente. Em pouco tempo me dei conta de que alguém da mesma empresa de representação se metia em meu território, vendendo o mesmo produto pelo mesmo preço. Tal intromissão estava proibida pelo regulamento da firma e evidentemente prejudicava meu ganho mensal, o que me obrigou a comentar com o superior... que me respondeu que “não tem problema, tu faz o mesmo com os demais, se mete em seus territórios e já está solucionado”. Caralho, que tipo de empresa é essa? O mundo empresarial era assim, nada novo. Não durei muito trabalhando para eles porque em pouco tempo, e tal como havia previsto minha mãe, tive que escapar porque um “arrependido” (um cagueta) soltou meu nome para o Juíz, minha detenção era iminente e eu parti em fuga. Uma fuga que durou dezesseis anos.

Fazia uma semana que tinha preparado uma mochila com tudo que poderia necessitar. A notícia de que um arrependido estava falando não foi inesperada, sabia que cedo ou tarde alguém, para evitar uma

pena longa, cantaria. O governo italiano havia aprovado algumas leis que favoreciam o arrependimento para combater o fenômeno guerrilheiro, muitos se beneficiaram obtendo descontos importantes sobre a condenação em troca, houve casos de arrependidos que confessaram ter matado dez pessoas e que pagaram menos de seis anos de cárcere, em troca haviam delatado mais de duzentos companheiros/as. Tais arrependidos/as eram mantidos escondidos nos presídios de todo o país, em módulos isolados onde ninguém, exceto os funcionários, podiam aproximar-se. Ao terminar a pena, lhes era dada uma documentação falsa, um posto de trabalho e em alguns casos cirurgia plástica, para ser mais difícil sua identificação ante a eventualidade de que um dia cruzassem com um/a antigo/a companheiro/a. Meu primeiro delator (porque em minha história levo uns quantos) era um verdadeiro lixo, me viu uma só vez e sem estar de todo seguro confessou que um dia eu tinha emprestado a ele uma bolsa cheia de armas, eu não o conhecia mesmo mas ele disse que sim... e as palavras de um delator naquela época em meu país valiam mais que a de um promotor.

Quando soube com certeza a história do cagueta, não pensei duas vezes e dei a fuga. Não tinha documentação falsa, nem um lugar onde me refugiar. Saudei minha mãe com um abraço e prometi que voltaria logo, a meu pai fiz a mesma promessa : menti aos dois, só voltei a vê-los seis anos mais tarde, mas para minha irmã a mentira foi ainda maior, nunca voltei a vê-la, até a data, já vão vinte e seis anos. Me afastei de casa quando fazia noite, era inverno e fazia muito frio nas ruas do povoado. Mas o frio que levava dentro pela imprevista solidão era ainda maior (março de 1980).

Em todo aquele tempo de cárcere e regresso ao povoado a luta armada não havia parado, enquanto que algumas organizações como os P.A.C. se dissolveram em consequência das detenções e da individualização da maior parte de seus militantes.

As lutas nas prisões tinham se incrementado. No dia 2 de outubro de 1979 os presos do macro-cárcere da Asinara em Cerdeña decidem desmantelar aquele presídio especial. Depois de uma noite de lutas com explosivos, tiroteios e luta corpo-a-corpo, a prisão é demolida.

1979, em 16 de dezembro em Nuoro (Cerdeña), dois pastores comunistas morrem nas mãos dos carabinieri, são Francesco Masala e Giovanni Mario Bitti.

Em 1980, em 12 de fevereiro as B.V. matam o vice-presidente do Conselho Superior da Magistratura, Vittorio Bachelet.

1980, em 21 de fevereiro é detido em Turin o militante das B.V. Patricio Peci, em consequência de seu arrependimento há uma onda de detenções em toda a Itália. Sua colaboração permite descobrir um esconderijo onde os carabinieri efetuam uma emboscada, quatro companheiros encontraram a morte. A vingança das B.V. não se fará esperar e em 18 de março em Roma matam Girolamo Minervini, a ponto de ser eleito Diretor Geral de Instituições Penitenciárias. Em 12 de maio de 1980 em Mestre, atacam mortalmente o diretor da DIGOS, Alfredo Albanese. Em 19 de maio atentam mortalmente contra um acessor regional da Democracia Cristã em Nápoles, Pino Amato. Em 12 de novembro em Milão, a coluna Walter Alasia mata o dirigente industrial da FIAT, Renato Briano. Em 12 de dezembro em Roma, sequestram o Juíz Giovanni D'Urso, diretor do III Despacho de Instituições Penitenciárias, em resposta ao tratamento dos/as presos/as e pelo fechamento do duríssimo Centro Penitenciário de Asinara (Cerdeña). Seguindo a campanha contra os cárceres, matam em Roma, em 31 de dezembro de 1980, o general dos carabinieri Enrico Galvaligi, responsável pela coordenação das medidas de segurança nos cárceres especiais e considerado máximo responsável pelo ataque efetuado em 29 de dezembro por parte do grupo especial dos carabinieri (G.I.S.) para retomar o controle do Cárcere de Trani (sul do país), amotinado durante dois dias (Roma, 31 de dezembro de 1980).

O sequestro do Juíz Giovanni D'Urso termina em 15 de janeiro de 1981 com sua libertação e com o fechamento do cárcere especial de Asinara. Seguirão logo o sequestro do engenheiro da Alfa Romeo, Sandrucci, o do político de Nápoles, Cirillo, o ataque mortal ao irmão do arrependido Peci, o sequestro do engenheiro e diretor do polo petroquímico de Mestre, Giuseppe Talierno, e em outubro o sequestro do general norte americano James Lee Dozier.

Em 7 de fevereiro William Waccher, que havia dado declarações à polícia, é abatido em Milão por um grupo de militantes da Prima Linea.

Em 22 de fevereiro, em Roma, o companheiro Valerio Verbano é assassinado pelos fachos.

Em 12 de março o grupo Compagni Organizzati in Volante Rossa eliminam o facho Angelo Mancina.

Em 16 de julho em Roma, um policial municipal mata com um tiro uma jovem de 21 anos, Alberta Battistelli. Esta morte desencadeia uma revolta dos/as vizinhos/as contra os policiais municipais.

Em 2 de agosto em Bolonia, massacre da estação da cidade com

uma potente bomba fascista; oitenta e cinco mortos/as e duzentos/as feridos/as.

13 de novembro em Frosinone dois militantes do Movimento Comunista Revolucionário são abatidos pelos carabinieri em um tiroteio, se tratam de Claudio Pallone e de Fausto Genoino.

Em 11 de dezembro em Milão, dois militantes das B.V. - Coluna Walter Alasia- Walter Pezzoli e Roberto Serafini são abatidos por um grupo Especial dos carabinieri de Antiterrorismo. Recebem a informação por parte de um arrependido.

1981. Em 5 de julho em Marghera (Venecia); aparece o corpo sem vida do engenheiro Giuseppe Taliercio, diretor do polo petroquímico de Mestre. As B.V. Haviam o sequestrado em 22 de maio de 1981.

Em 1 de dezembro em Vicenza, o Collettivi Politici Veneti fere o médico do presídio da cidade, Antonio Mundo.

Em 4 de dezembro ataque à prisão de Frosinone.

Neste ano, 1981, um grupo de militantes provenientes de algumas organizações combatentes formam os C.O.L.P. (Comunistas Organizados pela Libertação Proletária) com o propósito de realizar uma rede de ajuda aos/às militantes clandestinos/as e pela libertação dos/as presos/as. O ponto de partida desta formação foram algumas reflexões comuns, como o compartilhar opiniões que ampliariam o campo de visão para realizar ações armadas com a finalidade de libertar e ao mesmo tempo infundir entre os/as companheiros/as mais esperanças de continuidade na luta. Deste modo, os/as companheiros/as que formavam este peculiar grupo decidiram que levariam a primeira ação atacando o presídio de Frosinone (próximo a Roma) para libertar um companheiro condenado a uma longa pena.

A prisão de Frosinone estava situada quase no centro da cidade. Vista por fora apresentava um aspecto lúgubre, que se acentuava por suas quatro guaritas desde onde alguns funcionários armados vigiavam. Os altos muros que a rodeavam escondiam o sofrimento dos presos e dificultava avistar algo do exterior. O lugar não permitia que se ficasse muito tempo estacionado porque o perigo de ser controlado pelas forças de segurança era constante. Tivemos que nos alternar continuamente para poder recolher informações sobre os movimentos em torno do cárcere.

Ao fim de seis meses de longa preparação se decidiu o plano de ataque. Dividimos as tarefas. A mim ficou a cobertura desde o exterior, que consistia na proteção dos meus companheiros. Fiquei encar-

regado desse papel porque eu era o companheiro que mais experiência tinha no uso e manejo do fuzil de assalto.

Passava o tempo e chegou o momento em que não se podia esperar mais. O companheiro preso corria o risco de ser transferido de uma hora pra outra devido à eficaz política de dispersão colocada em marcha pelas Instituições Penitenciárias com o fim de dificultar qualquer tentativa de fuga. Certo era que não faltavam cadeias seguras para onde podiam transferi-lo, o que faria quase impossível qualquer libertação. A ação planejada não seria fácil. Se tratava em passar pela entrada de comunicações e, dali, através de uma pequena porta que se encontrava na sala onde os familiares entregavam os pacotes de roupa e comida, adentrar as dependências interiores. A sala de espera estaria provavelmente cheia de gente... Homens, mulheres, crianças, os familiares e amigos/as dos/as presos/as. Três homens e uma mulher estariam fortemente armados sob os muros da prisão. Eu ficaria fora, próximo do carro roubado, para assegurar a saída dos companheiros uma vez finalizada a operação. O perigo principal podia se apresentar sob a forma de um carro patrulha, que normalmente estacionava muito perto da entrada. Também tínhamos localizado uns três indivíduos á paisana, com cara de carabineiros, tranquilamente sentados em um Alfa Romeo de grande cilindra-da, habitualmente usados neste tipo de vigilância. Corriam tempos difíceis devido à onda de ataques armados às estruturas e indivíduos do entramado político e penitenciário, com isso os mercenários do Estado estavam treinados para matar e andavam armados com metralhadoras Beretta M.12, pistola Beretta 92S. E colete á prova de balas. A possibilidade de um enfrentamento com eles nos angustia-va, supunha um perigo mortal. A coisa estava feia. Por fim, chegou o momento da ação.

O quatro de dezembro amanheceu frio. No decorrer da manhã o sol saiu suavizando um pouco nosso alterado estado de ânimo. Era uma sensação estranha. Difícilmente poderia descrever o mundo interior dos meus companheiros, apesar de que não acredito que fosse muito diferente do meu. Sentia a insegurança que acompanha este tipo de situações. Me perguntava de vez em quando... E se o carcereiro não abre a porta? Teríamos que levar explosivos para fazê-la estourar?... Com o ruído provocado pela explosão daria tempo de entrar no presíd-io e tirar o companheiro preso? Um sem fim de perguntas se entre-cruzavam em minha mente, provocando medos que não tinham razão de ser e aumentando exageradamente os que eram mais reais.

Chegamos por volta das nove da manhã, em um carro furtado uma semana antes. Aproximando-se ao presídio saí do veículo para continuar me aproximando a pé, enquanto meus companheiros se dirigiam ao estacionamento que ficava em frente a entrada do presídio e com numerosos carros estacionados. As visitas haviam começado e os familiares que ainda não haviam entrado se encontravam dentro ou fora dos carros estacionados, matando o tempo como podiam. Aparentemente tudo estava tranquilo. O movimento das pessoas e dos automóveis estacionados dificultava a localização da polícia, que conseguia se misturar com os demais transeuntes. No entanto, pudemos identificar o carro dos carabineiros parado em uma das esquinas da cadeia, na altura da guarita. Eram três a paisana, tal qual havíamos previsto. Enquanto meus companheiros estacionavam o carro, eu me situei em um lugar previamente eleito de onde podia ter uma visão global do cenário em que os fatos iam se desenrolar. Levava no cinto uma pistola semi-automática Colt calibre 45 e pendurado no meu ombro uma bolsa onde escondia um fuzil de assalto.

O medo acabava de desaparecer e tudo parecia um pouco irreal. Sem esforços, os sentidos se agudizavam ante a iminência da ação.

Meus quatro companheiros saíram do carro. Cruzaram a rua e se dirigiram até a entrada. Tudo transcorria muito depressa. Não podíamos nos permitir nenhum titubeio por medo de ser identificados. A companheira e um companheiro se aproximaram do funcionário encarregado e lhe entregaram um pacote com o nome falso de um preso. Enquanto isso, os outros dois companheiros do comando se misturavam com os visitantes... a ação havia começado!

Aproveitando um descuido momentâneo do encarregado da recepção dos pacotes, a companheira sacou uma metralhadora Sten e apontou para o funcionário através das grades. Estupefato, o carcereiro não acreditava no que estava acontecendo... “abra a porta ou vão morrer todos” gritou um dos meus companheiros aos demais guardas que estavam do outro lado da sala junto ao encarregado dos pacotes. Extrapolado pela situação, a este último não restou remédio que não abrir a porta de acesso ao interior. Uma vez aberta, e sem necessidade de ordenarmos, os carcereiros se atiraram ao chão com as mãos na cabeça. Como os familiares estavam atônitos, outro companheiro se encarregou de tranquilizá-los e, após uns instantes de pequeno tumulto, os demais entraram no interior do cárcere abrindo caminho com os funcionários á frente, os quais no começo se negaram á avançar e tiveram que levar um ou outro empurrão.

Na rua os minutos corriam muito depressa. Eu não perdia de vista as guaritas nem o carro camuflado dos carabineiros. Estacionado, detectei, á uns vinte metros, a presença de um carro suspeito com um condutor que me olhava muito insistentemente. Me inquietei e, após refletir uns segundos, decidi me assegurar que não se tratava de um policial. Caso fosse, seria impossível controlar a todos de uma vez em caso de tiroteio. Assim que fui até ele, saquei a pistola e um cartão de plástico, simulando que eu mesmo era um policial e tendo cuidado para que ninguém visse o que estava se passando, lhe disse “Polícia! Não se mova!”. O homem se surpreendeu. Perguntei o que fazia parado ali. Afinal era um dos tantos familiares que esperam seu turno de visita. Ainda que já estivesse convencido, por precaução me assegurei que não levava nenhuma arma escondida e tomei as chaves de seu carro. Enquanto isso, os/as companheiros/as avançavam pelos corredores do presídio, tomando cada vez mais carcereiros de reféns que, atemorizados e surpreendidos, abriam as cancelas sem protestar. Um gorducho, Chefe de Serviço, ao ver as armas se atirou tão rapidamente ao chão que sua enorme barriga ondulou durante algum tempo, o que mais tarde nos provocou frequentes gargalhadas. Em menos de dois minutos grande parte do presídio estava em nossas mãos, e uns trinta carcereiros tinham virado reféns, experimentando pela primeira vez a vulnerabilidade do preso.

Os/as companheiros/as avançavam neutralizando cada vez mais guardas, até chegar ao pátio onde estava o companheiro preso. O compa não nos esperava. A fuga havia sido adiada várias vezes e, ainda que nosso companheiro soubesse da possibilidade de nos ver chegar, não se podia imaginar que em breve seria livre. A surpresa era enorme.

Quando a porta se abriu, o compa estava fumando um cigarro. Se colocou de pé em um salto e a primeira coisa que perguntou foi se tinha lugar para uma amizade que se havia consolidado naquela prisão... obviamente, havia lugar para todos. As portas estavam abertas e a liberdade ao alcance de todos. Havia mais presos no pátio, era gente de segundo e terceiro grau. Estavam petrificados pelo medo e, sendo pouca suas penas, se negaram a fugir. Ninguém se moveu. Todos rechaçaram a proposta ficando no fundo do pátio. Os mais “perigosos” que estavam no pátio naquele momento eram nosso compa e nosso novo amigo.

Todos os carcereiros foram reunidos no pátio. Era curioso e ao mesmo tempo impressionante vê-los obedecer sem pestanejar. Tantos homens que passavam suas vidas dando ordens e, as vezes, torturando

peçoas, de repente, enfrentando uma situação em que seu uniforme e sua profissão não serviam para nada. Em um determinado momento, foi perguntado aos presos qual ou quais daqueles indivíduos os torturava abertamente. Nossa presença no interior dos muros nos permitia tomar certas liberdades. Ninguém respondeu.

Chegou o momento de sair. Só sobrava o caminho inverso, mas essa vez acompanhados do compa e de um novo companheiro.

Enquanto isso, eu seguia na rua á uns metros do carro que havia abordado fazia uns instantes. Os carabineiros continuavam na esquina. A movimentação no estacionamento era normal e tudo parecia se desenvolver conforme o previsto.

De repente os/as companheiros/as apareceram. A ação toda não durou mais que cinco minutos. Cinco minutos que passaram voando, ou pelos menos foi essa a impressão que tive. Os/as companheiros/as estavam junto ao compa recém liberado, no meio do grupo havia uma pessoa que eu não conhecia, supus que se tratasse de um novo companheiro. Cruzaram a rua em passo acelerado encaminhando-se para o carro, eu fiz o mesmo. Apesar do perigo não ter passado, desde aquele momento soubemos que a operação havia resultado em êxito. Os três carabineiros posicionados na esquina do presídio ainda não haviam percebido o ocorrido. Na rua tudo seguia aparentemente tranquilo, como quando chegamos. Nos metemos rapidamente no carro e arrancamos á toda velocidade, empreendendo a retirada previamente estudada. Com sete pessoas em seu interior, o veículo ia carregado no limite. Não havíamos previsto a fuga de um sétimo companheiro e não nos ocorreu pegar emprestado o carro cuja chave eu tomara do condutor. Atrás iam tão apertados que em caso de tiroteio não teríamos tido possibilidade de defender-nos. Por sorte não aconteceu nada e conseguimos nos afastar da zona. Mais de três mil carabineiros apoiados por helicópteros tentaram nos capturar nas horas e dias seguintes, mas não conseguiram nos prender.

A notícia se espalhou tal qual sopro de liberdade em todos os cárceres do estado, provocando gritos de júbilo, autênticas festas e, em alguns casos, verdadeiros motins. Houve petições ao Parlamento italiano para demitirem o Ministro da Justiça e o responsável das Instituições Penitenciárias pois o escândalo foi enorme e as forças “de ordem” do estado ficaram humilhadas. Nós, já em um lugar seguro, brindamos com cerveja, saboreando a liberdade e o calor de estar entre companheiros/as, soltando gargalhadas de felicidade.

Outra ação dos C.O.L.P. foi o espetacular ataque a prisão de Rovigo (norte da Itália) que mencionarei brevemente. Em 3 de janeiro de 1982, um carro bomba carregado com 15 kg de explosivos explodiu diante dos muros do presídio abrindo uma brecha e permitindo a evasão de quatro companheiras ali detidas. O guarda armado da guarita que em um primeiro momento ficou sem sentido devido a explosão se recuperou e começou a disparar com sua metralhadora ferindo o pé de uma das companheiras. Por sorte, a fumaça da explosão não permitiu ao guarda acertar com mais precisão. Aquele dia as coisas não saíram muito bem, a onda expansiva da deflagração alcançou um transeunte, Angelo Furlan, á muitos metros de distância, que morrerá por um infarto. Em um comunicado a organização pedirá desculpas pela inesperada morte acrescentando que antes da explosão havia isolado a rua dos transeuntes que se encontravam próximo do lugar da explosão; foi imprevisível que a morte de Angelo Furlan (pensionista) tivesse lugar a uns trinta metros do lugar da explosão e fora da vista dos/as companheiros/as.

Em 21 do mesmo mês, um grupo dos C.O.L.P. assalta um banco. Em um controle dos carabinieri em uma estrada a quatorze quilômetros de Siena, os militares param um ônibus onde iam os companheiros que antes tinham assaltado o banco. Os carabinieri começaram a checar um a um dos passageiros, quando viram uns jovens os convidaram a descer do ônibus para revistar seus pertences; nesse instante o companheiro Lucio saca a pistola que tinha escondida no cinto e dando disparos certos alcança mortalmente dois carabinieri. Um destes, armado com uma metralhadora e que tinha o dedo no gatilho de sua arma, apesar de ser acertado na cabeça, em um ato reflexo aperta o gatilho e com uma rajada alcança o companheiro Lucio di Giacomo, matando-o instantaneamente. Seguirá uma perseguição espetacular, que se concluirá com a detenção dos demais componentes do grupo. Um dos detidos denunciará graves torturas. Nos dias seguintes mais companheiros/as cairão na armadilha dos carabinieri devido aos arrependimentos de um dos máximos responsáveis do grupo.

Em junho de 1982, Rocco Polimeni se suicidará com um tiro na cabeça em um campo da periferia de Milão, esse militante não era um arrependido, em uma mensagem encontrada em seu bolso escreveu: “Sou Rocco Polimeni, sou um companheiro, um comunista”, ao que parece a decisão de tirar a própria vida foi por uns conflitos com alguns militantes de sua organização. Os C.O.L.P., apesar das baixas em suas fileiras, seguiram a luta e alguns perderão a vida, como Gaetano Savia, um simples simpati-

zante do grupo armado, assassinado pelos carabineiros em Milão; e Ciro Rizzato, em um assalto em 15 de outubro de 1983, Paris.

Nos primeiros meses de 1984, com a detenção dos/as últimos/as militantes, a experiência da organização C.O.L.P. termina.

O uso da tortura como método para tirar informações dos/as militantes detidos/as virou o método de interrogatório habitual de carabineiros e policiais. Estavam amparados pelo Sistema Jurídico e Político com um descaramento total, sob a justificativa de proteger com todos os meios a “democracia” ameaçada pelos grupos terroristas.

Foi por conta de algumas detenções que me vi obrigado a abandonar, pela segunda vez em minha vida, o lugar onde vivia. Poucos sabiam onde eu estava escondido; um destes, um companheiro que apreciava muito, revelou meu esconderijo aos carabineros. O pior de tudo foi que para este indivíduo não foi necessária a tortura para que falasse, um par de bofetadas foram suficientes. Isso foi o que mais me doeu. Compreendia, e sigo compreendendo, que sob uma tortura atroz se pode ceder. Se houvesse acontecido isso o teria perdoado sem pestanejar, mas com só umas bofetadas, isto NÃO!, não a ele, de maneira nenhuma. Quando soube de sua detenção fiquei tranquilo em minha toca, conhecia o companheiro muito bem e confiava cegamente nele. Hoje sei que não se pode confiar cegamente em ninguém, há de se ter sempre um olho aberto. Por mim, teria ficado em casa e os carabineiros teriam me pego ou algo pior... me matado. Mesmo tendo informações de que os/as companheiros/as detidos/as eram sistematicamente torturados/as, eu fechava os olhos convencido de que o compa, apesar das torturas, teria o bico fechado sobre meu paradeiro, e me equivocava. Porra, e como estava equivocado! Graças a presença de um querido e leal companheiro nos fomos, depois de uma noite inteira de discussões conseguiu me convencer (não foi nada fácil, sou bastante teimoso e quando tomo uma decisão não volto atrás). Mas seus argumentos me convenceram “vamos porque ninguém pode saber até que ponto se pode resistir a tortura, é uma medida cautelar, se depois de uma semana não acontecer nada voltaremos, tomemos como umas férias”. E assim foi, preparei uma mochila, algum dinheiro e saímos. Mas para onde? Não tínhamos previsto um segundo lugar, e naquela época alugar era muito complicado para foragidos/as. A única opção para escapar da perseguição policial era encontrar refúgio no país vizinho, França, que sob a presidência de François Mitterrand, permitia que os refugiados políticos italianos não fossem incomodados, desde que se mantivessem a margem da difusão de propaganda política no

país. O problema era como chegar ao país gaulês. Não tínhamos documentação segura, ficava descartado passar pelas fronteiras; a única opção era cruzar as montanhas, improvisando na marcha como fosse possível. Apesar das dificuldades conseguimos, estávamos a salvo e foi um grande alívio. Já longe do meu país continuava olhando os acontecimentos com tristeza. Era fevereiro de 1982.

1982. Em 27 de Abril desse ano, em Nápoles, há um atentado mortal por parte das B.V.- P.G. (Partido da Guerrilha) contra o assessor regional da Formação Profissional, Raffaele Del Cogliano, e seu motorista.

Em 24 de maio de 1982 em Vecchiano (P.I.), Umberto Catabiani, militante das B.V. (Partido Comunista Combatente), é abatido pelos carabineiros com uma rajada de metralhadora enquanto tentava, ferido, escapar em um ciclomotor depois de uma perseguição.

Em 15 de julho em Nápoles, as B.V. (Partido da Guerrilha) matam o vice-delegado de polícia, Antonio Ammanturo, e seu motorista.

Em 31 de julho de 1982 em Milão, morre no hospital da cidade o militante das B.V. (Coluna Walter Alasia) Stefano Ferrari. Uma patrulha formada por dois homens e uma mulher do controle de imigração da Polícia Nacional suspeitam dos companheiros que estão sentados em uma mesa, lhes apontam com suas pistolas e tiram a bolsa de um dos companheiros para revistá-la, frente a reação deste os policiais disparam acertando Stefano na cabeça; os outros companheiros ficam gravemente feridos também.

Em 19 de agosto de 1982, Roma, as B.V. (Partido da Guerrilha) atacam a central de rádio-transmissões militares da Aeronáutica, roubando armas.

Em 26 de agosto de 1982 em Salerno, as B.V. (Partido da Guerrilha) atacam um comboio militar para roubar as armas. No tiroteio com um carro patrulha da escolta policial morrem dois agentes policiais desse corpo e um militar da quinta.

Em 21 de outubro de 1982, em Turín, as B.V. golpeiam mortalmente dois guardas da Mondialpol (seguranças privados) que prestavam serviço no Banco de Nápoles.

Em 12 de novembro, em Milão, o militante das B.V. (Coluna Walter Alasia) Mauricio Biscaro é assassinado pelos carabineiros.

Entre novembro e dezembro de 1982 são detidos os últimos militantes das Brigadas Vermelhas (Partido da Guerrilha), terminando com eles a experiência de luta dessa organização, que decidiu se separar das B.V. oficial que restavam.

FRANÇA EM 1982

Longe do meu país, pensava em como voltar logo, mas era impossível, a onda de arrependimento arrasou com os poucos lugares seguros que ainda restavam e espalhou o medo entre os/as companheiros/as.

Foram anos difíceis para todos/as, eu segui em minha teimosia, sem entender o fenômeno do arrependimento... como demônios era possível que alguém que compartilhou anos de luta contigo, arriscando sua vida por um ideal e um sonho, pôde te trair de um dia para o outro? Isso não entrava em minha mente. Recordo que apesar das informações oficiais que tínhamos, nós, os/as sobreviventes, tardamos meses em dar razão á quem, com provas nas mãos, dizia que nosso arrependido, Pedro Mutti, tinha cantado sem receber uma tortura.

Foi um golpe tremendo do qual não me recuperei ainda. Faz pouco descobri o testemunho de um companheiro que escreveu um livro, em um capítulo trata de entender o comportamento insólito de um personagem que conheceu no cárcere. Seu relato é uma experiência interessante para encontrar a chave de uma realidade que nos tocou viver. Tenho sérias suspeitas de que o arrependido do qual se fala é o mesmo que me traiu ou alguém muito próximo a ele. Não estou de todo seguro, estou averiguando, não me agrada coisas que não posso provar, ainda que tenha a dizer que, neste caso, o caráter e atitude do sujeito se aproximam muito das do traidor que com suas confissões me condenou á 27 anos e 6 meses de cárcere (ainda por pagar) e me obrigou a 16 anos de fuga. Querido leitor, com o que lerá na continuação abaixo terá, como eu, uma visão mais ampla da complexidade do ser humano, algo misterioso que apesar dos meus anos ainda não consegui entender, algo obscuro que, as vezes, é impossível penetrar e descobrir a tempo.

“Na manhã seguinte desci ao pátio e corri imediatamente para abraçar os velhos companheiros; beijos e abraços em todos e depois começaram a me contar tudo o que tinha acontecido na minha ausência, sobretudo a chegada desses novos companheiros todos muito jovens que os velhos companheiros consideravam muito infantis e inexperientes acabavam de ingressar no cárcere e não conheciam ainda o funcionamento de seus mecanismos, além disso, existiam rumores de que entre eles estavam pessoas suspeitas que tinham sido detidas por acusações de arrependidos e que no interrogatório com o magistrado admitiram algo ou tudo, confirmando assim os arrependidos, ainda que sem dar nomes ou acrescentar outras coisas e depois haviam outros que se arrependeram e depois arrependeram-se de terem se arrependido e se redimiram.

Notava todas as tensões e contradições da nova situação porque antes o clima do cárcere era o clima de uma comunidade, onde existiam excelentes relações de fraternidade com esses recém chegados. Os problemas efetivamente eram gordos porque muitos deles tinham histórias absurdas, era a última geração de combatentes todos muito jovens e todos tinham uma biografia semelhante, não tinham tido nenhuma experiência de movimento em parte porque agora o movimento tinha sido varrido, por isso a experiência foi a leitura de alguns documentos distribuídos clandestinamente, de algumas frases pintadas nas paredes, uma faixa em um viaduto e depois, talvez, um homicídio imediatamente nas primeiras ações e depois a detenção por causa de algum arrependido.

Viviam uma debandada tremenda, porque agora já não tinham nenhum projeto político e fora os companheiros que lhes restavam eram agora pequenos grupos que só tentavam escapar assediados, perseguidos por toda a Itália, por carabineiros e policiais mas também ali na cadeia, conservavam tenazmente seus vínculos associativos de clã, de grupo que eram para eles como vínculos familiares, eu perguntei sobre o novo companheiro da cela em frente a respeito de que na noite anterior me haviam feito sinais de não lhe falar e me disseram que era um dos detidos de umas semanas antes, eu havia acompanhado pela televisão sua história e sua detenção e a do restante de seus companheiros feridos, fugitivos por campos e bosques uma cena de caça maior, com a perseguição dos carabineiros em helicópteros e a cavalo depois de um assalto que lhes saiu mal os capturaram e sucedeu que este foi torturado e sob tortura falou e mandou ao cárcere outros companheiros seus, que agora também estavam ali no mesmo presídio. Ele durante a primeira semana ficou na cela não desceu ao pátio seus companheiros tiveram que pactuar discutir com os demais e lhe aliviaram, dizendo que o torturaram, deu nomes mas somos nós em todo caso que temos que dizer algo porque nós estamos no cárcere, porque ele deu nossos nomes mas como falou sob tortura e a nós também torturaram, ainda que nós não tenhamos falado compreendemos perfeitamente o que fez sendo assim ao final de uma semana de discussões aqui e ali se decidiu que podia baixar ao pátio e tudo estava solucionado.

No pátio o clima estava mudado, não se jogava mais o futebol, se converteu em uma situação neurótica de discussões intermináveis na qual cada dia se apresentava o problema de um, que talvez era um infiltrado um infame etcétera e existia em todos os cárceres o debate sobre o arrependimento e sobre a tortura que havia se convertido na regra para todos os que capturavam. Então os companheiros daquele que havia sido torturado e falado lhe disseram que convém que essa experiência se escreva e circule, ele tomou a coisa com vontade e passou uma semana escrevendo este documento, no momento que devia entregá-lo para que eu o lesse, disse que tinha pensado melhor, que assim não o agradava

que tinha que fazê-lo de novo, passaram vários dias o redigiu de novo e o fez circular entre seus companheiros e a seus companheiros lhes pareceu perfeito.

Mas depois decidiu tirar de circulação este escrito e depois, um dia desceu ao pátio reuniu todos com uma cara incrível muito tenso, muito nervoso, chamou todos os seus companheiros, nós não entendemos que merda passava o que estava acontecendo. Chamou e reuniu seus companheiros em um ângulo do pátio e se pôs a falar com eles, mas nós vimos que quando ele terminou de falar, eles não se puseram a discutir deixaram ele terminar e saíram todos imediatamente e o deixaram ali só sem dizer-lhe nada se foram.

Perguntamos aqueles com quem ele havia falado e soubemos que tinha dito a seus companheiros que nunca o haviam torturado, senão que só haviam-no ameaçado com a tortura e ele então tinha se assustado e falado. Deu os nomes sem ter sido torturado, todos ficamos petrificados a coisa era gravíssima nesse momento, porque estávamos em pleno debate sobre como frear a expansão do arrependimento e acontece uma história dessa e aí estão todos os que acabaram no cárcere por causa desse, que foram torturados realmente e que não falaram, enquanto ele que só foi ameaçado tinha cantado enfim era uma bagunça uma verdadeira bagunça.

(..)não mataram este, uma vez lhe deram uma quantidade de porradas e o obrigaram a ir para o isolamento e ficou por isso mesmo em relação a ele(...)"

Nanni Balestrini "Los invisibles". Editorial Anagrama 1988, página 235.

Na França não tinha um apartamento onde me esconder, a única solução que encontrei foi me hospedar em um hotel barato onde, ao contrário do meu país, não te pediam documentação. O lugar era o fim da picada, o proprietário trancava as portas á partir das dez da noite e se chegasse atrasado, ficava do lado de fora. Naquele hotel não se podia levar gente que não se hospedasse nele. Não se podia nem sequer comer. Um dia, cansado de comer sanduíches nos bares próximos, comprei uma panela, prato, utensílios e um pequeno butijão de camping, para cozinhar eu mesmo um bom prato de macarrão de vez em quando. O cheiro do molho atraiu a atenção do proprietário, que soltando impropérios subiu as escadas em busca do quarto responsável pelo aroma que inundava aquele pestilento hotel. Bateu na porta com fúria mas eu não abri e sim o mandei a merda em meu idioma (ainda não falava francês). Parece que não foi difícil pro cara captar o insulto em italiano "vaffanculo stronzo", que não difere muito do francês "vas te faire futre". Virou uma fera e ameaçou chamar a polícia se eu não abrisse a porta em seguida. Me dei conta naquele instante o que me tinha acontecido, a polícia era o pior que podia me

passar estando eu foragido. Abri e me desculpei como pude e para ser perdoado lhe dei de presente uma garrafa de vinho italiano que tinha guardada com muito zelo. O cara, bom bebedor, a aceitou de bom grado me dizendo em voz baixa que não tinha porque sua mulher se interar disso, “ne dites rién a la enculé de ma femme!!” “Não se preocupe” respondi, “fique tranquilo, mas me permita terminar a comida quase feita”, “bem”, respondeu e se foi escondendo o presente em baixo de sua camiseta suja.

O dinheiro que eu tinha ao fim de um mês começou a escassear, com as últimas notas que tinha guardado para as emergências me inscrevi em uma academia de artes marciais. Estava entediado, necessitava fazer algo para me manter em forma. Naquela academia que me inscrevi tinha um pouco de tudo, desde aulas de karatê, Savate, judô, boxe inglês... escolhi o full-contact por haver praticado em meu país. Como não tinha nada para fazer o dia todo, passava as manhãs e tardes treinando na academia, sem faltar nenhum só dia as aulas que o professor dava. Em pouco tempo consegui um bom nível, minha técnica de luta não era lá muito espetacular (como se pedia no full-contact), mas era eficaz e isto era argumento suficiente para atrair a atenção entre os semi-profissionais que frequentavam o lugar. Logo me acolheram, eram garotos jovens “de boa família” que trabalhavam em negócios, bares e restaurantes de propriedade de seus pais. Aquele ambiente me interessava porque estava procurando trabalho. Minha simpatia fez o resto, me propuseram treinar com eles como sparring (lutador de treinamento) em troca de algum trocado, aceitei com entusiasmo. Logo correu o boato de que naquela academia tinha um italiano que não era muito bom, mas que em troca segurava bem os golpes que recebia. A verdade era que aguentava bem as circunstâncias porque me convinha, mas os golpes os encarava de mau humor! Os suportava. Em que nível cheguei, um revolucionário no meu país, procurado por ser um perigoso terrorista?, a cada golpe que recebia me sentia humilhado por aqueles moleques de merda que só viam em mim um saco de boxe com licença para bater. Tanta era a humilhação que sentia que nunca revelei aos demais companheiros meu trabalho sujo, que algumas vezes, me vendo com a cara inchada, faziam perguntas, mas sempre encontrei uma desculpa para tampar os hematomas do meu rosto. De escravo da fábrica me tranformei em escravo de lutas... que progresso! A única coisa que podia fazer era aguentar pois não tinha outra opção para ganhar um pouco de dinheiro. No entanto, sabia que meu caráter resistente aos golpes me teria botado

em maus lençóis. Minha agressividade natural se tinha imposto nas circunstâncias. No full-contact, como em todas as Artes Marciais, há um regulamento, regras de jogo que a presença do árbitro faz respeitar com rigidez. A minha, sempre tinha sido a briga de rua, onde não há regras fixas, aprendi assim brigando com os fachos e quando leva isso no sangue, sai pra fora sem possibilidade de controle. Um dia o treinador me meteu em um grupo de semi-profissionais e, como eu não era muito bom no estilo do full-contact, sobrou para mim treinar com uma moça que se apresentava às eliminatórias do campeonato regional, suponho que o treinador me escolheu porque eu era de nível inferior e desta maneira possíveis acidentes devido aos golpes se faziam mais difíceis, entre uns/umas e outros/outras. Essas rixas eram muito frequentes entre os/as semi-profissionais. As vezes ocorria que batiam tão forte que depois se apresentavam no campeonato com uma ou outra lesão, coisa muito prejudicial para se conseguir uma vitória ou pelo menos uma boa pontuação; o adversário não deixava escapar a parte do corpo dolorida e ali era onde insistia. O treinador falou com a garota (uma guerreira amazona de muito cuidado, mais alta que eu), escutei ele dizer a ela “tenha cuidado com este que não está no seu nível”. Mas ela, apesar da advertência do treinador, se fez de desentendida e começou a bater pesado. Tinha uma rapidez muito difícil de evitar nos golpes de perna, principalmente em longa distância; apesar de saber, não podia deixar evitar tomar (os golpes) cada vez mais. Um desse golpes me alcançou em cheio na cabeça, com tal força que cai no chão... NOCAUTE... Ali, caído no chão, perdi a consciência. Não sei se algum de vocês já provou a experiência de um nocaute, é prazerosa, resisti além da conta a recobrar a consciência, tiveram que usar uns sais especiais de amoníaco, tão fortes que impactam no teu nariz como um soco. Ao despertar me dei conta de que estava todo mundo preocupado ao meu redor, ela, a guerreira, se mantinha a parte, me olhou com uma cara de desafio e a ouvi dizer que “se mec la il ne vout rien” (esse cara não vale nada) isso era demais! E prometi me vingar o mais rápido possível. Me deram uma semana de licença, era o regulamento, quando se recebe um nocaute as prescrições médicas proíbem subir no ringue e treinar por uma temporada. Quando por fim voltei á academia, a guerreira estava ali, sem mostrar ressentimento algum a saudei como a todos os demais. Ao não haver, aparentemente, mal entendidos, o treinador ordenou mudar de par e permitiu que uma vez mais eu lutasse com ela. Pedindo mais atenção que da última vez, por parte da garota, mas que

nada! A figura estava ocupada comigo, parecia algo pessoal que eu não me sentia responsável, ela era uma complexada e quando acontecia lutar com homens aparecia seu instinto de mulher amarga. Bastou começar, investiu com seus golpes secretos, que já não eram mais tão secretos para mim. Quando a vi chegar com seu típico chute, quebrei o regulamento, agarrei sua perna e enviei com todas as minhas forças um chute frontal no abdômen, na zona que rodeia o umbigo, ao ter a perna agarrada a queda era inevitável, com tão má sorte para ela que, ao não soltá-la, acabou rompendo alguns ligamentos do joelho; a gravidade foi tal que não pode apresentar-se para as eliminatórias do campeonato regional. Fui expulso da academia no mesmo instante que levavam a guerreira para a enfermaria. Utilizei métodos de luta não permitidos na modalidade do full-contact, uma falta muito grave tendo em conta o dano que provoquei, uma torpeza anti-esportiva que deixava em suspenso meu futuro na especialidade marcial. Um mês depois, ao tentar ser admitido no clube, tive que passar por uma espécie de julgamento onde os membros da sala eram todos treinadores/mestres das distintas especialidades marciais que ali se desenvolviam, os quais me perdoaram. Visto os antecedentes de falta de respeito da guerreira comigo. Apesar da absolução, ficava evidente aos olhos dos treinadores minha manifesta agressividade. Os amigos, no entanto, estavam do meu lado e sua aprovação do meu comportamento não me estranhou em nada visto que também tiveram que lutar com a moça e não lhe tinham nenhum carinho.

Segui frequentando o ginásio, o treinador tinha me separado dos demais, só podia lutar com os amigos (os que me pagavam para fazê-lo). Um dia apareceu entre eles um moleque arrogante muito corpulento de uma categoria superior á minha, me perguntou se podia treinar comigo quando um árbitro dirigisse a luta, sabia do meu mau humor. Os demais se encarregaram de comentá-lo mas ele quis demonstrar a todos sua superioridade. Fixamos os parâmetros do combate, a quantidade de assaltos, o tempo de descanso, etc.. e lutar! O escroto começou a me dar forte e, além disso, era muito bom, seus punhos eram tão potentes que apesar de pará-los com as luvas me empurravam, devido a força do impacto, para a corda. De relance vi os olhares preocupados dos amigos e algumas risadas de alguém que havia regressado, a guerreira. Me vi em apuros, e o medo fez me subir uma esquizofrenia, como não podia com ele com meus punhos e chutes, aproveitei um erro seu e meti uma devastadora cotovelada na altura da sombrancelha direita, abrindo nele um profundo corte. O

sangue transformou sua cara em uma máscara vermelha. Inútil dizer que os golpes de cotovelo estão proibidos, o árbitro parou o combate por nocaute técnico. Ganhei minha luta especial mas perdi para sempre o direito de entrada em todas os clubes do país, por comportamento anti esportivo e agressividade manifesta. Como tinha me inscrito no clube com uma documentação falsa isto não me preocupou muito. Com outro documento falso, em nome de outra pessoa, podia entrar em qualquer ginásio de artes marciais, isso sim, treinando incógnito com os sacos por minha conta, se acabaram as lutas!

Passaram alguns meses nos quais não conseguia encontrar emprego. O fato de estar em um país (único na Europa) onde se tolerava a presença dos procurados pela “Justiça” em seu território não me permitia a ilegalidade, além disso, estando em um país que não é o teu, tudo é diferente, desde o funcionamento estratégico da polícia até a organização dos bancos. Não me restava outra opção que não o trabalho informal e mal pago com horários fodidos. Encontrei labuta em diversos restaurantes (escondido nos antros mais obscuros das cozinhas, pronto para escapar pelas portas secundárias ao menor sinal de chegada dos inspetores de trabalho). Aquilo tudo era uma merda, mas não tinha outra opção. Um dia enquanto limpava o local depois do horário de fechamento, escutei uma conversa animada de uns clientes que tinham ficado um pouco mais a portas fechadas. A quantidade de álcool que tinham tomado os fazia falar além da conta, sem querer escutei seus problemas. Pelo que parece, se tratava de um cara que não havia se apresentado no encontro combinado e o dinheiro que tinham que entregar-lhe seguia incomodamente em suas mãos. Era dinheiro que queimava, como se costuma chamar o dinheiro sujo. Me aproximei com muita discrição dos tertulianos, me desculpando antes de tudo por não ter podido evitar escutar a animada conversação. No princípio ficaram surpresos já que pensavam que ninguém prestava atenção em suas palavras, lhes tranquilizei em seguida argumentando que, quem sabe eu não poderia substituir seu homem. Acrescentei que minha situação no país era difícil, sem especificar de que se tratava, deixando que suas fantasias fizessem o resto. Não me importava a procedência do dinheiro (excluindo as drogas). Houve um instante de silêncio, se olharam entre eles e me perguntaram que garantias de confiança eu poderia oferecer. “Bem”, lhes disse, “trabalho aqui fazem alguns meses, o patrão do lugar poderá confirmar, em mais de uma ocasião manejei o dinheiro do caixa sem que nunca faltasse um centavo. Em outra ocasião encontrei uma carteira com dinheiro

que pertencia á uma cliente e a entreguei a sua legítima proprietária; ainda que tenha, não posso lhes dar mais provas. Esta é uma oportunidade para vocês e para mim e isso é tudo o que lhes posso oferecer”. Adiantei que se, se tratasse de drogas (voltei a repetir, para o caso de não ter ficado claro) não entrava no assunto, o transporte de dinheiro me ia bem, mas as drogas em absoluto não. Me olharam escandalizados “nós não pertencemos a este tipo de negócios, somos comerciantes e nosso problema é converter nosso dinheiro em moedas de outros países sem que a fazenda nos apanhe”.

Se tratava de passar a fronteira e trocar o dinheiro em francos suíços e depois, uma vez trocados, metê-los em uma conta bancária daquele país. O perigo consistia em passar a fronteira, porque uma vez na Suíça, trocar o dinheiro não era nenhum delito, nem sequer estava contemplado em seu código penal. No entanto, comprar moeda em seu país pode ser perigoso se a quantidade ultrapassa um certo limite. Ali estava a amolação, perguntei de quanto dinheiro se tratava. Quando disseram a cifra dei um salto: uns 4 milhões de francos franceses de uma vez, no mínimo, me responderam. Posto em uma mochila o volume e o peso eram bem consideráveis, mas uma vez convertidos para francos suíços em notas de mil, estes cabiam comodamente em meus bolsos, sem acentuar muito. O mais seguro era passar a fronteira esquiando através das passagens fronterizas que haviam previamente me assinalado. Ainda que não muito bem, sabia esquiar, só ficava no ar um assunto por solucionar “quanto cobraria?”. 10%, me responderam. Ou seja, 8 milhões de pesetas por cada viagem, duas vezes por mês, enquanto durasse o inverno. Estávamos em princípio de novembro. A coisa prometia, e aceitei encantado. Antes de estreitarmos as mãos, me preveniram “se fugir com nosso dinheiro, te mataremos”, “me parece correto” respondi “eu faria o mesmo com vocês”.

No dia seguinte peguei uma licença temporária no restaurante que trabalhava. Os comerciantes me encontraram muito perto de uma loja de esportes de inverno, compraram um macacão de esqui especial feito sob medida, botas e esquis de uma marca caríssima, a melhor que oferecia o mercado mundial, naquela época. Me fizeram memorizar uns números de umas contas bancárias onde depositaria o dinheiro, se tratava de um banco onde o diretor era amigo deles. Tinha que cumprir uns horários, se a uma hora determinada não tivesse depositado o dinheiro em suas contas bancárias, soava o alarme, que consistia em avisar a gendarmaria suíça de que um italiano com minhas características físicas circulava sem permissão e armado em seu país.

Suiça é um país pequeno, um estado policial. Sabia que se rouba um carro, no dia seguinte aparece nos periódicos nacionais, na notícia do roubo se detalham marca, modelo, cor e placa e assim fica todo mundo sabendo. Tive a impressão de que aquelas ameaças eram um blefe que inventaram para me assustar, mas fizeram um efeito real em mim. Era o seguro deles para que desistisse de qualquer tentativa de escapar com seus 80 milhões. Estando foragido em um país policial não era nada conveniente. Os comerciantes não podiam imaginar a pouca vontade que eu tinha em fazer-lhes uma armadilha, nas viagens de ida e volta passando a fronteira entre França e Suíça me proporcionaram muito dinheiro em pouco tempo. Parei de trabalhar nos restaurantes e aluguei um apartamento. Tudo ia bem, uma parte do dinheiro enviava a um ou outro companheiro que continuava preso. Enviava aos seus familiares ou advogados. Era minha forma de estar presente em uma realidade que as circunstâncias tinham me obrigado a abandonar.

Enquanto isso, na França, me proporam tentar regularizar minha permanência, legalizando-a, visto que a maioria dos refugiados italianos o tinham feito. Mas havia um problema, para os que como eu estavam acusados de delitos de sangue, o possível acordo com o governo de Mitterrand não estava de todo claro. Não confiava! Os responsáveis pelo Ministério do Interior francês tinham a intenção de ter em suas mãos uma lista com o nome de todos os italianos refugiados políticos que tinham encontrado refúgio em seu país para que, em caso de detenção policial, terem a possibilidade de ordenar sua soltura em poucos dias. O certo é que não foi mentira, em muitas ocasiões tanto a polícia quanto a gendarmeria (não estavam nada de acordo com a política permissiva a favor dos refugiados italianos), colocavam o governo socialista em apuros, detendo caprichosamente estes e outros companheiros que os serviços de informação italiano detectavam no país “gaulês”. Então, apesar dos protestos e da pressão midiática de direita, a equipe do Ministério do Interior socialista, com muito valor, punha em liberdade o refugiado detido sempre que este figurasse na famosa lista. Agora bem, se não figurava, o assunto era mais problemático, porque podiam te enviar ao cárcere por uma longa temporada até esclarecer o que fazia na França para ganhar a vida. Se descobriam uma ilegalidade, te condenavam segundo seus códigos e leis, ficando (inicialmente) descartada uma extradição à Itália. Eu preferi seguir vivendo na clandestinidade, não me agradava mesmo entrar em uma lógica de compromisso com as instituições

de qualquer governo. Parecia com me render e declara-me vencido. Ainda que nunca se tenha chegado a uma definição firme, os que não queriam problemas com as autoridades “gaulezas” tinham que buscar um trabalho remunerado ou montar um com seus próprios meios econômicos. Também tinha que facilitar o endereço de onde vivia e, por último, estar de acordo com a dissociação, ou seja, declarar o abandono de qualquer tipo de luta armada e o afastamento definitivo dos grupos armados. Logo soube que o coletivo de refugiados/as italianos/as e alguns presos/as em meu país pediam minha opinião sobre a dissociação. Não precisei pensar muito, estava em liberdade e não podia julgar os/as que estavam presos/as, que já haviam entrado em uma dinâmica de dissociação. Dar a minha opinião desde uma perspectiva privilegiada me parecia uma hipocrisia. Tomar uma decisão tocava só aos/as companheiros/as que estavam pelo trabalho de se dissociarem. Esta era única e pessoal, ninguém podia interferir, eu só podia dizer qual era minha decisão, as dos demais era assunto seus. Fiz saber aos/as companheiros/as que não me rendia a nenhum tipo de governo, que não me dissociava de nada, e que, se houveram erros no passado, a partir de agora só os utilizaria para não voltar a repeti-los, reafirmando que a prática armada é uma forma de manifestar o contra-poder, necessário e indispensável para os povos... Homens e mulheres que lutam para mudar a realidade de um presente que não lhes pertence, terminei meu posicionamento desejando a morte para todos/as os/as arrependidos/as e caguetes do mundo.

Eu tinha e sigo tendo as idéias claras sobre minha vida. Ao mesmo tempo respeito as decisões de rendição dos demais, mas não tenho nenhum respeito por quem traiu seus/suas próprios/as irmãos/irmãs para evitar a prisão. Para mim, a guerra ao sistema seguia em frente. Para a maioria dos/as companheiros/as que protagonizaram os anos de chumbo na Itália já fazia tempo havia terminado. Este era meu cartão de apresentação aos/as que pediram minha opinião. Não metia os/as arrependidos/as e dissociados/as no mesmo saco, há um abismo entre o comportamento de uns/umas e de outros/as. O/a arrependido/a é um canalha sem mais, o/a dissociado/a foi e continua sendo um/a companheiro/a, que devido às circunstâncias prefere mudar de estratégia, mas não de rumo. Foi por esta razão que ajudei economicamente uns/umas quantos/as destes/as que necessitavam. Os/as que pensávamos da mesma maneira representávamos os chamados irredutíveis (ou seja, os que não se rendem).

Está claro que se as autoridades francesas me detivessem com esta “carta de apresentação”, meu destino não poderia ter sido outro que o cárcere ou, pior ainda (visto que tinha delitos de sangue) me extraditariam para Itália sem piedade. Escolhendo uma vida na clandestinidade, que com o passar do tempo se converteu em uma verdadeira liberdade que não havia provado nunca antes na vida. Em um país onde fotos suas não aparecem em nenhum meio de desinformação é fácil estar escondido, alugar casas, inscrever-se em academias e até comprar um carro, sempre que dispuser da documentação necessária; e eu a tinha.

Chegando neste ponto, tenho que fazer uma declaração, a luta armada tinha mudado, pelos fracassos e o desmantelamento de grande parte das organizações armadas do meu país, estas fatalidades foram previsíveis por um certo número de companheiros/as que se afastaram das organizações clássicas, declarando encerrada a experiência histórica. Outros/as seguiram caminhando na mesma direção, perpetuando os erros estratégicos. Entre outros, o de não parar a tempo para recuperar a confiança de todos/as com ações menos sanguinárias e mais voltada para a recuperação da vida dos/as companheiros/as presos/as. Algumas organizações, entre elas os C.O.L.P., se especializaram neste setor particular da luta. Outros fatores, não secundários, foram o afastamento cada vez mais profundo entre o que sobrava do movimento e as organizações armadas que trabalhavam nos distintos setores sociais (fábricas, universidades, bairros, etc..) sem esquecer a nula preparação político-militar de muitos combatentes que entraram nas organizações armadas quase por jogo ou tédio, molecotes incapazes de aguentar a dura repressão em caso de captura. Estes erros os levaria irremediavelmente à destruição. Eu, por minha parte, escolhi seguir o caminho com os/as companheiros/as que compartilhavam minhas ilusões e sonhos. Para mim tinham se acabado os velhos e impossíveis desejos de poder para o povo. Simplesmente a minha se tinha transformado em um processo de amadurecimento na busca permanente pela reapropriação da minha/nossa vida, um lento caminho até a revolução em nosso/meu próprio ser, antes de poder pensar e estar preparado para fazer a revolução social para os demais. Não sei se está clara a definição que acabo de fazer. Me dei conta de que, ao não poder alcançar um sonho impossível, comecei a entender que talvez valeria a pena lutar por um sonho mais de acordo consigo mesmo e com os poucos que o compartilham. Se perguntariam, chegado á esse ponto de minha vida, visto os resultados negativos obtidos, valia a

pena seguir lutando por algo tão pouco definido. Porque não escolher uma vida mais tranquila e segura? Minha resposta a esta pergunta é que o que me impulsiona é uma escolha de vida, uma forma de ser, a intensidade em manifestar a luta depende de cada um. Há quem se define lutador adaptando-se às circunstâncias impostas pelo Sistema de domínio, entra em seu jogo e por fim acaba por abaixar a cabeça... outros/as não são capazes de suportar as injustiças na sua pele e na dos/as demais, nem sequer em uma ilha paradisíaca (creio que este é meu caso), este tipo de pessoas sempre encontrará o prepotente, o injusto, os poderosos, desejando lutar contra ele para sentir-se vivos. Eu fiz minha escolha depois de tantos anos, sei que no fundo o que tinha, o que sigo tendo dentro é a impossibilidade de compartilhar minha existência com situações que admite as injustiças. Vale a pena? Claro que sim! Não é nenhuma valentia ser assim porque está ao alcance de qualquer homem e mulher que se sinta prisioneiro/a de um Sistema que o obriga a viver na amargura e segundo suas éticas e seus códigos de comportamento. As vezes se tende a desbordar a figura de quem escolhe o caminho da luta pela liberdade, como se de heróis se tratassem, como se o fruto de sua decisão fosse determinado por uma catástrofe existencial e que somente uma heróica consciência revolucionária o permitisse superar todos obstáculos. Mais na realidade, hoje sei que é muito mais simples que tudo isso. Acontece de uma forma natural, por algo que leva dentro, pela vontade que se tem, pelos sonhos mais simples que se podem fazer realidade.

Enquanto isso em meu país seguiam os ataques ao sistema e paralelamente os julgamentos aos companheiros presos.

1983, 26 de fevereiro em Gênova, Sentença do Tribunal contra a Coluna Genovesa das Brigadas Vermelhas com 10 penas de prisão perpétua.

3 de maio em Roma, As Brigadas Vermelhas PCC (Partido Comunista Combatente) ferem ao membro do partido Socialista Gino Giugni.

Esta formação das BVPCC nasceu em outubro de 1981 em Padova (Norte da Itália) em uma reunião da direção estratégica, aonde se conclui a campanha contra o general do exército dos EUA, James Lee Dozier. Para evitar conflitos de paternidade na nova formação, decidem modificar as siglas chamando-se Brigade Rosse per la Construzione del Partito Comunista Combattenti. No transcorrer do sequestro do citado general dos EUA, esta formação difunde um escrito onde se

anuncia que um grupo de militantes da região do Veneto se afasta da organização criando a Coluna 2 de Agosto.

Devido a informação de um arrependido, no dia 28 de janeiro de 1982, um grupo especial da Polícia Nacional (NOCS) liberta em Padova ao general dos EUA sequestrado, quatro militantes são detidos e três deles são torturados. Com a colaboração do militante (arrependido) Antônio Savasta, nos dias seguintes são detidos em todo o país centenas de militantes. Em maio de 1982, em Lucca, um membro da direção estratégica das BVPCC, Umberto Catabiani é assassinado pelos carabineiros. Ao terminar a campanha contra o general dos EUA, as BVPCC difundem um escrito onde por primeira vez se fala em retirada estratégica. Se apresenta como um amplo debate e reflexão entre as demais formações do movimento e, sobretudo entre as demais agrupações da mesma linha operativa, BRWA (Brigate Rosse Walter Alasia) e BRPG (Brigate Rosse Partito Della Guerriglia). Este debate sobre a retirada estratégica se articulará ao redor de três iniciativas armadas: o atentado contra um membro do Partido Socialista Gino Giugni em Roma, anterior ao atentado mortal contra o diplomata dos EUA, Leamon Ray Hunt, em Roma dia 15 de fevereiro de 1984, e o atentado mortal contra Ezio Tarantelli, docente de economia política e presidente do Instituto de Estudos Econômicos do Trabalho em Roma, no dia 27 de março de 1985.

Anteriormente, no dia 14 de dezembro de 1984 em Roma, morria o militante das BVPCC, Antônio Gustini, enquanto tentava assaltar um carro-forte da agência de segurança Metro Security Express, o tiroteio com os seguranças, provocou a morte de Antônio. A mesma organização BVPCC, junto às Frazioni Armate Rivoluzionari Libanesi reivindicam em conjunto a eliminação do diplomata dos Estados Unidos, Hunt, responsável logístico das Forças Multinacionais da ONU em Sinai.

1985. No dia 9 de março em Trieste (Norte da Itália), o companheiro Pietro Maria Greco, pertencente ao movimento da Autonomia Operária, em Padova, é assassinado por dois membros do Serviço Secreto Italiano (SISDE) e por dois agentes da Polícia Política (DIGOS).

1986. No 10 de fevereiro em Florência, o ex-prefeito desta cidade, Lando Conti, homem da NATO e traficante de armas, é baleado mortalmente pela BVPCC.

No 21 de fevereiro de 1986 em Roma, a militante das UDCC (Unione dei Comunista Combattenti) Wilma Monaco, morre a mãos da escolta de Antônio da Empoli, chefe do departamento econômico da

presidência do conselho. A companheira perdia a vida enquanto participava de um atentado contra este economista.

1987. No 14 de fevereiro em Roma, no transcorrer de um assalto são abatidos dois agentes da Polícia Nacional. A ação é reivindicada pelas BVPCC. Novamente em Roma, no dia 20 de março do mesmo ano, as UDCC eliminam ao general da aeronáutica Licio Giorgieri, diretor da seção de fabricação de armas e armamento aeronáutico e espacial.

As coisas na Itália estavam mudando em intensidade e ataques às estruturas e homens do entramado político, judicial e militar. Era um sinal evidente de que uns/as poucos/as seguiam tendo o apoio necessário para seguir lutando. Eu por minha parte, não perdia a esperança de voltar para começar uma nova luta, seguindo uns parâmetros distintos aos de antes, enfocados na liberação dos companheiros/as presos/as como única linha de ataque ao sistema. Não ia ser fácil, o acúmulo de circunstâncias que rodeavam o mundo da guerrilha, não permitia abrir uma brecha até um novo caminho de luta. O movimento em geral, se encontrava debilitado ideologicamente pela difusão exagerada entre suas filas do conceito derrotista das organizações armadas, manchadas por seus erros estratégicos, que favoreciam o arrependimento. Apesar de que as coisas estavam feias, eu seguia pensando em seguir lutando ainda que só, sem a ajuda e a colaboração de ninguém, se fosse necessário.

Para não perder o costume, decidi investir o dinheiro de meus ganhos comprando material eletrônico para a escuta das frequências de rádio de polícias e carabinieri. Consegui alugar um apartamento muito próximo à fronteira italiana e com umas grandes antenas comeci a escanear as frequências que o aparato detectava. Tardei mais de um mês em encontrar as frequências onde operavam as forças de ordem de meu país. Apesar de ter as frequências o problema consistia em que usavam, e seguem usando, um sistema de comunicação chamado KRIPTO, codificado e totalmente seguro. Quando está em funcionamento só se escutam ruídos, sem poder entender nada do que dizem. Este é e segue sendo um grande problema, de difícil solução, mas confio que num futuro as novas tecnologias possam resolver o assunto.

Também seguia treinando-me com armas de fogo de pequeno e grande calibre. Os dias livres, ia treinar com um amigo que tinha licença de armas nos bosques próximos.

A boa situação econômica que tinha com o transporte de dinheiro, me permitia gastar grandes quantidades de cartuchos aumentando minha capacidade e eficácia nos disparos a média e grande distância, nas curtas não tinha problema algum, seguia tendo boa pontaria e rapidez de fogo, sobretudo com pistolas semi-automáticas, fruto este dos muitos anos que passei treinando no campo de tiro próximo ao meu povoado. Um dia, meu amigo trouxe um rifle de caça maior Remington, com mira telescópica. Aquela arma era uma besta de grande potência, muito cara e difícil de botar no ponto. Quando o conseguimos, depois de ter gastado um montão de caixas de cartuchos, podia alcançar uma bola de futebol a mais de 450 metros de distância. A potência do cartucho era tal que quando a bala impactava em um galho de árvore do tamanho de uma haste de gol, este se partia em dois. Se conseguia comprar-me outro igual no mercado negro, seria perfeito para usá-lo em ações de guerrilha. Só tinha um problema, o ensurdecedor ruído do disparo. Pensei em adaptar um silenciador de fácil fabricação, para mim, experiente no manejo de máquinas, de ferramentas, consegui fabricar-me um, mas logo me dei conta que não era tão fácil como acreditava. A velocidade da bala ao sair da boca do cano superava os 800 metros por segundo, uns 2880 quilômetros por hora. Para que um bom silenciador seja eficaz, tem que reduzir o ruído da explosão uns 40% como mínimo e a única maneira era reduzir a velocidade da bala a 331 metros por segundo, uns 1331 quilômetros por hora, utilizando balas subsônicas que não se podiam encontrar no mercado. Tentei fabricar eu mesmo algumas mudando a pólvora do cartucho por outra de menos potência, mas os resultados foram decepcionantes, ao falhar a precisão da bala nas longas distâncias, assim que abandonei a ideia de utilizar aquele cano.

O trabalho de transporte de dinheiro seguia sua rotina. Um dia quando me dirigia a estação de trem, com a mochila carregada de notas, me dei conta que as entradas estavam tomadas por controles de polícia. Não havia forma de acessar às instalações sem passar previamente pelos controles. Não me estranhou muito, o esperava, sabia que cedo ou tarde, montariam um dispositivo de tal envergadura. Visto a campanha de atentados aos trens da França. Não tive outra opção que regressar ao meu refúgio para guardar a mochila e logo ir a toda pressa a alertar os proprietários de que a viagem não havia podido realizar-se pela presença policial em todas as estações da cidade.

Isto representava um problema de difícil solução. Toda a operação se baseava, como de costume, em uma série de contatos que vigiavam

a fronteira, que não podiam ser avisados sem que, devido ao atraso, eles não se pusessem nervosos e abandonassem o lugar do encontro comigo, estabelecido previamente. A única solução que ficava para não faltar ao encontro, era conseguir um meio de transporte rápido, para poder rivalizar com um trem. Descartado de antemão o carro, devido às quilométricas filas do fim de semana. O único que podia competir com um trem, era uma moto e os amigos comerciantes tinham uma potente Suzuki, uma das mais rápidas do mercado. A mim as motos sempre me haviam apaixonado, mas nunca tinha pilotado nada que superasse os 500cc, e uma grande cilindrada como aquela, era outra galáxia, além disso, seu proprietário a comprou de um técnico de motos de corrida. Os carburadores haviam sido substituídos por outros de maior tamanho, o que não fez mais que aumentar em mim a preocupação, a qual me guardei bem de manifestar frente aos demais. A coisa era preocupante mas não havia outra saída. Me conseguiram um macacão de motoqueiro, de uma medida duas vezes maior que a minha, mas era inverno e fazia muito frio, não ia nada mal levar roupa por baixo que enchesse os buracos de um traje demasiado grande. O capacete, aliás, representava um verdadeiro problema, não me cabia para nada, se movia demasiado, era inseguro. Seu proprietário tinha um cabeção enorme e uma medida assim não se podia adaptar a uma cabeça como a minha. Sendo um sábado, todas as lojas especializadas na venda de capacetes, estavam fechadas, não havia lugar algum onde comprar um a medida. Nos olhamos como idiotas um bom tempo, sem encontrar soluções, ir sem capacete ficava totalmente descartado ao estar proibido e sancionado pelos agentes de trânsito, que fazer? Me ocorreu a ideia de que me acompanhassem os amigos com seu carro pelas ruas da cidade, em busca de um motoqueiro de minha medida disposto a vender-me seu capacete por um maço de notas. Não era uma jogada fácil, os motoqueiros adoram seus capacetes e suas motos mais que a si mesmos, mas o dinheiro soluciona tudo. Íamos de carro, olhando por todos os lados e passando pelos lugares onde costumam fixar seus pontos de encontro os amantes das duas rodas. Quando por fim avistamos a um que era perfeito, lhe demos caça pisando no acelerador. O pobre, ao dar-se conta, acelerou a fundo com sua moto, uma esportiva. Seguramente suspeitou que nós éramos uns policiais lançados em sua perseguição, e ele tinha algo que esconder! Circulávamos atrás dele a mais de cento e cinquenta quilômetros por hora pelas ruas da cidade, sem conseguir alcançá-lo, apesar de termos um carro esportivo de grande cilindrada. O demos por perdido, não havia

forma de alcançá-lo. Seguramente topamos com um piloto de corridas, essa foi a impressão que tivemos, ao ver aquele cara tombar-se nas curvas, quase roçando o joelho com o asfalto. Bom, nos dissemos, vamos buscar outro, demos a volta e ao ter o tanque de gasolina na reserva, decidimos parar para abastecer em um posto de gasolina próximo. Deu a casualidade que ali estava nosso motoqueiro foragido, ele também havia ficado sem gasolina e a casualidade nos fez encontrá-lo no mesmo posto ainda aberto na zona. Ao ver-nos se assustou, tentou arrancar, mas lhe tirei as chaves do contato. “Não se preocupe, não somos policiais, só queremos comprar seu capacete, por que gostei muito, quanto quer?” Ao rapaz lhe pareceu uma piada, balançou a cabeça dizendo “Está bem! A moto não é minha, peguei emprestada de meu irmão sem seu consentimento, não tenho ainda a idade pra conduzi-la ” Ao que respondi “Sim, mas o faz muito bem, de todas formas, acredite ou não, a mim isso não importa em absoluto, só quero teu capacete” e lhe meti em sua mão um montão de notas. Colocou-as nos bolsos, me entregou o capacete, eu suas chaves e nos despedimos com um aperto de mãos. Enquanto se afastava, o olhei de rabo de olho, seguia ainda balançando a cabeça com um olhar incrédulo e perdido no vazio.

Voltamos a toda pressa ao lugar onde estava estacionada a moto, em uma garagem, a tiramos, a enchemos de gasolina, medimos a pressão dos pneus, a tensão da corrente, lhe demos o arranque e... merda! Não arrancava, a bateria estava sem carga. Seu proprietário havia meses que não a utilizava por medo, em consequência de uma queda que teve sem gravidade. Por isso a tinha abandonada, a espera de um comprador.

Depois de várias tentativas, a base de empurrões, conseguimos botá-la a andar, grande ruído! Com seus quatro tubos em um, parecia um fórmula um.

Confesso que me deu medo subir em cima, e ainda mais ao acelerar . Em menos de três segundos aquela máquina alcançava os cem quilômetros por hora, com uma velocidade máxima muito próxima aos trezentos por hora.

Ao conduzi-la, me concentrei em não fazer cagadas, respeitando todos os sinais de tráfego, e me dirigi devagar a meu quarto. Recuperei a mochila, a amarrei fortemente ao assento de trás e me dirigi em direção a estrada até a Suíça.

Apesar da pouca experiência com motos de grande cilindrada, aquela Suzuki me dava confiança. Deitado sob seu tanque, o impres-

sionante era que não me dava conta à velocidade que ia. Para uma máquina assim, alcançar os 180 quilômetros por hora não representava nem a metade de sua potência.

Comecei a confiar demasiado na máquina, com o passar dos quilômetros percorridos, esquecendo a carga de dinheiro que levava em cima. Quando me dei conta do radar era demasiado tarde. O contador de quilômetros marcava os duzentos e vinte quilômetros por hora... me cago... e agora, o que? Me encontrava em uma estrada sem saídas próximas e já avistava desde longe o controle da polícia de trânsito. Um agente situado no meio da pista já fazia sinais para que me detivesse...impensável. Isto me haveria significado a cadeia.

Comecei a reduzir a velocidade, meti a segunda marcha da caixa de câmbios, puxei a embreagem e fiz como se fosse parar. No último momento, quando estava a poucos metros do policial, acelerei com tudo e a moto zumbiu como um foguete. Levantando-se sobre a roda traseira, me deitei sobre o tanque e engrenei em rápida sucessão as demais marchas... em poucos segundos o marcador dava duzentos e setenta quilômetros por hora. Aos carros os adiantava como se estivessem parados.

Aquilo resultava muito perigoso, um pequeno descuido e teria resultado fatal. Me dei conta da confusão que me havia metido, se não encontrasse logo uma saída daquela auto-pista. Não sei quantos quilômetros percorri a toda velocidade, sei que em uma ocasião adiantei como uma bala a um carro da polícia, que tentou uma perseguição. Sei porque logo de adiantá-lo, acendeu as luzes azuis de emergência, mas que se vá! Foi impossível alcançar-me, levava o inferno atrás de mim, e não tinha nenhuma vontade de parar. Pensei em parar a moto e dar-me fuga através de um campo, mas com um pesado saco não podia ir muito longe. Aliás, aonde iria? Tive sorte uma vez mais, uma placa me indicava uma saída próxima a menos de dez quilômetros. O problema consistia em que os policiais podiam estar me esperando. Enquanto pensava em que fazer e com concentração em pilotar sem erros a moto cheguei a saída... não havia ninguém! Havia percorrido a distância a tal velocidade, que a Polícia não deu tempo de mobilizar-se. Paguei o valor a toda pressa, sem esperar o troco me dirigi até uma estrada regional perto de um bosque, parei escondi a Suzuki e me deitei esgotado... Tremia todo o corpo e um suor frio me empapava a roupa interior, era inverno mas transpirava suor como se acabasse de sair de uma sauna... Maldito seja... Era um dia dos que era melhor não levantar-se da cama. Primeiro os controles na estação de trem, logo os

radares e a perseguição. Tinha o pressentimento de que ia terminar muito mal o dia.

Peguei a moto e de repente me dei conta de que havia cometido outra cagada. Tinha desligado o motor, esquecendo-me da bateria que não tinha carga. Confiava que tinha carregado por si só com o funcionamento do motor, mas me equivocava, a bateria estava morta. Teria que substituí-la por uma nova, por que de outra maneira, eu só não podia colocar-la a andar empurrando-a.

Escondi a mochila com dinheiro, tapei como pude a moto com folhas secas e galhos. Me dirigi ao povoado mais próximo.

A fronteira suíça segundo o mapa que tinha ficava ainda longe. O encontro com o encarregado de traçar o caminho pela passagem fronteiriça e entregar-me os esquis, botas e traje, estava marcado para o dia seguinte, domingo, as nove da manhã, se conseguia uma bateria nova, teria que viajar toda a noite e logo enfrentar-me o duro caminho entre as montanhas. Ia ser duro sem dormir.

No posto de gasolina do povoado, consegui uma velha bateria de uma moto de outra marca muito maior que a da minha moto, que não entrava no compartimento da Suzuki. Com a ajuda de cordas e cabos a amarrei de uma maneira ruim, mas posta assim, os bornes não chegavam aos fios de contato do arranque. Tive que comprar uns fios de bateria para solucionar o problema, amarrando-os ao redor do chassi para que não fossem um estorvo. O trabalho me levou um montão de tempo, demasiado! Se fez noite e viajar por estradas regionais sem conhecer o lugar era uma difícil tarefa, que não aconselho a ninguém. Não tinha outra opção, por estradas nacionais e autovias tinha medo de topar-me com algum controle por que não havia dúvida de que a policia estava agora em alerta, buscando-me.

Foi uma façanha chegar a tempo...estava desfeito pelo cansaço.

Houve durante o percurso, momentos de desespero, como quando atrolei a um pobre cachorro que me cruzou pelo caminho, não pude frear a tempo e o acertei em cheio. O impacto me desequilibrou, soltei a moto e caí de lado. Sorte a minha que não ia rápido, devido a escassez de luz nas estradas regionais. Ao pobre animal, lhe parti a espinha, berrando de dor tentou arrastar a metade de seu corpo que ainda ficara intacta, me deu vontade de chorar e chorei... Era muito parecido a meu Bill. Me aproximei e em seus olhos já se desenhava a morte. O que me destroçava além da visão, eram seus grunhidos que não paravam, busquei uma pedra para sacrificá-lo, mas não pude fazê-lo. Fiquei paralisado vendo-o morrer pouco a pouco. Que dia de merda!

A moto depois do choque ficou no meio da estrada, perdia gasolina e por um momento pensei que ia explodir junto às notas. Parei um carro e com a ajuda de seu condutor conseguimos levantar seus duzentos e cinquenta quilos de peso. Não tinha nada quebrado, depois de tudo, ainda sendo um dia de merda, minha boa estrela não havia me abandonado de tudo. Consegui chegar a tempo ao encontro, fazia um tempo estupendo quando passei a fronteira, uma vez mais tudo havia saído bem.

Ao mês seguinte me tocava outra vez a mesma tarefa. Para evitar problemas na estação de trem, tomei um ônibus, desta vez levava comigo aparte da mochila com dinheiro, também os esquis, as botas, o traje de esquiador, etc., para dissimular em caso de controles. Notei que os policiais não revistavam muito os que levavam seus esquis em cima, mas bem iam controlando aos que levavam bolsas e malas. Não houve problemas em toda a viagem, e mais, foi tão relaxado que me deu tempo de conhecer a uma preciosa garota que a sorte permitiu que seu acento coincidisse justo ao lado do meu. Ela ia esqui ao mesmo lugar onde eu pensava em passar a fronteira, ali a estava esperando um amigo, “nada comprometida a relação” me disse, “então se não é teu prometido, tenho talvez uma oportunidade de aprofundar em tua amizade”

Ao final marcamos encontro em um pequeno restaurante no dia seguinte. Lhe caí simpático e ela a mim. Me disse que o rapaz que a estava esperando tinha alugado um quarto num pequeno hotel ruim. “Bom lhe disse, hoje não posso ficar contigo mas amanhã vem comigo a um precioso chalé na montanha que tenho alugado e fica comigo todo o tempo das festas de fim de ano. Temos pela frente quinze dias com todos os gastos pagos... Ah, e o chalé tem uma fabulosa chaminé! Que me diz? ”... “Que sim... Me encantaria” me respondeu ela. Assunto arranjado, dois fins de semana em um lugar estupendo com muita neve, dinheiro, comida e uma garota impressionante. Que mais queria eu da vida!

Ao chegar, o tempo começou a piorar, nevava abundantemente enchendo de alegria os corações dos esquiadores que iam no ônibus. Quando o ônibus parou, todo mundo se apressou a baixar para pisar como crianças a branca toalha de neve, que cobria aquela estação de alta montanha. Eu fiquei um tempo mais sentado, despedi com um beijo demasiado longo os lábios da garota. O fiz de propósito para deixar bem claro minhas intenções com ela para o dia seguinte. Ao descer do ônibus, seu amigo estava ali esperando-a, não se deu conta

de nada, as janelas do ônibus estavam tampadas pelo bafo e não permitiam ver nada do exterior. Analisei o cara, não havia dúvidas, estava a altura da beleza da garota, me surgiram dúvidas sobre se ela estava me enganando. Com um cara assim por que ia dar bola pra mim? Sei lá! Já veremos amanhã. Não vou perder muito tempo esperando-a, se a meia hora não se apresenta, me mando a buscar outra.

Era um período de minha vida em que estava muito atirado com as mulheres, havia tempo que a doença que sofria, “timidez”, se havia ido para sempre.

Tomei um bom café da manhã antes de parar no chalé alugado, ali me abriguei com o traje de esqui, coloquei a mochila com o dinheiro e me fui até os teleféricos. Nevava sem parar, as pistas de esqui que iam até a fronteira estavam repletas de gente, eu seguia baixando a toda velocidade a inclinação, adotando a postura mais aerodinâmica possível para cortar o forte vento que soprava de lado. De repente vi ao final da pista uma linha escura, mas bem avistava uns pontos escuros que agitavam os braços fazendo sinais aos esquiadores que se dirigiam até eles. Eram policiais, um controle, a poucas centenas de metros da linha fronteira com a Suíça. Sem pensar, desviei meu caminho curvando brutalmente para a esquerda. A manobra não passou despercebida aos policiais que começaram a perseguição, os vi aproximarem-se rapidamente, peguei uma descida fora da pista, muito perigosa, passei ao lado dum pico de montanha, não demasiado alto e ao dobrá-lo caí na neve, que já alcançava um metro de altura fora das pistas esquiáveis. Confiava que o mal tempo e um pouco de neblina que havia se levantado teriam impossibilitado ver a manobra, e tive razão, os policiais passaram a meu lado a toda velocidade sem ver. Alí caído, me tapei ainda mais, só a metade de minha cabeça aparecia. O resto de meu corpo estava escondido e invisível sob a neve. De momento estava salvo. Nesta cômoda posição pensei de que maneira seguir o caminho. O alarme tinha disparado e os teleféricos estariam seguramente vigiados. Passar a fronteira andando era uma empreitada impossível, teria que subir uma ladeira de uma inclinação muito pronunciada com a presença de placas de gelo e sem um sapato com travas seria uma loucura. A única solução seria descer pelo mesmo caminho até a França. Mas também ali estariam me esperando ao pé das pistas. Me ficava uma única solução, esperar que passasse a noite às primeiras luzes do dia, voltar a seguir o mesmo caminho. Me surgiu medo ao instante, só de pensar. Conheço por experiência os rigores das altas montanhas no inverno a mais de dois mil e quinhentos metros de altura, onde a temperatura pode baixar a vinte graus a baixo

de zero. Meu equipamento não estava à altura como para afrontar um frio tão extremo. Tinha que tomar uma decisão e bem depressa. A perda de calor em um meio gelado é irreversível. A morte por congelação pode chegar em poucas horas, se não se encontra uma solução eficaz para se proteger do frio e do vento que, entretanto, havia aumentado de intensidade. Com a ajuda dos esquis comecei a cavar na neve e em pouco tempo consegui uma confortável toca de uma profundidade de um metro mais ou menos. Uma vez instalado com a ajuda de uma faca tipo Rambo (que sempre levava para essas travessias). Comecei a agrandar o buraco, expulsando para fora a neve que sobrava. Duas horas depois, quando o sol desaparecia a trás dos picos, o improvisado iglu estava pronto para passar a noite.

Tapei a saída com a mochila de dinheiro, deixando uns poucos centímetros para que circulasse um pouco de ar. Saquei tudo que tinha de comida, composto principalmente de barras de amêndoas (energéticas) e as comi de uma vez. O cansaço junto ao intenso frio, me deu uma fome atroz. Dei um par de goles ao pequeno cantil que levava comigo, cheio de aguardente. E igualmente a um urso em letargia, dormi.

Não passaram duas horas me despertei com uma intensa dor nas extremidades. Meu relógio com luz incorporada marcava as dez da noite, tudo a meu redor estava escuro. O silêncio era tão sepulcral que danificava os ouvidos, não se via nada. Nem sequer se ouvia o vento, que seguia soprando com força ali fora, parecia estar numa tumba, uma sensação de claustrofobia começou a invadir-me, acelerando as batidas do coração pelo medo. Voltei a dar um gole ao cantil, o álcool me dava calor mas meia hora depois voltava a tremer, outro gole e outro... Ao final o esvaziei e ainda o relógio marcava uma da madrugada. Me restavam pela frente mais de sete horas, antes que o sol saísse. Creio que ao final me embebedei, porque de repente uma curiosa sensação eufórica começou a manifestar-se. Mas me equivocava, já não tinha frio, estava bem e dormi.

A chamam “a doce morte branca” quando já não nota o frio, quando tudo te dá igual, está pronto para entrar no reino da eternidade. Sonhei com todos os momentos alegres e tristes de minha vida, a infância, minha mãe, meu pai, seus abraços, seus beijos, o carinho de todos os que havia querido ao longo de minha vida. Recordo uma voz insistente, a de meu pai que todas as manhãs me despertava para ir ao trabalho “Cláudio, não dorme, levanta-te...não dorme que já é hora”. Conhecia aquela sensação, estava morrendo!

Anos atrás, junto a um par de amigos ficamos enrascados no glaciário do Adamello, uma montanha de três mil quinhentos e cinquenta e quatro metros de altura, dos Alpes orientais italianos. Sob os pés dessa majestosa montanha, há um glaciário imenso. Em pleno verão nos alcançou uma tempestade de neve que nos fazia impossível seguir o caminho. O forte vento junto a nevasca. Fazia invisível as rachaduras de mais de trinta metros de profundidade sob nossos pés. As paredes dessas fendas estavam repletas de afiadas estalactites de gelo, uma queda ali garantia uma morte segura. Decidimos então por buscar um lugar onde esperar que passasse a tempestade, equipados com uma pequena barraca nos metemos, protegendo-nos do vento. Colados à parede da montanha, ali onde o gelo se solta da rocha, abrindo espaço suficiente para instalar uma barraca. Sem equipamentos, sem comida, sem luz e sem aguardente... nos juntamos um contra o outro para aguentar o frio. Não se podia dormir, de tempo em tempo saía da barraca saltando e fazendo flexões para gerar calor. Era obrigado a fazê-lo para evitar congelamentos.

Me dei conta de que os dois amigos haviam ficado adormecidos, pulando o turno que lhes tocava de fazer flexões. Me chateei e lhes gritei para que saíssem comigo. Não houve resposta de sua parte, conhecendo o perigo, chutei-os, mas nada, me mandaram tomar no cú. Aguentavam os golpes em lugar de despertar-se, incrível, entendi que se os houvesse deixado assim teriam morrido de frio. Assim que comecei a dar-lhes socos na cara. Bati tanto neles que aos dois lhes saía sangue pelo nariz, agarrei-os pelos pés e com grande esforço os tirei da barraca. Ao final consegui que dançassem comigo toda a noite a dança do sol... quando saiu o astro rei, a tempestade havia ido, estávamos vivos, mortos de frio, mas vivos.

Os raios esquentavam. Algo raro notei na parede de gelo azul que tínhamos justo em frente. Eram dois vultos fundidos na transparência do glaciário a muitos metros de distância. Tentei com a picareta abrir-me uma passagem para aproximar-me e ver melhor do que se tratava. Quando os raios de sol se fizeram mais luminosos compreendi do que se tratava... eram dois corpos humanos, dois soldados da primeira guerra mundial que haviam encontrado a morte ali, fazia mais de cinquenta anos. Soube logo que se tratavam de dois soldados italianos desaparecidos durante um bombardeio das baterias de canhões austríacos. Aquele dia morreram milhares de homens naquele glaciário, e nós sem saber passamos a noite junto a sua tumba.

“Não durma”... se ouviam as vozes de meu pai... “desperta, desperta”... “maldito seja, que estou fazendo, morrendo? Ainda não é minha hora! Que lhe meta no cu o frio, não será ele que me matará!” dei um chute na mochila que saiu da toca disparada. Com grande esforço saí do buraco, ainda era de noite e comecei a dançar como em sonhos. Não sei quanto dancei, só recordo que fiquei sem forças. Não podia mais e voltei a entrar na toca... os raios de sol me despertaram, era de dia, estava vivo. Tinha ganhado uma vez mais.

Esperei que comesçassem a funcionar os teleféricos quanto avistei os primeiros esquiadores descerem. Me juntei a eles como se fosse parte de seu grupo, alguém me perguntou algo mas não entendi nada do que me dizia. Só pude devolver-lhe um sorriso idiota. Eram alemães que iam a Suíça passar o fim de semana. Segui com eles até chegar mais além da fronteira, estava relaxado, me sentia tranquilo. Sabia que a polícia quando busca a alguém e não o encontra no dia sempre faz duas hipóteses: “ou conseguiu passar esse mesmo dia ao outro lado ou morreu pela noite”. Ninguém poderia imaginar, nem sequer eles, montanhistas experientes, que alguém poderia aguentar com vida uma noite registrada como das mais frias dos últimos dez anos. Segundo os jornais, a temperatura alcançou os vinte dois graus abaixo de zero.

Ao chegar no território suíço, troquei o dinheiro e o entreguei no banco a toda pressa. Se aproximava a hora em que se não depositasse o dinheiro nas contas bancárias tocavam os alarmes dos desconfiados comerciantes.

Em uma loja comprei um traje novo de uma cor berrante, totalmente diferente do que levava antes. Só guardei os esquis e as botas. Joguei fora a mochila e comecei a volta até a França.

Se me topava com um controle de fronteiras, ninguém poderia suspeitar que aquele esquiador era o mesmo que os policiais caçaram no dia anterior.

Estava acabado, não sei como pude aguentar tanto. Sem lugar a dúvidas minha resistência era devida ao intenso treinamento ao que me submetia diariamente, afastado como um monge, das festas com álcool e drogas.

Enquanto descia a inclinação sonhava com ir-me para casa e dormir três dias seguidos sem parar. Me lembrei do encontro que tinha pendente com a garota bonita, tinha esquecido que ia contar, estava feito pó e a vontade de fazer sexo havia ido embora. Dá igual se não posso essa noite será a seguinte. Desejei que não comparecesse no en-

contro, de qualquer forma, ali estava ela, linda com seus olhos verdes e seu longo cabelo negro. Ao entrar no pequeno restaurante se fez o silêncio, todos os olhares se dirigiram para ela. Os homens ali presentes, muitos deles acompanhados de suas esposas não puderam evitar ficar com a boca aberta, faltando-as o respeito com sua atitude. A mim não agradou nada todo aquele espetáculo. Eu que ia pelo mundo, tentando sempre passar despercebido, não via com bons olhos aqueles olhares. Me senti incômodo, mas ela me fez esquecer todo o meu mal-estar. Me confessou que antes trabalhava como modelo e estava acostumada aos olhares indiscretos. Se havia me escolhido é por que eu não tinha essa classe de olhar depravado. Em fim tudo saiu bem, o que logo passou no chalé que tinha alugado não é assunto de vocês... he,he!

Ao voltar das férias soube que os companheiros que estavam presos na Itália, alguns deles conhecidos, necessitavam de ajuda econômica para seus advogados e familiares. Não havia maneira de fazer-lhes chegar o dinheiro por outra pessoa, assim que decidi encarregar-me eu mesmo passando a fronteira clandestinamente, estava acostumado a passá-la esquiando, conhecia parte do caminho até a Suíça e dali devia buscar um lugar seguro para atravessar a fronteira italiana. Não ia ser complicado. O problema, entretanto, era uma vez em meu país, aí não tinha ninguém que poderia oferecer-me abrigo. Decidi por segurança, mudar a identidade uma vez mais e converter-me em cidadão suíço, o que me permitiria hospedar-me em hotéis e circular livremente pelas ruas como se de um turista qualquer se tratasse. Foi estranha a sensação de sentir-me estrangeiro em minha própria terra, para que fosse mais acreditável minha nova identidade, mesclava meu idioma com um sotaque estranho: suíço, francês... Mais de uma vez ri ao escutar o som de minha própria voz naquela estranha mistura de idiomas. Quando pior o passei foi ao sair de um restaurante em meu país, pelas onze da noite. Uma patrulha dos carabineiros se aproximou para pedir-me a documentação, nada raro, um simples controle rotinário, mas para mim, que estava sendo procurado, aquele imprevisto podia transformar-se em tragédia. Comecei a responder-lhes em francês com sotaque suíço, lhes entreguei a documentação que me pediram. Contive a respiração, sem que se dessem conta, quando passaram meus dados à central. O suboficial que ficou ao meu lado estava relaxado, começou falando-me em um correto francês (sorte a minha que dominava perfeitamente o idioma) dirigindo suas perguntas para onde havia nascido, que trabalho tinha na Suíça e que fazia por ali

“meu trabalho é de empregado de banco no escritório de câmbio de moedas estrangeiras. Estou aqui de férias e nasci na cidade de Genebra”. Como o controle por rádio tinha resultado negativo, me relaxei e convidei os componentes da patrulha a tomar um refresco, recusaram o convite por estarem em serviço mas agradeceram a amabilidade. Antes de despedir-se o suboficial me perguntou se meu país (Suíça) botava limites na quantidade de dinheiro que se podia comprar, a ele interessava comprar dólares, “não há nenhum limite”, lhe respondi “e mais, se vêm ao banco onde trabalho lhe farei uns descontos especiais no pagamento de comissões” . Lhe dei um endereço de um dos bancos mais grandes que conhecia, evidentemente um lugar onde nunca coloquei meus pés. Se foi mais contente que uma criança e eu ria de boca fechada. Com toda a confusão de idiomas e perguntas, o carabineiro se esqueceu de revistar a bolsa que levava cheia de dinheiro de todas as classes. No caso de que o tivesse feito, já tinha uma resposta que encaixava perfeitamente com meu suposto trabalho. Mas o mais importante desse desafortunado encontro foi que não me reconheceram.

Uma vez cumprida com a entrega do dinheiro para os/as companheiros/as presos/as, tive a brilhante ideia de visitar a meus pais que fazia seis anos que não via. Aquela ideia podia acarretar-me problemas, uma coisa é ir perambulando por cidades onde ninguém te conhece, e outra é ir pela cidade onde nasceu, fazendo-se passar por estrangeiro.

Tomei um trem e logo um ônibus, me camuflei como pude com um boné, na eventualidade de cruzar-me com algum conhecido de minha cidade, cheguei ao anoitecer, saltei ao recinto da propriedade de meus pais, que estavam dormindo. Quase lhes dá um infarto ao verem-me, não lhes havia avisado de minha chegada e a surpresa foi maiúscula. Fiquei escondido em minha própria casa uns três dias. Nem sequer apareci quando apareceu minha irmã, com meu sobrinho e meu cunhado, de visita. Saí de meu esconderijo quando todo mundo tinha ido embora, ficamos só meus pais e eu, como antes. Foram três dias de conversas sobre meu futuro, comidas caseiras, vinho, alegria e lágrimas ao ir-me. Como havia feito seis anos antes, ao despedir-me voltei a mentir, dizendo-lhes que logo regressaria pra casa de uma vez por todas, sem ter que esconder-me.

Antes de sair, quis visitar pela última vez a casinha de meu Bill. Fazia anos que estava posta num canto em uma esquina do galinheiro. Depois da morte do meu cachorro, ao aproximar-me, me pareceu

vê-lo ali, pronto para brincar comigo. Fiquei ajoelhado um bom tempo com o olhar fixo e vazio, sonhando com ele, até que a carícia de meu pai me despertou. Dei a meus pais o último abraço e me fui para sempre. Nunca mais voltei a minha casa.

Minha cidade seguia sendo a mesma, nada tinha mudado dos bosques e campos que rodeavam a aldeia. Só tinha alguma casa nova por aqui e por ali, apareciam pelo terreno como fungos no outono. Cruzei através do campo, não confiava pelas ruas da cidade. Cheguei à cidade próxima, onde paravam os ônibus que se dirigiam a Milão. Levava dentro uma imagem que se repetia uma e outra vez... meus pais chorando, isso me acompanhou durante toda a viagem até a França.

1987- Itália. No 27 de março em Roma, Ezio Tatarelli, economista, responsável do acordo entre governos e sindicatos, dos cortes nos pontos de contingência é abatido pelas BVPCC.

Ao regressar a França me pus em contato com os comerciantes, que entretanto, tinham preparado o dinheiro para uma nova entrega. O local escolhido para a passagem fronteiriça era um lugar tranquilo, que já conhecia. Ao chegar ao último teleférico, já em território suíço, notei um par de caras a paisana, que esperavam com esquis calçados, justo ao lado do teleférico, não lhes prestei demasiada atenção, pensei que estavam ali parados a espera de alguém. Mas resultou que eram guardas fronteiriços, algo de mim lhes havia chamado a atenção, me deram o “alto lá” e me convidaram a entrar em uma pequena cabana de madeira, soube depois que era seu posto de guarda.

Ao revistar a mochila, não foi difícil encontrar as notas, me revis-taram, não ia armado. Começaram com as típicas perguntas policiais: “De quem é o dinheiro? Que queria fazer com ele em seu país? Aonde ia?” “Olhe” lhe disse “O dinheiro é meu, estou em seu país para trocá-lo em francos suíços, isso representa um lucro para sua economia. Não é um delito trocar dinheiro na Suíça e não lhes fica outra opção que soltar-me”. Não engoliram o papo, mas sim começaram a suspeitar ainda mais, quando lhes apresentei a documentação italiana que levava, e claro, para um guarda fronteiriço suíço, todo italiano é um potencial delinquente ou mafioso, ou alguém que trabalha para eles. Suas suspeitas iam dirigidas ao tráfico de drogas, apesar que recusei ofendido essa acusação, os safados continuaram com o seu. Tomaram a decisão de levar-me ao quartel da Polícia da cidade mais próxima. Como era um longo caminho, pediram a intervenção de um helicóp-

tero. Aquilo começava a ficar feio, vista a teimosia dos guardas, tentei suborná-los. Lhes ofereci 1000 francos franceses se me soltavam, ao jovem guarda lhe pareceu bom, mas ao velho, típico policial patriota, nem falar, o tentei, mas não funcionou! E mais, piorei a situação. Visto que o helicóptero não podia elevar-se devido ao forte vento, decidiram levar-me andando, ou seja com os esquis colocados. Os muito tontos me obrigaram a levar em cima minha própria mochila de notas. A metade do caminho do teleférico tinha diante de mim ao mais velho e ao mais jovem a trás. Não pensei duas vezes e dei fuga, lançando-me pela inclinação voando. O vento que seguia soprando e a escassez de visibilidade me impediram ver uma profunda fossa...caí dentro, com tanto azar que rompi os ligamentos do joelho direito.

Estava acabado, não podia seguir escapando. Me agarraram sem problemas em pouco tempo. O velho guarda me apontou com sua pistola, ameaçando de disparar-me se voltasse a tentar escapar. O teria tentado, se não tivesse o joelho fodido. Me levaram ao quartel e começaram os interrogatórios com a presença dum juiz de guarda, um tipo simpático mas que não parou de perguntar o mesmo durante 10 horas. Não falhei uma só vez nas respostas. Minha documentação era perfeita, o nome falso que figurava no documento de identidade não tinha antecedentes penais e o melhor de tudo, não era considerado um delito trazer dinheiro para a Suíça, assim que em pleno respeito a suas leis, no domingo seguinte, 32 horas depois, me soltaram. Não podia acreditar! Estava livre e os havia enganado, mas guardaram os 4 milhões de franco e o documento de identidade. Só me deixaram a carteira de motorista e algo de dinheiro no bolso. Me fizeram prometer-lhes que na segunda voltaria a delegacia para a entrega de meu documento, ainda que tinham ficado com o dinheiro para averiguar sua procedência. Isso representava para mim um verdadeiro problema: “Que diria a seus proprietários? Acreditariam em mim?” . Com esses pensamento saí da delegacia e me dirigi ao hospital mais próximo, estavam avisados de minha chegada. Fizeram curativos no joelho, me deram uns anti-inflamatórios e uns calmantes. Ao sair aproveitei a presença de uma simpática enfermeira que com seu carro me acompanhou à cidade mais próxima em busca de um hotel onde passar a noite.

Na segunda, as 8 da manhã tinha um encontro com os policiais suíços, creio que ainda estão me esperando. Dei fuga apesar do joelho, comprei uns velhos esquis e passei a fronteira. Às 10 da manhã estava na França, isso sim, sem dinheiro e com um problema a mais. Não

tive impedimentos de fazer os comerciantes acreditarem em minha história, por que na semana seguinte do contratempo com os policiais, tinham me identificado. Meu nome e sobrenome saíram nos jornais, a promotoria, a polícia e os políticos italianos e suíços estavam irritadíssimos com o juiz que tinha me soltado. Se falava em demissões. Um escândalo sem precedentes em um estado policial como a Suíça. Eles, os mais eficazes da comunidade europeia, tinham deixado escapar a um perigoso terrorista, condenado a 27 anos de prisão. Uma vez mais minha boa estrela tinha me ajudado, parecia incrível aquilo. Me sentia como invencível.

O sorriso se acabou logo quando os policiais identificaram a procedência das notas. Segundo o informe pericial provinham de um dos assaltos mais grandes e espetaculares ocorridos no país gaulês, o Roubo do Século, o chamaram. Os assaltantes levaram mais de 88 milhões de francos, assaltando o búnquer do Banco da França. Naquele assalto segundo o comentado na mídia, houveram muitos reféns e um ferido, o responsável do banco, que recebeu um tiro, uma ferida superficial. Sem mais complicações os assaltante acesaram às instalações do banco por uma janela, muito cedo e surpreenderam em pleno sono ao responsável e a sua família.

Naqueles anos (1986) os socialistas perderam as eleições, e a direita estava no poder, dois ministros dos mais fachos estavam nos Ministérios do Interior e da Justiça (Pascua e Pandreau). Fui acusado de dito assalto, mas me dava no mesmo, uma pena a mais das muitas que já tinha, não podia amargurar-me a vida. Tampouco me amargariam os comerciantes, eles igualmente a mim, não conheciam a procedência do dinheiro, sua perda a compensariam de todas as formas, mas eu, perdi o trabalho. A França tinha se voltado perigosa para mim, estavam me buscando por um assunto de grande transcendência social. Uma coisa é assaltar um banco de propriedade privada e outra é roubar o dinheiro de propriedade do Estado. Isso se paga caro na França, com 30 anos de pena máxima. Se repararem na introdução, é uma pena que ainda tenho pendente, com possibilidade de um novo julgamento, já que quando me condenaram não estava presente na sala já que estava sendo procurado.

Ano de 1988- Itália, Forlí, 16 de abril: Roberto Ruffili, politólogo e conselheiro do político De Mita é abatido pelas BVPCC.

Ficar na França não era a melhor opção, tinha que ir-me daí o quanto antes possível. Espanha com seu mar, seu calor, sua gente... me atraiu e decidi sem rodeios passar a fronteira e dar uma olhada. Não falava o idioma, mas confiava na semelhança do espanhol com o italiano. Não ia encontrar dificuldades para entendê-lo. Quando cheguei gostei e fiquei. Aluguei um apartamento a poucos metros da beira do mar, passando ali longas temporadas desfrutando da beleza das falésias e fundos marinhos. Comprei material de mergulho, cumprindo com um desejo que desde criança alimentou meus sonhos, mergulhar. Passei uns bons momentos desfrutando da vida, mas os sonhos duram pouco... por isso os apreciamos tanto.

O dinheiro que tinha economizado, logo se acabou e diferente da França, onde sabia como ganhá-lo, na Espanha não ficava outra opção que voltar a minha antiga profissão, assaltar bancos. Bom, pra dizer a verdade, sempre há opções, mas estava cansado de bicos ou trabalhos semi-ilegais. Além disso o melhor que sabia fazer era assaltar, assim que... por que não seguir com essa nobre arte?

Na Espanha, as coisas sob esse ponto de vista não estavam nada mal, assaltar bancos a primeira vista, resultava muito mais fácil que na Itália. Comecei por comprar-me um carro e viajar pelo país vigiando uns quantos futuros objetivos. Um profundo estudo das frequências de rádio da polícia e guarda civil me permitiu detectar tudo o que necessitava para realizar bons assaltos.

Ao princípio me dediquei ao estudo do terreno e da geografia do lugar e logo a estratégia empregada na intervenção da Polícia Nacional em caso de assaltos a bancos. Isso o fazia na cidade mesmo onde tinha pensado em assaltar o escritório bancário. Logo me dedicava ao estudo da intervenção no território da Guarda Civil, que opera fora das cidades, estendendo em caso de assaltos uma rede de controles por estradas nacionais, provinciais e de rodagem. Passei uns quantos anos estudando detalhadamente a estratégia de intervenção militar dos Corpos de Segurança do Estado Espanhol com a ajuda dum scanner que tinha trazido da França. Chegado o momento, alugava um apartamento onde tinha detectado a entidade bancária, normalmente escolhia as grandes, entre 15 e 20 empregados por que costuma ter mais dinheiro. Minha estratégia de ataque consistia em abordar o diretor ou o encarregado quando estava abrindo a porta de acesso à entidade, nas primeiras horas da manhã. Os ameaçava com uma pistola e com muita discrição, sem que eventuais transeuntes reparassem. Uma vez nas instalações, os obrigava a desconectar todos os alarmes

e uma vez terminada dita tarefa, com muita educação os convidava a sentarem-se em sua mesa de trabalho como faziam todos os dias, a espera da chegada dos demais empregados e clientes. Eu me escondia atrás de uma porta ou de uma esquina de maneira que as pessoas que entravam no banco se dessem conta da minha presença quando já era demasiado tarde. Sem necessidade de apontar-lhes minha arma, lhes dizia: “Entrem por favor, é um assalto, não se preocupem, sou um profissional e gosto de fazer as coisas limpamente, sem violência, porém, lhes aviso de antemão, se algum de vocês aperta um alarme e aparece a polícia não duvidarei em utilizar todas as armas que disponho contra eles. Iria com todo o dinheiro do banco e para sair, utilizaria uns quantos como escudo, lhe colocaria uma touca-ninja na cabeça e abriria fogo contra a polícia que tivesse me rodeado... não sabendo quem é o assaltante quem é o refém os policiais abririam fogo contra todos/as e seriam eles os que lhes matariam”. Dito dessa maneira, sempre surgia o efeito desejado e ninguém tentava nada.

O controle das frequências policiais, além disso, me davam tranquilidade. As vezes no banco, ficava mais de uma hora, não saía dali até que não limpava todo o dinheiro aí metido, o que estava depositado na caixa forte, o que estava escondido dissimulado entre as caixas particulares dos clientes, o das máquinas distribuidoras (cada uma levava 5 milhões de pesetas mais ou menos). Em nenhum momento roubei dinheiro de propriedade dos empregados/as e dos/as clientes. Me refiro ao dinheiro que levavam em cima. O primeiro assalto me proporcionou mais de 20 milhões da antiga peseta. As demais entidades que assaltei entre 12 e 30 milhões. Na Espanha fui acusado de assaltar sete bancos, só o último em Córdoba teve vítimas e feridos em ambos bandos.

1992, Itália: Promulgado o Decreto de Lei que legalizará o artigo 41 bis, o equivalente ao regime FIES da Espanha.

1993 Barcelona, Espanha. 17 de março. O companheiro Ermanno Faggiani, militante da Coluna 2 de Agosto BV, cai morto num tiroteio com a polícia espanhola depois do assalto a um banco.

O ASSALTO EM CÓRDOBA

18 de Dezembro de 1996

São as cinco da manhã de um dia chuvoso, já levam dez dias sem parar de chover nesta cidade de Córdoba, na Andaluzia. Os dias de chuva são os mais indicados para assaltar. As pessoas no geral não prestam demasiada atenção ao assaltante que espera nervoso, na esquina do banco, a chegada do funcionário que abrirá a porta de acesso. A chuva e o frio encolhem o olhar dos transeuntes preocupados em não se molhar e não pisar as poças de água no chão.

Tudo está preparado, lentamente me desperto, ouço rumores nos outros quartos. Os demais companheiros, igualmente a mim, começam a se preparar. Com dificuldade coloco o colete a prova de balas de placas de titânio que pesa quatro quilos. Na bolsa ponho a pistola semi-automática 9 milímetros Parabellum Sig Sauber P.210. Espalhados entre os bolsos do colete de caçador que levo por cima do a prova de balas, ponho oito carregadores de oito balas cada um, o nono já está no pente da arma. No total, 73 cartuchos, contando com o do pente em outro bolso do casaco, levo um revólver S.W. de calibre 32, longo com 30 cartuchos de reserva. Em uma pequena bolsa vai uma metralhadora Madsen de 9 milímetros Parabellum com 2 carregadores de 30 balas cada um. Com tudo levo 3 armas, levo em cima três armas com 163 cartuchos, um verdadeiro arsenal ambulante. Ligo o scanner... tudo normal na cidade, aparte de algum ou outro acidente de trânsito, devido a chuva.

Me encontro com um companheiro na saída de um bar, desde onde se pode avistar a rua onde está localizado o escritório central do Banco Santander. O empregado que abrirá a porta de entrada não tardará em chegar... o tenho controlado desde várias semanas. Os minutos passam, o estômago encolhe... gosto desta sensação, a posso controlar, é a adrenalina que sobe, os sentidos ficam agudos, os músculos da cara se esticam, a cor da pele fica pálida. Ali, os dois a espera, sentimos medo sempre que alguém repare na gente... mas chove e as pessoas seguem passando ao nosso lado sem nos fazer o menor caso.

As 7 e 10, o empregado está se atrasando, vejo que já chegou o carro que roubei na noite anterior, um Fiat Uno. Dentro estão os dois companheiros do grupo encarregados de estacioná-lo no lugar indicado, mas não há lugar aí, a rua está repleta de carros. Não fica outra opção que estacioná-lo a vista, justo a poucos metros de onde nós estamos esperando. Mal negócio, não gosto de vê-lo estacionado aí, mas não há outra opção.

As 7 e 12 da manhã, aí vem o empregado, passa muito próximo a mim, o reconheço. Ele não se dá conta que o estou observando fixamente. Trato de perceber, com sua forma de andar, se esconde debaixo do casaco alguma arma de fogo. Mas me tranquilizei em seguida. Este homem não tem pinta de levar uma arma. Estas certezas são o fruto de muitos anos de experiência na observação, nunca me equivoquei, espero que esta vez tão pouco. O sigo a poucos metros de distância, não se dá conta da minha presença. Atrás de mim, o segundo companheiro segue meus passos, disposto a intervir ante a eventualidade de que o necessitasse, ainda que estando na rua, qualquer problema que surja com o empregado, seria fatal para o êxito do assalto. Mas tudo vai bem, o funcionário cruza a rua, espero que abra a porta de vidro do banco, e avanço sobre ele, empurrando-o para dentro, é o momento mais perigoso, ninguém tem que perceber. A rua está deserta, e meu compa me cobre as costas, controlando se alguém percebe algo. O empregado surpreendido não entende o que está se passando, o digo “é um assalto, desconecta rápido os alarmes”, sei que tenho menos de um minuto se o encarregado não desconecta rápido utilizando o código numérico de acesso posto justamente na parte interior da antesala. O figura segue sem entender, está assustado e não quer se mover. “Ei” lhe digo, “acorda, desconecta o alarme ou te dou um tiro” mas nada, segue paralisado lhe acerto levemente uma coronhada e me responde ao fim “o alarme já está desconectado”. Não o entendo, tem que ser um sistema que desconecta o alarme ao abrir as portas com suas chaves e eventualmente utiliza o código numérico, não sei... não me preocupo demasiadamente, se toca o alarme avisarão a Polícia Nacional e o captarei com meu escâner. Chegam os demais companheiros, já somos quatro, cada um no seu lugar a espera da chegada dos/as empregados/as. Estes, desconhecedores do que os espera, chegam sós, ou em grupos de dois ou três. Não há problema com eles/as, se dão conta do perigo uma vez dentro do banco. Estão enrascados, não têm escapatória. O único que podem fazer é obedecer as minhas ordens, sentar em seu lugar de trabalho sem tocar nenhum alarme (os advirto com as habituais ameaças). Tudo segue bem, chega o terceiro, o ordeno que abra em segundo lugar a caixa-forte que tardará entre 5 e 10 minutos. Não importa, teremos tempo, o banco agora é nosso, é como se fosse nossa própria casa, nos movemos com tranquilidade. Seguem chegando mais empregados/as, já temos mais de vinte reféns e faltam uns/as quantos/as mais. Ordeno que acendam as luzes para que de fora pareça um dia normal de labuta. A caixa forte se abre, há mais

de oitenta milhões de pesetas ali depositados. Uma vez esvaziada os companheiros dirigem a atenção às caixas de segurança particulares. Tem que quebrá-las usando uma marreta, uma talhadeira e um pé de cabra. Os compas conseguem quebrar umas quantas caixas particulares, tirando uns 20 milhões mais em peças de ouro.

8 e 25 da manhã, chega o carro-forte, um imprevisto. O segurança do carro-forte entra no banco pela porta principal... vai armado, não se dá conta de nada, lhe aponto com a metralhadora e ordeno que se atire ao piso, enquanto o quarto companheiro o desarma de seu revólver calibre 38 Special. A operação ainda que rapidamente efetuada, não passou despercebida para o segundo segurança que está esperando fora do banco. Este corre a alertar os Policiais Locais que estão multando os carros mal estacionados na praça próxima ao banco, entre os carros mal estacionados e multados está também o nosso, que é levado pelo guincho ao depósito. Não percebo o recolhimento de nosso Fiat Uno, minha frequência de rádio está sintonizada com a Polícia Nacional. Os Policias Locais rodeiam rapidamente o banco, são muitos, os vejo correr pra cima e pra baixo da rua, lançando ordens aos transeuntes que se afastem.

Maldição! Temos que sair com algum refém para evitar que nos atirem justo na saída do banco. Ordeno a um companheiro que tome como refém o segurança do carro forte. Uma vez com a arma em sua cabeça, saímos todos do banco. Três de nós com o guarda como refém, vamos justamente na direção em que estava estacionado o carro roubado (soubemos logo que o guincho o havia levado). O quarto companheiro vai em direção contrária. Eu, com o sub-fuzil na mão, o obturador aberto pronto para disparar, avanço seguido por meus companheiros. Vejo adiante de mim chegar uma mulher policial com o revólver na mão, o aponto com minha arma, falando-lhe que se vá daí se não quer que a mate. Não me faz repetir duas vez, me dá as costas e se afasta assustada pela mesma direção pela que chegou. Ao chegar ao final da viela nos damos conta que o Fiat Uno não está, estamos encercados. Por um lado da rua está um policial que se esconde atrás de uns barris de cerveja que um caminhoneiro está descarregando de um caminhão. Desde a viela pela qual acabamos de baixar se veem mais policiais avançando até a gente e, por fim, na praça vejo o carro forte, com o guarda na espreita atrás, arma em mãos. O policial escondido dispara em nossa direção mas falha o tiro, lhe aponto, só entrevejo suas pernas na linha da mira, tenho vontade de apertar o gatilho, o desgraçado disparou ainda sabendo que tínhamos um refém. Segun-

da oportunidade que concedo hoje a polícia local. Não disparo, baixo minha arma e aponto ameaçante ao primeiro carro que chega. É um conselheiro do partido Socialista de Córdoba que leva seu filho a escola. Se assusta, me pede que não o faça dano, lhe digo “só quero o seu carro, entendeu!”

Agora temos o carro que faltava para a fuga, temos o refém, mas ainda falta um dos nossos, falo - Onde está? Onde se meteu? Passam os segundos, demasiados, a espera de que apareça, um companheiro me diz que se foi por outra direção, que não está. Um instante de indecisão sob a atenta mirada de um montão de polícia, a postos, a espera talvez de uma ordem. Já era, confio que o compa tenho fugido. Nós não podemos esperar mais, subimos ao carro e empreendemos a fuga, perseguidos pela Polícia Local a pé. Rapidamente os perdemos. Ao chegar a uma praça próxima vejo um carro de Polícia parado, ao passarmos, ainda que ceda a passagem, nos investe, chocando contra a parte esquerda de nosso carro, nada grave, o impacto é mínimo, não há demasiados danos, o carro pode seguir o caminho. Pelo escâner está sintonizada agora a frequência dos locais. Todo mundo fala, nos mencionam continuamente, segue a perseguição...não vejo a Polícia, mas desde as ondas de rádio escuto que estão atrás de nós, má notícia, não podemos desgarrar... de repente aparece um carro policial conduzido por duas figuras que não consigo distinguir. Se colam atrás da gente, são umas mulheres da Polícia Local. Estas avisam a central cada movimento ou mudança de direção que tomamos. Com essas duas atrás grudadas em nosso carro, vai ser impossível fugirmos. Ordeno ao companheiro que conduz que pare o carro. Me abaixo e ziguezagueio até o carro perseguidor em plano comando, arma na mão. Ao ver nosso carro parado, as duas policiais freiam em seco. Chego a poucos metros de seu carro. Vejo que uma das policiais saca seu revólver e me aponta ameaçante desde sua janela baixada... Lhe falo várias vezes que abaixe a arma, mas segue apontando-me, seguindo meus movimentos. Compreendo que vai disparar e abro fogo eu primeiro com uma rajada curta seguida por outra maior. Em menos de um segundo e meio a Madsen cospe 17 balas, nenhuma delas falha o objetivo, todas alcançaram o corpo das duas policiais que morrem no instante. Vejo com rapidez que a cor de suas caras fica amarela, pálido, a cor da morte. Esta vez , não dei uma terceira oportunidade ao corpo da Polícia Local de Córdoba.

Rapidamente subo ao carro, arrancamos em uma esticada, perseguidos por mais carros policiais, que ao ver um carro dos seus parado

no meio da calçada param para ver o que aconteceu. Ouço o escâner “estão mortas, atiraram nelas!”, alguns deles seguem a perseguição. Chegado a altura da Avenida de los Omeyas, justo ao dobrar a esquina, os carros particulares dos cidadãos que circulavam naquele momento param bruscamente. Vejo as luzes de freio se acenderem, vejo um controle policial justo a nossa esquerda, parado ao lado da estrada. Há outro adiante, a uns 100 metros, bloqueando a rua. São vários mini furgões da Polícia Nacional. De repente chegam um monte de balas que impactam o parabrisa e a carroceria do carro, chegam de frente e de lado. São mais de 14 policiais que disparam todos ao mesmo tempo, a descarga de tiros nos surpreende a todos. Trato de abrir fogo a minha esquerda, mas o companheiro que conduz está na linha de tiro. Não posso disparar, o alcançaria em cheio. Impossibilitada a defesa na parte esquerda, aponto com a metralhadora a linha de policiais que tenho adiante. Abro fogo através do vidro do parabrisa, a rajada sai raivosa, esvazio o carregador (nosso carro tá parado, batemos em um carro a frente). Os componentes da patrulha da Polícia Nacional me confessam dias depois, quando estava amarrado a uma maca do hospital, que dez centímetros mais abaixo, e a rajada os haveria arrancado a cabeça de todos. As balas não param de impactar no carro, serão mais de duzentos os impactos que receberemos (segundo o advogado de ofício que nos visitou e que viu o carro no qual viajávamos, não havia um espaço de mais de 10 centímetros onde não houvesse um buraco de bala), estávamos entre três fogos, do lado, adiante e atrás.

Caiu gravemente ferido o companheiro que viajava no banco traseiro, junto ao segurança do carro forte, também gravemente ferido. O condutor recebe oito impactos em uma perna, eu recebo quatro impactos, dois na mão esquerda, um na barriga e outro na altura do coração, estes dois últimos teriam sido mortais se eu não levasse colocado o colete a prova de balas. Consigo apesar das feridas, abrir a porta e atirar-me ao piso, enquanto as balas não param de assoviar perigosamente ao meu redor. Rodo pelo chão... um policial avança até mim disparando, não tenho tempo de mudar o carregador vazio da metralhadora, assim que saco a pistola, ao instante abro fogo contra ele. Se joga ao piso, ficando de lado, sigo disparando com calma e precisão aos furgões policiais, atrás das quais se escondem uns quantos policiais. Ninguém aparece, um deles pra evitar ser alcançado, se atira ao chão desde o assento do condutor, destruindo o joelho (segundo o que declarou no julgamento, a queda o provocou uma baixa de 505 dias e o deixou permanentemente manco). Agora trato de ajudar a

sair do carro o companheiro ferido que estava atrás. Na mão direita seguro a pistola, a esquerda imprestável...sai muito sangue, falo “vamos daqui rápido!” ele me olha “olhe, estou paralisado, não posso mover-me!” duas balas o alcançaram atrás do pescoço, tem a sexta e a sétima vértebras cervicais quebradas. O colete que ele levava não resistiu, as balas o atravessaram, mas sem ele estaria morto. Aos pé do companheiro está o segurança do carro forte, deitado em posição fetal, também a ele o feriram gravemente (ficará permanentemente tetraplégico), sua cara e a de meu companheiro são da mesma cor que poucos instantes antes havia visto na cara das duas policiais mortas.

Vejo o saco de dinheiro, nem sequer penso em levá-lo. Algumas balas passam bem próximas a minha cabeça... me agacho, precavendo-me o máximo possível... “filhos da puta”... substituo o carregador vazio de minha 9 milímetros, ponho outro e abro fogo em rápida sucessão. Agora os policiais desaparecem de minha vista, escondendo-se atrás de seus carros, só vejo o relâmpago de seus disparos, suas armas estão postas por cima do capô do motor, e eles protegidos atrás. Assustados disparam sem olhar (um deles dirá depois em uma entrevista na televisão que não entendia como eu podia estar de pé se havia esvaziado seu carregador de 16 balas em mim). Vejo sair o companheiro condutor com dificuldade. Decido avançar até os policiais abrindo passagem, estava rodeado, disparo a cada safado que aparece, eles se escondem, é o que busco. Chamo ao compa que anda mancando, lhe digo para seguir meus passos até a direita, onde entrevejo uma via livre, ele me olha triste, o vejo cair de bruços, para ele também se acabou...

Um silêncio de morte envolve a rua. Não escuto mais disparos nem ruídos (dizem que aos policiais lhes havia acabado a munição). Consgo abrir passagem até a direita, corro agachado olhando se alguém me segue, não há ninguém... cruzo um imóvel, saio pelo lado oposto, vejo um táxi parado, há uma garota sentada na parte traseira, está em cadeira de rodas. Ordeno ao proprietário que lhe baixe do carro. Subo ao veículo e espero para arrancar quando já tenho baixado a garota na cadeira de rodas. Ponho a primeira, pelo caminho que acabava de fazer, vem dois Policiais Nacionais que seguem os meus passos. Me veem sentados no táxi, me olham...os olho friamente. Na mão guardo minha semi-automática, pronto para abrir fogo se estes tentam deter-me. Não fazem nada, eu tampouco. Me afasto do lugar a toda velocidade, me perco na cidade, trato de chegar o antes possível no apartamento alugado, perco abundante sangue, estou ensopado.

Um táxi me persegue, com a pressa ficou a porta traseira aberta e isso chama a atenção, a emissora dos taxistas deu o alarme. Trato de perder-me pelas ruas de Córdoba, mas o condutor do táxi insiste na perseguição. Me ressabio. Dou uma repentina freada, o táxi se adianta e para a frente de mim. Baixo do táxi com a pistola na mão, lhe aponto na cabeça com o gatilho levantado “para de me seguir por que já matei a duas policiais e descarregar a um taxista otário como você não mudaria em nada a minha situação...entendeu? Me dá a chave do seu carro e vai tomar no cú!” fica com a boca aberta, volto ao carro e me perco definitivamente.

Uma vez abandonado o táxi roubado me dirijo ao apartamento alugado, ali tento curar-me como posso as duas feridas da mão. Agora com um pouco de calma posso analisar com detalhes a gravidade das feridas, são feias, uma bala depois de atravessar-me a mão rompendo todos os ossos que encontrou em seu caminho, agora aparece justo abaixo da pele. Eu mesmo com um simples corte de gilete a poderia extrair. A outra bala entrou e saiu muito melhor... o problema é o osso do pulso quebrado, terei que imobilizá-lo com uma madeirinha e vendá-lo. A dor é intensa, sigo perdendo muito sangue, aplico um torniquete justo por cima das feridas. Consigo com muitas dificuldades mudar de roupa quando escuto pelo scanner que encontraram o apartamento. Vem atrás de mim. Saio rápido do domicílio tratando de esconder-me nos bares próximos. Para que não se note a mão ferida ainda escorrendo sangue, a envolvo em um saco de lixo e a meto na bolsa onde levava a metralhadora, mas apesar dessa solução não consigo passar despercebido. Os clientes e os garçons se dão conta e me delatam. O sabia por que seguidamente apontavam em minha direção telefonando a polícia. Tive que mudar de estratégia. Decido esconder-me em um imóvel próximo ao apartamento, refúgio já caído. Subo por umas escadas até o último piso e me escondo no terraço. Aí deitado esperei uma hora. Ao escutar pelo escâner que os policiais subiram para olhar por todos os terraços vizinhos decido descer... e em meio ao espetáculo me encontro, ao redor do imóvel onde estava escondido estão mais de duzentos policiais... Como vou sair daqui agora? Policiais que chegam por cima e policiais esperando por baixo, estou enrascado. De repente vejo chegar três garotas que saem dum imóvel vizinho. Não penso duas vezes aproveitando que chove e levam um guarda-chuva aberto, me meto abaixo, agarrando a uma das garotas pelo braço como se fosse uma conhecida “vamos que está chovendo, não tenho vontade de molhar-me. Não se lembra de mim? Nos conhe-

ce mos na Universidade” se olham entre elas, perguntando-se quem das três me conhecia, enquanto seguimos avançando até o cordão policial posto adiante da saída do imóvel. Alguém pela janela, um amigo delas, lhes fala que tenham cuidado que anda por aí um montão de policiais... ninguém lhe dá bola, e mais, começam a rir. O alegre grupo avança, tenho o coração que parece que vai explodir. De repente nos vemos rodeados por um montão de policiais. Não sei por onde começar correr, não o faço, mantenho meu sangue frio até que um dos policiais nos ordena sairmos do meio por que é perigoso. Não faço que me repitam duas vezes, agradeço ao policial e ando ao lugar onde tinha estacionado outro carro, com o qual deixo a cidade, dirigindo-me a Bujalance, um povoado da província de Córdoba. Na saída de Córdoba topo com um controle da Guarda Civil, não me param, logo me encontro com outro próximo a Bujalance. Não querendo aproveitar-me outra vez de minha sorte tomo um caminho pelo campo e fico encalhado pela chuva. Tenho que abandonar o veículo, não consigo tirá-lo do barro. Peço carona, um carro para e lhe peço que me leve ao povoado mais próximo por que meu carro está estragado. No bar do povoado Siete Puertas tomo algo quente a espera do ônibus para Sevilha, mas outra vez me delatam e um grupo de Guardas Civis me rodeia. Ferido e sem forças não reajo e me detém. Tudo havia acabado, minha boa estrela, dessa vez me havia abandonado para sempre.

Não foi má sorte a nossa, sim ter feito mal as coisas, eu me considero o único responsável deste desastre.

Se lançaram sobre mim os guardas civis e dois policiais locais do povoado. Começaram a me bater sob o olhar curioso dos clientes, me algemaram e me levaram ao quartel. Me surraram um bom tempo, não posso dizer que me torturaram, não usaram os métodos típicos de interrogatório, os sacos plásticos, pendurar-te pelos braços, descargas elétricas, etc. Mas utilizaram as feridas na mão esquerda para provocar-me dores, ao colocarem as algemas, me quebraram o segundo osso do antebraço, sabia que o mais ligeiro apertão, me produzia uma dor intensa e não mediram esforços. Não sei quanto tempo passou... a cada pergunta que faziam seguia um silêncio como resposta de minha parte. Ao final se cansaram eles. Lhes dei o nome de meu documento falso e quando vi chegar o oficial no comando do quartel com um fax na mão, lhe dei meu verdadeiro nome. Quando te batem, se nota a dor nos primeiros minutos, logo já não sente nada. No meu caso quando

dirigiam atenção as feridas, a dor me chegava diretamente ao cérebro, apesar desta vantagem, visto que eu não cantava, decidiram me levar ao hospital de Córdoba.

Ao sair do quartel, a notícia de minha detenção havia sido difundida, e todo o povoado veio ver-me. Ao sair, escoltado por um grupo de Guardas Civis, o povão me chamou “assassino, assassino!”. Um velho tentou me golpear com seu guarda-chuva, mas falhou e deu contra a cabeça de um guarda, que se botou entre ele e eu para me proteger, “vai se fuder” eu disse ao velho. No hospital os guardas me ofereciam cigarros e perguntavam se eu queria comer algo. Um deles me disse “Incrível, está ferido, cheio de pancadas e está tão tranquilo. É um cara frio e com colhões. Palavra! Teve sorte que te pegamos nós, por que se te pegam os companheiros das policiais mortas teriam te matado a golpes”, eu o respondi “disso não tenho a menor dúvida”.

Fiquei no hospital com um braço engessado e o outro amarrado com uma alga a cama. Apesar da impossibilidade de movimento a cada mudança de guarda da Policía Nacional, me revisavam as algemas por se as conseguia abrir... o nível de paranoia dos policiais que me custodiavam era incrível. Igual sorte lhes tocou aos companheiros feridos que estavam em outros quartos do departamento de segurança do hospital de Córdoba. Segundo os médicos do centro, tive sorte. As duas balas me atravessaram a mão esquerda, quebrando uns quantos ossos e um tendão do dedo mindinho, todas as demais articulações estavam intactas, os ossos do antebraço estavam quebrados mas se puseram bem ao cabo de uns poucos meses. Pior sorte teve o companheiro alcançado no pescoço, teve a sexta e a sétima vértebras cervicais quebradas e se temia que pudesse ficar paraplégico. O terceiro companheiro apesar das muitas balas que recebeu na perna, não teve ossos quebrados. Ele também, igualmente a todos, deve a vida ao colete a prova de balas, um policial lhe disparou pelas costas quando estava deitado no chão.

O PRESÍDIO DE CÓRDOBA

Dezembro de 1996

Seis dias depois de haverem me ingressado no hospital, me levaram ao velho presídio de Córdoba, ao departamento de isolamento. O agente penitenciário que me baixou do furgão policial o fez de uma maneira brutal. Me agarrou pelo braço bom e o torceu até atrás, arrasando-me até o isolamento. Me fecharam em uma cela fria e escura no térreo. Um chefe de serviços tentou me provocar me chamando de cão, eu me calei e não respondi a seus insultos.

O panorama que vi adiante era dos mais crus, ainda não havia começado e já avistava com que dureza o Sistema Penitenciário se vingaria da morte das duas policiais locais. Foi justamente aí quando me cruzaram pela cabeça os pensamentos mais tristes. Abriam a porta de minha cela e um funcionário ao ver-me tapado com um cobertor pelo frio (estávamos em dezembro e não havia calefação, levava posta uma camiseta e a calça ainda ensanguentada) teve piedade de mim e me trouxe roupa para tapar-me, uma jaqueta de veludo, uma camiseta, um Jersey (blusão), meias e um par de sapatos de uma medida desproporcional para meus pés. O agradeci e ele me respondeu “você é para mim como todos os demais, um preso que necessita de ajuda e eu a darei. Toda a que esteja em minhas mãos”. Em seu olhar havia humanidade apesar do uniforme que levava. Me surpreendeu, igualmente ao comportamento humano que teve comigo um Policial Nacional no hospital... totalmente diferente a um companheiro seu que me insultou e ameaçou com tal evidência que o oficial no comando teve que lhe chamar a atenção e ordena-lhe sair do quarto onde estava minha cama, não sei, talvez era um daqueles policiais que com dez centímetros mais abaixo lhe haveria arrancado a cabeça quando soltei a rajada de metralhadora no tiroteio.

Estar em isolamento é o pior momento de sua vida, a solidão, o frio, as paredes que transpiram dor e o pior de tudo... os pensamentos que não cessam de golpear-te a mente. Os malditos chegam a toda hora, são os melhores momentos de sua vida que vem a bater-te com força, algo no fundo de ti, te repete insistentemente que nunca mais voltará a revivê-los. Sorte a minha que estava preparado psicologicamente ao cárcere ou a morte.

Naquele momento pensei que haveria sido melhor se no tiroteio tivesse perecido. Apesar que estava mentalmente preparado me dei conta de que nunca estamos preparados/as por completo aos piores

momentos de nossa vida. Estes os rechaçamos em condições normais com violência, quando chegam (se podemos). O ser humano não está feito para a tristeza, o sofrimento e a prisão.

Muitos anos antes quis me preparar psicologicamente no caso de uma circunstância tão provável como o cárcere, pensei em provar-me a mim mesmo o quanto aguentaria e sobretudo, as paranoias que poderia me provocar estar trancado um longo tempo. Aluguei um chalé perdido no campo, totalmente isolado da cidade. Tinha grades na janela, igualmente a uma prisão. Os muros eram sólidos, feitos de pedra como se fabricavam antigamente. Só havia uma possibilidade de escapar, por um alçapão que se ligava ao teto. Esta seria minha escapatória na eventualidade de não aguentar mais a auto-clausura que ia manter. Prometi a mim mesmo que não utilizaria essa via de escape. Comprei alimentos para um mês, um pequena rádio para escutar as notícias, água suficiente, um montão de livros, nada de telefones, nem correio, nem visitas. Confiei as chaves da robusta porta a um amigo que se ia de férias sem que nem sequer ele soubesse quando regressava. Me fechou a porta e se foi dizendo “está louco”.

Os primeiros dias daquele cárcere artificial não notei nada especial. Passava a maior parte do tempo fazendo algo de esportes, principalmente flexões e alongamentos, lendo... Ia anotando tudo em um diário, cada dia e cada noite, as sensações que vivia com aquela experiência. Comecei a notar algo diferente passado uma semana, um estado de nervosismo e stress que me impediam de dormir bem de noite. Logo começaram as angústias e por último as perigosas paranoias. Comecei a preocupar-me excessivamente de que a meu amigo lhe havia passado algo, do tempo que ainda lhe ficava de férias para voltar com as chaves e abrir a maldita porta. Coisa esta, fruto da fantasia de minha mente, posta a prova pelas condições de isolamento. Na realidade, não havia por que preocupar-me porque, se queria, podia sair dali quando quisesse, diferente de quando está de verdade no cárcere, que são eles (a instituição) quem decide por ti.

Descobri que quando levas tempo sem ver o que mais gosta (os perfumes da natureza, o sol que te esquenta depois de ter estado horas no fundo do mar...). O cérebro fabrica por si só aquelas sensações e isto pode ser perigoso. Dizem os especialistas que dez anos de isolamento são irreversíveis para a futura personalidade de um/uma preso/a. Eu dizia a mim mesmo “será verdade o que dizem?” Tudo isso ia anotando em meu diário. Posso lhes garantir que vários anos depois de ler o

que escrevi estando enclausurado, pode resultar surpreendente...lhes asseguro. Prova a experiência e o comprovará vocês mesmos/as.

Ao final de um mês e meio voltou o amigo e foi como se voltara a vida. De golpe haviam desaparecido todas as angústias, tristezas, pensamentos ruins, stress e medos. Em contrapartida, me senti como um homem novo, mais forte, por que havia superado uma prova muito dura.

Agora estava numa cadeia de verdade, “Como terminaria todo aquele mal momento? Voltaria a encontrar o sorriso estando ali dentro?” Viria bem, que antes de um juiz ou presidente de um tribunal serem nomeados, fossem obrigados a passar a experiência que passei em uma cadeia de isolamento durante um ano. Se superam a prova sem desequilíbrios mentais, teriam o cargo aprovado. Posso lhes garantir que pensariam um milhão de vezes antes de presentear anos de cárcere como se fossem chocolates. Ainda que o melhor seria que esta classe de personagens não existissem para nada.

Uma semana depois de entrar na cadeia de Córdoba, me transferiram ao bunker FIES de Jaén II, junto ao companheiro ferido nas pernas. A nossa chegada fomos recebidos com calorosas saudações, por parte dos que ali estavam, me refiro aos presos. Sete companheiros enclausurados aí, alguns deles havia vários anos. Um deles de apelido El Güiri começou a fazer piadas com a gente, imitando o idioma marroquino e fazendo-se passar por muito ofendido por nossa atitude, segundo ele, a atitude racista que tínhamos os italianos recém-chegados. Tudo era piada, mas o fez tão bem que acreditei, pensei “me cago no meu azar, acabo de chegar e já tenho um inimigo entre os presos”; O mesmo Güiri se revelou logo, não podendo conter o riso. Como não tinha dinheiro para comprar-me algo no armazém, se buscou uma ordem dos funcionários para me passarem por baixo da porta um talão de quinhentas pesetas. Assim que em protesto e em solidariedade com ele nos colocamos todos em greve de pátio...e acabava de começar.

Jaén era e segue sendo um lugar horroroso, conhecido por todos os presos por abrigar os piores funcionários do Estado. Os sancionados com expedientes por maus-tratos e torturas infligidas encontram ali sua guarita. Anos antes de chegarmos nós, se suicidou um cara, o induziram a fazer pelas surras que o davam diariamente os carcereiros. Aquela morte provocou uma série de protestos das mães dos presos/as, que se manifestaram adiante e ao redor da cadeia com um espetacular panelaço, ao qual responderam os presos golpeando portas e grades.

O trato aos presos FIES era duríssimo, e de que não se soubesse de nada se ocupavam os mesmos jornais do Regime, em particular EL MUNDO que com suas crônicas e artigos alimentava o medo da opinião pública por nós. Em especial me recordo do número 113 das Crônicas do domingo 14 de dezembro de 1997. Apareceu um insultante e provocador artigo assinado pelo jornalista David Jimenez (anos depois vi a esse indivíduo como enviado especial e comentarista do Tele 5), nesse artigo se falava dos dez presos mais perigosos, quem são, como vivem e que crimes cometeram. Colocaram minha foto mas os imbecis se equivocaram de nome e sobrenome, colocaram o de meu companheiro ferido nas cervicais pelo tiroteio. Junto a minha foto a do compa que estava comigo ali em Jaen. A campanha contra os presos FIES era tão intensa que até os anarquistas da CNT tomaram distância dos companheiros italianos, dizendo que não éramos anarquistas, somente uns assaltantes mais. Tiveram que vir desde a Itália alguns/as companheiros/as a demonstrar com todas evidências e provas nas mãos, que éramos anarquistas.

O artigo que segue foi publicado no periódico da CNT, demonstra o clima que se desatou a raiz de nossas detenções.

*Extraído do número 234, maio de 98, da CNT, órgão da
Confederação Nacional do Trabalho.*

DE UM JULGAMENTO EM CÓRDOBA.

No 18 de Dezembro de 1996 quatro pessoas assaltam uma agência bancária do banco Santander em Córdoba. Algo sai mal e devem começar uma enlouquecida fuga com reféns, tiros, perseguição policial... Na segunda-feira 20 de abril deste ano começou o julgamento na Audiência de Córdoba contra os quatro processados. Cláudio Lavazza, Michelle Pontolillo e Giovanni Barcia, de nacionalidade italiana e Jorge Eduardo Rodriguez, argentino, se sentam no banco dos acusados.

Para os mass-media os quatro acusados, que ocasionaram a morte de duas policiais municipais, são criminosos buscados em numerosos países, simplesmente algo assim como “assassinos natos”. Para o Estado, a Polícia e as autoridades penitenciárias e judiciárias espanholas a sentença está ditada de antemão. Pese as numerosas feridas sofridas até o momento de sua detenção (três deles foram conduzidos até o hospital, um com três vértebras cervicais quebradas pelos disparos da polícia), o calvário que tiveram que padecer até o dia de hoje foi muito doloroso. O

único detido que saiu ileso do enfrentamento com a polícia denunciou ter sido submetido a torturas e, até o dia do julgamento, Lavazza e Rodriguez permaneceram num módulo de isolamento FIES (Fichero de Internos de Especial Seguimiento- Arquivo de Internos de Seguimento Especial), estando Pontolillo e Barcia em segundo grau.

Ao menos três deles, nos disseram, tiveram relações com grupos anarquistas italianos (os chamados “insurrecionalistas”). Desde a própria Itália chegam revistas, textos, etc. Que denotam a existência de certo movimento de solidariedade para com eles em determinados círculos de esquerda e libertários, inclusive a determinados organismos da CNT se pede solidariedade para com os detidos, hoje julgados e seguramente já condenados. A Cruz Negra Anarquista, associação que opera em vários países em defesa de presos de consciência, principalmente anarquistas, se solidariza com eles em sua condição de represaliados pelo regime carcerário. Entretanto chegam as vésperas do julgamento. A imprensa oficial começa a bulir e o termo “anarquista” volta a ser manchado pela tinta de jornais a serviço do poder. É relativamente simples compreender o impacto que pode ter uma notícia deste porte e com dois mortos por meio de uma cidade provinciana, como Córdoba de pouco mais de 300.000 habitantes. Nós, como libertários, entendemos a vontade que tem o Estado de envolver-nos em qualquer assunto “sujo”. O trabalho de anos dos companheiros da CNT de Córdoba pode ir pelo ralo com dez minutos de notícias na televisão ou umas quantas linhas na imprensa. Na CNT isto é conhecido de sobra, e desde a Confederação se convida a todos os que querem assistir a esse julgamento (por ali aparecerão familiares e amigos desde Itália e de outros lugares do Estado Espanhol) a que não misturem a nosso sindicato com algo de que foi um mero espectador, que não comparte e não figura dentro de suas propostas e métodos de luta.

Por desgracia, na segunda 20 de abril, gente que não está, nem esteve afiliado à CNT, se confunde uma vez mais. Na porta da Audiência Cordobesa - um lugar, pelo que o único trânsito de pessoas que se costuma produzir é o de juizes, procuradores, policiais, pessoas processadas e quando há carniça suficiente, fofoqueiros de tribunal - aparecem bandeiras vermelhas e negras da Confederação.

O efeito que pode causar entre os acusados o número de 30 pessoas que os animam pouco pode ajudar-lhes já. Em contrapartida, o

menosprezo e o preconceito que essa usurpação de símbolos anarcossindicalistas pode ter representado nos companheiros da CNT cordobesa é incalculável nestes momentos. Uma companheira do sindicato cordobês tenta, em vão, fazer entrar em razão aos portadores de nossas bandeiras. A partir daqui o Comitê Regional da CNT e o sindicato de Córdoba começam um frenético percurso de desmentimentos, entrevistas, envio de comunicados para tentar se contrapor a propaganda oficial. Ainda que suas gestões podem ser qualificadas de exitosas, nossos inimigos acérrimos sorriem maliciosamente quando nos veem. Os cobriram de merda sem comê-los nem bebê-los, parecem querer dizer.

Não vamos entrar em valorizar teorias - para nós inaceitáveis - como o “insurrecionalismo” e demais besteiras. Parece que há gente que se reclama anarquista e que pensa, nas portas do século XXI, que “Um edifício levantado durante séculos possa mandar-se abaixo com uma carga de dinamite” (ou algo assim). Deve ser gente que opina que a revolução se faz a sangue e fogo, que o dia que chegue o momento que substituamos esta podre sociedade terá que passar a faca a todos os policiais, militares, banqueiros, juízes, etc. Pouca moral anarquista cabe a quem não entende que a Revolução se faz a base de entrega, de educação, de solidariedade, de oferecer e contrastar argumentos. Que os próprios revolucionários que foram promovidos pelos anarquistas se caracterizaram por sua generosidade e o respeito a vida, inclusive em plena guerra revolucionária.

Desde aqui exigimos que se respeitem as poucas garantias que a lei estabelece para todos os detidos, que se apliquem os direitos humanos aos processados. Obviamente que sim. Mas da mesma maneira exigimos àquele que não nos pediram nosso parecer para apresentar-se em nossa casa e nos botar em evidência por algo que não compartilhamos, que pensem o dano que nos causaram em nome de “seu” anarquismo. Nós sabemos e podemos diferenciar, inclusive chegará o dia em que nos ponhamos de acordo. O Estado, ao contrário, não está interessado em fazer distinções.

Paco Cabello.

*Extraído do número 278, abril-maio de 98 de SOLIDARIDAD OBRERA,
Órgão da Confederação Regional do Trabalho da Catalunha,
Portavoz da Confederação Nacional do Trabalho.
Rua Joaquin Costa 34, entpiso. 08001 BARCELONA*

CÓRDOBA.

DO LINCHAMENTO À CÚMPLICIDADE DO SILÊNCIO

Redação

No passado 20 de abril se iniciava na Audiência de Córdoba a “Visita Oral” contra quatro anarquistas acusados pelo assalto ao Banco Santander e pela morte de duas policiais locais, ocorridos no 18 de dezembro de 1996, sentenciados a um total de 146 anos de cárcere.

O desenvolvimento de dito julgamento constituiu a prova de uma farsa da justiça, uma mais em um regime chamado democrático, com o que, ficou claramente desqualificado.

O julgamento se concluiu com a prática aceitação de todos os critérios da acusação fiscal, demarcando a prevaricação, pois se implica a outros processados em feitos nos quais não participaram, como é o caso da morte das duas policiais nas que não interveio mais que um dos acusados.

Mas este dado não é mais que a ponta do iceberg da farsa, em cujo contexto se inscreve um fenômeno de linchamento que, de forma descarada, se iniciou desde o primeiro dia dos feitos, se desenvolveu ao longo dos 15 meses da instrução e continuou na Sala durante os 10 dias da Vista.

Em efeito, ademais de uma vergonhosa campanha de imprensa, sustentada inclusive a nível nacional e o tratamento penitenciário durante os 15 meses de prisão preventiva, que violando o procedimento judicial, obstruiu a atuação da defesa, recluindo os acusados em prisões distintas, aplicando-lhes regimes de isolamento, com autêntica tortura, em que cabe destacar a dos serviços sanitários penitenciários, incapazes até hoje de intervir na extração de projéteis existentes nos corpos dos acusados. A montagem desta farsa de justiça conheceu também uma série de atos públicos organizados pela Prefeitura (uma das partes da acusação) autorizados pelo Juiz Instrutor (o que por si já é um significativo de prevaricação, pois violenta a neutralidade do procedimento que pretende a lei), neste caso em concreto, através de manifestações encabeçadas pelo ex-prefeito de Córdoba, Julio Anguita e a realização de uma partida de futebol entre famosos programados por Jesús Gil, que define ditos atos com um caráter inegável de linchamento fascista.

Ante estes feitos institucionais de pura demagogia populista, que não tem nada a ver com a justiça, cabe destacar a atitude de umas 30 pessoas que no primeiro dia do julgamento não lhes foi permitido o acesso a Sala, se manifestaram na rua em frente a Audiência com cartazes: “Não são assassinos, são anarquistas”, escrevendo algumas siglas correntes do Movimento Libertário, entre elas a da CNT.

Este ato de simples solidariedade denunciando o linchamento fascista, devia merecer o aplauso da CNT, se não pela adesão aos detidos, que era pedir muito, sim pela denúncia dessa paródia de justiça...

Pois bem, não só o Sindicato de Ofícios Vários de Córdoba, como também o C.R. da Andaluzia da CNT, saíram a palestrar com contundentes notas de imprensa desmarcando-se do citado ato de solidariedade, amparando-se no feito de que nenhum dos 30 concentrados frente a Audiência pertenciam a CNT. Em dita nota de imprensa, não se fazia a mais mínima referência ao linchamento fascista de que haviam sido objeto - e continuavam sendo na Vista - os processados.

Amparar-se na não filiação à CNT dos participantes da concentração como denúncia, exigindo excluir ditas siglas, o que no menor dos casos é uma exigência abusiva, pois no seio da CNT existem militantes que vieram aderindo a essa denúncia, como se deixou constância durante meses nestas mesmas páginas de Sol, é uma exigência que não pode nos provocar mais que risos, se não fosse pelo caso ser francamente grave, sobretudo pelos antecedentes protagonizados pelo Sindicato de Ofícios Vários de Córdoba.

Em efeito, faz exatamente 12 meses, em abril de 1997, dito sindicato realizou em Córdoba umas jornadas de debate, umas semanas antes de sua celebração caiu do programa um dos convidados.

A causa: se retirava sua participação porque dito convidado formava parte da equipe de advogados defensores dos acusados, que já então estavam sendo vítimas do linchamento fascista.

Este feito demonstra de forma incontroversível que a atitude da CNT de Córdoba não necessita do pretexto de “usurpação de siglas” para desmarcar-se da denúncia de linchamento, 12 meses antes já comprovava sua atitude vergonhosa com a decisão de votar em uns atos culturais a participação de um dos advogados dos detidos.

Se pode não estar de acordo com o assalto ao Banco e com a morte das duas policiais. O que de nenhuma forma pode aceitar-se é a cumplicidade do silêncio ante um linchamento e ante a ferocidade de justiça da que foram objeto quatro anarquistas.

Extraído do jornal El Mundo, 17 de abril de 1997.

CARTAS AO DIRETOR

“A ANARQUIA E A VIOLÊNCIA”

“ Senhor diretor:

Se costuma usar o termo anarquia para definir situações descontroladas e violentas ou qualificar como anarquistas a delinquentes como os assaltantes do banco cordobês que produziram a morte de duas policiais locais. Constantemente identificam anarquia com caos violento, primitivismo, ou bandoleirismo. Mas a ideia anarquista posta em prática levaria a obtenção de uma ordem social revolucionária na que os seres humanos, com plena consciência de sua individualidade, e autonomamente, se uniriam para potenciar-se dentro da coletividade. Nenhum ser humano poderia aceitar estruturas estatais, econômicas, religiosas, culturais ou sociais, que impediriam a plena realização das individualidades. Ninguém, neste estado anárquico poderia aceitar qualquer forma de exploração de qualquer ser humano. Sou militante da CNT, e na infinidade de horas perdidas em assembléias anarcossindicalistas, em diversas atuações por vários países em nenhum desses coletivos conheci alguma tendência ao bandoleirismo ou à criação de estruturas coercitivas contra nenhum ser humano.”

*Fernando Dorado Zapata
Granada*

4 de maio de 1997

CARTA A UM MILITANTE DA CNT.

Lemos estupefatos, uma longa carta de um militante da CNT dirigida ao diretor do jornal El Mundo, aonde se criticava à mídia por associar anarquia com caos e bandoleirismo ou “qualificar como anarquistas a delinquentes, como os assaltantes do banco cordobês que produziram a morte de duas policiais locais”. Depois do estupor que nos causa que Fernando Dorado Zapata, membro da CNT, utilize um meio de comunicação estatal para expor suas ideias, acreditamos conveniente elaborar um escrito de resposta em forma direta com o fim de esclarecer vários pontos de sua carta que não se aproximam da realidade, deformando-a em consequência.

Em primeiro lugar senhor Dorado, dizer que estamos de acordo quanto a deformação dialética do anarquismo por seus muitos inimigos (Capital, Fascismo, Religião, etc.) e nisso ninguém discute sua razão e indignação, dadas as graves lesões verbais intencionais com as que os

adoradores do Estado (ou partidários), danificam a imagem da autêntica democracia (a democracia direta, o anarquismo) com o único fim de perpetuar o privilégio de uns poucos sobre os muitos explorados/as, espoliados/as, deserdados/as da Terra. Este feito é indiscutível e certo de que a dialética neste caso deu resultado: todo mundo tem uma ideia errônea, imposta pelos Estados patriarcais, do que é anarquia. Agora se há tocado o turno ao Marxismo, amanhã tocará aos nacionalismos (já a dialética e os meios estatais preparam a ofensiva em massa)... e assim até que o poder, o Capital, destrua todas as ideologias de esquerda sobre o Mundo, absorvendo-as, deformando-as e reduzindo-as logo a “focos marginais”. De fato já se observa uma grave regressão ideológica mundial na que, movimentos revolucionários e vanguardistas de esquerda vão adotando posturas de direita, abandonando pontos essenciais de reivindicações populares para a transformação da Sociedade, aspirando tão só a uma parcela de poder, de votos, sem maiores “complicações”. Severa derrota a que infringe o Capitalismo à esquerda desde tempos: já as revoluções populares nos parecem inalcançáveis, se impõem novas ideias e formas de fazer política, livrar-se a todo custo das velhas formas... desculpas todas elas, atrás das que se esconde o abandono a todo projeto encaminhado a transformação social. É triste, mas é assim: a esquerda está cedendo em todas partes do Mundo (com poucas exceções) ao capitalismo, renunciando aos programas revolucionários e transformadores por programas reformadores e de aparência revolucionária (e apreciemos a diferença entre reformar e transformar), mantendo os velhos aparatos do Estado, o Privilégio, o Poder, tudo o qual beneficia ao Capitalismo. Nesse sentido é necessária uma ofensiva da esquerda contra o capitalismo Mundial, antes que seja demasiado tarde para reagir, por isso, o anarquismo é hoje mais necessário que nunca, demonstrado fica que a ideia de Estado, de toda fórmula Autoritária de governo, sejam quais sejam suas interpretações e transfigurações, conduzem à opressão e ao privilégio e constituem portanto um obstáculo a igualdade (e isso é algo que conhecem perfeitamente as Mulheres, as mais prejudicadas pelo Estado) e o direito dos Povos ao Autogoverno, a Autogestão, isto é: à Liberdade.

Em segundo lugar queríamos fazer-te ver um pouco da história e da realidade em referência o bandoleirismo e esses outros qualificativos que utiliza para definir, as formas violentas do anarquismo. Vejamos: a história do Anarquismo Ibérico está cheia de assaltos a bancos e joalherias, de expropriações ao capital acumulado para a causa libertária. Durruti, Ascaso, Sabaté... te soam algo? Sem dúvidas

você não é consciente do que é um banco senhor Dorado, nem desde logo, parece estar informado e documentado sobre o efeito trágico (isso se traduz em milhões de mortes anuais, miséria em $\frac{3}{4}$ das partes do mundo, guerras, desemprego, delinquência...) que tem sobre a humanidade as especulações do Sistema Bancário Mundial em sua totalidade e em suas inter-relações. Você se indigna (e se denomina anarquista) por um assalto a banco levado a cabo por companheiros italianos no que, em defesa própria, morreram duas policiais municipais (não diz nada da balaceira que a polícia dirigiu a estes homens, devido a qual vários deles estão meio paralíticos por impactos de bala), mas não se indigna você pelos milhões de seres humanos, pequenos e adultos, que por culpa do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BM) morrem anualmente (cujo funcionamento se baseia na desestabilização, empréstimo e posterior cobrança de juros com a seguinte destruição econômica da zona) enquanto você, como bem expressa ao diretor de El Mundo em sua indignação na “infinidade de horas perdidas em assembléias anarco-sindicalistas”, se dedica a isso, a perder o tempo tagarelando. Deveria saber (ou deveriam ensiná-lo na CNT) que a polícia é a fiel servidora do Estado, sua ferramenta de repressão sobre o Povo (acuda a mais manifestações, não as que o mesmo Estado programa, se não às espontâneas do povo, verá), portanto essas mortes são resultado do enfrentamento entre anarquistas e mercenários do Estado Espanhol. Também lhe informamos que vários destes companheiros italianos mantêm uma greve de fome nas celas de castigo que estão fechados, para conseguir melhoras na dura e aniquiladora realidade carcerária (aonde nos tem seus policiais, seus carcereiros e sua passividade na vida para fazer algo mais pelos demais que tagarelar e possuir crachá da CNT) entanto você escreve ao P.J. Ramirez e companhia referindo-se a anarquia como este “Estado-anárquico”, que de maneira tão contraditória define. Que te fique bem claro, não é delinquente quem rouba e arrisca a vida assaltando bancos para fins libertários sem ânimo de lucro, isso é ser um anarquista, consequente com a realidade, algo que aconselhamos para o espírito, a você e a todas as pessoas despossuídas da Terra. Olhe, as pessoas, os homens e as mulheres, nascemos livres com iguais direitos e oportunidades, por mais que as contraditórias formas de governo venham a contradizer-nos; não deve haver diferenças sociais por que há riqueza suficiente para todas/os nós, e por isso como sabemos quais são nossos direitos e origem livre, alguns protestamos e lutamos, enquanto outros exploram e tiranizam. Por isso, a rebeldia é uma tendência ni-

veladora e portanto racional e natural. É mais, as pessoas oprimidas, exploradas, tem que ser rebeldes para recobrar seus direitos naturais até conseguirem sua completa e perfeita participação no patrimônio universal. E a única saída possível é a luta dos que nada temos, contra os que tem tudo. Não queremos ofender-te, mas devemos estabelecer que com sua atitude, você forma parte do obstáculo até a liberdade dos seres humanos, condicionando-os a formas reformadoras que não mudam a realidade mas sim a mantém, facilitando a absorção e aniquilação da ideologia anarquista pelo Estado. São o Estado e o Capital (que passa agora a ocupar o lugar da Religião) quem nos escravizam e governam através do falso sufrágio universal, e as pessoas escravizadas, só as resta a violência para a rebelião. Se você não pensa assim, bem, respeitamos sua posição, mas não critique outras formas de luta, nem utilize para a crítica, meios desinformativos do Estado, conheça primeiro, logo fale.

Em terceiro lugar e concluindo, terminar recolhendo o positivo do que coloca você em sua breve carta, isto é: “A idéia anarquista posta em prática levaria a conseguir uma ordem social revolucionária na que os seres humanos, com plena consciência de sua individualidade e autonomamente, se uniriam para potenciar-se dentro da coletividade. Nenhum ser humano poderia aceitar estruturas estatais, econômicas, religiosas, culturais ou sociais que impedisse a plena realização das individualidades.” Por isso a existência de uma sociedade sem classes é para os anarquistas condição inexorável junto com a abolição do Estado. Todos os meios são legítimos para alcançar esta forma de sociedade: podemos e devemos nos sacrificar pelos altos valores que nos fazem pessoas, morrer e até matar pela Liberdade e Justiça. Em um mundo onde $\frac{3}{4}$ da população sofrem fome e morte pela opressão capitalista (aonde crianças e adultos caminham nus, mostrando seus ossos; onde as mulheres possuem só 1% da propriedade mundial e recebem do ingresso total 10%, sem entrar em estupros, agressões e assassinatos a mãos dos “machos” servis do Estado Patriarcal; onde os exércitos e polícias nos oprimem, torturam, assassinam e encarceram para proteger as instituições e os setores privilegiados das reivindicações sociais e ânsia por Liberdade dos Povos)... A revolução violenta, a sabotagem, a insubmissão, o feminismo e todas formas de luta efetiva que nos unam, constituem um dever e uma obrigação.

Xosé Tarrio e Cláudio Lavazza, presos anarquistas.

Mais provas da repressão e dureza no tratamento que havia contra os presos FIES, no seguinte artigo que consegui que publicassem no CNT.

Extraído de CNT, Junho de 1999.

OS PRESOS FIES DA CADEIA JAÉN II DENUNCIAM A ATITUDE FASCISTA DO SUBDIRETOR DE SEGURANÇA.

Queridos companheiros e amigos:

Outra vez estamos aqui para contar-lhes algo deste departamento FIES (Fichero de Internos de Especial Seguimiento) em Jaén II. Esta vez falaremos de “segurança”, ou melhor dito, do conceito de segurança que nos aplicam, das normas que (de uma maneira sistemática) nos proíbem qualquer coisa (sempre a capricho dos carcereiros) ainda que não ponham em perigo a segurança do centro penitenciário. Está claro que sabemos fazer (e o fazemos) a distinção dos que simplesmente vem fazer seu trabalho e os que não. A maioria deles dizem ter que cumprir as ordens dos de “cima”. Este é o assunto que na continuidade, vamos tratar.

Neste lugar manda o terratenente que moderadamente se denomina: subdiretor de segurança. Entre suas qualidades reflete sua maior expressão na decadência psicológica que exhibe. Este servo do poder atua impunemente sentindo-se protegido pelo mesmo sistema penitenciário. Seguramente é “um pai de família e honrado cidadão” mas descarrega suas frustrações sobre nós, sob a desculpa de “manter a ordem penitenciária”, esta “ordem” penitenciária acontece: pela tortura física e psicológica. Este senhor (desconhecemos seu nome), com bigodes, olhos azuis e portador de óculos escuros, no 14 e 19 de outubro de 97, presenciou, surrou e torturou pessoalmente a três de nós (dois deles por duas vezes em seis dias). Estes feitos estão amplamente documentados no julgamento que proximamente haverá. Cabe destacar, que como sempre acontece, seremos acusados nós de agredir a eles! Temos três anos de petição fiscal cada um, por lesões a funcionários! A agressão foi levada a cabo por 40 valentes carcereiros armados de escudos, cassetetes, barras de ferro, spray paralisante, capacetes e coletes a prova de bala. Equipados assim se lançaram 40 contra cada um. É impossível acreditar que nestas condições, um promotor com o mínimo de bom senso, possa acusar nós de sermos os agressores. O subdiretor estava ali, ele ordenou a agressão, ele a mandou e ele, uma vez reduzidos e algemados as grades, golpeou, selvagem e covardemente a pessoas algemadas que haviam perdido a consciência.

Sempre que se apresenta algum problema, este indivíduo se apresenta armado até os dentes, pronto para aplicar as pautas democráticas que seu código de reeducação e reinserção ditam. A última vez que um de nós protagonizou umas “alterações”, foi a boa atitude de um chefe de serviços presente, a que evitou um grande espancamento. Nosso querido subdiretor não costuma perdoar assim tão facilmente a quem perturba “a boa ordem do estabelecimento”. Ele está convencido de que o método do espancamento é o mais indicado a aplicar em um preso FIES. Dependendo de seus caprichos, nos permite ou nega telefonarmos a nossos advogados, acrescentando que é obrigação profissional de um advogado deslocar-se até o centro penitenciário. Se esquece este “senhor”, que os deslocamentos temos que pagar com nosso dinheiro. As chamadas telefônicas para a rádio, a organizações humanitárias ou pró-presos, são negadas sistematicamente. Nos proíbe até de presentear um gorro de lã a um companheiro que não o tem. Nos limita o número de livros na cela que vivemos. Cada vez que queremos trocá-los temos que fazer um requerimento e se está de bom humor nos permite substituí-los por outros (entre tanto se passou mais de uma semana). Se temos que cortar o cabelo, nos obrigam a sermos algemados. Não entendemos por que já que os carcereiros estão muito bem protegidos em um bunker que não permite contato físico algum. Nos tratam como a perigosos psicopatas, quando o doente mental é ele, demonstrando-o com sua atitude todos os dias. Quando saímos a um cara-a-cara com nossos familiares, nos obriga a ficarmos completamente nus, que não tem lógica alguma (visto que temos que passar por um arco detector). Se nos negamos a desnudar-nos, a chantagem e a ameaça são claras, ou o fazemos ou não nos comunicamos. Todo este “tratamento” abafado pela aprovação do Tribunal de Vigilância Penitenciária, a direção e os meios de informação.

Abreviando: são contínuos os abusos deste “filósofo do porrete”, não se pode aceitar sob nenhum conceito a estes obscuros personagens de triste memória. Igualmente as mães dos desaparecidos da Argentina, teria que marcar de vermelho a porta de sua casa delatando aos vizinhos do torturador que convive com eles ao seu lado.

Em conclusão: não há que permitir, que gestionem este mundo onde cabe o horror e a injustiça, pela indiferença assimilada nas consciências de muitos cidadãos, e pela hipocrisia dos carrascos disfarçados de democratas. Todos temos a responsabilidade de lu-

tar para transformar a realidade. Nossa realidade e em definitivo a realidade de toda pessoa presa ou livre. Podemos transformá-la com o rechaço, com o ataque crítico frente a injustiça do poder, só assim podemos construir um mundo melhor a partir de um presente que se tem que sabotar, por necessidade, urgência e criatividade.

Temos que promover uma campanha de apoio saturando por Fax e telefone. O endereço deste Centro Penitenciário de Jaén é:

CP. Jaén II

Carretera Bailén-Motril km. 8, 23071 Jaén.

E do Tribunal de Vigilância Penitenciária de Granada:

Avda. Del Sur nº 5, Edificio La Caleta.

18014 Granada.

Tlf. 958 249 782

Sob o lema:

Que se acabem os torturadores e os departamentos de isolamento FIES!

Coletivo de presos FIES em Jaén II

É curioso ver como somos os seres humanos quando estamos encarcerados. Cada um/a de nós tem seus próprios mecanismos de defesa. O meu era e segue sendo, o tirar o máximo desta experiência. Obter todo o conhecimento e a informação necessária. Transformar o todo em uma espécie de universidade da vida. Aonde o aprendizado carrega trabalho e sofrimento, igual estudar para superar os exames. Com a única diferença de que o cárcere é algo imposto e gratuito... bom, se paga muito caro, com anos de liberdade. Tudo que não pude fazer em liberdade me obriguei a empreender aqui dentro, sobretudo a escutar com mais atenção aos demais e a mim mesmo.

Descobri de mim que era um irremediável idealista e um irreparável sentimental. A solidão é o que provoca uma análise profunda de teu próprio ser, aprendes a conhecer-te por que tens todo o tempo para pensar, contrariamente a quando estás em liberdade. Sempre vivia a trezentos por hora e a esta velocidade não podes perceber as belezas que te rodeiam, não vê nem sequer a cor das flores, nem o zumbido das abelhas que a rodeiam, tudo isso e mais são coisas que perdes. Só vê o rumo que vai traçando diante de ti a cada quilômetro percorrido, uma reta contínua que se estreita ao aumentar a velocidade de teu percurso até o sonho que levas dentro.

Perdido nestes pensamentos, as recordações vão irremediavelmente até aqueles momentos de minha vida que não soube aproveitar, a quando tinha a alguém estupendo perto de mim e ao tempo e ao amor

que deveria ter que dedicar-lhe. Agora não o tenho... Como tenho saudades! Só nos damos conta quando a perdemos, a última vez que a vi ao nos abraçarmos, lhe caíram umas lágrimas, que não soube entender, ela sabia que era a última vez... aquela companheira era incrível. Uma noite a ocorreu presenciar em seus sonhos um acidente que tive com um carro roubado. Eram as quatro e meia da manhã e acabava de furtar um carro que seria utilizado no dia seguinte em um assalto. Ia rápido, pisando fundo no acelerador, em uma curva uma placa de gelo, me fez perder o controle do carro, saí disparado da estrada e me faltou pouco para chocar em cheio contra umas fileiras de árvores de grande tamanho, passei entre dois buracos por poucos centímetros.

Ela o sonhou com todo detalhe, se despertou sobressaltada do pesadelo e olhou a hora. Ao dia seguinte me contou tudo, sem que eu previamente (nunca o fazia) lhe contasse nada do acidente que me passou. Incrível! Ela foi o segundo grande amor de minha vida, o mais intenso, o mais duradouro. Me dá vontade de chorar com essas recordações. Preparo um escrito para o tribunal de Córdoba, tento tirar-me a tristeza de cima. Dentro de pouco é o julgamento e lhes direi umas quantas palavras aos fachos que nos julgarão.

AO TRIBUNAL DE CÓRDOBA

Aproveito a oportunidade de falar a este tribunal para dar uma visão distinta dos fatos e desta forma tirar essa imagem de frio assassino que os meios de comunicação me colocaram desde o primeiro dia. Não desejo justificar minha atuação a esta sala, não me importa em absoluto sua opinião ou decisão, não quero nenhuma classe de trato com meus inimigos nem quero justificar-me ante a opinião pública, a mesma que olha e permite a diária miséria e eliminação de milhares de pessoas, e que se indigna pela morte de duas policiais, que quando se trata de nós disparamos, pensa que somos assassinos e quando é a polícia quem mata “se faz justiça”. Na sangrenta guerra que impõe o Capital, milhares de indivíduos caem cada dia sob as balas das forças de segurança do Estado, vítimas das diferenças sociais e da estratégia destrutiva da “Economia de Mercado”. Para manter a segurança dos ricos, este exército de mercenários são recrutados, treinados e postos estrategicamente na rua para vigiar, seguir e se é necessário eliminar a quem não obedece as regras que eles impõem. Sempre que se manifesta uma guerra, os bancos, os grupos da bolsa de valores, as multinacionais do armamento, os Estados e seus interesses estão prontos para

investir dinheiro nestes sujos negócios. Vivem e proliferam para o benefício de alguns poucos, as custas da miséria e da morte de muitos seres humanos. Atacar a esse grupo social para roubar-lhes algo de seu imenso tesouro é o ponto mais digno de luta de cada proletário, é muito melhor seguir esse caminho cheio de perigos (prisão, morte) que levar uma vida de joelhos frente aos Poderosos por um humilhante salário.

Desde sempre fui um proletário, um marginalizado, um rebelde, um anárquico, inimigo deste e de qualquer sistema, para mim a rebeldia é simplesmente uma questão de estática, de equilíbrio entre um homem e outro homem perfeitamente iguais, os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos, não pode haver diferenças sociais, se existem, enquanto uns abusam e tiranizam, os outros protestam e odeiam. A rebeldia é uma tendência niveladora, e portanto racional, natural. Os oprimidos, os espoliados, os explorados tem de ser rebeldes por que tem de recobrar seus direitos até conseguirem sua completa e perfeita participação no patrimônio universal (em palavras de Francisco Ferrer i Guardia).

Este sistema percebe o rebelde como fisicamente ameaçador e ideologicamente perturbador, devido aos “abusos e enganosa” que se diz que comete, e ao mal exemplo de associalização que poderia dar. Sua existência é dissidência aos olhos de um Estado que quer ser forte e hegemônico e que portanto, deve atuar com severidade eliminando-lhe ou rechaçando-lhe. Este tipo de sanção resulta hoje em dia cada vez mais aplicada com constante vigilância na rua ou bem com sistemas penitenciários cada vez mais parecidos a campos de extermínio, tentando desta maneira destruir ao indivíduo mental e fisicamente.

Aquele dia 18 de dezembro de 1996, em minha fuga defendia minha própria vida e minha liberdade. Sabia de sobra que o inimigo não tinha escrúpulos, e o demonstrou disparando-nos primeiro na saída do banco e logo nos emboscando de uma maneira que seria mortal se não fosse pelo fato que levávamos coletes a prova de balas. Minha decisão foi simples, minha vida ou a deles. E que fique claro de uma vez: Nós ali fomos para levar o dinheiro sem intenção de matar a ninguém.

Sou amante da liberdade e só posso brindar meu respeito e minha solidariedade aos que como eu tem o valor e a dignidade de defender sua própria vida com unhas e dentes. Como inimigo da exploração e da miséria não sinto nenhum sentimento de compaixão

aos que em nome do privilégio torturam, encarceram e assassinam.

Não tenho medo as duras penas. Os anarquistas, o cárcere o temos geneticamente no sangue, não tenho medo da morte, esse sentimento faz tempo que o perdi, nem medo aos tribunais divinos por que não acredito em nenhum Deus, frente aos tribunais da Terra nunca me coloquei de joelhos, só me interessa o julgamento dos meus, ou seja os companheiros que lutam por um mundo novo.

E enquanto vocês, senhores, tentam tapar os olhos, esta é uma guerra... Guerra social, e cada parte chora seus caídos, nós já levamos muitos séculos chorando os nossos.

1998, no Centro Penitenciário JAÉN II

AO TRIBUNAL DE CÓRDOBA

Vocês conhecem de sobra minha postura frente aos tribunais. Mais de 4 anos de isolamento em regime de vida FIES não mudaram meu pensamento “Anarquista”, mas sim o deram mais força. O jogo das verdades: As de vocês e as nossas, me anima a dizer algo neste julgamento: que não fomos nós os que disparamos ao segurança do carro forte, mas sim a Polícia Nacional. Tampouco fomos nós os que efetuaram disparos contra o Ford Sierra, no qual uma ocupante ficou ferida. Isto já o sabem e para nós não fica a menor dúvida. O que passa é que para vocês a política de criminalização vai além de simples evidência dos fatos, apresentando-nos -como de costume-, a opinião pública como perigosos psicopatas e frios manipuladores, criando assim fantasiosas acusações e historinhas midiáticas, prescindindo de qualquer fundamento objetivo ao puro estilo do terrorismo jurídico de Estado, com a intenção de paralisar a solidariedade das pessoas da rua que nos apoia e comparte nossos ideais. Isolando-nos assim, ainda mais, da classe desfavorecida de onde viemos. Montagens midiáticas de guerra suja preventiva diretamente dirigidos desde o Ministério do Interior.

Queria fazer aqui um chamado aos jornalistas a não seguir por esses caminhos e não salpicar mais de mentiras as/aos que lutam contra as injustiças que esta sociedade gera. Faço um chamado a ética da informação que, livre de qualquer pressão ou financiamento lícito ou ilícito, teria que voltar-se sempre para a verdade. Vossas difamações midiáticas não supõem nenhum freio nem para as/os presas/os nem para grande maioria das/os excluídas/os. É grave a sentença de morte que ditaram com vosso silêncio sobre as lutas das/os presas/os e suas greves de fome. Pior ainda quando pedem

mais penas para as/os presas/os FIES e mais dureza para todas/os rebeldes e revolucionárias/os. Sabes que o cárcere não reinsere. Estatísticas na mão, se pode provar facilmente que o cárcere gera inadaptabilidade, indivíduos resistentes as brutalidades do Sistema, que cada vez mais, assumem com audácia o papel de excluídos/as que esta sociedade lhes obriga. Não em todas/os o cárcere produz os mesmos efeitos paralisantes e aniquiladores. É justamente aqui onde nos situamos nós rebeldes, é aqui onde está nossa alegria e vossa grande preocupação.

Para terminar queria dizer que não reconheço a este tribunal e a nenhum outro o direito de me julgar, igualmente aos tribunais que se tomam o direito de não reconhecer suas próprias leis, as que já estão ditadas pela Audiência, Supremo e Constitucional, que declararam ilegais os regimes de detenção FIES, além de fazerem ouvidos surdos as centenas de denúncias por maus-tratos arquivadas, a total inexistência de defesa para as/os presas/os por parte dos Tribunais de Vigilância Penitenciária, as 147 agressões a reclusas/os e as 57 mortes em estranhas circunstâncias nos anos de 1999 e 2000. A isto vocês não chamam de terrorismo, sim Estatísticas de Estado.

É esta a paz que querem construir? Não pode haver paz por cima dos/as torturados/as e mortos/as. Que não lhes fique a menor dúvida.

Cláudio Lavazza

C.P. HUELVA 2001

O cárcere é sobretudo tédio, e se tem que lutar contra isso, como se de uma doença se tratasse.

CARTA A UM COMPANHEIRO

Querido companheiro: Estava pensando a melhor maneira de definir o Isolamento que padecemos. Resulta bastante difícil fazer entender aos/as demais, aos/as que não o viveram, o que em realidade é e provoca ao longo dos anos. Sim por que apesar dos limites legais que isto supõe se converteu, para uns quantos presos, em algo indefinido no tempo.

No encontro que teve lugar na Holanda, se comentou que o isolamento é uma das formas mais extremas da repressão. Algo assim como a tortura física ou o assassinato, um meio para destruir as ideias em geral e as ideias políticas em particular, é letal, inumano e ilegítimo desde um ponto de vista médico. Uma tortura e um crime contra a humanidade, uma tortura concebida para eliminar ao preso,

não em função do delito cometido mas sim do nível de periculosidade, dito de outra maneira do rechaço que este tem em função de sua submissão ao sistema penitenciário. Outros compas comentam – Hoje em dia o militante perigoso/a que é detido/a em particulares condições de enfrentamento, tem diante dele/a a perspectiva do isolamento e a de sair dali somente morto/a ou destruído/a. Jean Marc Rouillan, o companheiro francês de Action Directe que cumpriu mais de 20 anos de cárcere em uma entrevista, fez uma referência as diferentes trajetórias pessoais que o haviam levado as distintas prisões. As diversas formas de sobreviver, as experiências vividas, os infernos, e as estratégias para superar o horror pessoal ao que o haviam submetido, de como cada enclausuramento era uma mutilação brutal. Toni Negri uma figura intelectual do movimento da Autonomia Obrera de meu país explicava a importância de não deixar-se vencer pelos tempos e pautas que marcam as disciplinas penitenciárias e de buscar cada um/a seus próprios ritmos de vida fora desses tempos pautados.

Um forte abraço. Claudio

O apoio que recebem os meios de informação por parte da opinião pública, por seu silêncio é grande. Os jornalistas fazem de tudo para que a verdade do tratamento que recebemos nos módulos FIES não se saiba, isto a sua vez permite que os/as carcereiros/as abusar de sua autoridade e passar por cima de muitos artigos da regulamentação penitenciária, segundo eles/as, demasiado mole e progressista. Imagine o panorama... o regulamento penitenciário é por sua própria natureza muito duro com os presos FIES, mas não é o suficiente para alguns/as “funcionários/as” que querem mais dureza. Devido a uma circular da DGIP (Direção Geral de Instituições Penitenciárias) que o ordena em Jaén II, as batidas se efetuam diariamente, as cadeias são revistadas a fundo. O regulamento não contempla que se tem que jogar no chão nossa roupa, pisá-la, rasgar fotos, levar escritos e revistas, no entanto em Jaén fazem com frequência e com extrema crueldade. Se protesta te metem uma advertência, se insiste te espancam. Como lhe passou a um companheiro, aquela vez os carcereiros tiveram uma surpresa, o compa era um dos melhores praticantes de artes marciais que conheci, apesar de seu número os carcereiros levaram uns quantos golpes e demoraram mais de quinze minutos para imobilizar o companheiro.

Quando chegamos a Jaén, não contávamos com o apoio de quase ninguém. Uma noite enquanto estávamos todos nas janelas, come-

cei a falar de anarquia e da necessidade urgente que tínhamos todos de difundir aos quatro ventos nossa situação. Prometi escrever carta aos/as companheiros/as de fora, denunciando nossa situação, pedindo ajuda, solidariedade e presença. Ao mesmo tempo, com a ajuda dos demais compas presos começamos a dirigir nossas queixas nos órgãos de informação como Canal Sur radio, no programa dos presos A Pulso que começava a transmitir no ano de 1996. Nossas reivindicações iam acompanhadas de pontuais denúncias ao Tribunal de Vigilancia Penitenciária de Granada, que sob a titular ao mando da juíza Navajas Roja, omitia nossas petições. A intenção que tínhamos era nos preparar para a guerra, antes de declará-la.

Se tratava, antes de tudo, de montar uma infraestrutura com um apoio estável, uma rede de informação desde dentro para fora, rápida em ser difundida. Necessitávamos de advogados/as que em caso de tortura pudessem nos visitar com ordem judicial, ou sem ela se fosse necessário, antes que as feridas e hematomas dos golpes recebidos desaparecessem com o tempo, invalidando qualquer possível denúncia de maus-tratos. Os escritos que se dirigiam aos órgão oficiais como os Tribunais de Vigilancia Penitenciária, Audiências Provinciais, Tribunal Constitucional, Tribunal de Direitos Humanos e meios de informação, necessitavam de calor humano para tirar a imagem que haviam feito dos presos FIES. Parte fundamental deste projeto eram as famílias, muitos de nós não recebiam visita das/os familiares, devido a distância das comunidades de residência e por falta de recursos econômicos. Tínhamos que romper essa corrente, sem visitas não era possível empreender nenhuma luta. Tínhamos que romper o isolamento imposto, este era o primeiro elo por quebrar as longas correntes que nos tinham atado. Quando comecei a receber correspondência das/os companheiras/os, me encarreguei de que se relacionassem também com os demais presos do módulo FIES de Jaén. Teria que começar primeiro com as cartas, logo com as comunicações através do vidro e por fim com as mais difíceis comunicações íntimas. Se de companheiras se tratava, ainda que fosse complicado ter a autorização de tais visitas. Eu por exemplo, não tive nenhuma visita íntima apesar que tinha uma companheira que estava disposta a casar comigo se fosse necessário. De toda forma em espera da visita íntima, se podia optar pelas comunicações através do vidro, facilmente autorizadas. Ninguém tinha advogados/as envolvidas/os, a maioria tinha defensores/as públicos, uns/as larápios/as que não faziam nada por nós. Eu e meus compas italianos tínhamos dois gabinetes de advogadas/os bem envolvidos/as, que em caso de necessidade, acudiriam em pouco tempo.

A solidariedade pedida através das cartas começou a chegar pouco a pouco e com ela o apoio econômico, que em turnos, nos encarregávamos de repartir em partes iguais entre os que não tinham ingressos. Não era muito dinheiro e tão pouco importava, mas era indispensável para difundir o espírito de solidariedade, parte importante e fundamental nas lutas coletivas.

Em pouco tempo o módulo FIES de Jaén se transformou em uma espécie de comunidade em luta. Sua criatividade permitiu que se difundisse um espírito de rebeldia inteligente que se propagou por todo o território do Estado Espanhol. Não passava uma semana sem que falassem da gente no programa A Pulso da rádio Canal Sur. Todas as sextas as dez da noite, púnhamos nossos aparelhos de rádio a todo volume para incomodar aos/as carcereiros/as.

Desenhamos uma estratégia de luta que em caso de repressão individual, todo mundo se veria envolvido, botando-nos todos em greve de fome ou de pátio. Todos juntos, éramos como uma pinha, se tocavam a um tocavam a todos. Quando vinha um turno de guarda, com carcereiros/as fachos revistando de má maneira, quebrando tudo, se esperava o turno da comida do meio-dia e logo se golpeavam as portas durante cinco minutos sem parar, gritando logo pelas janelas “diretor torturador” e “diretor Torquemada”, o ruído era ensurdecedor, toda a cadeia se dava conta que no módulo FIES havia passado algo estranho. Logicamente também se dava conta o diretor, que enviava o sub-diretor de segurança (o filósofo do porrete) ao saber do que havia passado. Mas como não havia atos de violência física contra nenhum de seus companheiros, nem se haviam quebrado as dependências do módulo, as coisas ficavam aí. Não podiam fazer nada, mas o ruído, ou seja, a informação já havia saído.

Este tipo de protestos chegavam também aos ouvidos dos/as familiares que visitavam aos demais presos de outros departamentos, e logo eles mesmos se encarregavam de difundir o que haviam ouvido. Esta era nossa tática e funcionava. Havia dias em que se golpeavam as portas várias vezes, durante semanas inteiras, por que os/as carcereiros/as haviam feito algo mal. Obviamente não faltaram os espancamentos a alguns de nós e a resposta era um protesto coletivo acompanhado de denúncia ao Tribunal de Vigilância, que pressionado pelos/as advogados/as, meios de informação do movimento pró-presos/as, anarquistas, Canal Sur Radio (A Pulso), não tinham outra opção que fazer ato de presença acompanhado de médicos para certificar as lesões. Aquilo começava a funcionar, não era muito desde o ponto de

vista de nossa vingança aos/as carcereiros/as mas em compensação a informação sobre as torturas sofridas começava a circular pela rua e não eram tão silenciadas como antes.

Um dia me levaram de condução a Salamanca, onde tinha vários processos pendentes por uma série de assaltos a banco. Ali, no módulo FIES, tive a sorte de receber uma visita de uma delegação de Direitos Humanos que visitou o departamento. Me perguntaram se estava disposto a falar com eles/as, aproveitei a circunstância para comentar-lhes os horrores de Jaén II e pedir-lhes que fizessem tudo o que tivesse em suas mãos para enviar uma delegação de visita a Jaén. Me responderam que sim, que o fariam o mais cedo possível, visto que em cima de suas mesas já tinham vários informes dos maus-tratos que se produziam naquela cárcere.

Ao voltar a Jaén me encontrei com o módulo feito pedaços, devido as contínuas provocações o haviam quebrado inteiro, os carcereiros/as estavam preocupados/as, li em seus olhos, nunca assistiram a uma solidariedade coletiva como aquela. Na mesma noite levaram de condução a dois dos nossos, os demais ficamos ali. O movimento aconteceu por que dias antes agrediram a três companheiros por negarem-se a sair da cela para serem revistados (estávamos em greve de pátio e não havia motivo para uma revista).

As semanas seguintes foram duras, com o boicote do correio e as visitas suspensas provisoriamente. Mas a jogada lhes saiu mal por que a pouco tempo veio a visita de uma delegação internacional de Direitos Humanos autorizada pelo mesmíssimo Ministro do Interior, que naquele tempo era Jaime Mayor Oreja. Me chamaram. Ao abrirem a porta vi que havia um montão de gente me olhando, estava o diretor (Torquemada), o sub-diretor (o filósofo do porrete), o sub-diretor de tratamento, o chefe de serviços, junto a um montão de guardas e três indivíduos a paisana. Pensei o pior, creio que foi o diretor que me pediu, se não tinha nenhum inconveniente para ser entrevistado pela delegação internacional de Direitos Humanos, lhe respondi que em absoluto, sempre que a entrevista se efetuasse em minha cela sem a presença de nenhum funcionário e com a porta fechada. Não houve inconveniente, e os quatro nos fechamos na minha cela. A delegação estava composta por um francês, um inglês e um espanhol. Falei com eles mais de uma hora e meia, lhes contei as cachorradas que haviam se passado aí e logo lhes pedi que entrevistassem um companheiro recém espancado.

Não sabem a raiva que tinham os/as carcereiros/as, a coisa lhes havia escapado das mãos e agora lhes tocava a eles pagarem o que

havia feito sendo advertidos e enviados a trabalhar a outros departamentos, feito que doía a seus bolsos, por que ao trabalhar nos departamentos FIES recebiam um adendo econômico de umas trinta mil da antiga peseta, pelo nível de periculosidade. Dito adendo não o podiam receber trabalhando em departamentos normais.

Aos poucos dias da visita dos Direitos Humanos nos tiraram a todos a intervenção e a limitação das comunicações, o celebramos como uma vitória. Já não ia sair grátis espancar-nos impunemente, devido as múltiplas denúncias de maus tratos. Começaram a substituir os turnos de guarda compostos por carcereiros ruins, começaram a trazer ao módulo FIES menos carcereiros/as e mais funcionários/as. A diferença entre uns/as e outros/as consiste que o/a funcionário/a vem e faz seu trabalho sem mais, aplicando o regulamento sem amargar-te demasiado a vida, já o carcereiro/a passa dos limites em suas obrigações com contínuos abusos de poder, por que considera o regulamento penitenciário demasiado brando com os presos/as.

O clima se relaxou um pouco, ainda que a direção do Centro Penitenciário usou o método de utilizar no serviço no módulo FIES a cinco guardas igualmente a antes, três carcereiros e dois funcionários, ou seja três maus e dois bons. Finalmente alguma mudança. Visto que não tínhamos nada para praticar esporte, começamos a pedir (a Direção primeiro e visto que não davam nada, logo ao Tribunal de Vigilância Penitenciária) aparatos de esporte, raquetes de ping-pong, bolas de futebol, paos(uns escudos utilizados na prática de boxe tailandês), raquetes de tênis com suas respectivas bolas. Tardamos meses, mas ao final o conseguimos, nos deram tudo o que pedimos. Além de uma televisão grandíssima e em cores para a sala de atividades, com vídeos e filmes para escolher, segundo os gostos de cada qual, uma professora nova por que a anterior era muito antipática e deixava todo mundo cabreiro. Quem disse que as lutas não compensam? Obviamente que de vez em quando havia alguma surra, mas estas cada vez eram mais raras e sobretudo os torturadores se cuidavam muito de não bater demasiado forte.

Em todo o tempo que passei ali e até essa data, a mim não me bateram nunca. Quando havia algum problema com algum de nós os guardas tiravam a mim para mediar com o companheiro, ao mesmo tempo quando havia que apresentar alguma reivindicação os compas me escolhiam, a mim como seu porta-voz. Uma vez ao “filosofo do porrete” lhe ocorreu a péssima ideia de instalar por segurança umas barras mais em forma de janela, ao exterior de cada cela. Em pleno

verão o pouco ar que circulava, o calor se havia feito insuportável. De nenhuma maneira íamos permitir mais barras. Chamei colado na porta a que o sub-diretor de segurança se apresentasse de imediato ao módulo. Este não tardou nem meia-hora em chegar. Disse-lhe que se pensava instalar aquelas barbaridades de janelas que só se podiam abrir uns 45 graus, lhe voltáríamos a quebrar o módulo uma vez mais, “esta é uma ameaça?” me respondeu, “tome-o como quiser, para nós é mais bem uma certeza” lhe respondi. Não houve instalação das novas janelas, a coisa ficou aí.

As revistas seguiam diariamente, mas com o máximo respeito de nossos pertences. Um dia escutei a conversa entre um carcereiro novo que acabava de chegar ao acampamento FIES, este havia jogado tudo ao chão a moda antiga, ouvi dizer o outro guarda que estava com ele “não, não faça isso, não jogue nada no chão, por que não sabe como se põem essa gente, logo nos vão amargar todo o puto dia”.

Ainda que as condições haviam melhorado aquele lugar seguia sendo um módulo FIES e já nas tertúlias pelas janelas (chamadas pellacias na gíria carcerária espanhola) íamos idealizando lutas coletivas para o fechamento de semelhantes departamentos, a liberação dos/as presos/as com doenças incuráveis, o fechamento de todos os isolamentos, o fim das torturas, maus-tratos e a liberação dos/as presos/as que já haviam cumprido vinte anos de prisão.

Apesar do entusiasmo coletivo, eu estava em desacordo com começar de momento uma luta generalizada em todo o território do estado espanhol. Considerava e sigo considerando que o movimento anarquista, pró presos/as estava ainda imaturo para empreender uma luta de tais proporções. Os informes que nos chegavam sobre torturas e maus-tratos nas prisões espanholas diziam que entre o ano 1999 e 2000, houve um total de cinquenta e sete reclusos mortos na prisão e outros cento e quarenta e sete haviam apresentado denúncia por tortura ou maus-tratos. Só em um destes casos se havia condenado aos carcereiros responsáveis por mau trato. A maioria dos/as presos/as falecidos/as entre as grades foram achados/as enforcados/as ou mortos/as por uma overdose letal, mas também houveram oito falecimentos por falta de atenção, treze casos dos quais se desconhecia a causa, um degolado e dois apunhalados. As denúncias por maus-tratos procediam fundamentalmente das prisões de Madrid, onde se contabilizavam quarenta e seis casos, seguido pela Andaluzia com vinte oito casos e por Castilla e Leon com vinte e sete casos. Entre os/as denunciantes se encontravam uma dezena de presos/as do ETA. Nos últimos

dez anos, acrescentava o informe nas cadeias catalãs haviam morrido mil e doze internos.

A situação era favorável para empreender uma luta (apesar de meu desacordo) e o íamos levar em conta, sobretudo o bom posicionamento que teve um companheiro de criar um espaço de luta que permitiria aos anarquistas serem os protagonistas das lutas que iam se desenvolver. Eu gostei da coisa, ainda que (volto a repeti-lo) para mim os anarquistas não estavam a altura ainda, de empreender o caminho das lutas. Mas o compa tinha razão, tinha que se começar por que o clima dentro das cadeias havia chegado a níveis insuportáveis, o ambiente estava animado e propiciava um começo das reivindicações básicas.

Roma 20 de Maio de 1999. Massimo d'Antona que havia colaborado em elaborar a normativa anti-operária chamada o pacote TREV, conhecida como lei 196 é abatido pelas BVPCC

Vinte e uma horas de solidão em uma cela te dão tempo para pensar em muitas coisas, entre elas, em como e por que eu era assim, quero dizer como cheguei a ter ideais e pensamentos tão distintos da maioria das pessoas. Que foi o que me impulsionou a escolher um caminho ao invés de outro? Perguntas curiosas que te passam pela cabeça e que tentam dar um sentido ao mal-estar que está experimentando. Penso em tudo isso, em minha solidão e de repente aparece minha mãe... a vejo trabalhando na fábrica doze horas diárias e logo todo o trabalho que lhe dava a casa com as crianças. A vejo recebendo humilhações, chorar quando a despedem pelo fechamento temporário da fábrica, uma jogada do patrão para receber o subsídio do governo em caso de baixa rentabilidade produtiva. Uma mentira com a qual muitos empresários se fizeram ricos, por que lhes permitia despedir por lei a metade do quadro de funcionários, para logo voltar a incorporá-los mais tarde outra vez, com o direito de não pagar as indenizações (quitação). Foi assim que a minha mãe roubaram mais de quatro milhões de liras... vejo ao patrão da fábrica têxtil passear pelo povoado com seu jaguar, enquanto ela vai ao trabalho andando, a vejo trabalhar duro, igualmente ao meu pai e irmã, apesar disso chegam com dificuldade ao final do mês. Vejo as humilhantes horas de espera, as filas intermináveis em correios e escritórios bancários e chegar o ricaoço da cidade e passar na sua frente sem pedir desculpas.

Me vejo a mim mesmo receber insultos por não ir mais depressa em meu posto de trabalho, quando ainda não tinha nem 14 anos. Vejo uma multidão de cordeiros/as se assustar diante do patrão, do padre,

do chefe dos carabineiros, do prefeito... e me digo “Eu não serei como eles. Seguirei outro caminho, não sei aonde me levará, será como perseguir um sonho que nunca verei realizado... algo ao fim e ao cabo que me fará sentir a gosto comigo mesmo”. Desde criança odiei ser um qualquer, um número, uma máquina produtiva que faz funcionar a outra. Lutando por um ideal me ganharei o direito de ter um pequeno lugar na história, terei um lugar nas recordações de quem, igualmente a mim, lutou para mudar essa sociedade. Conseguirei a imortalidade por que viverei neles/as... “se vive uma só vez e se morre para sempre” dizia o escritor Sven Hassen, para mim será o “viver uma só vez e ser recordado para sempre”.

Os raios de sol que conseguem passar pelas grades, me despertam e me fazem voltar a realidade... muros e portas metálicas... uma realidade que não me agrada... e volto a fechar os olhos no silêncio de uma cálida tarde de verão. Ali aparecem as ondas e o azul do mar. Quando vivia livre, grande parte do tempo o passava mergulhando, minha grande afeição. A princípio me dedicava a caça submarina em apínea, armado com uma Thaitiana (um fuzil onde a flecha é impulsionada por potentes borrachas elásticas). Mergulhava nas profundas águas do Mediterrâneo caçando sargos, robalos, polvos, sépias e linguados... e logo os cozinhava na grelha na beira da praia, em companhia de uma ou outra garota bonita que buscava nos pubs, frequentados por universitárias. Muitas vezes ia só e não me importava... melhor só que mal acompanhado. Nem todo mundo está disposto a se levantar as seis da manhã para ir pescar. Vivia em uma cidade e para mergulhar tinha que deslocar-me a costa. Tinha uns quantos trajes de mergulho de distintas medidas, por que as garotas que levava comigo não eram sempre as mesmas. Assim que os levava todos, e logo elas escolhiam o mais apropriado para sua estatura. Saía da cidade com meu 4x4 e o isopor carregado de boas garrafas de vinho e cerveja. Na sexta pela tarde me instalava na borda de uma praia isolada no dia seguinte quando saía o sol... já estava pescando. Passava quase toda a manhã na água, se o tempo o permitia. Raras eram as vezes em que não capturava nada e raras eram as garotas dispostas a levantar-se tão cedo para mergulhar. Meu entusiasmo o compartilhava quase sempre comigo mesmo, deixava as dorminhocas dormirem todo o tempo e ao regressar ainda preparava a comida, menu do dia, os peixes que capturava.

Estava bem treinado, antes de entrar na água, me sentava frente ao pálido sol que acabava de sair, em postura de yoga, inspirando o

ar fresco carregado de positividade, soltava todas minhas preocupações, relaxava as batidas do meu coração, criava um vazio ao meu redor, onde nada nem ninguém podia me incomodar. O relaxamento conseguido me permitia aguentar mais tempo a respiração debaixo d'água, alcançando níveis consideráveis, meu recorde foi 27 metros de profundidade; as vezes era necessário chegar a limites tão extremos para pescar um peixe que havia se escondido abaixo de uma rocha. Uma vez consegui capturar um robalo de 90 centímetros, quase um recorde, por que o mais grande que se capturou nessa modalidade de pesca a pulmão livre foi na Catalunha com um exemplar de mais de um metro.

Com o tempo perdi o interesse na caça submarina, me dava lástima caçar aos peixes. Pendurei o rifle e comprei um equipamento de mergulho autônomo. Sempre gostei de ir cada vez mais abaixo, onde pela profundidade se necessita uma lâmpada de luz alógena para ver algo... Os raios solares além de uns limites não chegam. Um dia cheguei a alcançar os setenta metros. Uma profundidade considerada perigosa se não se respeitam escrupulosamente todos os parâmetros aos que o mergulho a grande profundidade obriga. As leis físicas indicam o oxigênio que além dos sessenta e seis metros de profundidade passa a ser tóxico. Provocando ao mergulhador um estado de confusão que pode acarretar convulsões por intoxicação com gravíssimas consequências. O oxigênio representa o segundo obstáculo na utilização do ar comprimido, sua problemática começa a alcançar cotas de risco além dos limites, no entanto, com outro componente do ar, o nitrogênio, os perigos podem manifestar-se muitos metros antes. É um risco calculável, sempre que estivesse em boa forma física, ao primeiro gesto de confusão mental...ZAZ... subia a cima, respeitando os parâmetros de descompressão, utilizando um computador de mergulho que sempre levava comigo.

Gostava de mergulhar entre os barcos, transatlânticos e aviões afundados, quanto mais abaixo melhor. Havia algo que me estimulava igualmente a assaltar bancos, o risco... mais bem a sensação de risco, para depois desfrutar da paz interior, algo que se explica na medicina com palavras como adrenalina e endorfinas. Desafiava a morte, para logo apreciar mais a vida, isso me produzia euforia. O mal é que para encontrar as mesmas sensações, tem que se arriscar cada vez um pouco mais. Meti na cabeça alcançar o recorde mundial de profundidade na especialidade de ar comprimido, um limite jamais registrado oficialmente. A ideia me deu um documentário de Jean Ja-

cque Costeau que vi uma vez, falava de um mergulhador buscador de coral italiano, que para tirar as valiosas peças, um dia desceu a cento e sessenta metros. Não era um recorde oficial, mas a façanha tinha testemunhas presenciais e isso era suficiente para constatar a veracidade da profundidade alcançada. Então, pensei que se eu conseguisse baixar a cento e sessenta e um metros, podia considerar-me campeão do mundo. Mas o assunto não era tão simples, para convalidar um recorde oficial, tem que se ter delegados presenciais, assim que me informei devidamente. Se tratava de convocar aos responsáveis do livro Guinnes dos Recordes, um médico mergulhador qualificado para grandes profundidades, uma equipe de mergulhadores experientes na assistência a distintos níveis, um grupo de amigos loucos, igual a mim dispostos a acompanhar-me, um barco de apoio, uma câmara hiperbárica em caso de acidente de descompressão, a menos de uma hora do lugar da prova, e por fim, um meio de transporte rápido para te levar, um helicóptero, uff... quase nada!

Só sob essas condições podia convencer ao Guinnes sua presença. Tudo aquilo podia consegui-lo, dinheiro não me faltava, encontrei aos loucos amigos dispostos a ajudar-me na conquista do recorde mundial. O problema que ficava por resolver era encontrar uma companhia de seguros tão louca como nós para aceitar uma apólice de risco, para uma missão considerada por todos os especialistas que consultei como um suicídio. Mas bem, me dava igual, em caso de acidente teria pago de meu bolso a hospitalização e a caríssima câmara hiperbárica, deixando totalmente descartada a possibilidade de ficar numa cadeira de rodas por toda a vida.

O recorde mundial de profundidade pertence aos mergulhadores da Comex, uma companhia francesa que se dedica a instalação de encanamentos de gás e petróleo no fundo do mar. Alcançaram, se não me equivoco, quinhentos e setenta e cinco metros, mas utilizando misturas gasosas chamadas Trimix (hélio, oxigênio e nitrogênio), ou hélio (hélio com eliminação total do nitrogênio). Mas ninguém, até essa data (que eu saiba), baixou até cento e sessenta e um metros, utilizando ar comprimido, fazendo oficial o recorde. Comecei a treinar-me seriamente, mas a detenção em Córdoba parou com a loucura. Vai saber como teria terminado aquilo. O de ir cada vez mais abaixo pode parecer uma estupidez, é certo, mas a curiosidade me entrou um dia quando mergulhava com alguns amigos em águas profundas a umas quantas milhas da costa, em um lugar onde devido a profundidade não se enxergava o fundo do mar. Estávamos ali por que alguns pesca-

dores do lugar nos haviam comentado que se podia ver passar bancos de atuns, tinha que ter sorte e ficar a espera, flutuando entre duas águas a uns dez metros de profundidade. Junto a uns amigos apaixonados, equipados com câmeras submarinas e modernos aparatos, confiávamos em tirar imagens dos impressionantes bancos de atum, nadando juntos. Se comentava que se podiam ver exemplares de mais de trezentos quilos e podíamos tirar fotos enquanto passam a nosso lado, era algo sonhado há tempos e que valia a pena tentar.

Estávamos dirigindo-nos ao lugar indicado, nadando a uns oito metros de profundidade para evitar a corrente, quando um dos amigos, devido ao frio intenso daquelas águas, desmaiou. Não havia muita visibilidade, e quando nos demos conta, o amigo (terceiro componente da equipe) não estava... havia desaparecido! Pensei que as fortes correntes o haviam levado. Assim que subi a superfície para localizá-lo; em águas abertas é aconselhável levar um sinal de socorro luminoso como uma lâmpada estroboscópica (luz a centelhas) e todos estávamos equipados. Mas nada, não havia ninguém ali em cima. Pensei no pior, se desmaias na água, pára de agitar-se e pouco a pouco se afunda; poderia ficar flutuando no lugar mas teria que equilibrar o colete enchendo-o de ar; manobra essa de equilíbrio que ainda ninguém de nós havia começado, igualmente que nenhum dos três havia ligado a lâmpada de luz a centelhas. Avisei a outro mergulhador que nadava ao meu lado e sem pensá-lo, joguei a cabeça abaixo até o barranco. Tinha a vista o profundímetro do computador, os números na tela iam aumentando com o passar do tempo, a escuridão se fazia cada vez mais densa, liguei a lâmpada alógena, a pressão se fazia notar a cada metro, cheguei aos cinquenta e cinco metros, seguia sem ver ao amigo. Comecei a desesperar-me, - quantos metros podia seguir baixando em sua busca? - não o sabia, nunca havia baixado tanto. Começou a entrar-me medo... desconhecia de todos os efeitos provocados pela pressão além dos quarenta metros e o computador marcava sessenta. Me disse “baixarei uns dez metros mais e logo abandonarei ao pobre amigo a seu destino” não tinha outra solução. A sorte me permitiu ver um reflexo, eram as torneiras de aço dos cilindros de oxigênio do amigo, que seguia sem recobrar os sentidos, afundando naquele pedaço de mar sem fundo. O enganchei, inflei seu colete flutuante, o sacudi e o obriguei a respirar... apenas pude fazê-lo... subimos os dois, ajudados pelo terceiro, que esperava a pouca profundidade. O subimos à zodiac que deixamos longe de nós em um lugar onde a âncora tinha fundo para agarrar-se, eu fiquei, tinha que voltar a baixar

outra vez a mesma profundidade para efetuar todo o procedimento de descompressão que não havia realizado antes, era obrigado se não queria correr o risco de padecer em embolia. O outro mergulhador se encarregou de levar o desafortunado ao hospital. Ali, a sessenta e cinco metros sob a água, pensei: “Quantos metros mais poderia baixar? Até onde poderia chegar em busca de meu amigo?”

Sim, vivia bem estando em busca e captura. Realizei quase todos os sonhos que tinha, comparava com frequência minha existência, com a falta de liberdade do operário que haveria tocado viver, se houvesse ficado no povoado. Seguramente agora, igual a meus antigos amigos do colégio, estaria casado e com filhos, com a obrigação de trabalhar dez horas por dia para manter a família. Cansado pela noite depois do trabalho, estaria olhando a caixa tonta, comodamente sentado com pantufas nos pés, logo iria para cama morto de sono e feito pó... sem vontade de fazer amor com minha mulher, que entretanto, com o passar do tempo, igual a mim, estaria cada vez mais gorda. Esta era a realidade que teriam pela frente, os amigos que haviam escolhido a paz social do sistema. Provavelmente não estaria agora metido numa cadeia... Mas, ainda que fosse possível voltar a trás, não mudaria nem um milímetro o rumo que havia escolhido. Esses amigos, nem ainda vivendo mil anos, poderiam realizar todos os sonhos que eu realizei. Amarrados como estavam a suas obrigações, endividados por toda a vida pelo apartamento, o carro, a TV nova... eles, os pobres resignados a viver como escravos, viveriam o resto de suas vidas fincados no povoado, enquanto o patrão lhes desse trabalho e se um dia o caprichoso mundo empresarial decidira o contrário, se veriam na obrigação de trabalhar sem contrato ou o desemprego, terminando, talvez, dando-se um tiro por não aguentar mais o stress provocado pela classe de vida que haviam escolhido.

Que haveria sido de mim se houvesse decidido viver como eles? Que haveria sido de mim se a luz da luta não me houvesse clareado o caminho? Meus pais o tinham tudo preparado para mim. Eles haveriam se acomodado a viver no piso de baixo de nossa casa, deixando-me a mim e a minha futura família o piso de cima, até tinham uma garota perfeita que teria casado comigo. Mas rompi com todos os esquemas, abandonando o lugar. Só lamento não ter tido tempo para fazer-lhes entender que a vida que me tinham preparado não representava para mim nenhuma felicidade.

Quando estava em Jaén, morreu meu pai, recebi um telegrama de minha irmã: “Papai morreu hoje. Não sofreu, se foi de noite enquanto

dormia, como sempre desejou”. Era muito velho, ficou só depois da morte de minha mãe no 23 de janeiro de 1991, ela sofreu muito antes de ir-se. Um véu de tristeza me envolveu, os olhos me umedeceram. Os companheiros se deram conta do meu mal estar e respeitosa e se afastaram deixando-me passear só pelo grande pátio do módulo FIES de Jaén II.

O ano de 1999 me contribuiu em algo de alegria, depois de três anos e uma infinidade de recursos, por fim me concederam a segunda fase FIES, ou seja o artigo 91.2, uma modalidade de vida dentro do FIES (1), um pouco melhor que a 91.3 que até a data me havia tocado viver. Me concederam igual ao outro companheiro no mesmo dia de outubro, a mim me destinaram a Picassent e a ele a Badajoz.

Em Picassent (Valência) me encontrei com um companheiro que conheci no módulo FIES de Jaén, foi uma agradável surpresa, igualmente a nós, lhe acabavam de conceder a segunda fase.

O caminho das lutas traçado em Jaén tomou um novo impulso e desde ali se começaram a tirar cartas e escritos ao movimento anarquista, pró presos/presas, companheiros/as reclusos/as e em liberdade, a um ritmo vertiginoso que as vezes superava as cinquenta cartas mensais. O motivo era empreender a marcha e ter o máximo de apoio para a abolição do regime FIES, a excarceração dos/as presos/as com doenças incuráveis, o fim da dispersão e o fim do isolamento.

Em março de 2000, se suicida em Picassent, o companheiro Juan José Romero Chuliá, el Güiri, que conheci em Jaén II, sua morte nos provocou um grande impacto, era considerado um histórico das lutas nas prisões, havia participado em vários protestos carcerários.

CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE.

Muitos/as de nós vivem essa realidade de domínio capitalista sem dar-lhe a mínima importância. Muitos/as pensam no fundo que o assunto lhe interessa até um certo ponto, pensam que é suficiente fazer uns quantos panfletos, escrever algum artigo em revistas do Movimento, logo distribuí-las e assim pôr-se em paz consigo mesmo e com os/as demais. O que na realidade está passando com respeito a repressão social em geral, não sei quantos/as deveras estão interessados/as. Mais grave ainda é a situação do Cárcere e sua realidade. Como é possível que o sistema sempre consiga isolar este mundo aos olhos dos/as que vivem afora? Nos últimos 20 anos temos assistido a impressionantes mudanças, sobretudo no Aparato

de Controle e seus sistemas, com suas espantosas estruturas Penitenciárias edificadas fora dos cascos urbanos para acentuar ainda mais o isolamento e o esquecimento de seus hóspedes, nascem como fungos por todas partes, construções caríssimas de 7 a 8.000 milhões de pesetas e com 1200/1500 vagas, a mais de 4 milhões de pesetas por cada preso/a: Quantas habitações decentes se podiam construir com esta soma de dinheiro, para quem não as tem? Mas a preocupação do sistema não é pelos/as sem-teto. Seu problema é como conter a raiva dos/as excluídos/as cada vez mais crescente e ao mesmo tempo, fazer negócio sobre sua pele. Um duplo negócio que responde de uma maneira perfeita e linear às exigências das leis de mercado; só se trata de criar as condições na sociedade: exploração, marginalização, drogas... são muitas das armas utilizadas com inteligência e que provocam três caminhos possíveis: quem aceita e entra de cheio em sua funcionalidade, quem não o aceita botando-se a margem e tentando lutar para mudar as coisas e as vítimas. Três realidades muito distintas umas das outras.

Quem abaixa a cabeça e decide pôr toda sua miserável existência servir ao Sistema, terá tudo o que quer (ou quase), sempre que saiba humilhar-se o suficiente, no mundo trabalhista assalariado poderá um dia (talvez) subir de cargo e passar a sua vez, de explorado/a a explorador/a, será parte dos bem pensantes, doentes da histeria da segurança, cedo ou tarde terão bens que proteger e entrará no coletivo dos que “mudaram o valor universal da justiça pelo da segurança”, para ele ou ela, a segurança será mais importante que a justiça e sua forma de pensar e sentir se transformará na única forma possível. Pensará isolado por um eficiente Sistema de Desinformação, que se há delitos é por que há uma parte da população que deve ser trancada e se as circunstâncias o permitam, exterminá-la. Por ele/ela, o cárcere é necessário, justo e indiscutível.

Por outro lado, estão quem são vítimas da situação criada pelo sistema, os/as que deslumbrados/as por esta sociedade de consumo não compreenderam a tempo a ditadura que se exerce através da pequena e grande tela, que impõe suas ordens, suas éticas, inculcadas desde crianças... que se não tem carro ou tal marca de roupa, és uma merda de pessoa ou não merece existir, são essas verdades/ordens, convites ao delito, que cedo ou tarde e com razão, empurrarão o/a excluído/a a desafiar as leis dos/as ricos/as, para dar-se ele/ela também uma oportunidade. Se na tentativa falha, estará o cárcere e a dureza de suas leis. A esta classe de excluídos

não estará permitido entrar no mundo das belezas artificiais sem abaixar a cabeça, todo o peso da injustiça se lançará sobre ele/ela, condenando-lhes a grandíssimas penas por coisas menores e de passagem alimentando o negócio do Sistema Penitenciário e a todo o entramado que o sustenta: bancos, grupos empresariais, bolsa de valores, etc. E estes a sua vez, financiarão aos Partidos Políticos, principais promotores desta particular forma de inversão de dinheiro público.

Por último tem os que se formaram uma consciência de classe e tem tido tempo suficiente para realizá-la através do recorrido de sua existência, os/as que compreenderam a necessidade e urgência de reagir a um estado de coisas determinadas. Tanto os/as chamados/as rebeldes sociais, como os/as que tem uma consciência de classe, vivem a mesma realidade com um fim estabelecido de antemão pelos/as poderosos/as, tanto uns/as como os/as outros/as são inimigos de seus interesses e ideologias, ao não haver-se adaptado as exigências das circunstâncias, assim que os/as dois são merecedores do mesmo tratamento... o cárcere. Para quem cai na rede, volta a se apresentar a mesma oportunidade (em pequena escala dessa vez) que vivia na sociedade livre. Ou seja, o adaptar-se e abaixar a cabeça ou rechaçar tudo e lutar para não permiti-lo. Volta a se repetir o mesmo jogo com as mesmas alternativas que se apresentavam afora.

Aqui faz falta compreender uma coisa que é fundamental para ter entre todos uma visão clara de um objetivo comum que saiba contrapor com eficácia o funcionamento do sistema, a cadeia é o lugar ideal onde a luta de classe dos/as excluídos/as, tem a oportunidade maior de desenvolver-se, ao ser um lugar onde as injustiças abundam, facilitando assim essa união tão indispensável entre os presos. Claro que para chegar ali, tem que criar as condições pra que nossa união se concretize, como por exemplo a contribuição da solidariedade e presença dos/as de fora que é indispensável para conseguir algo na prisão. Temos que dar a oportunidade para não viver como grupos tribais acostumados a afrontar os problemas, mão a mão, que se apresentam sem coordenação alguma, cada um a sua maneira, cada um com suas próprias inimizades, mais propensas ao desacordo que a união. Precisamos desta união. Precisamos triunfar nessa luta para demonstrarmos a nós mesmos/as que é possível ganhar a partida ao sistema, trabalhar unidos para uma sociedade sem cárceres.

SAÚDE E LIBERDADE.

O ano de 1999 foi também o ano do julgamento pelo sequestro do vice-cônsul adjunto da Itália em Málaga. Eu e dois companheiros fomos condenados pela Audiência Provincial de Málaga, Seção 1, a um total de onze anos e seis meses de reclusão. Segundo a promotoria, os três italianos na manhã do dia 4 de dezembro de 1996 abordaram a Pietro Lano, vice-cônsul adjunto da Itália e a seu enteado quando se dispunham a abrir o escritório do vice-consulado. Intimidaram com suas armas a estes dois homens para que entrassem com eles ao escritório consular. Uma vez dentro imobilizaram ao enteado e apontaram uma arma durante quarenta minutos ao vice-cônsul, roubaram passaportes, documentos, carimbos e dinheiro, antes de fugir, um dos assaltantes forçou ao vice-cônsul a gravar em fita magnética uma mensagem contra os juízes e a justiça italiana e a favor dos/as presos/as italianos/as. Os muros do escritório e a bandeira italiana foram suados com tinta.

O 7 de junho de 1999 o consulado geral da Itália em Barcelona e os vice-consulados de Burgos e Zaragoza, recebem respectivamente cada um uma carta bomba com uma carga explosiva de umas cem gramas. Os pacotes continham notas em que se assegurava que: “Os acusados da morte de duas policiais locais em Córdoba são completamente alheios ao assalto ao vice-consulado italiano em Málaga: se Pietro Lano e Mata Pavón (o vice-cônsul e seu enteado) continuam mentindo, perderão suas cabeças.”

ANO 2000

Em 25 de Abril de 2000 o subdiretor do jornal La Razón, responsável da informação sobre terrorismo, Jesús María Zuloaga, recebe na sede do jornal um pacote bomba, o explosivo de umas 150 gramas se encontrava dentro de uma caixa metálica - como do creme Nivea. Os responsáveis do envio demonstraram um particular senso de humor ao colocá-lo todo dentro de uma edição de Crime e Castigo do autor russo Fiodor Dostoievski. Os técnicos de desativação de explosivos consideraram como, muito profissional, a elaboração do artefato. No princípio o E.T.A. foi acusado do dito envio, no entanto, os autores divulgaram um comunicado através do jornal Gara, essa informação apareceu no La Razón no domingo 14-05-2000 que sinalava, que em um comunicado o grupo afirmava que o atentado frustrado contra Zuloaga não era obra do E.T.A., contribuindo com vários dados até aí desconhecidos sobre o artefato enviado, para provar que eles eram os responsáveis do ataque. Entre esses dados que ofereceu o grupo está a afirmação de que a carcaça que estava o explosivo (uma caixa de creme Nivea) foi raspada a pintura ao redor da letra A para formar o símbolo anarquista. Quanto à composição do artefato sinalava que se tratava de uma mescla de permanganato de potássio e açúcar, além de dizer com precisão que o detonador estava composto de um flash de fotografia sem plástico protetor, que estava alimentado de uma única pilha de nove volts e que dispunha de dois interruptores; um deles formado por um componente interno de eletrodoméstico e o outro por um pequeno pedaço de papelão com fita adesiva. O grupo Los anarquistas no seu comunicado sustentava que o envio do pacote bomba se realizou em solidariedade com os presos em luta, pela saída da prisão dos/as presos/as enfermos/as, o fim da dispersão⁴, o fim do isolamento e do regime extraordinário FIES. “Decidiram atentar contra o subdiretor de La Razón pela sua cobertura noticiosa da vontade do Ministério do Interior de atrelar a luta dos presos anarquistas e rebeldes sociais com a estratégia do E.T.A.”. Do jornal La Razón.

Em 26 de Abril de 2000 apareceram diversos cartazes ameaçadores com a fotografia do deputado socialista guipuzcoano, Enrique Múgica Herzog, na parte velha de San Sebastián. O texto dos cartazes qualifi-

4 Estratégia do estado através do sistema carcerário que envia as pessoas sequestradas para centros penitenciários distantes do seu núcleo de convivência ou local de origem, castigando tanto o preso como sua família.

cava o deputado e o ex-ministro da justiça de demente e de colaborar com a criação do regime FIES, “regime penitenciário que tortura e extermina presos de toda condição, não esquecemos, nem perdoamos”.

DESDE O FIES DE PICASSENT.

Ontem nos chegou um artigo do jornal ABC da terça 2/05/2000, o boletim do AAPPEL e várias cartas com informações sobre o que ocorre lá fora. O do ABC é grave, de uma dureza e provocação sem limites, mas é o de sempre. Do ABC, um jornal em que seus admiradores e leitores se encontram uma maioria de nostálgicos do franquismo, não é surpreendente a violência dos ataques direcionados principalmente contra a associação Salhaketa, às lutas dos presos aos compas envolvidos com elas.

Saiu também um novo artigo no La Razón que ainda não lemos, mas nos disseram que outra vez criminalizava uma figura importante de apoio, um homem destacado tanto pelo seu trabalho em busca de dignidade e justiça, como pelas suas convicções e militância contra a violência venha de onde venha. Em 17 de Abril se censurou a página web da Associação Contra a Tortura por ter divulgado os casos de tortura e maus-tratos, e na mesma campanha de repressão vários coletivos de apoio aos Presos receberam a visita da polícia (cabe destacar que esses coletivos não só denunciavam os abusos cometidos com os presos, senão os problemas que a marginalização e a pobreza geram). Na Espanha a maioria absoluta parece ter lhes subido à cabeça.

É curiosa a quantidade de informação que o “jornalista” do ABC, Pablo Muñoz, tem em suas mãos, fruto evidente da entrega por parte da DGIP dos expedientes pessoais dos companheiros criminalizados. Os do ABC mesmo confirmaram em suas linhas: recebem os informes da própria DGIP, o que aqui é interessante analisar é o porquê desses violentos ataques da mesma índole dos que o “jornalista” David Jiménez tirou faz 3 anos no “El Mundo”: “os dez presos FIES mais perigosos” no qual figuravam os companheiros anarquistas de Córdoba (um deles os está escrevendo isso). Uma evidência que está na cara, hoje, é o mesmo interesse de bloquear, com a típica criminalização, um movimento que está se encorpan-do tanto dentro quanto fora sem reproduzir os mesmos erros de 3 anos atrás, o qual indiretamente provocou um debate no movimento anarquista. É surpreendente que em seu artigo o ABC nos relacione com MLNV (Movimento de Liberação Nacional Vasco) sem sequer

formular a palavra anarquia. Ainda mais hoje que saiu a luz pública que um grupo anárquico assumiu a autoria do envio do pacote bomba ao senhor Zuloaga, porta voz dos setores retrógrados do poder, cujo artigo no exemplar do *La Razón* do dia 6/3/00 criminalizava as lutas dos presos sociais e anarquistas, assimilando-as já em março às lutas dos militantes do E.T.A. (homens e mulheres que além de lutar contra o estado espanhol, o fazem com a esperança de uma sociedade mais justa). Assim mesmo se criminalizou os coletivos apolíticos que lutam contra a exclusão social e denunciam dentro das medidas constitucionais os crimes de estado e particularmente o descumprimento das leis pelo sistema judicial/policial/penitenciário. Enfim, que ninguém se surpreenda se alguém decide enfrentar o poder utilizando métodos que não agradam a todos.

É fácil para os magnatas da desinformação cumprirem as vontades que os chega desde cima, assustando com falsa e tendenciosa informação todos que se aproximam da nossa realidade e nos apoiam em nossas reivindicações. Exigem liberdade de expressão, mas o que querem é difundir uma mensagem de guerra. Prestar atenção ao que diz o inimigo é importante, mas evitando engordar sua força; é imprescindível conhecer o adversário, estudar as possibilidades e os meios que emprega para desenvolver suas estratégias sem por isso transformá-lo em uma máquina onipotente e indestrutível: essa classe de gente acostumada com a impunidade e que empurra os outros a pedir uma informação previamente manipulada. Muitos sabemos que os instrumentos informativos - TV e grandes meios - são as causadoras de uma realidade imposta e pré-fabricada. Não somente são instrumentos de distorção, senão também instrumentos acumulativos, no sentido de que acumulam tamanha quantidade de informação que afogam a informação mesma. É saber tudo sem saber nada, para se esquecer rapidamente, cria na grande maioria da população uma realidade que se sustenta no nada.

Para finalizar, pensamos que a campanha de criminalização que se desatou em torno desta luta não demonstra um medo a nossas reivindicações, visto que se fez público um projeto de reformas da justiça, não quer dizer que pensamos que vão humanizar o sistema carcerário. O cárcere não se humaniza, e nenhuma reforma que venha de um governo que propõe o ideólogo do FIES e da dispersão como "Defensor Público", pode aportar algo positivo, mas acreditamos que se apressam para dar uma boa cara à instituição diante da

sociedade. Não são as reivindicações em si que temem, senão o nascimento de um movimento subversivo e difuso que não possam domesticar.

Em nossa vontade de rebeldes ou anarquistas, como nos queira chamar, seguiremos junto das pessoas que nos querem, aos que nos conhecem como seres livres dignos e incorruptíveis, aos que se solidarizam com nossas lutas e acreditam ainda na possibilidade de uma mudança. Existem duas realidades distintas e duas verdades: a deles e a nossa. O certo é que esses mercenários do poder contribuem para dar mais valor às lutas porque as mentiras quando são demasiadas mentiras já ninguém acredita.

Um forte abraço cheio de amor e raiva a todos os espíritos livres.

Claudio Lavazza.

Centro Penitenciário de Picassent II (Módulo FIES).

AOS MEUS COMPANHEIROS/AS.

Vamos enviar essa carta a uns companheiros/as que a enviarão a todos os grupos e organizações libertárias.

Decidimos, devido a minha trajetória de luta, que seja eu quem dirija o movimento. Em minha opinião, que seja eu ou outro é igual, de toda forma escrevo essa carta depois de conversar longamente com uns companheiros. Queria explicar um pouco sobre como foi minha trajetória como revolucionário, porque desde que fui detido na Espanha li e escutei muitas besteiras que vieram tanto dos meios de desinformação do estado como de alguns setores do movimento. Queria fazer isso porque nunca quis esclarecer nada, mas creio que chegou o momento de fazê-lo. Nasci no seio de uma família humilde e aos 13 anos tive que me incorporar ao mundo do trabalho. Aos 15 anos iniciei minha militância na fábrica e na rua; depois de passar por “Autonomia Operaria”, um movimento com forte presença nas fábricas e universidades, em 1978 com uns/as companheiros/as da autonomia e outros/as de sensibilidade ácrata fundamos “Proletários Armados pelo Comunismo”; era um grupo principalmente marxista-leninista mas logo evoluçionamos a nos reclamar libertários. Não saberia explicar porque, talvez fosse porque desde um primeiro momento vários integrantes do grupo pertenciam ao que hoje chamamos rebeldes sociais e a que nossa luta se focava contra o emaranhado carcerário. Para mim não foi nenhum descobrimento. Creio que todos/as os/as revolucionários/as poderíamos narrar um

fato ou um episódio que despertou nossa consciência. No meu caso foi a vida e a morte de Sacco e Vanzetti. O objetivo principal do nosso grupo era a destruição dos cárceres e a solidariedade ativa com os/as companheiros/as encarcerados/as. Uma solidariedade que se traduziu com o assalto ao cárcere de Frosinone para liberar dois companheiros e numerosas ações contra a instituição penitenciária e seus algozes; sempre responsáveis diretos das mais imundas torturas. No final dos anos 80 o grupo foi dizimado pelas forças repressivas. No princípio de 1981 cruzei a fronteira e me instalei no estado Francês. A partir desse momento meu ativismo se limita a ações de expropriação para suprir os gastos dos/as companheiros/as presos/as e para financiar a publicação de revistas e boletins anarquistas de contra-informação. No ano de 1989 passei ao estado espanhol de onde continuei a apoiar a meus companheiros italianos até minha detenção em dezembro de 1996. Em Córdoba terminaram 16 anos de vida na clandestinidade e começou minha instância nos centros de extermínio do Estado. Acredito que com esse pequeno resumo, se sacia a curiosidade de muitos/as companheiros/as e de outros que espero tenham a decência de se calarem.

Faz uns meses, juntos/as abrimos um espaço de luta contra o cárcere, em primeiro lugar e antes de tudo queria agradecer de coração a todos/as os/as companheiros/as que nos apoiam.

Nessa luta e mais além das reivindicações, muitos/as dos/as que nos propomos, buscamos desde o princípio conseguir a expansão do movimento em torno de um objetivo concreto e imediato. O vemos como uma necessidade comum para neutralizar o crescente fortalecimento do Estado, que sob os princípios do desenvolvimento da economia global e o bem-estar das empresas, reprime aos revolucionários/as, às pessoas que lutam, aos imigrantes e exclui dos pobres o direito de poder viver como seres livres e dignos. Não podemos esquecer que dentro desse contexto 3 trabalhadores/as morrem cada dia para engordar as contas bancárias dos patrões. Sem entrar no debate sobre a conveniência ou não do trabalho assalariado, são cifras que não podem deixar insensível a ninguém. É também aterradora a campanha contra imigração orquestrada pelos meios de comunicação, como a criminalização de qualquer tipo de dissidência. É triste ver que nada mudou, lutamos com todos os meios a nosso alcance para evitar tudo isso, mas as coisas seguem como antes. Como antes são os/as anarquistas, os/as rebeldes, os/as okupas, todos/as os/as excluídos/as e quem luta contra a sufo-

cante realidade capitalista aos que quisera me dirigir.

O cárcere não é simplesmente a consequência de um sistema injusto senão um dos pilares em que se sustenta o Estado e é em pequena escala a representação mais cruel da sociedade, uma sociedade feita presa pelo Estado para nos controlar. O cárcere se respira em todos os lugares, nas fábricas, nas escolas, na rua, até no próprio pensamento. Por isso que a luta contra a instituição penitenciária é uma luta que convém a todos/as e é o ponto de partida de uma atividade contínua contra o sistema como um todo. Esse é o objetivo comum que temos. Sendo que estar presos/as quer dizer não ter se adaptado às regras do jogo que uma falsa democracia impõe. Acreditar na revolução talvez esteja fora de moda. No entanto eu sigo acreditando nela no presente e na capacidade de responder ao poder aqui e agora.

É difícil pra mim expor tudo o que penso, seria muito longo e não sei se, de verdade, seria capaz de fazê-lo, em todo caso não quero ser chato e vamos direto ao assunto. Propomos uma Greve de pátio de 1 semana em todos os cárceres de 1 a 17 de julho, algo parecido com o jejum que protagonizamos em março. Por todos os lugares os/as companheiros/as estão preparando mobilizações para nos apoiar. As pessoas da CNA-Madrid propuseram uma grande manifestação e acampamento, a idéia é boa. O problema como sempre será encontrar a justa coordenação para que nenhum grupo ou coletivo fique a margem da participação ativa, tanto a nível auto-organizativo, quanto no nível de ação. Existem certos desacordos e divergências entre as diferentes dinâmicas libertárias. Não é um segredo pra ninguém, se comenta nas assembléias, nos centros sociais e porque não comentar por escrito. É um empecilho que viemos arrastando já por muito tempo e com toda possibilidade não poderemos solucionar com facilidade, mas podemos tentar. A proposta de uma grande manifestação em Madrid é uma boa oportunidade para estar juntos/as ao menos por um dia, por umas horas. Essas diferenças existem também no cárcere e não são poucas, mas tudo se facilita entre nós enquanto pensamos que a unidade se cria sobre a base de considerações humanitárias simples e ações pontuais. Em todo caso, pensamos que a Plataforma Antifascista através da CNA-Madrid, é a mais capacitada para organizar um evento de tamanha dimensão. É de supor que haverá que pedir autorizações e algumas outras sandices, mas também não requer muito trabalho e discussões, senão simplesmente fixar uma data concreta para que

possa ir quem desejar. É o que desde o cárcere necessitamos e pedimos a todos os grupos e companheiros/as da região. Isso não quer dizer de nenhum modo, que pedimos a nossos/as companheiros/as que mudem suas dinâmicas, mas uma manifestação, só tem sentido pela repercussão social que possa ter e, portanto pelo seu número de participantes. Também dizer que Instituições Penitenciárias começaram uma campanha de desmantelamento silencioso e progressivo do sistema FIES, tirando alguns companheiros dos bunkers. Tudo isso não nos faz esquecer que as torturas não pararam e que os/as companheiros/as doentes seguem morrendo. Como bem disseram queridos/as companheiros/as o objetivo comum é a anistia para todos/as os/as presos/as e a destruição de todas as prisões.

Sem mais me despeço com um fortíssimo abraço rebelde e anarquista.

Claudio Lavazza.

ESTIMADAS COMPANHEIRAS/OS:

Há momentos em que cada um de nós acreditamos intimamente na possibilidade de uma mudança.

Quando o carrasco se afasta, na solidão da cela nos sentimos capazes de produzir essa mudança. No nosso interior existe a certeza e a força suficiente para enfrentar ao cárcere. E isso não é nenhuma ilusão, se fosse não nos teriam fechados nos módulos de isolamento e não necessitariam se juntar entre dez ou quinze para nos torturar.

Pensamos que o que nos impede lutar com eficácia são, em grande parte, os muros que nós mesmos/as edificamos e não uns quantos carcereiros e uma política de extermínio, que é verdade que nos levou não poucos companheiros/as, ainda está muito longe de ter acabado com rebeldia, o que se demonstra com os protestos que vieram de todos os isolamentos. Não há um só mês que não se protagonize um txapeo⁵ ou greve de fome, seja a nível individual ou coletivo. Vamos que força e vontade não nos falta, só nos falta talvez, focar nossa luta de um modo diferente, não de um modo coletivo propriamente dito, porque somos antes de tudo rebeldes orgulhosos/as de nossa individualidade, mas sim de um modo mais

⁵ Permanecer na cela a maior parte do dia, sem sair ao pátio e/ou participar em atividades carcerárias.

coordenado (para obter mais resultados). Para conseguir mais eficácia e obter mais resultados seria indispensável criar um espaço que nos permitisse promover ações e sincronizá-las. Além disso, nos permitiria incindir sobre o movimento pró presos composto por diversos coletivos, às vezes afins com nossas idéias, outras vezes menos, mas em todos os casos compostos por pessoas desejosas de acabar com as surras, torturas e maus-tratos que viemos sofrendo.

Devemos incindir nesse movimento porque ninguém melhor que nós mesmos podemos explicar a realidade carcerária e ter respostas à repressão levando nossas forças e criatividade às ruas. Isso nos permitiria coordenar umas propostas desde dentro e desde fora.

Para isso temos que tomar consciência de uma coisa, sejamos viciados, ladrões, anarquistas, ou o que seja, estamos presos porque não aceitamos a realidade que nos querem impor. Cada um a sua maneira se rebelou contra a existência miserável que nos oferece uma sociedade que está se atolando na merda. Por isso, às vezes deslizamos na armadilha da droga, por isso empunhamos uma arma e sobre tudo por isso sofremos a repressão. São fatos inquestionáveis. Não nos perdemos em teorias políticas ou em discursos, lutamos contra qualquer tipo de imposição. Às vezes a partir de muitas contradições, mas sempre com uma verdade e uma certeza que ninguém nos tira. É tudo que podemos aportar aos companheiros/as que estão nas ruas, nos enriquecendo de nossas diferenças e driblando as desilusões causadas por longos anos de reclusão e resistência.

É possível e bastante simples coordenar nossos esforços para criar uma nova realidade, em que ao menos não estejamos morrendo em fogo lento. Pensamos então que é necessário criar um espaço para gestionar nossa luta. Acreditamos que o mais importante é tecer uma rede de comunicação entre nós os/as presos/as e os/as companheiros/as da rua.

Propomos o seguinte: este escrito, comunicado ou como queiram chamar, vamos mandá-lo a uns companheiros/as que se encarregaram de divulgá-lo entre nós, como também de fazer frente ativamente e dentro da legalidade (precisamos por causa dos repressores) à repressão.

Seria muito bom que, quem se sinta capaz de poder transmitir por escrito as impressões de quem não pode, o faça.

Esperamos ter podido expressar claramente a idéia para que to-

dos/as a analisemos para que cada um aporte suas reflexões e sua energia. Acreditamos que seja possível a mudança, quantos mais tenhamos esse convencimento mais possibilidades teremos, provar não nos custa nada. Começemos a construir dito espaço e em pouco tempo as coisas começarão a mudar.

Aqui estamos em txapeo, o de sempre, descumprimento dos autos e da legalidade em geral. Sobre o tema mandaremos outro escrito. Estão em muitos lugares na mesma situação, por isso esperamos notícias de vocês.

FORÇA E DETERMINAÇÃO.

Coletivo de Presos do Isolamento de Soto Del Real.

Em 7 de Junho de 2000, a polícia desativa dois artefatos explosivos nos Tribunais de Valência. A polícia aponta um grupo anarquista italiano de estar por trás da colocação dos artefatos (no princípio acreditava-se que eram dois) nas escadas dos Tribunais de instrução e primeira instância de Valência. Na análise dos restos da bomba, os agentes especializados na luta antiterrorista, centraram suas investigações em uma organização anarquista italiana. Já que o material explosivo era muito similar ao de ações atribuídas ao grupo ácrata, que em 7 de Junho de 1999, havia mandado três pacotes bombas aos consulados da Itália em Barcelona, Burgos e Zaragoza. A polícia não descartava que este grupo anarquista tivesse alguma vinculação com os anarquistas italianos detidos em Córdoba em 1996, depois de um assalto que custou a vida de duas policiais locais.

Diário Gara de 30 de Junho de 2000: Em 28 de Junho de 2000 em Milão, Itália. “A polícia italiana localizou na noite de quarta-feira uma bomba incendiária composta por duas garrafas de gasolina e um detonador químico no interior da Basílica de San Ambrosio de Milão, um dos lugares mais visitados. O explosivo alimentado por um engenho elétrico, foi achado em uma mochila perto de um confessorário que está junto ao altar maior, no coro da cripta que custodiava as relíquias do patrono milanês. A bomba que estava sendo analisada por peritos para ver se poderia ter explodido, foi encontrada graças a uma carta enviada à sede do diário romano ‘Il Messaggero’ assinada pelo movimento anarquista ‘Solidariedade Internacional’, o grupo se solidariza com a situação dos presos italianos, que estes dias estão em protestos por todo o país para pedir anistia, ao mesmo tempo que pede a liberação de presos na Europa, especialmente os prisioneiros vascos. No princípio os in-

vestigadores se inclinam mais por um ato demonstrativo do que por um atentado, devido ao tempo que demorou em chegar o aviso ao jornal, ao ser enviado por correio. Segundo as autoridades locais e policiais, se trata de um ‘ato gravíssimo’ em um lugar considerado símbolo da cidade, sendo que a Basílica de San Ambrosio acolhe as maiores celebrações da capital. ‘É um fato muito grave e não só pelo valor simbólico do lugar escolhido, senão pelo momento. Creio que é uma espécie de advertência’ disse o promotor geral de Milão, Francesco Saverio Borelli.”

Em 30 de junho de 2000 o companheiro que estava comigo em Picassent e eu somos transferidos ao FIES de Huelva. O módulo foi esvaziado dos outros presos e nós ficamos isolados.

Jornal GARA de 2 de Julho de 2000: “A Plataforma Martutene exige o desaparecimento do regime FIES. Foi realizado ontem um ato informativo para exigir a supressão do regime penitenciário que estão submetidos ao redor de 80 presos sociais em todo o Estado espanhol, coletivo que ontem mesmo iniciou uma greve de pátio em protesto pelas condições que padecem diante dessa situação especial.”

Jornal GARA de 5 de julho de 2000: “Os presos políticos protagonizaram diferentes mobilizações em favor do respeito aos seus direitos e contra a dispersão. Em Topas (Salamanca) protagonizaram um txapeo desde o passado dia 2 de Julho de 2000, em solidariedade aos presos FIES.”

Em 7 de Julho de 2000 desativam 3 artefatos caseiros que tinham sido enviados ao jornal ABC, La Razón e ao presidente do movimento contra a intolerância, Estevan Ibarra. Os artefatos enviados aos dois jornais de Madrid iam dirigidos a dois redatores de acontecimentos e levava como remetente o nome de “Juan José Romero Chuliá”, um preso muito conhecido que se suicidou. O pacote bomba que recebeu Esteban Ibarra tinha como remetente o nome do jornalista David Jiménez do El Mundo, o que assinou o artigo “os dez presos mais perigosos”. Fontes policiais confirmaram que os artefatos suspeitos não continham explosivos. Dentro do pacote havia uma nota que ficou feita pedaços depois da explosão controlada e provocada pelos peritos, na qual se fazia referência ao FIES.

Na tarde do mesmo dia no jornal El Correo em Vitoria, se registrou uma explosão de um artefato que originou danos materiais sem feridos. Os fatos ocorreram quando um colaborador do jornal observou uma sacola suspeita na porta da delegação do El Correo... Pouco depois a sacola explodiu, originando uma grande fumaceira.

Jornal GARA de 8 de Julho de 2000: “Umas 30 pessoas se concentraram ontem na Praça Elíptica de Bilbao com a intenção de fazer conhecer a situação dos presos FIES. Os concentrados denunciaram que estes presos permanecem em regime de isolamento durante 23 horas e contam com uma hora de pátio solitário, sem nenhum tipo de comunicação”.

Em 11 de julho de 2000 a polícia detecta outro pacote bomba simulado enviado ao jornalista do El Mundo, David Jiménez, atual correspondente do El Mundo em Hong Kong.

El Mundo, terça-feira 17 de Outubro de 2000. “Em 16 de outubro de 2000 a polícia desativa um pacote bomba enviado ao jornalista do El Mundo, Raúl Del Pozo, foi remetido de Madri, com 170 gramas de pólvora prensada, por simpatizantes dos presos FIES, anunciando ainda em um escrito dirigido ao jornalista algumas reivindicações, como se opor a transferência de ditos presos e as medidas penitenciárias sobre eles.”

Em um artigo do El Pais de 17 de outubro se faz referência a que “no último mês de março a polícia desativou no Centro Territorial de Sevilha outro pacote bomba dirigido ao jornalista Carlo Herrera. Os anti bomba impediram que estourasse uma caixa que continha entre 100 e 150 gramas de goma 2, camuflada em pacotes de puros Montecristo.” Reivindicado pelo ETA.

Em 19 de outubro de 2000, o jornal La Razón recebe outro pacote bomba dirigido ao subdiretor Alfredo Semprum, os autores do envio são um grupo de apoio a presos FIES. No seu interior havia uma carta que faz referencia a um preso que faz greve de fome há 40 dias. A carta termina com “arriba presos em luta” e assinada por “Maruja” que afirma não está ligada ao entorno da ETA.

Em 10 de novembro de 2000 a polícia nacional prende 2 companheiros acusados de serem os autores de enviar os pacotes bomba. Fontes judiciais implicam a mim e a outros 2 companheiros FIES de ser os supostos cérebros dos envios. Titulares como “Claudio Lavazza e suas complexas relações internacionais” ou “Lavazza um cérebro capaz de dirigir qualquer estrutura” aparecem no jornal El Mundo com data 10 e 12 de Novembro de 2000. Um sexto companheiro implicado na célula anarquista responsável dos envios, segundo El Mundo com data de 11 de novembro de 2000, consegue fugir.

COMUNICADO AOS COMPANHEIROS/AS.

Saúde e vontade de lutar a todos/as:

Faz pouco, pedimos aos companheiros/as que nos estão apoiando, uma opinião, um ponto de vista, de como eles/as viam as realidades dessas lutas. Este pedido era devido uma necessidade nossa de ter esclarecido como e de que forma evolucionou o apoio solidário dos grupos envolvidos nas lutas dos/as presos/as. As/os companheiras/os nos responderam com um “Comunicado dos/as presos/as”, será deste escrito que falaremos.

Em primeiro lugar, o que mais chama atenção é a frase “a união entre os/as presos/as é possível, a união nas ruas é impossível”, porra, isso é o mais foda de tudo e precisa ser reparado rápido. Bom... dizer-lhes que estamos muito bem informados de como anda mal o movimento pró presas/os, aqui na Espanha como em outros países, os problemas são quase idênticos, devido também, entre outras coisas, às velhas formas - fora de moda - de lutas dos/as companheiros/as, que esquecem que a luta não é somente uma presença física, senão uma continuada contribuição de idéias e críticas que servem para evitar a reprodução das mesmas dinâmicas dos grupos de apoio de hoje em dia, dinâmicas que já sabemos tem muitos problemas, sendo que se costuma separar aos grupos de fora de um lado e os/as presos/as por outro. A análise que fizeram os/as companheiros/as nos parece muito generalizada, quando se afirma que a solidariedade do movimento anarquista contra os cárceres tem sido ridícula... poxa, isso é um pouco forte... sim, talvez não tenha sido todo o esperado, mas apresentar as coisas assim tão cruas e friamente, provocou um pouco de desconcerto, dificultando as lutas, por dar uma imagem negativa, o que nos obriga a fazer esclarecimentos e levantar os ânimos (e não sabem como custa isso). Acreditamos que a crítica é fundamental para nós, quando se trata de exposições erradas ou dinâmicas mal desenvolvidas, etc, sempre que promovam a reflexão, evitando o máximo possível criar confusão entre as/os companheiras/os. Assim desde estas reflexões, temos que dizer que a solidariedade recebida em geral do movimento anarquista não tem sido em nada ridícula, por que, por exemplo, em Cataluña nas jornadas de 1 ao 9 de julho houve muitas movidas nas ruas, em Madri e Valência houve algo porém sem manifestações (cartazes, adesivos, faixas e pichações), poucas coisas na verdade, mas isso não quer dizer que tenha que jogar um balde de água fria em todos/as. Além disso, as jornadas de março não fo-

ram em vão, nós a vivemos com êxito. Não podemos esquecer que este movimento ainda está dando seus primeiros passos e que faz muitos poucos meses a luta contra o cárcere estava monopolizada entre os/as reformistas e os colaboracionistas. Nunca antes como agora se falou tanto do FIES e do cárcere, as notícias dessas lutas ultrapassaram muitas fronteiras, dando vida a manifestações e assembléias de numerosos/as companheiros/as em frente a embaixadas e consulados da Espanha na Itália.

Em outra frase do escrito se comenta que “há pessoas que estão tentando reconstruir o movimento libertário a custa do sofrimento dos/as presos/as” isso é, desde o nosso ponto de vista, uma estupidez... sendo que fomos os/as presos/as que desde o princípio empurramos o movimento a refletir sobre a luta contra o cárcere, que é parte integrante da luta social contra a repressão. No nosso entendimento não existe instrumentalização de uns contra os outros, senão uma compressão recíproca que culmina em objetivos de luta, sendo que o cárcere simboliza a autoridade, a opressão, e sua destruição seria um objetivo indiscutível para qualquer bom anarquista. Que o movimento não leva à prática esse subversivo pensamento é uma coisa que já se sabe, mas há que dar a oportunidade de que se desenvolva e que amadureça o tempo necessário. Os/as que estão a espreita, pensando em se aproveitar das nossas lutas, se é que existem, são uns miseráveis que nada tem a ver com o movimento libertário, são coisas a parte que não deveriam preocupar a ninguém.

Pelos/as poucos/as presos/as do movimento libertário que o estado espanhol tem (o que escreve é um dos 4 de Córdoba), que em seu momento fomos criminalizados, isso sim... de uma parte do movimento (não de todos/as), mas apesar dessas considerações, pensamos que trazer a tona a todo momento esse tema é um pouco triste, sendo que todos/as sabemos que historicamente sempre tem sido assim, e que por desgraça sempre será, em qualquer parte do mundo.

Enfim, críticas sim, mas hoje necessitamos que sejam construtivas, evitando o desconcerto. Para terminar, lhes dizer que, estamos em contato para preparar uma greve de fome. Logo redigiremos um longo escrito expondo os prós e os contras, para que cada qual possa tomar uma decisão a respeito, no pleno conhecimento das situações que tem dado vida e força a esta luta dos/as presos/as.

Por uma sociedade sem cárceres.

Claudio. Huelva 30 julho 2000.

Em 14 de novembro de 2000, o juiz Juan Del Olmo deixa em liberdade aos 2 anarquistas detidos, contra o critério do promotor Ignacio Pelaez, que havia solicitado a prisão incondicional por delitos de terrorismo e por pertencer a grupo armado. O promotor da Audiência Nacional Eduardo Fungairino anuncia que a Audiência recorrerá da decisão do juiz Juan Del Olmo.

Em 15 de novembro de 2000 membros da AFAPP (Associação de Familiares e Amigos de Presos Políticos), o coletivo Arrats e Oreretako Talde Anarquista expressaram ontem sua solidariedade com 2 pessoas detidas em Madri acusadas do envio de carta bomba.

El Mundo de 17 de novembro de 2000 lança violentos ataques de imprensa contra os companheiros detidos e colocados em liberdade provisória, contra a Cruz Negra Anarquista e contra mim.

Em 17 de novembro de 2000 o juiz Del Olmo revoga a ordem de liberdade baixo fiança que ditou ao companheiro acusado do envio dos pacotes bomba e ordena seu imediato ingresso em prisão incondicional. Enquanto a companheira detida fica em liberdade condicional sem fiança devido aos escassos indícios que existem para acusá-la.

1 de dezembro de 2000, greve de fome de trinta dias. Seriam cerca de cinquenta presos os que secundaram a greve indefinida, txapeos ou jejuns em vinte prisões do Estado.

El Mundo do 21 de dezembro de 2000: “os anarquistas FIES anunciam uma campanha internacional. Roma, o grupo anarquista Solidariedade Internacional ocupava ontem o lugar de honra na capa de Il Mensaggero. Não em vão, o diário romano foi o escolhido para reivindicar o atentado falido da Catedral de Milão de 18 de dezembro de 2000 e para enviar uma mensagem ameaçadora que querem fazer valer a opinião publica”: a revolta é contagiosa e reproduzível”. Não há dúvida, o atentado milanês e as cartas bombas contra os jornalistas espanhóis tem em comum a figura de um indutor, Claudio Lavazza, e as siglas de um grupo anarquista que denuncia a situação dos presos espanhóis considerados especialmente perigosos (FIES). A carta enviada ao Il Mensaggero menciona retoricamente o início de uma campanha violenta dirigida à consciência da sociedade: “ colocamos 1 kilo de dinamite sob as estrelas para saudar aos prisioneiros em luta, contra a tortura e a repressão, de todas as cárceres do mundo”.

Alguns políticos italianos, como o ex-juiz Di Prieto e Umberto Bossi, apontaram que o atentado de Milão poderia estar relacionado com

a extrema esquerda ou com algum reduto das Brigadas Vermelhas. O primeiro ministro Giuliano Amato, matizou que a linguagem do comunicado relembra a estética brigadista.

Quando estava no FIES em Huelva o companheiro que estava comigo e eu, depois de ter passado pela Audiência Nacional para declarar, em 6 de março de 2001 recebemos do Juizado Central de Instrução número 3 de Madri um sumário de procedimento ordinário onde nos acusam de ser: “autores de um delito de indução de assassinato e outro de terrorismo do artigo 577 do Código Penal em relação com os artigos 138 e 139 do mesmo texto legal, precisamente por ir além desde sua conduta anárquica, e dar idéias de como conseguir avariar o sistema penitenciário espanhol por meios não pacíficos”. Em concreto a estúpida acusação se baseia em que “formamos parte de um grupo anarquista, promovemos desde a situação na prisão por delitos que não fazem parte dessa resolução, mensagens que difundem através de boletins e cartas, uma campanha denominada ‘NENHUMA AGRESSÃO SEM RESPOSTA’ na qual pregam e apóiam greves de fome, concentrações, manifestações, extensivamente dando espaço a outros atos de características violentas, tal como recolhe do boletim do mês de maio de 2000 da Assembléia de Apoio às Pessoas Presas em Luta, boletim que é um meio de comunicação dos círculos anarquistas e carcerários, no qual se diz: “ninguém se surpreenda se alguém decide enfrentar ao poder utilizando métodos que nem todos gostam”, depois de mencionar o jornalista Jesus Maria Zuloaga do jornal La Razón, que recebeu outro envelope no dia 25 de abril de 2000, e a outros jornalistas que fizeram o mesmo e aludir aos jornais La Razón e ABC”.

O terceiro companheiro acusado nesta montagem é acusado de ter relações com nós presos FIES e de posseção de substâncias explosivas, a quarta companheira é acusada de ter relações comigo e com outro companheiro FIES e de posseção de um documento de identidade (no nome de outra pessoa) onde aparece a fotografia da companheira pregada sobre o original. O auto do processo é ditado com data de 6 de julho de 2001 e assinado pela magistrada Maria Teresa Palácios Criado.

A ridícula montagem acabará em nada para nós presos FIES, no 25 de setembro de 2001 a Audiência Nacional sala penal seção 2, tramita um auto no que decretará o descumprimento provisional, “já que se inicialmente existiram indícios para ditar o auto de processamento não cobra a relevância da prova de cargo para acrescentar ao julgamento oral, que acredita seu caráter de indutores nos fatos objeto de

juízo, em consequência se deve deixar sem efeito no auto de processamento e levantar as medidas cautelares adotadas”. Se confirma a abertura do julgamento oral para o terceiro companheiro, nós FIES presenciaremos a audiência na qualidade de testemunhas. Tudo terminará com 4 anos de condenação por posse de explosivos para um companheiro: sua pena acabará em 7 de abril de 2008.

Em 7 de outubro de 2001 apareceu no El País e no El Ideal novos artigos que alimentam uma nova montagem contra mim e dois companheiros que foram detidos no 3 de outubro de 2001 em Madri e um terceiro em Oviedo acusados da colocação de quatro artefatos explosivos. O promotor da Audiência Nacional ordenou seu ingresso na prisão ao considerar comprovada sua relação pessoal e postal com vários presos FIES e comigo. No entanto, El Ideal aponta que “o atestado policial não conseguiu nenhuma prova que vincule os três detidos com os atentados que lhes atribuiu”. Seriam liberados os 3 companheiros no 10 de outubro de 2001, sob o pagamento da fiança de cem mil pesetas cada um. A tentativa da montagem cai por água abaixo uma vez mais.

No 6 de abril de 2000 chega ao FIES de Huelva o companheiro Paco Ortiz Jimenez:

Olá a todos/as! Sou Paco Ortiz Jimenez, cheguei (de Picassent) ao FIES de Huelva, onde se encontram Claudio e Gilbert, no último 6 de abril. Aqui sentados os três conversamos muito, e como podem imaginar nossas conversas giram em torno da luta; intercambiamos idéias e inquietudes. Repassamos a historia das lutas carcerárias destes últimos 20 anos e discutimos o interessante que seria fazer uns escritos de relatos carcerários, sobre lutas, fugas, motins, etc., escritos pelos próprios protagonistas, para publicar em um livro. Paco nos comenta sua completa desinformação sobre o isolamento ao que estavam submetidos em Picassent, foi com sua chegada a Huelva que tomou consciência da repercussão que nossas lutas tiveram no movimento anti-cárcere e das causas de tanto desconhecimento, a incomunicação, a retenção das correspondências e das publicações legais (por exemplo, aqui em Huelva, nos retiveram duas publicações com depósito legal, o GUEI e o BORI-NOT) às que estávamos submetidos. Para evitar tudo isso, insistimos em repetir que os grupos e amigos/as de fora teriam que se coordenar

melhor do que como estão fazendo agora.

Juntos constatamos que em 20 anos de lutas carcerárias é a única ocasião em que estamos acompanhados/as por companheiros/as da rua, que com seu esforço e sacrifício souberam dar cor a estas lutas. Cabe mencionar aqui as montagens midiáticas-judiciais dirigidas contra estes companheiros/as da rua, acusados/as injustamente de serem os/as autores/as materiais do envio de pacotes bomba, sem esquecer também as mesquinhas e miseráveis posturas de uns elementos/as do movimento, que os acusaram de serem uns provocadores/as e infiltrados/as. Consideramos que estupidezes deste tipo não acrescentam nada benéfico, mas sim cria um dano irreparável que provoca isolamento, desconcerto, abandono, raiva... e isso nos queima.

As dificuldades que pudemos constatar são enormes, as propostas de lutas coletivas difundidas ultimamente, como a dos braços caídos, não sabemos exatamente que acolhida teve entre os/as presos/as. Os txapeos, por serem sancionados em muitos cárceres, limitam sua difusão. Os jejuns se tornaram muito repetitivos, perdendo grande parte da sua força e eficácia (aqui fizemos jejum os 3, o 7 e 8 de abril e seguiremos fazendo todos os meses). A necessidade de encontrar uma nova proposta de luta que fomente a solidariedade e permita a participação de todos/as os/as presos/as, sem muitos sacrifícios, a vemos possível com a GREVE DAS BANDEJAS, que consistem em recusar a comida do cárcere (por uns dias ou uma semana)... não é um jejum porque nos permitem comprar a comida no Economato⁶ (quem pode...claro) ou economizá-la (onde seja possível) nos dias prévios da greve. Outra vantagem que vemos nela, é que não nos podem sancionar por recusar a porcaria da administração. Sinceramente vemos como muito boa essa proposta porque se conseguiria romper com a barreira que o regime FIES tenta impor entre os/as presos/as. Logicamente existe bastante dificuldade para contatar e convencer aos do 2o grau, um trabalho que seria bem mais fácil se a galera da rua deixasse de preconceitos e protagonismos. De todas as formas, é verdade que há o outro lado da moeda, visto as contínuas pressões repressivas, nos obrigaram em certo momento a adotar medidas de resposta cada vez mais de acordo com as duras realidades que nos obrigam a viver... Nós

6 Mercado interno do cárcere, dirigido a forças armadas e corpos de segurança nacionais.

tampouco sabemos... Simplesmente tentamos ter criatividade para manter acesa a chama das lutas. O testemunho do Paco sobre as últimas ações protagonizadas em Picassent nos aponta material pra reflexão. Aqui vai seu relato:

“Minha transferência a Huelva foi devido aos seguintes motivos: em Picassent, dois companheiros e eu permanecemos em greve de fome durante todo o mês de dezembro (2000) e posteriormente outros 18 dias no mês de março de 2001. Como resposta, a direção de Picassent II encrucece a repressão, e nós respondemos com a ação direta, através das palavras e a desobediência em um princípio. Diante da nossa postura os carrascos respondem com uma surra a dois companheiros. Nos dividem e ficamos em 3 FIES, cada um confinado em um pátio solitário, mas chegamos por um consenso mútuo à conclusão de que no módulo de Picassent as lutas através de txapeos, greves e similares não nos leva mais do que a uma maior repressão carregada de restrições, sequestros das correspondências e incomunicação com respeito a outros/as companheiros/as de dentro e de fora, tendo a consciência de que tudo que acontece em Picassent II é sistematicamente silenciado. Ninguém sabe o que acontece em Picassent. Diante desta difícil situação nossa nova estratégia foi a seguinte: depois da última surra a um companheiro, e o isolamento dos três, decidimos quebrar tudo o que fosse rompível.

O inimigo nos atacou um por um, protegido por seu grande número superior, seus casquettes, capacetes e escudos. Um terminou no 6 de janeiro no Hospital Geral Universitário (por um dia) e eu mesmo acabei no mesmo dia no mesmo hospital, sendo que no enfrentamento com os carrascos, empunhava um punhal de 16 centímetros, que no tumulto da dura briga acabou cravado no meu pulmão esquerdo (não pela minha mão) daí a pergunta... tentativa de assassinato? Estive internado na UTI por 6 dias, depois de passar por cirurgia no dito hospital. Depois desse tempo, devido a preocupação que me provocou a incerteza do estado dos meus companheiros, pedi alta voluntária (apesar de ainda hoje sentir o pulmão). Na minha chegada ao módulo 9 Bis (a ala do Controle Direto), comprovo que meus dois compas seguem embaixo (eu no primeiro andar), tudo continua como antes, art.75, isolamento, restrição de pátio, pior comida, pior tratamento...*

O que fazer? Pensar em uma nova estratégia não criminalizada, mas que não deixe dúvidas das nossas intenções. A repressão continua: nas revistas diárias todos nossos pertences são jogados ao chão sem o menor respeito pelos nossos objetos mais queridos (fotos, etc.). Já não são revistas senão saques, feitos com a intenção de nos submeter. É nesse momento quando decidimos inutilizar o módulo, utilizando lençóis, forros de colchões, toalhas e camisas cortadas em pedaços que introduzimos nos sanitários, para criar uns tampões que bloque-

assem os canos, impedindo a passagem dos desperdícios. O resultado foi a total inutilização de 3 celas, com merda e água nauseabunda que inundavam todos os corredores, descendo pelas escadas até entrar nos mesmos canis dos carcereiros. Nós, dando remate à confusão, perguntávamos pelo interfone porque saía tanta merda dos sanitários. Eles sabiam perfeitamente o que acontecia e nos mudaram de celas. Veio uma equipe de encanadores que tentou consertar o enorme tampão que se havia criado mais além dos deságues do pátio morto... mas... não conseguiram.

Nas novas celas nas que nos meteram repetimos a operação com os mesmos nefastos resultados para as estruturas do módulo. A conclusão final... foi o fechamento do FIES de Picassent e a transferência dos três. Uma prazerosa e risonha sensação de vitória me invadiu, quando já estava sentado no furgão da Guarda Civil, e uma grande alegria e sorriso me acompanharam durante toda viagem, com o pensamento na merda que flutuava pelos pestilentos e vazios corredores do modulo FIES de Picassent II.

Um forte abraço!

Paco Ortiz Jimenez. 19 de abril de 2001."

CARTA A UMA COMPANHEIRA

Recebo ultimamente muitas cartas e um monte delas fazem referência ao clima de estagnação que se vive no movimento anarquista e, em particular, referente às lutas contra o Sistema Penitenciário. Há quem diga "que os compas geralmente não dão muito espaço à reflexão e à análise mas... que isso é devido (além da preguiça) a algo já imposto, pelas condições em que vêm obrigados a fazer um monte de trabalho entre quatro gatos pingados, que o Movimento dos/as presos/as em luta, leva algo mais que 2 anos (que não é nada para a história, mas muito para as pessoas envolvidas), que as pessoas buscam resultados, ações, lutas imediatas e espetaculares... e logo... choca com a realidade de impotência e cansaço, falta de resultados, repressão, etc...". quase todos (me dizem) acabaram acorrentados à rotina do trabalho escravizante, ao ócio baseado em álcool e drogas para se evadir (isto é algo que não afeta somente aos anarquistas). Há quem diga "que entre as realidades que se moveram contra o regime FIES se nota uma clara desilusão e um abatimento generalizado... fruto de viver cada um suas frustrações, sem compreender que são exatamente as mesmas que padecemos todos, as montagens acentuaram ainda mais esse mal-estar".

O movimento está desgarrado, tanto aqui como em outros lugares do velho e novo continente, e essa ferida por causa da imbeci-

lidade corre o risco de terminar em tragédia, porque se interfere no desenvolvimento das iniciativas que vão se manifestando, principalmente na tentativa de ampliar os contatos entre os grupos do movimento internacional. Mas a crítica merece ser mais profunda porque apesar de tudo, o que o movimento daqui soube triunfar, foi nas chamadas “pontes” entre presos/as (e isso não é pouca coisa), e as realidades de luta desde fora, pontes feitas de contatos epistolares, revistas, panfletos, manifestações de apoio, marchas, bate-papos e solidariedade... coisas que no seu conjunto permitiram um importante avanço nas últimas reivindicações e na participação de presos que secundaram as últimas greves de fome de 6 dias. Lástima que em todas essas reivindicações faltou o elemento mais importante sem o qual se produz inevitavelmente o cansaço... o êxito.

Outro aspecto para analisar da culpa (pela falta de êxito), temos nós os presos por não buscar através de ações, novos resultados. Não podemos pedir aos outros o que cabe a nós fazer. Olha um exemplo bem singular, o dos 3 companheiros de Picassent (Valência) que com seu valor, obrigaram a direção do Centro Penitenciário a fechar temporariamente o departamento FIES, diante do risco de infecção que a merda podia provocar. Os três compas conseguiram mais com sua ação que todas as greves de fome e pátio destes últimos anos.

Um forte abraço. Claudio.

Em Gênova (Itália) 2001: duros enfrentamentos entre as forças “da ordem” e manifestantes, o companheiro CARLO GIULIANI morre assassinado por um carabineiro.

CARTA A UNS COMPANHEIROS

Voltando a nós... O projeto de criação de um S.R.I. (Socorro Rojo Internacional – Socorro Vermelho Internacional) e da plataforma a nível internacional aglutinando as forças revolucionárias e progressistas, é no meu entender algo limitadamente reservado ao setor político quando o problema que temos é de todos/as.

Não podemos criar novas frentes de separação entre políticos e sociais, hoje em dia essas barreiras não teriam que existir porque a guerra foi declarada pelo poder a uma classe inteira de oprimidos (em geral), sem tendência política em particular. Mas são um conjunto de pessoas de diferentes procedências, onde prevalece o rechaço a qualquer controle social sobre suas pessoas. Odeiam o

sistema por serem jovens e rebeldes, por não quererem um salário miserável, por se sentirem livres em plena natureza e não através de um trabalho assalariado. Enfim, creio que não podemos, nós como presos, nos apresentar a essas novas gerações de rebeldes como vanguarda. Tudo o que é união na luta anti-cárcere está bem... Mas considero que na atualidade seja melhor que cada realidade mantenha sua própria autonomia de pensamento-movimento e sua própria individualidade... Ficando assim evidente no marco da luta real e efetiva, evitando as graves e inacabáveis rupturas internas que só favorecem o sistema. Não entro na plataforma de Julho 99 porque ainda que há anarquistas considero que podem se produzir erros do passado, lamentavelmente não recebemos a revista “Solidariedad” o meio de expressão do projeto S.R.I.. Lembro que algo parecido existiu na Itália nos anos 68, onde alguns advogados e magistrados que saíram de “Juristas Democráticos” (uma associação de juristas que faziam referência ao Partido Comunista Italiano), fundaram um coletivo jurídico-político no qual participaram outros advogados do país com a intenção de criar um apoio legal e defensivo ao movimento estudantil, operário e aos extra parlamentários de esquerda. Logo dito coletivo nos anos 70 tomou o nome de Socorro Vermelho, depois das bombas da Piazza Fontana em Milão e de Altare della Patria (monumento nacional) em Roma a final de 1969. O Socorro Vermelho tomou as defesas dos/as anarquistas acusados/as de ditos atentados e contribuiu ainda na tarefa de contra-informação que deu a luz ao livro “La Strage di Stato” (O Massacre do Estado) que teve grande ressonância e reconhecimento internacional.

Logo houve divisões, as primeiras no decorrer do julgamento do grupo armado N.A.P. (Núcleos Armados Proletários), que se formaram a raiz das lutas nos cárceres italianos a partir de 69 e protagonizadas por presos sociais e um certo número de vanguardas políticas na luta.

A segunda veio da raiz da publicação de um livro informativo sobre as Brigadas Vermelhas, que nasceu em contraposição ao Socorro Vermelho (Secretaria de coordenação nacional), outro mais chamado Socorro Vermelho Romano. Destacar o notável trabalho de Franca Rame (mulher do prêmio Nobel Dario Fo) que foi sequestrada, torturada e violentada por um grupo de nazis-facistas. A repressão de esses anos de chumbo prendeu muitos advogados e companheiros/as, com acusações, depois demonstradas infundadas, de associação subversiva a grupo armado.

Voltando ao tema cárcere não vou comentar nada novo. Só dizer que todos os conteúdos de luta que comparto vem publicados em um pequeno livrinho que circula ultimamente “Contribuição à luta contra o cárcere” de Constantino Cavallieri... O leu?

Suponho que a estas alturas já estão inteirados da morte de um companheiro anarquista italiano, Hertz Fantazzini, assassinado pelo estado italiano no cárcere de Bolonia.

Do que me comentou em sua carta sobre Gênova “do caráter revolucionário por uma parte e por outra a presença de reformistas” te comentarei o que li de um companheiro que esteve ali:

“Em primeiro lugar, o que me pareceu evidente ali em Gênova, foi que pela primeira vez depois de 10 anos de mobilizações na Itália, houve uma participação direta das massas, protestos contra a nova ordem mundial e as instituições que a representam. Esta situação teve como consequência natural o surgimento de dois elementos relacionados entre si: retomada da luta na rua como manifestação típica das ações da massa e a afirmação de uma nova e combativa geração proletária e rebelde num país da Europa. Em segundo lugar, o que ali se viu (e nas outras manifestações que aconteceram) foi a absoluta dificuldade da aparelhagem repressivo militar e política do estado em conter e controlar o movimento quando se transforma em um real e efetivo movimento de massas. Assim que... como costuma acontecer nessas circunstâncias, velhos e novos reformistas se apresentaram como representantes e dirigentes de um movimento com as velhas receitas do controle estatal. Um perigo que terá que ser controlado bem de perto em um futuro próximo, porque terá efeitos negativos no chamado movimento antiglobalização livre e principalmente no movimento proletário diante das próximas mobilizações dos trabalhadores italianos. O reformismo não está morto, é um morto que não quer morrer. Apesar disso a resposta do imperialismo na revolta de Gênova, demonstrou (uma vez mais) que também na Europa a subida da tensão é eminente. Diante do movimento temos o regime do capitalismo totalitário, a força que derrotou a luta de classes nos últimos séculos. O poder tirou a legitimidade de Gênova porque os chefes do G-8 não somente são figuras simbólicas, mas sim um importante instrumento ideológico da sua própria auto representação. A decisão de se retirar nas futuras cúpulas no deserto de Qatar e das montanhas do Canadá é uma importante vitória. Isso é fácil de entender sendo que o mesmo poder é que o declara publicamente.

Creio que não têm importância olhar de onde vêm os militantes, os não violentos, os violentos, os grupos anarquistas insurrecionalistas, entre todos/as uns/umas 300.000 dos/as que se manifestaram em Gênova. O que sim vale a pena reparar é que a sua presença, todos/as juntos/as é a prova evidente de uma possibilidade de crescimento de uma oposição contra o peso da opressão capitalista. O

êxito político, apesar da morte de Carlo, foi a tomada de consciência por parte de milhares de pessoas também da democracia parlamentar, que não abandona os métodos repressivos das épocas fascistas. Nem sequer as/os pacifistas puderam evitar os golpes dos cassetes e disparos. O movimento antiglobalização que tinha que ser expulso de uma maneira exemplar conseguiu ficar, sem que policiais ou reformistas pudessem evitar que mais de 10.000 revolucionários cobrassem sua vingança obrigando o prefeito declarar a cidade “zona catástrofica”. Estamos tão acostumados a perder, que não somos capazes de ver um triunfo diante de nossos próprios olhos. Nos tempos que vivemos hoje em dia é impensável trazer esses movimentos em uma única via, se tiraria a faísca libertadora do protesto e da revolta. A globalização, o imperialismo, o capitalismo é guerra e se nos limitássemos a utilização da simples palavra estaríamos perdidos/as. Se terá que assumir seriamente esta nova mudança de realidade com o aumento do nível repressivo tanto dentro como fora destes muros, nos dando os meios necessários para combatê-los sem morrer na tentativa”.

POR UM MUNDO LIVRE E SEM CÁRCERES.

MÃO ESTENDIDA AO COMPANHEIRO/A, PUNHO FECHADO AO INIMIGO/A.

Um forte abraço. Claudio e os demais deste modulo FIES.

CARTA A UM JORNAL DO MOVIMENTO

Saúde companheiros, desde o FIES de Huelva seguimos recebendo seu jornal, agora mesmo neste departamento estamos dois, o Paco Ortiz Jimenez foi levado na sexta-feira 14 de março de 2003 a Jaén II. Faz poucos dias recebemos uma carta onde nos comentava sua situação. Sua transferência anunciada anteriormente por uma notificação da direção dizia “que era devido a facilitar sua recuperação”. Não tinham lhe tirado a FASE (continua estando na segunda), no entanto o módulo FIES de Jaén II é um modulo de primeira fase, o que converte sua transferência em uma sansão encoberta. Dita situação contra nosso companheiro é ilegal, mas já sabemos que a administração penitenciária faz o que bem entende, passam por cima das suas próprias normas e estão amparadas pelo poder político, conheço a Jaén II (todos conhecemos muito bem), estive ali por 3 anos... meter alguém ali para “facilitar sua recuperação” é mentira... ali só destrói aos presos, tentam aniquilá-los, tirando o pouco de felicidade que apesar de tudo ainda tem. Paco nos comentou em sua carta que quando chegou estava sozinho, logo trouxeram outros presos, ainda restam vazias seis celas. Faz pouco o departamento esteve fechado para reformas, devido a que um compa-

nheiro depois de sofrer uma surra por parte dos carcereiros, abateu a divisória da sua cela, conseguindo sair pro corredor, os outros presos se somaram ao protesto quebrando tudo o que puderam. Mas voltaram a reabri-lo e ainda metem a Paco que esteve com nós em Huelva por mais de dois anos. Uma medida de castigo desde sempre utilizada contra os que como ele seguem se rebelando às injustiças do sistema penitenciário. Utilizam o isolamento como uma arma de vingança, sabem perfeitamente que é um “trato desumano e degradante”, conhecem com perfeição seus efeitos letais, tem especialistas e sociólogos que afirmam “um período superior a 10 anos produz despersonalização e desestruturação de impossível reparação” e isso vivendo em condições de vida normais, imaginem em um modulo de isolamento! Uma cárcere dentro da própria cárcere. Por isso qualquer ingresso no FIES, não tem nenhum caráter de reinserção senão uma medida de punição... “por não entrar no eixo” (como dizem os carcereiros)... eles criam um lugar idôneo, isolado, silencioso, escuro, sabem que ao fechar a porta da cela se transforma em uma tumba de cimento que não há vida... jogam com as sensações que produz o estar só, esperam pacientemente como urubus que o corpo morra pouco a pouco.. assim se a morte chega terão cumprido com seu trabalho... a sentença terá sido aplicada... poderão seguir dizendo que neste país não existe a pena de morte. Digo isso e penso em Rubem Gonzalez Carrio, encontrado morto na sua cela no último dia 4 de janeiro na prisão de A Lama (Pontevedra), penso em Paco que imerso na dinâmica destrutiva destes módulos FIES, ao longo de 2 anos ingressou várias vezes no hospital escapando milagrosamente da morte... penso em todos que morreram e continuam morrendo... mais de 200 presos cada ano. Para mim, para nós, está claro! Toda morte no cárcere é um crime de estado, não importa o que digam, eles são os responsáveis de terem criado as situações para que isso aconteça. Eles são os que devem pagar!

Acabam de me entregar a correspondência, há uma carta do Paco datada do 26 de março de 2003 e me diz “que no módulo acabam de trazer a 3 companheiros, que não o deixam chamar por telefone para sua família, e que conseguiu falar com seu irmão só uma vez desde que chegou, nem sequer o permitem falar com seu advogado, além de que no fim de semana (22 e 23 de março) passou no hospital... perdeu muito sangue (se cortou as veias) e atualmente o restam oito hemoglobinas. Desde o dia 20 de março deixou de comer e seguirá assim até que devolvam seus direitos”. É a única

forma para que nos escutem e muitas vezes nem sequer com isso. Nos campos de extermínio chamados módulos FIES, os níveis das lutas tomam uma dimensão de enfrentamento muito duras, onde as greves de fome, de pálio, os jejuns periódicos, os motins, as automutilações, são uma forma de se rebelar e sobreviver dignamente... a rebeldia se paga caro, e o suicídio é muitas vezes a última evasão. Se luta com os meios que cada um crê oportuno utilizar, os direitos aqui dentro uma vez que os tiraram, há que arrancá-los porque não os vão devolver por bem.

Outro dia vi na TV um jovem que se queixava dos muitos paus que receberam por parte da polícia em uma manifestação contra guerra... dizia “nos estão golpeando e não fizemos nada”... creio eu que é por isso que batem forte, porque se aproveitam do imobilismo não violento para descarregar suas frustrações. Se houvesse tido dura resistência não haveria acontecido dessa forma.

Um abraço Libertário.

Cárcere de Badajoz 19 de Julho de 2003: Morre Paco Ortiz Jiménez.

HUELVA.

Nosso querido Companheiro Francisco Ortiz Jiménez (PACO) morreu no último sábado 19 de julho no Cárcere de Badajoz Módulo 7 F.I.E.S.

Buscou a liberdade através do suicídio com uma dose mortal de comprimidos, uma forma muito dura para escapar definitivamente da realidade Cárcere e Isolamento que não podia suportar mais. Conheci Paco aqui no Módulo FIES de Huelva a mais de dois anos e o estimava muito, todos/as os/as que o conheceram gostavam muito dele. Me dizia que “amava a vida, a verdadeira vida em plena liberdade... Mas não essa que levamos aqui em um módulo de Isolamento... esta não era uma vida que valia a pena viver”. Desde que entrou no cárcere a última vez, faz três anos, tentou por sete vezes tirar sua vida, a última tentativa foi em Jaén II, se cortando as veias no 22 de Março 2003, mas não conseguiu, a vida muito forte em seu coração recusou a morte uma vez mais.

Relembro que em uma das suas cartas que recebemos me dizia “incrível pareço imortal”. Em Huelva quando estava aqui com nós tentou por duas vezes, o levaram ao hospital e voltou em poucos dias, como se não houvesse acontecido nada... Um pouco baqueado isso sim, mas tranquilo na sua determinação, “a vida, me dizia,

é um bem que pertence a cada um e temos o direito indiscutível de fazer dela o melhor que queremos.”

Paco passou quase toda sua vida no cárcere: vinte anos, lutando contra as injustiças do sistema penitenciário, lutando pela vida e a liberdade dos outros e pela sua... E agora depois de tantos anos o faltou a força para voltar a começar. A última vez que falei dele em um escrito comentava sua situação desde que saiu daqui em uma transferência para Jaén II, anunciada anteriormente por uma notificação da direção onde dizia que “era por facilitar sua recuperação”... Isso de facilitar para alguém o colocando em Jaén II era estranho (eu estive por ali e sei muito bem o duro que é). Converteram sua transferência em uma espécie de sansão encoberta e isso que acabava de sair do hospital... Demonstra, como se fosse necessário, como nos querem bem os das Instituições Penitenciárias. Ter colocado ali nosso companheiro para “propiciar sua adaptação” foi uma descarada mentira, ali destroem aos presos. Tentam aniquilá-los, tirando o pouco de alegria que ainda os resta. Podem imaginar seu mal-estar no fedorento módulo FIES de Jaén II, ali isolado, no escuro, sozinho e em silêncio, o lugar idôneo e o mais parecido com uma tumba, não por acaso ali também tentou outra vez tirar sua vida. Apesar da sua situação e do estado de ânimo, junto aos presos que chegaram logo protagonizou uma luta para bloquear o projeto que tinham pensado: converter o FIES de Jaén II em um módulo de dupla utilização para presos FIES do primeiro e segundo grau, assim como o de Picassent (Valência), os protestos em todos os níveis foram eficazes e a direção não pôde conseguir o desejado, Paco foi transferido ao FIES de Badajoz, um módulo de segunda fase onde morreu. E agora que não nos venham com estupidezes, porque para nós está claríssimo, toda morte em um cárcere é um crime de estado, eles são os responsáveis de criar as condições para que isso aconteça.

É difícil fazer os outros compreenderem do porque acontecem coisas assim; como explicar a realidade em que vivemos e os danos que provocam em nós os anos e anos de isolamento? No encontro que teve na Holanda em dezembro de 2002, se comentou que “o isolamento é uma das formas mais extremas de repressão, algo assim como a tortura física ou o assassinato, um meio para destruir as idéias em geral e as políticas em particular, uma tortura branca concebida para eliminar o preso”. Eu acrescentaria também o aspecto vingativo do isolamento... Uma particular vingança do sistema

de domínio, contra os que por uma razão ou outra, se colocaram em contra e recusaram qualquer tentativa de submissão.

Falar de isolamento é se aproximar de uma realidade de morte que custa muito entender, quando não se fala de morte física se pode tranquilamente falar da cerebral, a loucura ronda por esses corredores.

Até os especialistas do ministério não podem negar o desequilíbrio mental do preso depois de 10 anos passados no isolamento. E por dizer de uma maneira simples, ter substituído a pena de morte com algo pior como o confinamento em vida por tempo indeterminado, viver assim as 24 horas do dia entre as grades onde só se vê um pedaço de céu e um pátio de poucos metros quadrados, é algo que produz efeitos psicológicos devastadores na personalidade do preso. O poder tem em suas mãos uma máquina de destruição mais eficaz que a cadeira elétrica e isso é justamente o que a maioria das pessoas livres costumam entender. Até que não cheguemos a equiparar o isolamento com a pena de morte, qualquer luta contra o cárcere se converterá em algo superficial e de escassa possibilidade de progressão... Porque se estaria esquecendo a parte mais importante, mais aniquiladora e a mais efetiva de todo o conjunto do sistema repressivo social imposto que se está pondo em prática ultimamente.

Como presos sabemos que não temos outra opção, desgraçadamente faz tempo que estamos saboreando o venenoso ambiente do cárcere, sabemos que se paramos de reivindicar nossos direitos, vamos perder todo o pouco que até agora conseguimos. Assim que seguiremos sendo o que somos... Uns presos sem opção pra escolher... que seguir lutando e vivendo por algo em que acreditamos, mas temo que as lágrimas que caíram para nosso amado Paco seguiram caindo para muitos mais... Se entre todos/as não pormos um freio a estas bestas que nos dominam.

Claudio e os do modulo FIES de Huelva.

Não faz tanto tempo em Picassent redatei um texto em memória de um amigo muito querido: o Güiri.

No dia 19 de julho morreu o Amigo Francisco Ortiz Jiménez no módulo FIES de Badajoz.

A morte ronda tão de perto por esses corredores que eu mesmo mais de uma vez me perguntei se não havia chegado meu momento de ir. Não compreendo porque resisto, ultimamente tenho inclusive

a sensação de estar morto. Talvez resista pelo mesmo sentimento de Paz que perseguia Paco.

Morreu Paco e eu estou aqui vazio, no entanto tenho que lhes falar dele. Paco queria que sua morte servisse para algo, que tivesse certa repercussão na rua para que um e outro soubesse a realidade que vivemos.

Paco era forte. Talvez o mais forte de todos os compas com os que eu cruzei por esses módulos. É o que queria deixar bem claro: - O CÁRCERE NÃO O VENCEU-. Nele esta frase não era um último grito de orgulho, senão uma verdade que só os que o conheceram muito bem podíamos saber.

Que difícil explicar tudo isso...

Paco era um Guerreiro, assim se definia e assim se percebia. Houve um momento em que deixou de acreditar na luta. Havia lutado uns longos 20 anos. É sem dúvida o compa que mais trabalho deu à Instituição Penitenciária, sempre nas sombras, sempre os fudendo.

Um amigo seu, seu amigo de alma Patxi Zamoro me disse faz mais de uma década no módulo FIES de Jaen II, que Paco era o homem mais temido pela administração carcerária. Uns meses depois tive a oportunidade de conhecê-lo em Valladolid. Nos conhecemos no primeiro olhar e as palavras se fizeram supérfluas.

Patxi morreu a uns anos, depois de denunciar o regime FIES o máximo que pôde. Morreu em Liberdade e em Paz junto de sua amada Companheira.

Aqui em Huelva um dia pela manhã nos tiraram ao pátio, Paco não saía. Não respondia ao chamado dos carcereiros que não se atreviam a entrar no pavilhão. Então compreendi em seguida que se havia matado. Sabia que sempre tinha consigo mais de uma centena de comprimidos e só havia conseguido que me promettesse que me dissesse quando chegasse a hora. Na noite anterior se despediu com uma alusão que deveria ter compreendido mas lhe respondi automaticamente sem deixar o que estava fazendo.

Pedi aos carcereiros que me deixassem ir até sua cela que é vizinha da minha. Estava aí deitado na cama vestido e limpo... De repente me dei conta que ainda respirava. Tentei despertá-lo, afinal abriu os olhos.

Não chamei os carcereiros em seguida, sabia que Paco havia decidido morrer com a mesma determinação com qual tinha lutado durante sua vida. A única pergunta que me vinha na mente era: E

agora o que faço? Como tantas vezes ele mesmo nos disse, sua vida lhe pertencia e se ele havia decidido friamente tirá-la ninguém tinha o direito de impedi-lo. Afinal consegui que abrisse os olhos, mas não recobrou a consciência, é quando decidi chamar aos carcereiros para que entrassem em seguida com um médico na galeria e o levaram rapidamente ao hospital.

Paco era meu amigo, o queria. Como pude manter o sangue frio, em vez de chamar correndo aos carcereiros, me perguntava o que ele queria que eu fizesse? Alguns pensarão que cheguei a um grau de desumanização que até a morte de um amigo deixou de me impressionar. Que nada! Enquanto eu o sacudia e o esbofeteava para despertá-lo as lágrimas me brotavam dos olhos.

A morte se fez tão cotidiana entre nós, são tantos os que se foram, é tão longo o processo de morte lenta a que somos submetidos, que a morte se converteu em uma liberação definitiva para quem opta por ela.

Paco ansiava com toda sua alma uma liberação definitiva, uma paz pra sempre... 20 anos lutando e uns poucos meses em liberdade antes de voltar ao inferno dos Módulos FIES o matou. Ao compreender que nunca conseguiria essa paz que todos almejamos preferiu morrer, o matou saber que acontecesse o que acontecesse nunca poderia desfrutar da simplicidade da vida enquanto seus amigos seguiam presos, e amigos, ao menos Companheiros tinha muitos; todos os homens e mulheres capazes de se levantar contra o cárcere desde sua individualidade.

Poucas semanas antes da sua morte recebi uma carta sua na que, ao sair de um mal momento me gritava sua vontade de viver, lendo pensei, ou quis pensar, que tinha mudado sua decisão e que se havia colocado no caminho da vida.

Jaén o fez bem... Aqui os três havíamos deixado de lutar aceitando inclusive o inaceitável, sem mesmo perceber e interiorizando a repressão. Quando os de cima não podem utilizar a força bruta pra nos aniquilar empregam métodos mais sutis de despersonalização.

Num primeiro momento se afundou em Jaén e logo chegou um companheiro com suas eternas denúncias ao sistema. Então, Paco começou a se levantar de novo e o homem que já a vários anos só pegava a caneta em raras ocasiões começou a denunciar sua situação. Aquilo somente era um paliativo ao que ele considerava lutar de verdade, no entanto o permitiu recobrar o gosto pela vida. A luta dava sentido a sua vida, a luta e a Paz, dois conceitos diferentes e

contraditórios que nasciam do mesmo impulso: a necessidade existencial de liberdade, de ser livre e estar livre. Quando compreendeu que não poderia consegui-la preferiu morrer com a dignidade que sempre soube guardar. Para mim aquele gesto, como tenho certeza que foi para ele, não foi uma derrota senão o último grito de Liberdade que o restava.

Não acredito que sua morte aporte algo à luta contra o cárcere, uma reflexão, talvez, assim tivesse querido: Que cada qual desfrute dos momentos de Paz que a vida oferece e para a luta, que cada qual opte pelo caminho que acredite mais conveniente.

REVOLTA E LIBERDADE

GILBERT.

CARTA PÓSTUMA DE PACO ORTIZ ANTES DA SUA MORTE.

BADAJOS 18/ 7 /03.

Saúde e amor para todos os compas!

Esta carta pretende ser breve e concisa, mas, sobretudo, póstuma. Como sabem, pelo menos a maioria, paguei 20 anos de cárcere íntegros, dos que passei entre confinamento solitário, e desde 91 em regime F.I.E.S. 1 (Ficheiro Interno de Especial Seguimento) R.E. (Regime Especial), quase 17 anos. Na atualidade, depois de um breve parêntese de 6 meses de liberdade, casado, filho abortado e por ele separado, levo 3 anos e 13 dias preso, desde o primeiro dia - pela cara - em regime FIES; Málaga, Alicante, Picassent, Huelva, Jaén e Badajoz agora mesmo.

Sou libertário - dentro e fora - desde que tenho uso da razão e tanto na rua como preso lutei por isso; para pôr um grão de areia e mudar na medida que seja o atual existente de continuo atropelo do capitalismo mais fascista e selvagem. Pelas circunstâncias (23 anos de masmorras exterminadoras) minha luta tem sido mais forte no cárcere (ainda que na rua também se deram mais duas boas “pauladas” de sabotagem ao inimigo, que não descrevo pelo espaço e também para preservar a outros). Em 20 anos não houve um só ano de motins nos que não intervi diretamente em todos os seus aspectos: ideológicos, estratégicos e ação direta. E como se sabe mantemos em cheque todo o governo durante mais de uma década apesar da sua duríssima repressão. Mas o que acontece agora? Em 3 anos só faltou que nos amordaçassem as bocas, textualmente, a Claudio, Gilbert e a mim.

Desfrutei de pequenos triunfos sobre esses cachorros, mas eu, Francisco Ortiz Jiménez, contribuí diretamente na demissão de Di-

retos Gerais do Centro Diretivo, diretores, carcereiros velhos de muitas cárceres e muitos elementos subalternos. Isto é: oportunidade de ação nulas, ainda assim onde me encontre há harmonia entre presos e em alguns lugares damos algum que outro golpe, mas em geral e resumindo, 99% dos presos, e falo dos FIES (dos outros mais ou menos o mesmo), estão “adormecidos” a base de comprimidos diários e contra isso não vale o trabalho quotidiano de, um por um, conscientizá-los para que deixem de tomar essa merda que os mantém passivos, dormindo!, ainda que falem e andem e não vale porque isto é como o “big brother”... se vêem que estás triunfando te transferem... e volta a começar.

Raciocinada, de um modo intimamente pessoal e sem me importar a opinião contrária de absolutamente ninguém (a esse respeito não peço) nos últimos anos decidi (decidi faz já um tempo) deixar de existir. Tentei me suicidar várias vezes, sem “êxito”, em cada uma delas (estando totalmente saudável, forte e com bom aspecto, sem anticorpos de nada, nem nada de nada, 43 anos mas com aspecto jovem) deixei uma ou duas cartas reivindicativas: liberdade aos presos enfermos, fim do FIES e da dispersão, e acusava o Centro Diretivo e toda essa banda de canalhas, de indução ao suicídio, assim como aos Juízes de Vigilância por ação ou omissão (cada tentativa de suicídio tinha como terapia uma sansão). O cárcere, Madri, tentando fazer valer, digo eu que o fazia porque não estava no meu juízo, me fizeram ser examinado a fundo por um psicólogo extra penitenciário em Huelva e no hospital de Jaén pelo psiquiatra e a psicóloga, ambos “especialistas”. E foi um fiasco para eles.

Seja como for vou morrer, porque assim decidi, livre e conscientemente. O farei com uma grande overdose de comprimidos desses que dão as pessoas e não por casualidade; sei que não vai ter efeito, tomara, mas adoraria que reflexionassem mesmo que só fosse a metade.

E em qualquer caso, não morro “sozinho” porque “quero” (AMO A VIDA E DESEJO VIVER) senão porque não posso mais viver assim, como uma fera enjaulada em departamentos que parecem esconderijos militares, onde não valem para os cães de guarda, por ordens de seus chefes, nem as próprias leis que ditam as víboras de terno e gravata que governam em nome dos de sempre. Onde não te reconhecem mais dignidade do que a que você mesmo faz valer em solitário, de forma individual. Onde a maioria das vezes não tens outra “defesa” possível que tua voz feral, pela qual te empapelam

por partes para justificar a fera que é.

Total, que morro, por mim, por todos meus companheiros, pela dignidade de todo ser humano e por um mundo livre, de homens e mulheres DESPERTOS e sem cárceres.

OS AMO COMPAS.

INSUBMISSÃO! INSURREIÇÃO! ANARQUIA, LIBERDADE E DIGNIDADE!

PACO

**Podem fazer com isso o que queiram; jogar fora, difundir... eu autorizo: de meu punho e letra Fco. Ortiz Jiménez DNI 27375760.*

UM ABRAÇO TÃO IMENSO COMO LIBERTÁRIO.

30 DE AGOSTO DE 2003.

PUBLICADO NO JORNAL EXTREMEÑO “HOY”:

Os funcionários da prisão pedem o apoio das instituições. O CSI-CSIF protesta pelo “desamparo” dos trabalhadores do cárcere diante das acusações publicadas contra eles pela morte de um preso. O presidente provincial do CSIF, Francisco Márquez, fez público ontem os protestos do coletivo de funcionários do Centro Penitenciário de Badajoz diante das acusações de assassinatos aos que foram submetidos depois da morte do preso Francisco Ortiz no último 19 de julho. Cartazes e panfletos repartidos pela cidade, assim como textos publicados em uma página web, acusando os funcionários que trabalham na prisão de Badajoz de serem os responsáveis pela morte de Paco Ortiz. Sentenças como “não foi um suicídio, o assassinaram” ou ameaças aos trabalhadores que afirmam que: “enquanto não começar a ter mortes de carcereiros isso seguirá igual” foram publicadas de forma anônima diante “do silêncio da Direção Geral de Instituições Penitenciárias e o Ministério do Interior”, segundo critica Diego Márquez delegado sindical da prisão. Este porta voz considera “indignante” que os acusem de assassinato “quando os funcionários salvaram a vida de muitos internos”. Representantes dos funcionários pedem a ajuda das instituições ao mesmo tempo que expressam seu desejo de que “se reconheça o trabalho que fazemos nas prisões”. A opinião de Diego Márquez diante desta campanha a favor do preso e contra os funcionários é que “essas pessoas tem algum apoio econômico exterior de grupos organizados anarquistas e inclusive terroristas”, para difundir essa informação, tem uma página web, etc. além disso Francisco Ortiz Jiménez era um dos presos incluídos no Fichero de Internos de Especial Se-

guimento (FIES) por ter cometido vários delitos graves e, segundo Márquez, este tipo de reclusos “costuma ter relações com grupos terroristas”.

9 de setembro de 2003. Cartazes e panfletos repartidos pela cidade e publicados na internet (alguns deles) denunciando a morte de Paco.

CARTA A PRESOS TURCOS EM GREVE DE FOME ATÉ A MORTE.

Queridíssimos FOTUA e SEDAR e a todos vocês que lutam contra o isolamento carcerário. Não sei realmente por onde começar, talvez essa seja para mim a carta mais difícil da minha vida. Conheço vossa situação desde sempre... no entanto, só é possível conhecê-la a fundo quando se vive o horror do isolamento carcerário... eu o vivi durante 8 anos (e saí faz poucos meses), nos módulos FIES, aqui na Espanha (que certamente não são comparáveis com as prisões do tipo F na Turquia). A vida que estão tendo, as vidas que perderam, são e serão um exemplo na história das lutas pelo direito de uma vida digna, cada um de nós pode escolher a melhor forma de lutar, isso depende das circunstâncias que o inimigo nos impõe... os limites pomos nós mesmos e é um direito que ninguém nos pode tirar. A vida pertence ao indivíduo, ele e só ele pode decidir o que fazer com ela... morrer em uma greve de fome é uma opção, mesmo se pessoalmente não concordo, não posso mais do que me inclinar diante de vossa decisão. Não tenho conselho que dar sobre como se pode lutar, é algo de vocês, só os posso dizer que uma vida de vocês vale mais que cem vidas de seus carcereiros.

Quando estava no isolamento pensava que se um dia o sistema de domínio me obrigava a viver no horror eu o devolveria todo o horror que fosse capaz. Somos nós os presos que podemos mudar o cárcere, se nos fazem viver no inferno não nos esquecemos que os carcereiros que vivem e trabalham e no final do turno de guarda, querem voltar pra casa e abraçar a sua mulher e seus filhos. Nós não temos nada que perder, e o inferno também podem viver eles e este é um luxo que podemos permitir somente e exclusivamente com nossa presença viva... se nos vamos, será para eles uma alegria, não haverá ninguém que os perturbe a existência e poderão continuar com tranquilidade seu sujo trabalho, torturando o próximo companheiro que caia nas suas mãos. Isto que os digo não são só palavras, senão experiências de vida, vividas pessoalmente

por mim e por algum companheiro que conheço e conheci. Também aqui na Espanha sob a ditadura fascista do general Franco, a vida de um prisioneiro não valia nada, torturas... assassinatos... isolamento, eram o prato do dia, e a resposta tanto dentro como fora dos cárceres foi muito dura contra os torturadores, até o ponto de que em algumas prisões os carcereiros tinham verdadeiro pavor em entrar. Me desculpem o tom, mas é o que tenho pra dizer-lhes em uma situação tão dramática, é o que sinto dentro com a raiva que não posso esconder, com a impotência por combater a indiferença das pessoas...

Tomara essas palavras mudassem a realidade estratégica do presente e lutássemos todos unidos pela abolição do isolamento e pela vida.

Com amor

Claudio.

ALBOLOTE, GRANADA. (2º grau).

23 de Agosto de 2005

RESPOSTA DOS COMPANHEIROS TURCOS.

Merhaba, querido Claudio

Saludos...

Recebi sua carta e te agradeço. Creio que a escreveu de um modo honesto e de coração com as melhores intenções. Por isso tenho o mais profundo respeito por teus pensamentos. Você conhece a resposta a perguntas como as das condições de isolamento desde sua própria experiência. Os detalhes podem ser um pouco diferentes, mas é mais ou menos o mesmo em todas partes. Assim que não há necessidade de escrever sobre isso. Mas quero compartilhar contigo meus pensamentos sobre o que é o isolamento, o que pretende. Sendo que você fala de uma “terrível greve de fome” responderei a essa questão.

O isolamento é uma das armas usadas hoje pelo inimigo. Os imperialistas dos EUA ou da União Européia, além de outros estados, usam o isolamento contra tudo aquilo (país, grupo, organização, pessoas individuais) que se opõem a eles, com finalidade de isolar o oponente. Nisso não duvidam em usar a violência. De fato, o uso da violência é uma das estratégias básicas. O isolamento é uma forma de violência. Não quero remarcar essa questão, já que os métodos e objetivos dos imperialistas e seus colaboradores para criar o inferno para os oprimidos são bem conhecidos.

Querido Claudio, como você disse é o inimigo que determina as condições para a forma de lutas contra estes ataques. Portanto a resposta à questão do modo de lutar se encontra aqui. O indivíduo ou a organização só tem uma escolha contra essas agressões. Hoje, em nosso país, tratam de individualizar as pessoas, para evitar que se organizem em qualquer âmbito, econômico, político e social. Para isso usam de tudo, desde leis, proibições e pressões por cima da lei até a degeneração cultural. Se acabará com a solidariedade, com se ajudar uns aos outros, compartilhar uns com os outros, se organizar e lutar juntos; no lugar de estar organizados cada um será um “indivíduo”. Chega até o ponto de que não possam tolerar a solidariedade que outros trabalhadores - já nem sequer estudantes ou desempregados senão trabalhadores do mesmo ramo em uma empresa diferente – mostrem com trabalhadores em greve. “Preocupe-se de você mesmo” lhes dizem e os ameaçam. Isso é válido para todos. No contexto desta política, o imperialismo começou no ano de 2000 a mudar as prisões para prisões do tipo F. E hoje somos nós que experimentamos essa política do modo mais óbvio. O objetivo é destruir todo tipo de organização, e inclusive de pensar de um modo organizado. Esse é o objetivo de toda essa política. Em nossa vida aqui, tudo está orientado a nos individualizar.

Ainda que possam tentar compensar o desespero produzido por deixar de ver gente, mediante o uso de “quartos comuns” (os chamam de quartos sociais) que mesmo que estejam baseadas na arbitrariedade conseguem que as aceitem por questões arquitetônicas, sem um conhecimento real sobre isso e sem pensar nas consequências a longo prazo.

Mas não é uma questão técnica senão de suas políticas. Somos pessoas organizadas. Temos ideais, esperanças, realidades e objetivos. Queremos superar a opressão e a exploração em nosso país e no mundo, queremos que as pessoas sejam livres e usamos os métodos de acordo com as condições em nosso país para obter esses objetivos.

Como você mesmo escreveu, os poderosos usam todo tipo de opressão para obstaculizar isso e manter seu sistema de domínio. Contra isso, hoje não temos nenhuma escolha senão a de usar a força revolucionária. Não somos nós que determinamos as formas de luta; é uma necessidade sob as condições do nosso país e para ser capazes de alcançar nossos objetivos.

O isolamento é também uma questão que tem que ser vista sob o

aspecto de uma estratégia geral, sendo que é uma política que não só afeta aos cárceres, senão a toda nossa gente. Somos prisioneiros, mas não estamos desorganizados. O que nos mantém unidos são nossos pensamentos, nossos ideais. Isso é o que as prisões do tipo F tentam despedaçar. Em outras palavras; não estarás organizado senão individualizado, esquecerá seus ideais e pensamentos e viverás somente como “indivíduo”. Esta é a essência de tudo isso. Toda ordem, lei, proibição, castigo, etc. está buscando isso. Isto é contra o que resistimos, isso é contra o que lutamos. Nós dizemos; ou viveremos com nossos pensamentos ou morreremos. Porque politicamente se converter em um “indivíduo” significa a morte em qualquer caso, significa abandonar seus ideais. Se houver uma revolução em nosso país, não acontecerá com “indivíduos” senão organizadamente...

Querido amigo, em resumo a “terrível greve de fome” como você a chama não é uma escolha que podemos fazer senão uma necessidade. Não vemos nossa luta contra o isolamento como uma questão limitada a modificar condições do encarceramento.

Com respeito à questão pessoal só quero dizer isso: Temos um provérbio que diz, “Olha as árvores mas não vês o bosque”. Ainda que os carcereiros sejam os que executam a política, lutar contra eles não daria resultado. Pelo contrário debilitaria o objetivo. Com certeza, os que têm elevados ideais não mantêm uma política que valoriza o pequeno diante do grande, mas esta é uma questão relacionada com sua estratégia geral e não pode, nem deveria, ser vista de forma isolada.

Querido Claudio, todo revolucionário trava uma luta para alcançar seus ideais e está ansioso por obter seus objetivos. Tem sentimentos como todo “ser humano normal”; ninguém quer morrer prematuramente. Em outras palavras, ninguém começa porque queira morrer. Mas como toda tarefa necessita alguns esforços e em ocasiões tem seu preço, também há um preço a pagar por ser revolucionário. Se escolhe, tem que estar preparado para pagar o mais alto preço para alcançar seus ideais e objetivos. Significa não abandonar a luta, não abandonar seus ideais. Isso poderia soar como um discurso radical. Mas sob as condições de opressão e repressão que acontece em nosso país nossa resistência tem um papel muito importante e é uma declaração e uma realidade no lugar adequado. Chegando a esse ponto é um erro falar de dúvidas pessoais. Claro que toda pessoa que luta pela liberação da nossa gente é um te-

souro. Qualquer que dê a sua vida, que se sacrifique não se pode chamar de uma “morte inútil”. É uma luz para os outros que deixa atrás. Abre seus caminhos.

Querido amigo, o assunto se poderia discutir inclusive mais amplamente. Mas pensando na necessidade de traduzir e tendo em consideração que a carta tem que chegar-lhe, terminarei aqui, pensando que te disse a essência dos meus pensamentos sobre o assunto.

Por último quero te dizer o seguinte: até hoje, em cinco anos, 120 amigos perderam suas vidas, centenas sofrem de danos irreparáveis. Haverá outros que perderão suas vidas, mas nossa resistência terá êxito. Não é uma crença teórica. É a visão de alguém que sabe sobre a realidade de seu país e do mundo, que é capaz de fazer análise. Porque disso não me resta nenhuma dúvida e meu coração esta cheio de felicidade e paz por ser uma pequena parte de grandes ideais.

Um dia, mais cedo ou mais tarde, a opressão e a exploração serão apagadas do mundo... Com essa crença e meus sentimentos revolucionários te saúdo e te desejo todo o melhor.

Mantêm tuas esperanças e sua resistência.

Com amor, Sedar Demirel.

Hoje mesmo acabo de receber notícia desde a revista italiana “Senza Censura”, que o companheiro Sedar Demirel morreu no 7 de janeiro de 2006. Sedar fazia parte da equipe décima segunda de greve de fome até a morte, se pôs fogo em protesto no passado 18 de dezembro de 2005, foi alimentado forçadamente devido seu ingresso no hospital. É o 121º mártir do Death Fast, desde que começou a luta contra as celas tipo F e o isolamento, em outubro do ano 2000.

CHORAMOS SUA MORTE,

Claudio. CARCERE DE TEIXEIRO (A Coruña, Janeiro de 2008)

Apesar do muito que foi feito, não conseguimos o fechamento do departamento FIES, nos faltou ganhar a batalha e se temos que falar de culpas creio que haveria que reparti-las entre todos, é o melhor que podemos fazer, dos erros se aprende, servem para que não voltem a repetir. Há um grande desconhecimento da realidade carcerária e quando se conhece mal ao seu inimigo, mais difícil é de lutar contra ele. Quando estava em FIES, tinha bem claro, pra mim, todos os que

compartiam comigo aquele lugar eram companheiros de luta. Agora que estou no segundo grau vejo as coisas de uma maneira bem diferente. Poucos, muito poucos são companheiros. Não me refiro aos que compartilhem comigo uma ideologia revolucionária e anarquista, senão os que estão dispostos a lutar por algo. Poderia calcular em dez por cento. Por exemplo, se nos dão uma comida de merda os que protestam com petição à direção do centro penitenciário ou com uma revolta são no máximo quinze presos, numa população de cento e cinquenta internos por cada módulo. Evidentemente são poucos, porque se a comida é ruim, para a administração teria que ser para todos. Assim que os que protestam são uns agitadores e são transferidos o antes possível a outros centros penitenciários com condições piores, mais afastados dos seus familiares e mais prejudicados (é muito raro que se consiga a união de todos, mas às vezes acontece). Esta é a moeda com a que o Sistema paga. Porque os outros se calam? Por medo de perder o pouco (ou muito) que tem em um centro penitenciário determinado; digamos que sua luta (individual) é conseguir a permissão de saída, a condicional, o terceiro grau, um trabalho remunerado ou um destino (não pago, mas que te permite ganhar méritos para cancelar partes e adiantar permissões de saída). Se te atreve a promover uma luta no segundo grau, para melhorar as condições de vida, é provável (desculpe, certeza), que antes que chegue a proposta aos presos, os funcionários já estariam sabendo pela informação da numerosa rede de caguetes que enche os módulos. Um querido companheiro preso me dizia em uma carta “por aqui há uma luta frenética, mas pelas permissões e os terceiros graus, assim que fui estreitando meus círculos de relações até ficar em nada. Parece ser que nossa luta para alguns não é a sua... pode acreditar, que se fosse por mim cortaria as permissões radicalmente... não se veria caguetes e traidores soltos aqui dentro”.

Desta rede de informantes já estava a par antes que me concedessem o segundo grau, foi um funcionário que me comentou “Hoje em dia, não somos nós os que vigiamos os movimentos, nem as câmeras de vídeo, nem os altos muros com arames que rodeiam o cárcere e que impossibilita uma fuga. Senão os próprios presos que compartilham contigo o pátio, são eles que fazem nosso trabalho, a menor falta de segurança no segundo grau foi substituída por mais olhos que vigiam desde perto”.

No princípio não acreditava, mas logo tive que lhe dar razão. O pior de tudo, é que esses miseráveis não somente contam o que vêem,

senão o que não vêem, ou seja, que inventam movidas falsas para obter benefícios... e como são caguetes institucionais, os crêem cem por cento. É suficiente ter um problema de nada com um deles ou uma palavra ameaçadora, que por medo primeiro que lhes faça mal e logo por conveniência, comentam ao carcereiro, que por sua vez informa a segurança e aos quinze dias te vão conduzir a outro centro penitenciário ou, no melhor dos casos, a outro módulo pior da mesma prisão.

O fato de estar preso por assassinato, como no meu caso, te dá uma certa segurança com esses sujeitos. É muito comum aqui dentro, pensar que ao ter o máximo de vinte e cinco anos de pena (não posso pagar mais por lei, artigo 76.1 B) qualquer contra tempo me sai grátis, ainda que não seja verdade, não se atrevem a ter problemas comigo. Mas a maioria não está na minha “privilegiada” situação, e com um simples soco podem arruinar, ainda mais, suas vidas com mais anos acrescentados aos que já tem. Os caguetes estão protegidos pelos carcereiros, a maioria deles pertence à categoria mais odiada aqui dentro... os estupradores, abusadores e pedófilos. Há um pouco de tudo no módulo de segundo grau, pode encontrar até mesmo ex-policiais e guarda civil, que são colocados ao dia pela rede de informantes de quem é quem, tem muito cuidado em não te pisar o calo.

A população reclusa, na sua maioria, está composta em oitenta por cento por pessoas que estão relacionadas com o mundo das drogas. Os viciados abundam e só lutam por eles mesmos. Seu problema diário é ter comprimidos, várias drogas ilegais e sua dose legal de metadona⁷ poucos/as confiam neles que não sejam os dos seus próprios círculos de relações. Logo a esse oitenta por cento tem que acrescentar um dez por cento de doentes mentais. Ao ter fechado os manicômios, os foram espalhando pelos diferentes módulos. São pessoas que necessitam de um guia particular, feito por especialistas no tema. Aqui dentro são desatendidos, quando incomodam muito os entopem de medicamentos e injeções modecate⁸ (nas costas), lagartil (comprimidos) e sinogam (comprimidos) e isso é o que recebem em toda temporada de cárcere que os resta. A maioria não costuma se meter com ninguém... mas quando ficam doidões, tropeça com eles sem querer, te tiram o que é seu, te insultam sem motivo algum, te trombam de propósito ao passear pelo pátio, não respeitam a fila... e se lhes dá um

7 Medicamento utilizado no tratamento da heroína, sendo usado como substituto imediato.

8 Medicamento anti-psicótico.

corretivo você é mal e acaba no primeiro grau. A culpa claro, não a tem eles, senão a instituição que nos obriga a compartilhar o mesmo lugar.

Muitos compartilhem a opinião que desde que começaram com o programa da metadona, o cárcere não é o mesmo que antes, e nunca voltará a ser. Essa droga legal rompeu com a solidariedade que existia entre os presos. Um/uma metadônico/a é vítima voluntária do Sistema por duas vezes, primeiro como preso e depois como enfermo. Se desprender dela é muito mais difícil do que da heroína, poucos... muito poucos conseguem. Faz falta uma dose muito alta de vontade e, eu somaria, um bom ideal pelo que lutar (seja político, social ou individual) para conseguir... desgraçadamente ao faltar hoje em dia um e outro, o se desprender se converte em uma tarefa quase impossível de realizar para a imensa maioria. Conheci um jovem que me relatou o calvário da sua vida como adicto a heroína "...as abstinências foram duras, mas conseguia com muita vontade, mas agora com metadona é pra mim praticamente impossível, cada mês tento abaixar a dose que me administram, mas no mês seguinte volto a subir. Já perdi a esperança e não tento mais." – Outro me diz "O que me fez abandonar definitivamente a droga foi minha mulher, me deu uma última oportunidade, se fracassava, iria embora levando com ela nossa filha. As duas eram as únicas coisas boas que me restava nesta vida. Os outros me abandonaram, com razão, pela puta droga, me custou três longos anos mas agora estou recuperado."

A instituição penitenciária não introduziu o programa da metadona por humanidade, senão por conveniência estratégica, um/uma metadônico/a perambula pelo pátio, não protesta (sempre que não o tirem sua dose), estão viciados a maioria em tudo o que aparece, comprimidos, drogas duras ilegais... sua mente está voltada nesta eterna busca. Quando o consegue está em seu mundo, com suas condutas individuais, dependendo da classe de química que tenha tomado. Se dorme todo o dia ou se comporta como um perturbado. Os programas de reinserção colocados em funcionamento pelas Instituições Penitenciárias (I.P.) fracassam em grande porcentagem, porque ao sair do cárcere sem ter se recuperado do seu vício, voltam a delinquir e regres-sam pelos mesmos motivos que entraram anteriormente. Contrariando a lógica, os médicos, depois de os motivar a rebaixar a dose diária, a sobem progressivamente a pedido do enfermo.

O cárcere é um grande negócio, é mais rentável do que fabricar carros, ao ter esses um mercado despiedosamente competitivo, sua venda se torna cada vez mais difícil. No entanto um preso/a é uma

inversão segura. O Estado gasta cada ano por cada um de nós uns seis milhões das antigas pesetas. É por essa razão que nos Estados Unidos prosperam os cárceres privados, qualquer empresário sem escrúpulos se voltaria na edificação de uma prisão, com a garantia de receber um pagamento fixo e sem falhas por cada preso/a que albergue em suas instalações, os/as presos/as são um produto abundante no mercado. Os cárceres privados não demorarão muito em serem implantados também aqui, no velho continente.

Quando estava em Albolote (Granada) os que me conheciam pelas lutas contra o FIES correram a voz de que eu era o mais indicado para eleger nas eleições de delegado de módulo (foi algo experimental promovido pela Direção de Instituições Penitenciárias). O delegado do módulo é o porta-voz dos demais presos, o que recolhe as propostas e melhorias a nível de atividades, cursos, saídas ao ginásio central, à escola, petições de material esportivo, melhorias na comida e etc. Aceitei o cargo e fui eleito pela maioria absoluta como representante do módulo dois. Tomei o assunto a sério, o módulo dois precisava de um pouco de tudo. Preparei uma lista de vinte e duas propostas de mudanças e petições à diretora geral Mercedes Gallizo, que veio de visita ao centro penitenciário. Pouco antes os delegados de cada módulo me elegeram como seu presidente geral. No dia das eleições, todo mundo, até o diretor já sabia que iam votar em mim, o único que não sabia nada em esta unânime decisão era eu. Fiquei com cara de idiota, vendo como todos levantavam as mãos ao escutar meu nome. Já me parecia muito ser delegado do módulo, mas ser presidente geral dos delegados de Albolote era impensável!

Me centrei principalmente na tarefa de obter o máximo em quanto às atividades para meu módulo, vendo que a influência nos demais módulos não eram mais que simulação. Consegui com a ajuda do educador implantar no mesmo módulo trabalhos manuais com madeira, fios de couro, pintura, jardinaria e até um curso de informática com uns 20 computadores, cursinhos dados por um monitor que veio de fora aos quais se apontaram mais de quarenta presos. O módulo 2, se converteu em pouco tempo, a inveja dos outros módulos. As saídas ao poliesportivo central, muito limitadas anteriormente a uns poucos, pelas restrições do Sub-diretor de Segurança, se converteram em algo nunca visto antes, em um módulo considerado até então como perigoso, cheguei a ter uma lista de 24 presos autorizados, incrível!

Muitas das propostas que apresentei foram concedidas. Minha intenção desde o princípio era motivar aos garotos a praticar esportes ou

alguma outra atividade, em vez de perambular dopados pelo pátio o dia todo, isto os haveria permitido, além de se recuperar física e mentalmente, obter com mais facilidades os benefícios para lhes adiantar as saídas em liberdade. Para o Comitê de Tratamento está muito bem considerado ir à escola, fazer alguma que outra atividade física, uma função (desgraçadamente não remunerada) de limpeza, de repartição de comida, no economato e praticar esportes. Como anarquista me vi envolvido em uma realidade nova, minha ideologia luta pela liberdade dos seres, fugir de uma prisão é o sonho de todos, mas como hoje em dia é impossível pra mim, lutarei para que os outros consigam, utilizando estratégias e métodos regulamentares. Me meti em cheio na ajuda para recorrer a permissões denegadas pelo comitê de tratamento, em recorrer petições, e em solicitações de soltura para presos com doenças incuráveis. Em pouco tempo começaram os êxitos, uns quantos conseguiram permissões de saída pela primeira vez desde que pisaram no pior módulo do Centro Penitenciário de Albolote. Muitas das petições solicitadas fizeram rebaixar a condenação de cela de isolamento à privação de passeios (ficar na cela pela tarde) e em alguns casos foram cessados por falta de provas. Tivemos grande ajuda pelo trabalho de dois educadores, no princípio teve um que nos levava ao poliesportivo para praticar tai-chi, logo ele se foi e um tão bom quanto ele o substituiu, para mim e para muitos foram os melhores que encontrei nos doze anos que levo na prisão.

No ginásio do módulo dois montei uns cursinhos de jiu-jitsu, muay-thai e defesa pessoal para os garotos que tivessem vontade de sair das drogas. Como pedido imprescindível para praticar comigo artes marciais, lhes pedia que comesçassem abaixar consideravelmente a cada mês a quantidade de metadona, além de renunciar às drogas (para quem as tomava). Houve uns quantos que se inscreveram, mas melhor poucos e bons que muitos e ruins. Sempre digo que a natureza mesma seleciona aos seres, quem apesar de que se lhe ofereça uma oportunidade para mudar o rumo da sua miserável existência, a rechaçam... quer dizer que não está preparado e inevitavelmente sucumbirá a suas leis. Isto é dramaticamente realista no mundo das drogas.

Nem tudo eram flores no trabalho de delegado de módulo, muitas vezes tinha que dar a cara para defender a seus companheiros das injustiças dos carcereiros, muitas vezes tive que intervir para que as coisas não ficassem piores. Em não poucas ocasiões consegui que os tirassem partes sancionadoras e se limitasse, aos castigos de ce-

las de isolamento em troca de sanções menos duras, como a privação dos passeios e atos recreativos (estes se pagam ficando as tardes na sua própria cela). Consegui fortalecer as relações com os Direitos Humanos de Andaluzia, a cada quinze dias, aos domingos pela manhã, estava autorizado junto com os outros delegados de cada módulo a umas reuniões, onde o tema principal era lutar contra as injustiças do sistema penitenciário. Obviamente todo esse desdobramento era muito mal visto pelos sindicatos dos funcionários da direita. Mais tarde pagaria na própria pele.

Uma vez ouve uma briga com facas no módulo, quando vieram os Chefes do Serviço me indagar sobre o acontecido, pediram minha presença, queriam saber quem eram os responsáveis (eu não estava presente nos momento dos fatos naquele dia). Apesar de não ter me entrevistado com eles, os fiz saber que eu era o representante dos presos, e não seu cagete, e que se queriam informação que pedissem a seus espões, que abundavam no módulo. Evidentemente minha reação não obteve muita simpatia entre os carcereiros e os chefes de serviço.

Muitas vezes os presos me perguntavam “O que é a anarquia?” Os respondia com... “uma maneira de ser: por exemplo, meu trato com vocês”. Assim sem necessidade de leituras intelectuais, alguns compreendiam, outros, no entanto não entenderiam nem em mil anos de existência. A melhor forma de difundir uma ideologia é com o exemplo. Ainda que os resultados possam parecer pobres, considero que convencer a um companheiro à anarquia, por cada mil presos, é um bom resultado, tomara essa estatística fosse aplicável ao mundo inteiro, os deixo a vocês o cálculo matemático sobre uma população planetária de seis milhões de habitantes, nenhuma marinha imperial da historia teve tantos lutadores a sua disposição.

Vista desde fora, uma mega prisão infunde mais medo que vivida desde dentro, isto pode parecer a simples vista um paradoxo, mas não é... estando preso me dei conta que seria fácil lutar contra, o que acontece em geral, é que se deixou que a tecnologia moderna avance impressionantemente, sem que desde o nosso se tenha progressado, digamos que ficamos na pré-história. O dito “abaixo os muros de todas as prisões” está muito bem empregado para traçar uma linha inequívoca de para onde queremos dirigir uma luta, mas na realidade ficam aí como umas preciosas palavras utópicas de impossível realização. Se necessitaria uma devastadora insurreição e logo começar a “construir um mundo novo sobre as cinzas do velho”, essas são frases admiráveis, mas em nada realizáveis. Talvez não seja possível destruir

as prisões já feitas hoje em dia. No entanto foi possível evitar a construção de uma na Itália em 1981, quando um grupo chamado Brigate Operaie per il Comunismo, efetuou uma noite de fogos, utilizando pequenas cargas de pólvora negra contra comércios e restaurantes de luxo. Mais de 18 pequenas bombas explodiram na cidade de Como (norte da Itália) aquele 15 de julho de 1981, devastando todos. O grupo responsabilizou os negociantes de serem os principais responsáveis de ter pedido a instalação no limite municipal de Bassone (perto de Como) de uma mega prisão, os atentados foram acompanhados de ameaças telefônicas e de cartas às vítimas, as ameaçando de efetuar outra noite de fogos contra seus interesses comerciais, se os trabalhos de construção da mega prisão não parassem imediatamente. Foi tanto o medo destes elementos da ideologia direitista com a mentalidade voltada a fomentar a utilização da repressão, que eles mesmos se manifestaram diante da prefeitura pedindo a paralisação das obras, isto obrigou a parar a construção da mega prisão. Os trabalhos ficaram paralisados por três anos, logo foram retomados quando já não havia companheiros/as livres que pudessem evitá-lo. Naquela noite de fogo um técnico em explosivos morreu na tentativa de desativar um artefato posto diante de um comércio no centro da cidade, se chamava Luigi Carlucci, era brigadista da Polícia Nacional.

Minha forma de ser anarquista, como comentei antes, não agradou algum que outro carcereiro, que para me tirar do meio montaram um boato que me custou 46 dias de isolamento e a transferência ao cárcere de Teixeira (La Coruña) onde me encontro atualmente. Os fatos se desenrolaram segundo comentei em um escrito difundido por internet.

CARTA DE CLAUDIO LAVAZZA CONTANDO O INCIDENTE PELO QUAL FOI ENVIADO AO MÓDULO DE ISOLAMENTO DE ALBOLOTE NO 29/03/2007.

Albolote, Granada 8 de Abril de 2007.

Desde o dia 29/03/07 me encontro no módulo de isolamento por um acontecido com um funcionário do módulo 2. Os fatos de desenvolveram assim. No 29/03, uma quinta-feira, o citado funcionário recém chegado depois das mudanças anuais rotineiras, me ordenou uma revista à qual admiiti sem problemas, como sempre costuma acontecer a cada 15 ou 20 dias, estou acostumado. Dita revista acontece no quarto do educador, com a presença do funcionário (sozinho) e eu... não havia ninguém mais presente naquele quarto.

Desde o princípio noto algo estranho, cheira a provocação porque o funcionário começa a ler tudo o que ia revistando, meus escritos, minhas cartas, o conteúdo da pasta que levava, etc. Sei que estou diante de uma situação abusiva, sendo que não tenho a intervenção (da correspondência por ordem judicial) e o funcionário está faltando com meu direito à intimidade... Mas me calo... Não digo nada... Enquanto que os argumentos do funcionário são que “porque você é muito perigoso”. Até que me tira do bolso um pequeno escrito que tinha guardado ali, onde tinha anotado referências de datas que me servem pra escrever minha autobiografia. Ditas referências são enviadas aos interessados/as para obter sua autorização para publicar suas histórias e movimentações, sem que possam prejudicar-lhes (...) estou falando de fatos passados no meu país nos anos 70 e como compreenderam são de certa gravidade jurídica, e por isso tenho que atuar com minhas perguntas e eventuais respostas com a máxima precaução. Este tipo de escrito o pareceu estranho (assim me disse o funcionário) e o quis levar, mas não o permiti, o tirei e ele tentou me tomar. E para ficar claro que não permitiria que o levasse o meti na boca... ele tentou meter os dedos na boca para me tirá-lo, mas tirei suas mãos da minha cara. Se permite que te façam isso acaba por te degradar completamente como pessoa. Ao final lhe entreguei o pedaço de papel para que vissem que ali não havia nada que atentasse contra a segurança do centro penitenciário.

Mas o funcionário me pôs “resistência ativa”, isolamento e ordem da Direção com aplicação do Art. 75 do RP, intervenção das comunicações que implica a limitação das cartas, telegramas ou fax que posso remeter um máximo de dois (semanais) segundo a disposição do Art. 46.1 do RP. Enfim, um desgaste. A motivação da citada sansão, o parágrafo Y diz “no dia 29/03/07 lhe foi requisitada documentação, da qual se deduz, que por meios de contatos com pessoas do exterior poderia ter previsto atentar contra a segurança do centro” ... o que seja as deduções, não tem certezas. E como as iam ter, se no escrito não havia nada que atentasse contra o centro penitenciário? Assim comentei ao Juiz de Vigilância Penitenciária (...)

(...) Não sei quanto tempo vai durar isso e estou preparado para o pior, transferências, 1º grau, etc. (...)

CARTA DE CLAUDIO DESDE TEIXEIRO (24 DE MAIO DE 2007).

(...) O certo é que veio o educador do meu módulo (quando estava ali no isolamento, em Granada) e me comentou que só ele me defendeu, não permitindo que se adotassem medidas de regressão de grau, na reunião extraordinária do Comitê de Regime que se efetuou no dia seguinte à aplicação do Art. 75. Também me comentou que desde o País Vasco vossa associação me estava ajudando.

Acredito que graças ao educador, a vocês e à carta à Diretora Geral* foram o que me evitaram o primeiro grau, deixando em evidência o grupo compacto dos outros, o Comitê de Regime, o Sub-Diretor de Segurança (principal interessado em me tirar de Granada), o Diretor, o Funcionário que me revistou e por fim o Juiz de Vigilância Penitenciária, unidos em tomar uma posição unânime e inapelável contra mim.

O educador demorou 15 dias em ser autorizado para me ver ali no departamento de isolamento, ou seja, quando todos já haviam tomado a decisão sobre meu futuro, me condenando de antemão sem ter podido me defender como solicitei ao Diretor do Centro Penitenciário e ao Juiz de Vigilância Penitenciária por escrito.

(...) Além disso tenho pendente a sansão para pagar. Me pedem entre 6 e 14 dias de isolamento, “falta muito grave” que fica como uma mancha no expediente...

*Claudio faz referência às cartas enviadas à Diretora Geral da Instituição Penitenciária e à Direção do Centro Penitenciário de Albolote por parte de uma associação vasca, e ao seguimento que foi dado por esta associação a este incidente.

Fala-se, e muito, de projetos revolucionários, seja qual seja o de qual não teria sentido realizá-los sem uma sociedade sem cárceres, nisto todos/as concordamos. Na espera de chegar esse grande dia, o que vamos fazer? Claro, resistir às garras do sistema de domínio... mas, em que lugar de nossos sonhos situar o projeto que queremos realizar um dia? Eu tenho um, vamos ver se vocês gostam... meu projeto consiste em que, primeiro nem eu nem os/as que pensam como eu podemos mudar a realidade do presente se os outros não a desejam. Não podemos construir para eles/elas um mundo novo se estes não desejam e não querem entender a necessidade da mudança.

O erro que cometi nos anos oitenta no meu país com as lutas operárias por um lugar de trabalho, não voltarei a repetir. Naqueles tempos, a classe operária de onde provinha começava a desaparecer, substituída por uns/umas operários/as tecnocratas transformados em máquinas não pensantes que faziam funcionar outras máquinas. Eles queriam trabalhar, no entanto, alguns companheiros e eu queríamos nos liberar do trabalho assalariado, da família, do Estado e de todas as obrigações que isso implica. Compreendi que se havia que falar de luta, ontem como hoje, se necessita gente que queira lutar e se revolucionar. Hoje em dia é evidente (mais que ontem) que não existe essa necessidade para a grande maioria, só somos uns poucos/as em compartilhar esse desejo. A necessidade de uma mudança não nos pode fazer esquecer, que antes de pensar em uma revolução para os/as outros/as, haveria que se fazer uma pergunta: estou eu preparado para isso? Se a pergunta é positiva haveria que começar primeiro com a própria revolução individual, ou seja, adotar meios para se livrar de todas as ataduras que te impedem realizar esse desejo. Então, o primeiro seria se livrar de nossos próprios medos e logo se preparar para a guerra... sim... você ouviu bem: para a guerra!! Porque, como podemos mudar o que temos sem destruí-lo... reformando-o? Haveria que analisar detalhadamente como é possível reformar algo que nos sirva logo. Guerra, nesta primeira fase, me refiro à luta interior que temos que travar para nos livrar das correntes que nos atam: família, trabalho assalariado, sistema de domínio. O curioso é que tenho respostas pra tudo isso. Da família me liberei me voltando à clandestinidade, do trabalho assalariado assaltando bancos do sistema, atacando ali onde tinha mais ódio. Se já chegamos nesta fase da evolução individual estamos então capacitados/as para o passo seguinte, que consiste na busca dos/as que pensam como nós no mundo inteiro... e penso que somos muitos..., depois, de já conectados/as os/as mais interessados/as poderiam montar uma pequena comunidade para ver se somos capazes de viver juntos/as trocando experiências de vida. Por nossa própria natureza rebelde sabemos que não seria possível viver ali para sempre como se fosse uma ilha paradisíaca, nos esquecendo do resto do mundo, nossa obrigação será, apesar da experiência que estamos vivendo, não esquecer de que no mundo seguem as injustiças e haverá que estar presente de alguma forma. Há de ter um lugar onde ninguém nos possa incomodar e a melhor opção seria comprar terras. Sendo propriedade privada temos o di-

reito e a obrigação de defendê-la utilizando armas de fogo se for necessário, a lei permite se estas são empregadas exclusivamente dentro da propriedade para a defesa pessoal, e inclusive ter cães bravos que ataquem o intruso... He He He. Se os maus quiserem entrar necessitarão de uma ordem judicial, não poderão colocar a porta abaixo como fariam numa casa ocupada. Sobre o que podemos fazer em nosso espaço cada um pode aportar todas as idéias que possa, mas o principal será comprovar se podemos viver juntos/as nesta pequena comunidade afastada da civilização tecnocrata. Em alguns países se contemplou a idéia, entre grupos ecologistas e independentistas, de comprar terras para protegê-las da especulação do desmatamento indiscriminado de áreas de bosque. Achei uma idéia magnífica. As terras virgens se podem comprar a baixo preço, dependendo do país. Uma vez que a conseguirmos teremos que defendê-las. Sempre haverá algum ou outro especulador interessado em tirá-las de nós, mas isso será mais difícil sendo propriedade de muitos. Me perguntarão que para esse projeto se necessita dinheiro... bom, os bancos tem muito sobrando, e será um prazer tirá-los. Em um projeto assim me proponho, me encarregaria pessoalmente do assunto econômico e os/as demais de como viver no lugar escolhido, que teria que buscar provavelmente fora da Europa. Claro, não é a solução definitiva, simplesmente é um experimento que com certeza nos aportará mais idéias para um futuro distante que temos pensado... talvez dentro de mil anos. No entendimento de vocês, o que nos falta para começar um projeto assim?... idéias, gente, dinheiro ou coragem? Sinceramente creio que é o último o que nos falta e isto é um problema sério que nos obriga a começar uma profunda análise autocrítica, já! Dificuldades encontraremos no caminho, e muitas... mas e daí, se já estamos em dificuldades por ser o que somos. Talvez seja uma loucura, mas prefiro pensar que é um precioso sonho que podemos realizar, sempre fui um grande sonhador com transbordantes fntasias muitos dos sonhos que tinha pensado pude realizá-los,... sonhar ainda é possível. O que será de nós o dia que o sistema nos proíba ou pior ainda nos controle? A merda do dinheiro é o problema mais sério, como sempre, ainda assaltando bancos, uma solução parcial e temporária seria montar negócios rentáveis onde gostemos de trabalhar. Eu tentei várias vezes mas não tive sorte, por uma razão ou outra sempre falhei. Não estamos feitos para sermos empresários, de todas formas a idéia era conseguir dinheiro para financiar projetos similares ao citados

anteriormente. Se pode tentar e se não sair bem, buscaremos outras possíveis soluções.

Uma homenagem a um companheiro que não conheci:

O PRESO QUE APARECEU ENFORCADO NO CARCERE DE ALBOLOTE – GRANADA – NO PASSADO 18 DE AGOSTO, EM CIRCUNSTÂNCIAS SUSPEITOSAS, ERA UM COMUNISTA LIBERTÁRIO-ANARQUISTA.

A imagem do preso falecido, Jerónimo Arnay Avilés, e a versão oficial das circunstâncias da sua morte, que a imprensa difundiu, está cheia de falsidades. Por isso, a pedido dos presos que o conheceram e o cuidaram em Albolote, queremos esclarecer uma série de questões e fazer uma homenagem ao companheiro Jerónimo reconhecendo-o como o que se considerava e foi: um rebelde comunista libertário.

Correções e dúvidas sobre a versão oficial:

-Jerónimo mantinha boas relações e amizades com outros presos, com os quais compartia passeios, comidas, conversas e inclusive livros. Prova disso é a vontade dos seus companheiros de que se limpe e honre sua memória.

-Anteriormente Jerónimo compartilhou cela durante mais de um mês com outro preso sem nenhum problema. Agora estava sozinho porque, como não fumante o incomodava compartilhar cela com fumantes e havia solicitado um companheiro de cela não fumante.

-Quando ingressou preso, Jerónimo permaneceu umas semanas submetido ao isolamento sem que em nenhum momento tentou se suicidar nem se auto lesionar. E os presos que se relacionavam com ele até o seu falecimento nunca o ouviram falar de nada parecido ou mostrar sinais de desespero ou depressão.

-Se era um preso tão violento, perigoso e anti-social como se afirma, além de tê-lo comunicado no dia 16/08 sua classificação no 1º grau (art.10 LOGP), porque estava em um módulo ordinário de 2º grau como o módulo 14?

-A versão oficial diz que Jerónimo se enforcou com seu cinto se pendurando da grade da cela (o caranguejo), quando por testemunhas diretas dos presos, sabemos que Jerónimo estava pendurado do cabide da cela.

- Em virtude do artigo 90 do Código penal, Jerónimo poderia ter solicitado a sua saída da prisão ao cumprir os 70 anos, em 2011...

não estava “condenado a morrer preso”.

Biografia de Jerónimo Arnay Avilés (Almuñecar, 1941 – cárcere de Albolote 2007)

Jerónimo definia a si mesmo e era conhecido pelos companheiros presos de Albolote, como um lutador consequente e um comunista libertário-anarquista.

Jerónimo Arnay Avilés nasceu em 1941 em Almuñecar (Granada), mas cresceu em Madri. Entrou a primeira vez na prisão uns anos antes da morte de Franco e saiu em 1977 em uma das anistias parciais concedidas aos presos/as sociais. Depois emigrou para a Suíça onde acabou preso, para fugir em 1984, tomou 2 reféns depois de um tiroteio com a polícia.

Sua pista se perdeu até sua detenção em Motril (Granada) no passado 4 de junho de 2007 no decorrer de um assalto a banco. Depois de um intenso tiroteio, Jerónimo e seu cúmplice, ambos feridos, foram encarcerados e acusados de uma dezena de assaltos a bancos em Granada e Murcia.

No cárcere de Albolote, Jerónimo foi submetido ao isolamento, mediante a aplicação do art. 75 do RP, durante umas semanas. Posteriormente foi transferido a um módulo ordinário, o módulo 14. No dia 18 de agosto de 2007 Jerónimo apareceu enforcado na cela que ocupava (a nº 28) do módulo 14. Tinha 66 anos ao morrer.

RESPOSTA À PROPOSTA DA CAMPANHA CONTRA AS PENAS DE LONGA DURAÇÃO.

Desde o boletín TOKATA.

Minha opinião sobre a proposta é que não se pode abrir uma nova campanha, sem ter havido uma crítica séria do porque não funcionou a campanha contra o FIES em 1999 e nos anos seguintes. Porque se em algo concordamos é que na luta pela abolição dos departamentos FIES faltou o mais importante... o êxito. Entendendo que nem todas as lutas saem bem, no nível pessoal estou o suficientemente preparado para aceitar as derrotas, o que me preocupa é a falta de debate sobre o porquê falhou; aqui me refiro ao debate na rua e ao debate no seio do movimento em geral. O poder naqueles tempos soube aproveitar o vazio existente, isolando as chamadas “vanguardas” nos módulos super controlados, de onde não podia sair nada, onde não havia (como antes) uma comunicação fluída com o movimento de apoio do exterior... Assim tudo se aplacou e só restaram as feridas, os anos de isolamento, os motins, as greves de

fome (como bem disseram na proposta da campanha). Agora bem... em uma nova luta, quem vai impedir o poder de fazer exatamente o mesmo? Nós os/as presos/as? Como sempre uma infinita minoria? Ou um movimento pró presos tão fraco como o que houve e o que há na atualidade?

Aqui em Albolote presos com longas penas potencialmente interessados (fora os presos vascos, com os quais não tenho uma comunicação possível) somos muito poucos e não tivemos especial entusiasmo ao ler a proposta.

Tanto hoje como ontem, tudo o que é luta coletiva está quase com certeza destinado ao fracasso (pela debilidade, a desunião que temos entre todos/as) e não ver esse fato é faltar ao respeito com a realidade. Nestes momentos tão difíceis que temos (e não acredito que as coisas possam mudar pra melhor) é necessário toda contribuição e força de toda a dissidência para ganhar essa batalha. As condenações de 20, 25, 30 e 40 anos (ou seja as cadeias perpétuas encobertas) são os frutos das reformas do Código penal de 2003, sobre as quais também os socialistas – atualmente no poder - estiveram de acordo em aplicar as penas com a máxima severidade. E quando se trata de leis já aprovadas é impossível mudá-las... sem uma luta dura e eficaz, sobre tudo desde a rua. A contribuição de um ou dez coletivos em todo o estado não é suficiente para um objetivo tão grande. No entanto o que pode dar resultados é uma luta individual - caso por caso - com o apoio incondicional das organizações Pró Direitos Humanos. Se trata disto desde meu ponto de vista. O interessado tem que empreender sua luta a vida ou morte. Nada de greves de fome que começam e em 15 dias se terminam.

As coisas neste país estão de mal a pior, temos políticos/as sem piedade, de uma hipocrisia que se aproxima à loucura... senão como interpretar as declarações do PP e PSOE “situando as denúncias de tortura por parte dos cidadãos vascos dentro das campanhas de desprestígio do Estado de Direito e das forças de Segurança do Estado”. Ainda mais quando no entender do delegado de governo no País Vasco Paulino Luesma “a tortura é inexistente em nosso país e as denúncias somente pretendem desacreditar o Estado de Direito”. De gente assim o que podemos esperar? Que tenham piedade de nós os/as presos/as?

Se um dia acordo cansado de tanto cárcere, tomarei uma decisão única e pessoal, a escolha pra mim será simples... seguir vivendo como preso ou lutar a vida ou morte para que depois de 30 anos

de prisão me ponham em liberdade. Pedirei ajuda a todos/as os/as anarquistas e a todos os grupos humanitários, porque também se trata de sensibilizar humanitariamente à adormecida e indiferente opinião pública. De momento escolho viver, mas se chega esse dia que não possa aguentar mais tomarei uma decisão firme e não voltarei atrás. É por isso que digo (ainda que neste momento não concorde, assim como transmiti por carta ao falecido companheiro turco Sedar Demirel)... a quem puder tomar uma decisão contundente que a única saída que vejo a este assunto é uma luta individual até o final, pela vida e se não puder ser, então será até a morte.

Aqui necessito fazer uma reflexão a mais: o poder uma vez mais se adiantou (com o da greve de fome). Vendo vir em cima o problema, quando aprovaram as reformas em 2003, e agora aplicando a Iñaki De Juana Chaos a alimentação forçada (considerada universalmente uma tortura). Com isso nos tiraram a única arma eficaz que tínhamos em mãos. É preocupante ver que não houve sequer debates e posicionamentos sérios no movimento diante desta iniciativa do poder. Parece ser que ninguém (exceto os vascos) se deu conta da gravidade do assunto. Eu vi vir e esse foi o motivo (entre outros) o que me empurrou a fazer pública minha carta de resposta a Sedar Demirel, para tentar levantar o interesse sobre um assunto tão delicado como a greve de fome até a morte. Me dá vergonha reconhecer que muito poucos/as viram chegar o perigo, e isto demonstra cada vez mais, a imaturidade de um movimento anarquista pró-presos. Atualmente com a alimentação forçada nem sequer é possível morrer...

Primeiro houve uma petição da Promotoria para alimentar forçadamente ao Iñaki De Juana Chaos e depois ao verem que ninguém dizia nada, a aplicaram por lei. (Quando tentaram o mesmo há vários anos houve uma resposta do movimento e tiveram que parar na hora a aplicação da alimentação forçada aos presos em greve de fome). Se queremos falar seriamente das lutas na prisão teríamos que começar abrindo um amplo debate e propostas para que não se siga aplicando a alimentação forçada. Escutei (no caso de Iñaki De Juana Chaos) representantes de associações médicas que se opõem a tais medidas e também sei que 141 advogados/as, juízes e promotores assinaram um manifesto no qual sinalavam que “a alimentação forçada de um grevista de fome está considerada universalmente uma prática de tortura”. Ou seja que para começar temos alguém junto a nós.

Para terminar... se queremos frear a loucura dos políticos hipócritas e obter algum resultado positivo, terá que ser uma luta de vida ou morte nos termos já analisados anteriormente neste escrito. Temo que diante da violência do sistema que temos se necessitarão mártires para conseguir algo. Esta é minha opinião.

Um forte abraço a todos/as!

Claudio Lavazza

Janeiro 2007. C.P. de Albolote.

Aos que gostariam de me ver morto e publicaram na pagina web a notícia do meu falecimento por um “derrame fulminante” quero lhes dizer que estou bem, muito melhor do que gostariam. Se esta autobiografia cair em vossas mãos, sua leitura não os será de nenhuma utilidade, como inimigos que são não estão capacitados para entender seu conteúdo.

CNA: MORRE O PRESO ANARQUISTA CLAUDIO LAVAZZA. (Publicado na internet).

A Cruz Negra Anarquista lamenta em comunicar a terrível e triste notícia da morte do histórico preso anarquista Claudio Lavazza.

Um dos presos anarquistas mais conhecidos do Estado Espanhol, Claudio Lavazza, de origem italiana, morreu de um suposto “derrame cerebral”. Lavazza estava encarcerado por atacar diferentes entidades bancárias para subvencionar a causa revolucionária e pelo assassinato de duas mulheres policiais municipais, às quais metralhou em legítima defesa durante uma espetacular perseguição policial. Além disso, sua figura destacada e carismática dentro da corrente mal determinada “anarco-terrorismo”, grupo que rapidamente, e sem provas, foi relacionado com uma sequência de cartas bombas dirigidas contra alguns jornais, embaixadas e outros grupos reacionários por parte de diferentes células anarquistas. Estes fatos aconteceram em solidariedade, contra a perseguição de diversos grupos libertários insurrecionalistas que se produzia naquele momento na Itália. Neste então, Claudio era suspeito e foi acusado de ter dirigido aquelas ações terroristas de dentro da prisão. Por tudo isto e muito mais, nosso companheiro foi destinado ao mortífero módulo 3. Hoje, no entanto, já no módulo 2, apareceu morto na sua cela de um suposto derrame que não convenceu ninguém que realmente conhece o caráter assassino dos carcereiros. Tendo em conta que Claudio Lavazza era um dos presos políticos com mais força,

carisma e valentia, supunha um perigo para todo o Centro Penitenciário. Sempre foi visto como um elemento altamente subversivo e com uma grande capacidade para provocar o amotinamento entre seus companheiros de martírio (como se comprovou em outras ocasiões). Portanto, nos parece suspeito que quando por fim haviam diminuído o isolamento de Lavazza, tenha aparecido morto de um derrame fulminante.

Sempre te recordaremos Claudio, porque assim como nós, você levava um mundo novo e melhor em seu coração revolucionário.

Gritamos pela liberdade e à justiça para todos os presos políticos!

Investiguemos a morte de Lavazza, honremos e homenagearemos sua vida heroica!

Morte aos estados e abaixo os muros das prisões!

Pela revolução social: revolta e ação direta!

Saúde e acracia.

AGRADECIMENTOS:

Não foi fácil encontrar a fórmula exata para escrever esta autobiografia, depois de tê-la pensada por longos anos finalmente encontrei... falar de mim (pecando de protagonista), sem dar nomes de pessoas que ainda vivas podem ter problemas jurídicos pelo fato de terem me conhecido.

Meus agradecimentos a todos/as os/as companheiros/as que nestes anos estiveram por perto, me contribuindo com sua presença a força necessária para seguir, este livro escrevi para eles e elas, para mim, para todos e todas... pela esperança, que apesar das circunstâncias continuamos tendo.

Agradeço a contribuição do material documental do livro “Progetto memória, La Mappa Perduta”, traduzido diretamente do italiano à reconstrução dos fatos e ao análise político e metodológico de cada grupo armado, de um calendário revolucionário sem os quais me teria sido impossível relembrar parte dos fatos acontecidos no meu país. O que aparece nesta obra não é tudo o que aconteceu.

Correspondência entre Claudio Lavazza e algumas individualidades anárquicas:

1º Carta

Teixeiro, 20 de outubro 2008, segunda-feira.

A Coruña.

Querido Severino e demais companheirxs, encantado em conhecê-los, é emocionante receber suas saudações desde um país tão distante... Brasil é algo especial, nunca pude visitá-lo, apenas vi imagens na televisão, fotos e histórias de gente que veio daí para viver aqui ou que foram de férias umas temporadas. Todas suas recordações são unânimes em alegria, sol, praias, selvas, força e coragem. O que me conta em tua carta sobre espaços okupados, me recorda muito a experiência que vivi em meu país faz muitíssimos anos. Cansados de viver na cidade e entre as famílias, um grupo de companheiros decidimos viver uma experiência real no campo, montamos uma pequena comunidade com o objetivo principal de poder viver sem necessidade de comprar nada nos supermercados cultivando nós mesmos os alimentos necessários... não se tratava de um espaço okupado senão de um pedaço de terreno com casa alugado a preço muito baixo. Os proprietários, uns pobres pensionistas, ao não ter filhos que pudessem cultivar o terreno e cuidar dos animais do sítio, viram uma oportunidade em nós e nos cederam com um contrato de um ano. No princípio foi um pouco difícil acostumar-se à vida no campo, com o despertar às cinco da manhã para ordenhar as vacas (tivemos que formar turnos de dois companheiros encarregados da tarefa cada semana), o leite vendíamos a uma cooperativa que em troca nos dava queijo; os ovos das 30 galinhas, em parte os utilizávamos nós e uma parte os vendíamos aos turistas domingueiros que passavam por ali, igual que as verduras e conservas. Apesar de nossa firme vontade de viver só dos produtos do campo, sempre (!!) faltava algo de dinheiro... e eu junto a uns poucos, nos encarregávamos de procurá-lo, assaltando bancos e caixas de supermercados eh eh.... que vamos fazer, não é culpa nossa se os bancos tem muito dinheiro que gastam para destruir e sujar o planeta. Até que durou a experiência foi muito interessante e construtiva... Mais que outra coisa foi importante para nos colocar a prova, para ver se éramos capazes de conviver juntxs, em um espaço restrito, aonde apenas com a colaboração de todxs é possível colocá-la pra frente. Se tratava de comprovar se a ideologia que professávamos era possível

materializá-la na realidade e funcionou... foi possível ainda que com muitas dificuldades materiais e as vezes de convivência... Logo vieram os “anos de chumbo” e cada qual tomou seu caminho na luta revolucionária.

Conheço a “capoeira”, ainda que o que li no panfleto encontrei algo que não conhecia, muito interessante... Verás, querido Severino, sou amante das “artes marciais”, desde que era muito jovem, pratico distintas disciplinas, mas a que mais gosto é o Jiu-Jitsu, de origens japonesas, que tem sua particularidade de utilizar todas as armas naturais que o corpo humano tem para golpear, projetar, imobilizar, controlar. Fazes bem em olhar muito as lutas, é uma arma que permite nos defender; a capoeira é muito boa e gostaria de aprendê-la, ainda que estando no cárcere vai ser difícil. Todxs xs companheirxs teriam que ser lutadores, porque somos os que mais tem inimigos no mundo, nossa ideologia não apenas tem que ser defendida com as palavras. Um dia uns companheiros me escreveram dizendo-me que haviam apanhado duramente da polícia em uma manifestação, bateram neles e seguiram batendo quando estavam no chão, covardemente os policiais os fizeram sangrar e se foram rindo-se deles... lhes perguntei porque não reagiram (aos companheirxs) e me responderam que não sabiam, que eram pacíficos... “Muito ruim” lhes respondi, ainda que levando a pior é preciso reagir, e devolver os golpes, todos os golpes, e se for possível mais ainda... Disse aos companheirxs que um dia, encontrando-me em uma manifestação dois policiais (depois de agredirem a uns quantos, vieram até mim para fazer o mesmo, foi suficiente colocar-me em postura de combate (em guarda) estilo Muay Thai (boxe tailandês) para que desistissem de me agredir, dos dois policiais anti-distúrbio escutei dizerem “Vamos embora que este sabe bater”. Um forte abraço para todxs.

Cláudio.

2º Carta
Teixeiro, 2 de Agosto 2009, Domingo.
A Coruña

Querido Severino: acabo de receber tua carta, a qual me alegrou muito, sobretudo porque estava preocupado que não me respondera. Me comentou da publicação anti-carcerária que fazes, e por suposto aproveitarei para dar conhecimento de minha realidade de vida aqui dentro. Em primeiro lugar te digo que (respondendo a tua pergun-

ta) podes enviar-me livros, panfletos, revistas... mas cds de música não. Referente ao que posso praticar aqui dentro, como te comentava em minha carta anterior, é o Jiu-Jitsu (dou aulas a uns poucos caras valentões) também um pouco de Muay-Thai (ou boxe thailandês), montamos um saco de bater cheio de sal fino (muito duro), mas que indispensável para endurecer punhos, cotovelos, joelhos e canelas. Os treinamentos fazemos em uma pequena sala de esportes, aonde há uns pesos (que também utilizamos), treino pela manhã a partir das 9:30hs até às 12:15hs, começando o aquecimento com Chi-Kung, Escudo do Kempo e Tai-Chi, são estas ginásticas tradicionais energéticas chinesas, que servem para as articulações e sobretudo para liberar a mente do stress e angústias que o cárcere, igual que a vida nas ruas como escravo do sistema de domínio produz. O Escudo do Kempo provém do Karatê-Kempo (japonês) e serve também para soltar a mente e encontrar o vazio necessário para o combate e enfrentamento, permitir ainda relaxar e perder a fúria e o medo, principais responsáveis das ações insensatas. Estando no cárcere é indispensável, ter a mente e o corpo ocupados. A pior enfermidade que rodeia aqui dentro é o aborrecimento, que há que combater como se fosse uma perigosa doença. A maioria dos presos não se dão conta disto, de que a rotina, chamada despersonalização é um câncer que te destrói pouco a pouco, estar enfermo de aborrecimento, é haver caído na armadilha do sistema de domínio penitenciário e de passo fazer seu jogo. Por isso aos novos presos que vale a pena dar conselhos, sempre lhes digo que: não há que permitir que o cárcere te devore, e sim que sejas tu o que vai devorar a cárcere, há que saber aproveitar as más circunstâncias que a vida te reserva... sempre, se quiseres... se pode tirar o melhor proveito, o importante é ter um espírito vencedor, e não sentir-se derrotado apesar de que o sistema fará todo o possível para te institucionalizar. Como explicava a um compa: “não há que deixar-se vencer pelos tempos que marcam as disciplinas penitenciárias e de fazer cada um seus próprios ritmos fora destes tempos pautados”. Encontrando estes tempos com o esporte (artes marciais), pude superar os momentos mais difíceis e duros do isolamento (onde passei 8 anos), mas não apenas se trata de treinamento físico, a mente também é um músculo importante que há que treinar igual que o corpo com o estudo, a leitura, a escrita... ou com o que seja. Não há que deixar que a mente se adapte à realidade imposta, senão alimentá-la com o que cada um mais quer... No meu caso a ideologia Anarquista.

Esta e minha anterior carta podem publicar (se gostarem)! O que quiserem, certo? Um forte abraço.

Cláudio

3º Carta
Teixeiro, 27/12/09 Domingo.
A Coruña.

Querido Severino: recebi o livro, e acabo de começar a lê-lo, sei ler muito bem, ainda que o português não o maneje muito bem... Vou rápido em sua leitura. Obrigado pela dedicatória que colocaste, o guardarei em minha biblioteca pessoal entre os livros que fazem parte de minha vida e minha história. Nela tenho o livro “Huye Hombre, Hueye” de Tarrio, traduzido para italiano com uma apresentação minha, a este livro tenho um particular carinho, por ser eu (e uns quantxs mais companheirxs) há ter promovido sua publicação no meu idioma. Tenho a outro aonde se publica um longo capítulo meu sobre a experiência que vivi na clandestinidade, o livro é “Incógnito”, e outro mais que escreveu e me dedicou um companheiro que sobreviveu nos campos de extermínio nazi de “Mathoüsem”. E dentro de pouco somarei minha autobiografia, que sairá em meu idioma em fevereiro, no idioma espanhol sairá no verão de 2010, se tudo sair como previsto. Como vês tenho ali guardado o melhor e és ali aonde colocarei o que recebi de ti/vocês. Ainda não pude ler a revista que me enviaste, “Tierra y Tempestad”, o farei logo, dei uma olhada e na página 15 “a importância de ocupar-nos de nossos presos”, vi o nome de Diego Petrisans, com o qual me correspondo faz dois anos, a última que lhe enviei em resposta a uma carta sua foi em 06/12/09 (domingo). Tenho uma boa relação com ele... Como vês o mundo é pequeno entre os anarkistas... Somos como uma grande família e apesar das distâncias nós temos muita proximidade. Um dia recebi um manifesto que se colocou nas ruas de Moscou (Rússia), enxergava minha foto e as de uns quantos companheirxs anarquistas detidos em distintos lugares do planeta, me fez graça ler meu próprio nome e minha história escrita em caracteres cirílicos do idioma russo... quase não entendia o que haviam escrito ali... Meu nome e sobrenome em russo quase não se entende. Há uma coisa importante que me atraiu a atenção em tua carta, quando falas da forma que tem de relacionarem-se “as pessoas dos poucos espaços neste vasto território chamado brasil, está sempre visitando-se e contactando-se”... pois por aqui esta forma se está perdendo (um pouco), este é o mal destes tempos modernos, aqui se há substituído a relação cara a cara, com a da internet, tudo passa por

ali, cada vez menos as pessoas se deslocam para fazer visitas a outros grupos, como se fazia antes em minha época, isso com o passar do tempo tira o calor humano de estar juntos e compartilhar os bons e maus momentos da vida. Aqui se juntam em casos pontuais como manifestações, assembléias, festas e concertos... mas o que representa a vida em comum de cada dia, cada qual vive em sua realidade em seu próprio lugar. Vocês por exemplo tem algo que eu gosto muito, é o viver juntos, como se fazia quando eu militava lá no meu país... o da capoeira é um bom exemplo, de compartilhar um esporte, a luta e um ideal. Se eu estivesse nas ruas, eu gostaria de fazer exatamente o mesmo. Agrupar-se com xs compas, alugar um local (ginásio) e agitar classes de Jiu-Jitsu (meu estilo), para que aprendam a defender-se e lutar bem e sobretudo para descarregar tensões e frustrações responsáveis de amargar a vida. Faz pouco me ocorreu a idéia de que se um dia estiver livre, para ganhar a vida (eu necessito muito pouco) de montar um Ginásio Ambulante de Jiu-Jitsu. Ou seja, depois de alugar um local em uma cidade determinada, seria eu o que circularia pelos distintos bairros e cidades do país, compartilhando cursos de defesa pessoal aos companheiros em suas próprias casas (ou onde vivem) ou nos locais do movimento que frequentam. Se necessita poucos metros quadrados para isso, logicamente isso dependerá da quantidade de companheiros presentes para aprender umas chaves básicas, poderia ensinar-lhes em poucos metros quadrados de espaço, isto eu já o faço! Aqui no ginásio muito pequeno deste cárcere. Em troca pediria aos companheirxs (meus alunxs), como forma de pagamento, comida e um lugar aonde passar as noites. Uma vez que tenham aprendido o básico, me deslocaria a outro bairro e outra cidade, como faria um monge shao-lin, difundindo ensinamentos e formas de luta entre os que compartilham o mesmo ideal. Que te parece esta escolha como forma de vida? Não está mal não é? Digamos que é uma forma original para ganhar a vida entre aqueles que gosta e de muito fácil realização, contando com a difusão e publicidade que oferecem as páginas web e os telefones portáteis que todo mundo tem por aqui. E de pronto isso permitiria relacionar-me humanamente, falando com inúmeros companheirxs, compartilhando com elxs, problemas de toda classe... Sobretudo os mais fodidos como os problemas pessoais de difícil solução quando se está só. Imagina se essa prática fosse difundida entre nós... com possibilidades de deslocar-se de um país a outro... Imagina por um momento o muito que poderias aportar vocês daí, vindo para cá ensinando capoeira e suas formas de vida... Seria estupendo. Não te parece? Estaremos em contato. Dá-lhe um abraço a todxs que aí lutam por um mundo novo e sem cárceres e outro forte abraço para ti.

Cláudio

4º Carta
Teixeiro, 19/06/2011 Domingo
A Coruña

Querido Severino, por fim um endereço por onde enviar-te minhas cartas... Como você está? Pelo que me conta ----- está trabalhando em um projeto, além de tocar a flauta, fazendo uma mescla jazz-samba! Que bom! Comentei a ----- que levasse em conta seu convite para ir de visita ao Brasil, pois ela me disse que prefere me esperar para ir comigo, o que pode ser uma espera muito longa. Eu ando bem por aqui, acabo de terminar minha novela que curiosamente se desenrola em teu país (por algo será, porque me encanta teu país) a parte final da novela desenrola entre Macapá, Belém, São Luís, Marajó e sua costa atlântica com suas profundas águas; adaptei minha novela em uma mescla entre realidade e ficção científica. Brasil tem muito disso em suas histórias da natureza, suas imensas selvas, e seu imenso território. Por certo sabes algo, se alguém está se ocupando de traduzir ao português minha autobiografia? Na Argentina, me comenta um companheiro, que já sairá uma edição nova, mas em espanhol. Uma iniciativa levada a cabo por companheirxs que de forma autônoma, tomaram a decisão de publicar uma edição em seu país... Isso é o que queria exatamente, que em cada país tenha esse tipo de iniciativa para ter nas mãos um material apto ao debate e conversação. Sei que nos EUA um professor universitário vai traduzir meu livro (de sua iniciativa, desconheço a este professor). Assim como uns coletivos tomaram uma decisão parecida na Holanda, Grécia e Alemanha. Em meu país, logo sairá, está quase terminado a tradução e correção em italiano. Na Espanha, atualmente ficaram 3/4 livros para vender. A Autobiografia foi lida por gente de distintas tendências e há resultado interessante sua leitura, junto com a crítica individual e deixando de lado aos que ficam ancorados em ideologias fora de lugar. A venda do livro tem sido boa, porque se moveram 200 livros em um ano (movidoss não quer dizer vendidos, ficam ainda livro pra vender nas distribuidoras e livrarias). Se editaram 1074 unidades. Os companheiros que se encarregaram de editar a Autobiografia, me comentaram sua disponibilidade de publicar também a novela e me sugeriram fazer em impressora digital ao invés de off-set porque se pode imprimir a quantidade de exemplares que se deseja, e logo voltar a imprimir mais se esgotarem, porque

não há necessidade de tirar fotolitos (pranchas). Por exemplo com 500 exemplares ficaria coberta toda Espanha. Um fator muito importante tem sido a recuperação por completo (incluídos meus 300 euros que investi) do dinheiro que se pôs... uns 2200 euros pela Autobiografia, assim que se tomamos a decisão de publicar a recém terminada novela temos o dinheiro para fazê-la!! Que bom!! Não te parece? Escrever, difundir, idéias e pensamento a todos os rincões do mundo, sem perder nada de economia, e permitir que com uma publicação vendida se possa editar outra e outra e outra.

Gostei muito da referência que tiraram de meu livro na revista “Ekiwtza Zuzewa” 2011 aonde comenta: “que sem grandes discurso e com muita simplicidade, reconhecendo os erros estratégicos cometidos, mas afirmando a validade de uma luta energética em um contexto determinado”. Isto é o que quero transmitir com meu trabalho, simplicidade, erros e validez de um período da História, minha e de meu país. Esperando tua carta, recebas um forte abraço.

Cláudio.

Endereço para correspondência
 Claudio Lavazza
 Centro Penitenciário Teixeira
 Carretera Paradela S/N
 15310-Curtis
 A Coruña
 Espanha